

Claudete Cameschi de Souza

ANEXO AO PROCESSO Nº 381/98 - CM
DEFESA DE TESE DE DOUTORADO 18/03/2002
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A Literatura Infantil e Juvenil de Francisco Marins:
uma Representação de Certa Realidade Brasileira

Marília
2002



Claudete Cameschi de Souza

**A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE FRANCISCO
MARINS: uma representação de certa realidade brasileira**

MARÍLIA
2002



Claudete Cameschi de Souza

**A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE FRANCISCO
MARINS: uma representação de certa realidade brasileira**

Tese apresentada à Comissão Julgadora do
Programa de Pós-Graduação da UNESP –
Campus de Marília, para obtenção do título
de Doutor em Educação

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria do Rosário
Longo Mortatti.

1410001329



Marília
2002



Nº cham 372.1
5727.2

Nº Tombo 1-329

Aquisição D

Preço 5.00

Data 12 / 6 / 02

Proced. Autôn

Souza, Claudete Cameschi de.

A literatura infantil e juvenil de Francisco Marins: uma representação de certa realidade brasileira / Claudete Cameschi de Souza. -- Marília, 2002.

369 f. ; 30 cm

Tese (doutorado em educação) -- Faculdade de Filosofia e Ciências -- Universidade Estadual Paulista, 2002.

Bibliografia: f. 312-364

1. Literatura infantil e juvenil -- história e ensino. 2. Literatura brasileira -- história e ensino. 3. Francisco Marins -- vida e obra.
I. Autor. II. Título.

CDD 372.1

Claudete Cameschi de Souza

**A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE FRANCISCO
MARINS: uma representação de certa realidade brasileira**

COMISSÃO JULGADORA

TESE PARA OBTENÇÃO DE GRAU DE DOUTOR

Presidente e Orientador.....Profª Drª Maria do Rosário Longo Mortatti
2º Examinador.....Profª Drª Maria Alice Faria (UNESP Assis)
3º Examinador.....Profª Drª Marlene Durigan (UFMS Três Lagoas)
4º Examinador.....Prof. Dr. João Luís Cardoso. T. Ceccantini
(UNESP Assis)
5º Examinador.....Prof. Dr. Carlos Monarcha (UNESP Marília)



Heitor

Nilce

Osvaldo;

Luz

Esperança

Saudades.

Flávia

Wilson Junior

Paula Renata

Heitor e

Lívia;

a vida que renasce naqueles que ficaram.

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria do Rosário Longo Mortatti, que, pela orientação exigente e segura, pelo respeito e pelos conhecimentos me ajudou a produzir esta Tese ao longo desses quatro anos de convivência.

Ao escritor Francisco Marins que, gentilmente, recebeu-me em Botucatu, disponibilizando acervos, concedendo entrevista e possibilitando o acesso a importantes documentos sobre sua vida e obra e a respeito da história da literatura infantil e juvenil brasileira.

À Doutora Marlene Durigam, sempre presente nos momentos marcantes de minha vida pessoal e acadêmica, pelas contribuições significativas, oferecidas durante o Exame de Qualificação.

Ao Doutor João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, pelas contribuições significativas oferecidas durante o Exame de Qualificação.

Ao Professor Doutor Carlos Monarcha, pelas sugestões e indicações bibliográficas.



À Senhora Lúcia Helena Leite Stefanini, bibliotecária responsável pelo Convivium: Espaço Cultural Francisco Marins, em Botucatu/SP, por ter-me ajudado a localizar dados referentes à vida e obra do escritor Francisco Marins.

Aos meus pais e ao meu esposo (*in memoriam*), raízes que sustentaram minha vida, alicerce sobre os quais construí minha vida.

Aos meus filhos, verdadeiros heróis que sobreviveram a tantas turbulências e ainda encontraram forças para me incentivar, com o perdão pelas ausências.

À Sandrinha e Taizi, pela imprescindível ajuda na digitação e impressão.

Aos amigos Jesuino Arvelino Pinto e Eunice Brandão da Silva, pelo incentivo e contribuições durante o desenvolvimento desta Tese.

Aos membros do grupo de pesquisa “História do Ensino da Língua e Literatura no Brasil” e do “Projeto Integrado de Pesquisa Ensino de Língua e Literatura no Brasil: repertório documental republicano” pelas contribuições e sugestões oferecidas à minha pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
(CNPq), pela concessão de bolsa para a realização do Doutorado.



ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1 - A produção sobre literatura infantil e juvenil brasileira.....	38
CAPÍTULO 2 - Francisco Marins: aspectos da vida e obra.....	68
2.1 O sonho sertanejo.....	69
2.2 Entre “Pintangas e Gabirobas”: o “contador” sertanejo.....	76
2.3 Os livros e a produção de séries.....	85
2.3.1 A literatura infantil e juvenil.....	85
2.3.2 A literatura para adultos.....	100
2.4 O caráter intertextual da obra de Francisco Marins.....	107
2.5 Sobre a produção intelectual brasileira.....	112
2.6 Sobre o processo de criação e repercussão de seus livros.....	121
CAPÍTULO 3 - A produção sobre Francisco Marins e sua obra.....	137
3.1 Em livros e/ou coletâneas de textos sobre literatura infantil e juvenil.....	138
3.2 Artigos publicados em diferentes veículos.....	163
3.2.1 Sobre a vida e a obra do escritor.....	164
3.2.2 Sobre a obra do escritor.....	169
3.3 Textos publicados em jornais.....	179
3.3.1 Sobre a vida e obra de Francisco Marins.....	179

3.3.2 Sobre os livros de Francisco Marins.....	191
<i>Sobre Nas terras do Rei Café</i> (1945).....	192
<i>Sobre Os segredos de Taquara-Póca</i> (1947).....	194
<i>Sobre O Coleira Preta</i> (1949).....	196
<i>Sobre Gafanhotos em Taquara-Póca</i> (1950).....	198
<i>Sobre Viagem ao mundo desconhecido</i> (1951).....	199
<i>Sobre Expedição aos Martírios</i> (1952).	200
<i>Sobre A aldeia sagrada</i> (1953)	202
<i>Sobre Volta à serra misteriosa</i> (1956).....	203
<i>Sobre Clarão na serra</i> (1962).....	204
<i>Sobre Atalho sem fim</i> (1986).....	205
<i>Sobre A Guerra de Canudos</i> (1987).....	206
<i>Sobre A montanha de duas cabeças</i> (1988).....	208
<i>Sobre O favo de mel</i> (1990).....	208

CAPÍTULO 4 - *Aventuras em Taquara-Póca*.....216

4.1 As histórias.....219

Nas terras do Rei Café (1945).....219

Os segredos de Taquara-Póca (1947).....221

O Coleira Preta (1949).....225

Gafanhotos em Taquara-Póca (1950).....229

 4.1.1 Personagens.....232

 4.1.2 O espaço.....254

4.1.3 O tempo.....	261
4.1.4 O foco narrativo.....	263
CAPÍTULO 5 - <i>O sótão da múmia</i>.....	273
5.1 A história.....	275
5.1.1 Personagens.....	280
5.1.2 Espaço.....	284
5.1.3 Tempo.....	288
5.1.4 Foco narrativo.....	289
CAPÍTULO 6 - Entrelaçando fios.....	293
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	310
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	314
BIBLIOGRAFIA.....	326
1. Bibliografia de Francisco Marins.....	327
1.1 Literatura infantil e juvenil.....	327
1.2 Literatura para adultos.....	334
1.3 Traduções e adaptações.....	335
1.4 Crônicas.....	336
1.5 Outros.....	336

2. Bibliografia sobre Francisco Marins.....	341
2.1 Livros.....	341
2.2 Teses Acadêmicas.....	341
2.3 Artigos em coletâneas.....	341
2.4 Artigos em periódicos.....	341
2.5 Referência em capítulos de livros.....	344
2.6 Verbetes em dicionários.....	345
2.7 Textos em jornais e outros veículos.....	345
2.8 Correspondência passiva.....	358
2.9 Textos de homenagem.....	361
 3. Bibliografia de apoio teórico.....	 362
 4. Obras de referência.....	 366
 ACERVOS E INSTITUIÇÕES CONSULTADOS.....	 368
 RESUMO.....	 369
 ABSTRACT.....	 371
 ANEXO	
Cronologia da vida e obra de Francisco Marins.....	373

INTRODUÇÃO



Há uma história ou muitas histórias entrecruzadas que, quase sempre silenciadas, acompanham a construção solitária de um texto. E essas muitas histórias dão ao texto ancoragens que se perdem na memória, ora porque ela não é sempre tão solitária, ora porque nas diferentes trajetórias de leitura de cada texto, as âncoras que o fundam nem sempre são compartilhadas e por isso mesmo estas histórias de leituras darão ao texto fundamentos outros, aportados pelo leitor. (GERALDI, J. W. (1993))¹

Parafraseando Geraldi no texto citado em forma de epígrafe, há sempre uma história de vida e uma trajetória acadêmico-profissional pulsando latentes e acompanhando a construção de um texto, que, ao longo dos anos, foi-se compondo com a própria vida. É justamente esse texto, muitas vezes silenciado e que vem sendo construído desde as lembranças da infância, que decidi compartilhar com os leitores, nesta introdução, para que cada um possa escolher suas próprias “ancoragens” possíveis.

A minha história começou pelo encantamento de criança pobre que ouvia histórias de Pedro Malazartes, contadas pelo pai, aposentado por invalidez, no início das noites, quando o aparelho de televisão era quase um desconhecido. Com certeza, enredaram-me não só as histórias de Pedro Malazartes, mas também a criatividade do contador em “aumentar muitos pontos”.

Entre tantos pontos e a ingenuidade infantil, surgia sempre uma pergunta: de onde vinham aquelas histórias? A resposta veio, um dia, pela voz do contador:

¹ Geraldi, J. W. “Trouxeste a chave?” (prefácio) In. MAGNANI, M. R. M. *Em sobressaltos: formação de professora*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1993.



“dos tesouros: os livros”. Tesouros? Devia ser por isso que eu não possuía nenhum livro. Imaginava um imenso baú cheio de jóias preciosas e, como em um sonho, iniciei uma grande caçada ao tesouro. Aos seis anos, toquei as páginas da cartilha de minha irmã. Acreditava ser a primeira jóia daquele baú. Queria aprender a ler. Esperava encontrar, naquele “livro”, Pedro Malazartes, o “sapo espertalhão” e tantos outros antigos conhecidos. Que decepção! Encontrei apenas sinais gráficos incompreensíveis para mim.

Mas o contador fez-se professor/alfabetizador, ensinando o alfabeto, as sílabas, as palavras, as frases; e, em agosto de 1965, com o “mapa do tesouro” — o domínio da leitura e da escrita — adentrei minha primeira sala de aula. Entrei como ouvinte, em uma escola muito pequena, a primeira da cidade de Três Lagoas/MS, na qual o contador havia sido alfabetizado. Minha primeira leitura: foram as frases “O cachorro bebe água na cuia. A cuia é de coco”² Na sequência havia uma lista de palavras escritas com “c”, o que se apresentava bem diferente e distante das histórias que ouvia em casa.

Mas, pelo menos eu tinha o “mapa” e poderia continuar minha caçada ao “tesouro”. Havia na escola alguns livros cuidadosamente arrumados em uma pequena estante feita de caixotes e forrada com toalha de papel repicado. Assim, conheci contos tradicionais, como *A Bela Adormecida*, *A Bela e a Fera*, *Branca de Neve e os sete anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O patinho feio*, e o livro de leitura *Aventuras de Pedrinho*³. Lembro-me de que este último era um livro de

² Frases extraídas de uma lição da Cartilha *Caminho Suave*, de Branca Alves de Lima.

³. Trata-se de: LOURENÇO FILHO, M. B. *Aventuras de Pedrinho*. São Paulo: Melhoramentos, 1955. Esse livro integra a Série de Leituras Graduadas Pedrinho, publicada pela Companhia Editora Melhoramentos de São Paulo.



capa verde e que reunia pequenas histórias que a professora lia, ao final da aula, enfatizando os valores morais e o comportamento das personagens infantis como modelos a serem imitados.

Para essas leituras, não havia seleção, e eu lia e relia muitas vezes a mesma história, por não ter outros livros em mãos.

Os anos passaram e, do primário para o ginásio, a mudança foi brusca. Fui estudar no Colégio Bom Jesus, em Três Lagoas/MS, dirigido por padres e afamado por sua rígida disciplina. Lá conheci: *O Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato; *Nas Terras do Rei Café* e *Os segredos de Taquara-Póca*, de Francisco Marins e *Éramos Seis*, de Maria José Dupré. Li pouco nesse período, pois estudava pela manhã e trabalhava à tarde.

No início de 1975, fui morar com minha avó, na cidade de Bauru/SP. Já cursando o então ensino de 2º grau, no período noturno, fui-me distanciando dos livros. Lia o que era obrigatório, aos domingos, e, às vezes, no ônibus, voltando da aula, quando o sono e o cansaço da jornada de trabalho permitiam.

Eu ainda possuía o “mapa”, mas só pude retomá-lo na graduação, no último ano do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Centro Universitário de Três Lagoas/MS (CEUL). Um grupo de professores e graduandos desse Curso de Letras organizara um projeto para a criação de um espaço de leitura para as crianças das escolas da rede pública estadual. O projeto intitulava-se “Centro de Literatura Infanto-Juvenil” e tinha como objetivo incentivar a leitura da literatura infantil e juvenil, visando a

melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Com esse projeto, os alunos desse Curso de Letras iniciaram verdadeira maratona: campanha para arrecadação de livros, seleção, catalogação e organização da pequena biblioteca, entre outras atividades.

Na época, além de aluna desse Curso de Letras e membro do grupo que organizou o projeto, trabalhava como professora de Comunicação e Expressão em uma 4ª série do então ensino de 1º grau de uma escola da rede municipal de ensino de Três Lagoas/MS. Embora naquela época tivesse que seguir as “orientações” da Secretaria Municipal de Educação e o meu trabalho docente se restringisse em executar a proposta contida no livro didático adotado, esporadicamente introduzia a leitura de textos de literatura infantil e juvenil. Influenciada pelo projeto desenvolvido no último ano de graduação, mas despreparada teoricamente, a seleção desses textos sempre pedia para uma prática de leitura com fins pedagógicos e, por isso, tornava-se frustrante.

Em 1985, após processo seletivo, fui contratada como professora pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SEE/MS) e cedida para a UFMS, para ministrar aulas de Língua Latina em um Curso de Letras recém-inaugurado, na cidade de Paranaíba/MS, como extensão do Centro Universitário de Três Lagoas. Foram cinco anos de reprodução literal das aulas de Latim a que assisti na graduação.

Em 1990, após aprovação em concurso público, assumi o cargo de professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, em uma escola de 1º e 2º Graus da rede estadual de ensino, em um bairro periférico de Três Lagoas/MS.



Nessa escola, ministrava aulas de Língua Portuguesa para turmas de 6^a, 7^a e 8^a séries, no período noturno. Filhos de pescadores, esses alunos apresentavam sérias limitações em leitura e escrita.

Preocupada com os precários resultados que vinha obtendo no trabalho junto a esses alunos, engajei-me em um projeto da SEE/MS, intitulado *Nova metodologia do ensino de língua portuguesa*, assessorado por um grupo de professores da Universidade Estadual de Campinas, sob a coordenação do professor João Wanderley Geraldi, e que vinha sendo implantado, em Mato Grosso do Sul, desde 1986.⁴

Tal projeto propunha que o ensino de Língua Portuguesa ocorresse por intermédio de três práticas: leitura de textos, produção de textos e análise lingüística de textos.⁵ Embora, à época, ainda não estivessem claros para mim os pressupostos teóricos e as concepções que fundamentam essas “três práticas”, interessei-me por esse tipo de trabalho e, timidamente, comecei a introduzi-lo em minha prática docente. Foram justamente as aulas de leitura de textos que reacenderam as brasas, e meu interesse pela literatura infantil e juvenil floresceu novamente. Enquanto os alunos liam os livros que escolhiam, eu lia e relia aqueles que eram “rejeitados” por eles. Sem dúvida, as aulas melhoraram, os alunos

⁴Dados e reflexões mais detalhados a respeito da implantação, implementação e desenvolvimento desse projeto em Mato Grosso do Sul encontram-se em: SOUZA, C. C. *A formação do alfabetizador no CEFAM de Três Lagoas/MS: entre a tarefa de ensinar a aplicar o novo e mudança nas relações de ensino*. Marília/SP, 1996. 273 P. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília.

⁵ Os princípios básicos norteadores do ensino da língua a partir dessas três práticas encontram-se, especialmente, em: GERALDI, J. W. (Org.) *O texto sala de na aula: leitura & produção*. Cascavel/PR: Assoeste, 1984; GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.



mostravam-se mais interessados e os resultados obtidos começaram a apontar para um suposto sucesso.

Em 1993, e em consequência desse suposto sucesso, fui convidada a ministrar as disciplinas Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (LPLB) e Metodologia do Ensino de Português (MEP), no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), de Três Lagoas/MS. Tinha poucas informações a respeito do trabalho didático-pedagógico que vinha sendo desenvolvido nesse Centro. Sabia apenas que se tratava de um curso de formação de professores em nível de 2º Grau (hoje Ensino Médio), no qual se defendia uma nova proposta de trabalho e de formação de professores voltada para a introdução das mudanças que vinham surgindo no meio educacional brasileiro e sul-mato-grossense, desde meados dos anos de 1980.

Tais mudanças propunham para o ensino de LPLB e de MEP um trabalho centrado no texto, a partir das práticas de leitura, produção e análise lingüística de textos (GERALDI, 1984, 1993), que eu já vinha desenvolvendo como professora do então 1º e 2º graus de ensino. Inicialmente acreditava não encontrar problemas para pôr em prática tal proposta, mas a responsabilidade era maior. Além de trabalhar a partir dessa “nova metodologia” em LPLB, precisava ensinar seus pressupostos teórico-conceituais aos futuros alfabetizadores, na disciplina MEP.

Se nas aulas de LPLB já começava a perceber a fragilidade de minha atividade didática, geralmente centrada nos procedimentos, no “como fazer”, em MEP essa fragilidade tornava-se um pesadelo. As aulas restringiam-se, em especial, ao “como ensinar a aplicar” essa nova proposta de ensino da língua

portuguesa. Não havia, no CEFAM, uma proposta didático-pedagógica definida; tratava-se de uma proposta em construção que, no caso específico da disciplina MEP, fundamentava-se no documento *Diretrizes Curriculares: uma proposta de educação para Mato Grosso do Sul – Habilitação Magistério*, publicado, pela SEE/MS, em 1994.

Essas *Diretrizes Curriculares* propunham uma reflexão sobre o processo de alfabetização e o desenvolvimento de um trabalho docente que contemplasse as novas “tendências” didático-pedagógicas da época, tendo o texto como eixo central do processo de ensino-aprendizagem da língua e valorizando a circulação de diferentes tipos de textos, bem como atividades com textos da literatura Infantil. “E agora, José?” Como refletir sobre o processo de alfabetização a partir desta ou daquela “tendência”, se desconhecia as concepções a elas subjacentes e os resultados a serem alcançados?

Assim, desesperada e decepcionada com o trabalho que vinha realizando, matriculei-me, em 1993, como aluna especial, na disciplina Tópicos Especiais em Alfabetização, ministrada pela professora Maria do Rosário Mortatti Magnani, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Marília/SP (UNESP/Marília). O contato com diferentes pontos de vista e as discussões sobre o processo de alfabetização estabelecidas nessa disciplina foram ampliando minha visão, a capacidade de reflexão e a compreensão da importância de buscar no passado da alfabetização e do ensino da língua dados para refletir sobre o presente desse ensino, procurando compreender

o movimento histórico que o constitui, os princípios e pressupostos teóricos que o fundamentam.

Nesse movimento de busca de conhecimentos, comecei a perceber com mais clareza que havia muito que estudar, e que, às respostas ao “como fazer”, antecedia outras questões maiores: “para que ensinamos o que ensinamos? E para que os alunos aprendem o que aprendem?” (GERALDI, 1984, p. 42). Com certeza algumas mudanças já se operavam em meu trabalho docente. Mas, ao contrário do que supunha, a disciplina que cursava na pós-graduação não tinha como objetivo resolver os problemas imediatos relativos ao processo de alfabetização; antes, visava a instaurar a reflexão teórica e as discussões sobre o tema, instigando a leitura, o estudo e a pesquisa. Não tive dúvidas: aquele era o caminho; precisava compreender o processo de alfabetização como campo de conhecimento para, posteriormente, buscar compreender como ensinar a alfabetizar.

No final de 1993, inscrevi-me no processo de seleção para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de mestrado, da UNESP/Marília. Aprovada e aceita como aluna regular, sob a orientação da professora Dr^a Maria do Rosário Mortatti Magnani, afastei-me do CEFAM e iniciei o ano de 1994 cursando disciplinas voltadas para o processo de alfabetização e formação do alfabetizador, que me foram auxiliando a definir melhor o tema de investigação e elaborar um projeto de pesquisa que resultou na dissertação de Mestrado intitulada *A formação do alfabetizador no CEFAM de*

Três Lagoas/MS: entre a tarefa de ensinar a aplicar o novo e a mudança nas relações de ensino, defendida em agosto de 1996.

Ainda em 1994, passei a integrar o Grupo de Pesquisa “História do Ensino da Língua e Literatura no Brasil” (GP HELLB)⁶. As reuniões e discussões dos membros do Grupo foram contribuindo significativamente para o desenvolvimento da coleta de dados *no* e *sobre* o CEFAM de Três Lagoas/MS, atividade que vinha realizando concomitantemente às disciplinas da pós-graduação cursadas naquele ano e em 1995.

Passei a desenvolver atividades de observação de aulas de MEP no CEFAM de Três Lagoas/MS e pude perceber, dentre muitos outros aspectos, que havia uma intenção, no discurso do professor que assumiu essa disciplina, quando me afastei para cursar o Mestrado, em articular o processo de alfabetização com o trabalho com a literatura infantil. Na prática, entretanto, essa intenção perdia-se diante das inúmeras sugestões bibliográficas oferecidas pelo professor, a partir das quais os alunos/futuros professores poderiam, segundo ele, introduzir, trabalhar, apresentar desde o alfabeto até pequenas frases, além, é claro, dos conteúdos de outras áreas de estudo, que surgissem no decorrer da leitura.

Intitulado ora como “proposta interdisciplinar”, ora como “projeto avançado de alfabetização”, o que sobressaía, na verdade, era uma concepção utilitária da literatura infantil, acompanhada de uma representação equivocada do

6. O Grupo de Pesquisa “História do Ensino da Língua e Literatura no Brasil” iniciou suas atividades em 1994 e encontra-se em funcionamento até hoje. Organizado e coordenado pela professora Dr^a Maria do Rosário Longo Mortatti (Magnani), o Grupo de Pesquisa subdivide-se em cinco linhas de pesquisa: formação de professores de língua e literatura; alfabetização; ensino de língua portuguesa, ensino de literatura; literatura infantil e juvenil.

processo de alfabetização, que, de acordo com as *Diretrizes Curriculares* (1994), deveria ter como suporte teórico as concepções interacionistas de linguagem, língua, leitura, escrita, texto, processo de ensino-aprendizagem da língua e alfabetização. Com certeza, aquela prática equivocada do professor ajustava-se “como uma luva” ao trabalho, também equivocado, que eu tinha realizado e que me impulsionou a procurar o Mestrado.

Mesmo já conseguindo reconhecer o “pecado original” no discurso do professor — “este texto dá pra trabalhar as letras do alfabeto [...]” —, gostava de observar aquelas aulas. Sentia que, apesar dos problemas, pelo menos os alunos/futuros professores tinham a oportunidade de conhecer, manusear e ler alguns textos de literatura infantil, embora não houvesse uma discussão teórica sobre o gênero, sobre os aspectos literários de tais textos, dentre outros.

Aos poucos, fui percebendo a importância, tanto para o professor alfabetizador quanto para os que ensinam Língua Portuguesa nas demais séries escolares assim como para aquele que os formam, do conhecimento da história, teoria e crítica da literatura infantil e juvenil, como fonte e suporte teórico para o processo de ensino-aprendizagem da língua, cujo eixo central seja o texto. Mas o objetivo de minha pesquisa de Mestrado era outro. Não poderia, portanto, enveredar pelos caminhos históricos, teóricos e críticos desse gênero literário, pelo menos naquele momento.

No entanto, à meia-luz e camuflada pelas necessidades mais urgentes, a literatura infantil e juvenil continuava a me inquietar. No GP HELLB, a apresentação dos estudos e pesquisas sobre a literatura infantil e juvenil

desenvolvidos por alguns de seus membros assim como as discussões e reflexões feitas pela coordenadora deixavam claro que o campo era fértil e que determinados períodos da história desse gênero ainda não haviam sido explorados. Assim, durante o período do Mestrado fui conhecendo melhor as pesquisas dos outros integrantes do Grupo e comecei, esporadicamente, a (re)visitar alguns textos sobre literatura infantil e juvenil que havia conhecido, em 1993, quando me propus trabalhar com a disciplina MEP, no CEFAM de Três Lagoas/MS.

Embora minhas preocupações estivessem voltadas para a conclusão do Mestrado, em meados de 1996 já era possível perceber, mediante reflexões proporcionadas pelos seminários do GP HELLB, a necessidade de pesquisas de fundo histórico que contribuíssem para a compreensão dos problemas envolvidos no processo de constituição da literatura infantil e juvenil brasileira e suas relações com a educação e a escola.

Terminado o Mestrado, voltei ao CEFAM, ministrando aulas na disciplina MEP, e pude retomar a antiga paixão pela literatura infantil e juvenil. Elaborei um projeto que, após aprovação pela SEE/MS, resultou na criação de uma sala de leitura que tinha como objetivo desenvolver o gosto pela leitura de textos da literatura infantil em crianças na fase inicial de escolarização. Instalada no mesmo espaço físico que o CEFAM, em uma escola da rede estadual de ensino, essa sala de leitura recebia, em período contrário às aulas regulares, alunos da 1ª e 2ª séries do então 1º grau que era oferecido na mesma escola.

O trabalho com essas crianças, realizado por mim e por uma professora de Educação Artística, restringia-se à leitura e apresentação de um texto da literatura



infantil, previamente selecionado de acordo com a atividade artística que era possível realizar a partir dessa leitura (desenhos, pinturas, dobraduras). Terminadas as atividades propostas, as crianças podiam escolher, manusear, folhear e ler outros livros expostos nas estantes. Sentia que, contrariando o que diziam muitos professores, as crianças gostavam de ouvir e de contar histórias. (Lembrava-me daquele contador de histórias, agora bem mais velho, a narrar as mesmas histórias para os netos, que ouviam fascinados.)

Mas um conflito foi-se instalando: as leituras sobre literatura infantil e juvenil que esporadicamente fazia assim como as discussões e reflexões do GP HELLB, muitas vezes chocavam-se com a prática desenvolvida na sala de leitura e com as aulas de MEP. Lentamente, fui constatando que a inconsistência teórica mais uma vez direcionava um trabalho docente voltado essencialmente para o “como fazer”, para o “como ensinar” os futuros professores a trabalharem com textos da literatura infantil no período de alfabetização.

Insatisfeita, retomei algumas leituras sobre literatura infantil e juvenil brasileira. Iniciante e inexperiente nesse campo de conhecimento, não conseguia compreender que uma das características específicas desse gênero, em nosso país, vinculava-se a sua gênese no ambiente escolar e que o trabalho pedagógico desenvolvido com os textos da literatura infantil e juvenil transformara-se em questão central das discussões e tematizações sobre o gênero, especialmente a partir do final dos anos de 1970, momento em que a literatura infantil e juvenil brasileira começava a conquistar um estatuto próprio, movido pela “explosão

editorial” de textos do gênero, motivando o interesse de pesquisadores e levando-os a desenvolverem uma reflexão mais sistematizada acerca desse gênero.

Mais uma vez, impelida pela necessidade de compreensão teórica e pela busca do conhecimento específico, procurei a coordenadora do GP HELLB e manifestei meu interesse em desenvolver pesquisa sobre literatura infantil e juvenil. Sabia que outros integrantes desse Grupo vinham desenvolvendo pesquisas cujo principal objetivo era “contribuir para a produção de uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil [e juvenil] brasileira” (MORTATTI, 1999, p.5), mediante análise da configuração textual de textos do gênero.

Após longa conversa sobre a produção acadêmica relativa à literatura infantil e juvenil e a (re) afirmação de que se tratava de um gênero que, embora ainda bastante polêmico e desconsiderado por muitos pesquisadores, apresentava-se como um campo fértil de investigação, a coordenadora do GP sugeriu-me leituras de textos teóricos, alguns temas de investigação e a elaboração um projeto de pesquisa, a fim de me inscrever no processo de seleção para o Doutorado em Educação na UNESP/Marília. Salientou as dificuldades que poderia encontrar no futuro, em consequência, particularmente, da oscilação, entre os pesquisadores, no que se refere à inserção desse gênero na área de Letras ou de Educação e pelo fato de ser ainda considerado, por muitos, como um “gênero menor”. Uma vez pesados os pontos positivos e os polêmicos, que eu fizesse a escolha.

Sem muita clareza sobre os possíveis caminhos teóricos a serem seguidos, inscrevi-me para o Doutorado, com projeto que propunha discutir as questões

relativas à literatura infantil e juvenil, mediante análise da obra de Francisco Marins.

Aprovada e sob a orientação da professora coordenadora do GP, iniciei o curso, em 1998, matriculando-me na disciplina “Literatura e Sociedade na Perspectiva Educacional” (ministrada pelo professor Dr. Antenor Antônio Gonçalves Filho), na qual se discutiu a literatura, enfatizando-se os aspectos ideológicos que ela veicula. Concomitantemente a essa disciplina, cursei “Tópicos Especiais: O livro para crianças: teoria e prática”, ministrada pela professora Dr^a Maria Alice Faria. Mais específica e diretamente ligada aos meus interesses, essa disciplina “concentrada” focalizou, em especial, os aspectos gráficos dos livros do gênero.

No segundo semestre, cursei a disciplina “História e historiografia da educação brasileira” (ministrada pelo professor Dr. Carlos Monarcha), por intermédio da qual pude conhecer o pensamento de educadores como Fernando Azevedo e Lourenço Filho sobre a educação brasileira. Essas reflexões contribuíram significativamente para a reflexão sobre o período histórico em que se inicia a produção literária de Francisco Marins, destinada a crianças e jovens. Nesse período, a literatura infantil e juvenil começava a atrair também a atenção de educadores brasileiros, ganhando força especialmente nas vozes de Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Cecília Meireles.

Ainda no segundo semestre de 1998, cursei a disciplina “Tópicos Especiais: Literatura Infantil, Mediação e Espaços de Leitura” (ministrada pelo professor Dr. Edmir Perrotti). Tratava-se da segunda etapa da disciplina



“concentrada” que eu havia cursado no 1º semestre, e nela se discutiu o processo de mediação exercido pelo adulto entre o livro infantil e juvenil e o leitor em construção, ressaltaram-se a beleza da linguagem literária, seus aspectos estéticos e sua função de deleitar e se discutiu o caráter didático da maioria dos livros do gênero *versus* a busca de consolidação dos aspectos estéticos, mediante reflexões e análise dos elementos éticos e estéticos nos textos da literatura infantil produzida em diferentes períodos históricos.

Cabe observar que, durante todo esse período, continuava participando do GP HELLB, especificamente na linha “Literatura infantil e juvenil”. As leituras sugeridas pela orientadora, as reflexões e discussões no Grupo e as leituras feitas para as disciplinas foram apontando caminhos, ao mesmo tempo em que orientavam a reflexão teórica sobre a literatura infantil e juvenil brasileira. No GP HELLB salientavam-se a importância e a escassez de estudos sobre a literatura infantil e juvenil brasileira, a partir da leitura e análise de textos do gênero, em busca da produção de uma história, crítica e teoria específicas. As leituras denunciavam a quase ausência dessa preocupação, especialmente em relação a determinados períodos da história do gênero no Brasil. Essas constatações eram complementadas, nas discussões do Grupo, com reflexões em torno da história da educação brasileira.

Foram essas discussões, acrescidas das observações e reflexões feitas pela orientadora, que me levaram a delimitar, com maior clareza, o momento histórico que deveria enfocar, os anos de 1940 a 1960, momento em que esse gênero iniciava um processo de conquista tanto dos leitores e escritores quanto das

editoras que descobriram “a galinha dos ovos de ouro”, após o “fenômeno Lobato”.

Iniciei uma pesquisa exploratória sobre escritores desse período e suas respectivas obras. Durante esse processo, uma surpresa: deparava-me com *Nas terras do Rei Café* e com *Os segredos de Taquara-Póca*, ambos escritos por Francisco Marins. Revivia o passado, as primeiras leituras na “escolinha”, no “colégio dos padres”.

Aprofundando a pesquisa documental e bibliográfica sobre Francisco Marins e sua obra, constatei tratar-se de um escritor ainda vivo, que vem publicando, regularmente, desde 1945, livros de literatura “para adultos” e, especialmente, “para crianças e jovens”, e que, pelo número de edições e tiragens de cada livro, tem tido grande aceitação por parte dos leitores brasileiros, além de alguns de seus livros terem sido traduzidos no exterior. Constatei, ainda, que esse escritor exerceu atividades profissionais relacionadas com a produção, editoração e divulgação de livros no Brasil e é membro da Academia Paulista de Letras.

Localizei, também muitos textos de variados tipos e autores publicados em jornais e revistas de diferentes estados brasileiros, durante muitas décadas, os quais tratam de Francisco Marins, sua produção literária e as demais atividades que exerceu.

No entanto, na produção resultante de estudos e pesquisas acadêmicas, há um quase que silêncio a respeito desse escritor e sua obra; até o momento pude localizar apenas dois estudos acadêmicos, além de referências esparsas em livros sobre a história da literatura infantil e juvenil brasileira.



Obedecendo à ordem cronológica, o primeiro estudo encontra-se na Dissertação de Mestrado: *Estudo das Tendências da Obra Infantil de Francisco Marins*, de Franceli Aparecida da Silva Mello, defendida em 1987, na Universidade Estadual de Campinas —UNICAMP —, sob a orientação da Prof^a Dr^a Marisa Philbert Lajolo. Nessa Dissertação, a autora discute as implicações ideológicas da literatura infantil pós-lobatiana, mediante identificação, na obra de Francisco Marins, dos “processos pelos quais tanto os signos de ruptura como os de permanência da tradição se entrecem” (MELLO, 1978, p. 12).

O outro estudo localizado encontra-se no livro *A aventura da literatura para crianças: formas de avaliação da literatura infantil e juvenil através da obra de Francisco Marins* (1990), de Lúcia Pimentel Góes, no qual a autora aborda alguns livros de Francisco Marins⁷ como fonte para formas de trabalho com a literatura infantil em sala de aula, à luz do pensamento de Célestin Freinet.

Diante da constatação desse quase-silêncio, pude confirmar a relevância em desenvolver uma pesquisa mais sistematizada sobre a produção literária para crianças e jovens de Francisco Marins, publicada, primeiramente, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, na *Série Taquara-Póca*, e, posteriormente (alguns dos livros dessa *Série*) pela Editora Ática/SP.

A escolha da produção de literatura infantil e juvenil de Francisco Marins como objeto de minha pesquisa de Doutorado deu-se, portanto, por razões distintas, mas complementares: por terem sido seus livros “meus companheiros de

⁷ São objetos de rápida análise estrutural da narrativa os seguintes livros: *Nas terras do Rei Cafê*; *Os segredos de Taquara-Póca*; *O Coleira-Preta*; *Gafanhotos em Taquara-Póca*; *Verde era o coração da montanha*; *Viagem ao mundo desconhecido*; *Território de bravos*; *A aldeia sagrada*; *O mistério dos morros dourados*; *A montanha de duas cabeças*; e *A Guerra de Canudos*.



infância”; por ser um escritor cuja obra é ainda pouco explorada, apesar de sua regular e extensa produção e de sua repercussão, tanto no mercado editorial quanto entre o público leitor; pelo fato de se tratar de um escritor vivo e, como tal, poder acrescentar dados importantes que contribuam para a compreensão tanto de sua obra quanto da história, teoria e crítica da literatura infantil e juvenil brasileira.

Entretanto, dada a extensão de sua obra e considerando o prazo estipulado para conclusão do Doutorado, optei por tomar como *corpus* para análise: o livro *Aventuras em Taquara-Póca* (1963), que reúne, em um só volume, os quatro primeiros livros desse escritor — *Nas terras do Rei Café* (1945), *Os segredos de Taquara-Póca* (1947), *O Coleira-Preta* (1949), *Gafanhotos em Taquara-Póca* (1950), todos publicados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo; e o seu mais recente lançamento no gênero juvenil — *O sótão da múmia* (1998), publicado pela Saraiva.

A escolha do livro *Aventuras em Taquara-Póca* (1963) justifica-se pelos seguintes motivos: trata-se de uma publicação especial, lançada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, depois de quase 20 anos decorridos da primeira publicação de *Nas terras do Rei Café*, primeiro livro da *série Taquara Poça*, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. Na publicação de 1963, encontram-se reunidos os primeiros livros publicados pelo escritor com um grupo de personagens-mirins “transitando” de um livro para outro; esses quatro primeiros livros do escritor foram publicados entre 1945 e 1950, portanto, período delimitado para minha pesquisa e que constatei ser quase inexplorado pelos

pesquisadores do gênero; o tema das narrativas gira em torno dos esforços das personagens-mirins em buscar soluções para os problemas de Taquara-Póca, uma pequena e decadente fazenda (ou sítio, como muitas vezes é denominada pelo narrador) de café; juntos, esses quatro livros tiveram 109 edições, com uma tiragem total de 646.932 exemplares, editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo; e, por fim, entre a 1ª e a última edição (até o momento) de cada título terem decorrido, em média, 45 anos de permanência desses livros no mercado editorial brasileiro e estrangeiro.

A inclusão do livro *O sótão da múmia* (1998) no *corpus*, deve-se ao fato de ser este o mais recente livro do gênero publicado por Francisco Marins, após terem decorrido 53 anos desde a publicação de seu primeiro livro, *Nas terras do Rei Café*, em 1945. Observa-se que, em 1998, concomitantemente à publicação de *O sótão da múmia*, pela Editora Saraiva/SP, a Melhoramentos lançava a 30ª edição de *Nas Terras do Rei Café* e a 29ª edição de *Os segredos de Taquara-Póca*, o que ocorre dez anos após a última edição de *O Coleira-Preta* e de *Gafanhotos em Taquara-Póca*, pela Melhoramentos; esses 4 livros constituem o livro *Aventuras em Taquara-Póca* (1963).

Foram também estabelecidos os seguintes objetivos para a pesquisa:

- contribuir para a compreensão da história, teoria e crítica da literatura infantil e juvenil brasileira;
- analisar a configuração textual dos livros *Aventuras em Taquara-Póca* (1963) e *O sótão da múmia* (1998), de Francisco Marins;
- recuperar, reunir e organizar a bibliografia *de* e *sobre* Francisco Marins e sua

obra, a fim de contribuir para a elaboração de um programa de pesquisa.

A fim de buscar a consecução desses objetivos, foram formuladas as seguintes questões norteadoras da investigação:

Que concepção de literatura infantil e juvenil permeia a produção literária de Francisco Marins?

Quais as marcas do diálogo entre essa concepção, a produção brasileira de literatura infantil e juvenil, o mercado editorial brasileiro e o pensamento educacional da época em que foram publicados os livros escolhidos para análise nesta tese?

Qual sua repercussão até os dias atuais?

Quais os sentidos que se podem atribuir, mediante análise dos elementos da configuração textual, aos livros eleitos como *corpus* da pesquisa?

Qual a importância da obra de literatura infantil e juvenil de Francisco Marins?

Por fim, foi possível formular a seguinte hipótese: os fatos de os quatro primeiros livros desse escritor serem constantemente (re)editados e permanecerem no mercado por mais de cinquenta anos e de o último livro do gênero ter sido publicado no final dos anos de 1990 permitem considerar que a obra de literatura juvenil de Francisco Marins tornou-se um marco significativo da produção desse gênero no Brasil, configurando-se, desse modo, em material fértil para a compreensão da história da literatura infantil e juvenil brasileira, relacionadamente com os ideais de educação e cultura do país. Assim, embora os livros selecionados para análise possam apresentar, à primeira vista, apenas a

intenção de instruir, ensinar e reafirmar valores morais e comportamentos a serem assimilados pelo público leitor, a análise da configuração textual desses livros permite compreender o processo específico de representação de certa realidade brasileira concretizado por esse escritor, configurando-se, assim, o projeto literário do escritor.

Diante do exposto e consciente das dificuldades decorrentes da escassez de estudos e pesquisas que busquem compreender tanto a história, teoria e crítica da literatura infantil e juvenil a partir da análise dos textos do gênero quanto à produção de Francisco Marins, julgo ser pertinente e relevante desenvolver uma pesquisa mais sistematizada e pontual sobre a literatura juvenil desse escritor, mediante análise dos elementos da configuração textual dos livros eleitos como *corpus*.

Considerando a proposta de análise dos elementos da configuração textual dos livros eleitos como *corpus* da pesquisa de que deriva esta Tese de Doutorado, faz-se necessário explicitar determinados conceitos básicos operativos, referentes, especialmente, à literatura, à literatura infantil e juvenil e ao método de análise de textos literários aqui adotado.

De acordo com Rocco (1992, p. 3):

Em todos os tempos e entre os povos que a produziram, a literatura sempre representou a expressão mais complexa e elaborada de um espaço cultural. Nela encontramos universos, antes opostos e polarizados, então

plasmados, através do simbolismo mágico da linguagem verbal [...] veículo essencial para o desenvolvimento da imaginação criadora.

O aspecto criador da literatura e seu processo constitutivo por meio da linguagem verbal são também apontados por Wellek e Warren (1955, p. 17; 29), ao definirem a literatura como “uma arte” que evidencia um “modo particular de utilização da linguagem”. Para esses autores, a linguagem literária possui o seu “lado expressivo, comunica o tom e a atitude do escritor”, mas não se restringe “a exprimir o que diz, quer ainda influenciar a atitude do leitor, persuadi-lo e, em última instância, modificá-lo”.

Já Aguiar e Silva (1994, p. 34-6) salienta que:

A obra literária é sempre um artefacto, com um objetivo produzido no espaço e no tempo – um objeto, como escreve Luckács, que se separa do sujeito criador, do sujeito fenomenológico, “como configuração liberta do ser” —, possuindo uma realidade material, uma textura semiótica sem as quais não seriam possíveis nem a leitura, nem o juízo estético [...] esta realidade material é condição necessária para que aquele artefacto se realize como objeto estético, embora não seja condição suficiente, já que sua existência como objeto estético exige a intervenção activa do leitor [...] os leitores, ao tomarem perante determinado(s) texto(s) o conjunto de atitudes a que caberá a designação de “literatura”, não podem assumir essas atitudes colocando entre parênteses os elementos constitutivos do(s) próprio(s) texto(s).

Referindo-se ao conceito de “discurso literário”, Reis; Lopes (1988) define-o como formas de narrar, de contar a história escolhida pelo narrador (pré) determinado pelo escritor em seu plano narrativo. Assim, como “suporte expressivo da história e domínio em que se consuma a sua representação, o *discurso* resulta diretamente do labor do narrador, traduz-se num *enunciado* e articula em *sintagma* diversas categorias e subcategorias específicas.” (REIS;

LOPES, 1988, p. 225) (grifos do autor).

Tomando como referencial a questão “o que é literatura?”, Eagleton (1983) discute as diferentes possíveis respostas, contrapondo-as, relativizando-as e descartando as respostas que, muitas vezes, segundo ele, não conseguem dar conta do conjunto de textos que se denomina “literatura”.

Para esse autor, a concepção de literatura como uma escrita imaginativa e ficcional é discutível, uma vez que há textos não ficcionais que são classificados como literatura; além desse aspecto, também é discutível a distinção entre o fato real e a ficção. Conforme Eagleton (1983), também é questionável a concepção de literatura como um conjunto de textos que se valem de uma linguagem peculiar que causa um certo estranhamento, pois, segundo ele, aquilo que causa estranhamento em alguns pode não causá-lo em outros, e existem textos que não chamam a atenção sobre a linguagem, mas são classificados como “literatura”.

Ainda segundo Eagleton (1983), se essas definições são descartáveis, ou pelo menos não dão conta do todo, aquelas que se baseiam no critério do “não-pragmatismo” e do “escrever bonito” também não são adequadas para se determinar a literatura, pois, segundo o autor, se assim fosse, não haveria obras de caráter pragmático que foram sacralizadas como literatura e nem haveria a “má literatura”. Uma concepção que, para Eagleton (1983), seria a mais aceitável é a de que literatura é qualquer tipo de escrita que, por alguma razão seja altamente valorizada. Para Eagleton (1983) valor é “aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e

à luz de determinados objetivos” (p. 12)⁸.

Antonio Candido (1967), por sua vez, apresenta uma concepção de literatura em que se articulam o real e o ficcional, em uma transposição de um mundo para outro:

A arte e, portanto, a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração e implicando em uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. (p. 64)

Considerando a combinação entre “realidade natural ou social e a manipulação técnica” apontada por Cândido (1967, p. 74), há de se considerar também as relações entre escritor, obra, público e o contexto histórico de produção e circulação da obra:

[...] o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores [...] A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a. (CANDIDO, 1967, p. 74)

Candido (1972) adverte, ainda, a respeito da função humanizadora da literatura:

A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que

⁸ Essas considerações de Eagleton, aproximam-se da seguinte observação de Zilberman e Lajolo (1986): “se grande parte das obras hoje desagrada, cumpre lembrar que, em seu tempo, foram apreciadas e até estimuladas” (1986, p. 67)

costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço de sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa com ela – com altos e baixos, luzes e sombras. (p. 805)

Esse crítico ressalta, também, as ações concomitantes dos aspectos “construção, expressão e conhecimento” do texto literário:

Em geral pensamos que a literatura atua sobre nós devido ao terceiro aspecto [conhecimentos], isto é, porque transmite uma espécie de conhecimento, que resulta em aprendizagem, como se ela fosse um tipo de instrução. Mas não é assim. O efeito das produções literárias é devido à atuação simultânea dos três aspectos, embora costumemos pensar menos no primeiro, que corresponde à *maneira* pela qual a mensagem é construída: mas esta *maneira* é o aspecto, senão mais importante, com certeza crucial, porque é o que decide se uma comunicação é literária ou não. (1995, p. 244-5)

A respeito da “maneira” como se dá a construção de um texto literário, observa Candido (1995) que:

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que realmente se pensa. A organização da palavra comunica-se aos nossos espíritos e o leva, primeiro, a se organizar, em seguida, a organizar o mundo.

A eficácia humana é função da eficácia estética, e, portanto, o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes. (p. 251)

Apesar das diferenças teóricas, de objetivos e interesses de cada um desses autores, podem-se observar alguns pontos comuns em suas formulações: a literatura é concebida como arte criadora produzida por meio da palavra e que tem função humanizadora; a seleção, organização e arranjo textuais podem conferir ao

texto a esteticidade, em maior ou menor grau, consoante os aspectos internos e externos ao texto e determinadas condições espaço-temporais de sua produção; e, para que lhe seja conferido o estatuto de “literária”, a obra necessita, entre outros aspectos, estabelecer a interlocução entre o escritor e o leitor, partindo de seu motivo maior: representação ou “imitação” da realidade, conforme aponta Auerbach (1976) e visando àquela função humanizadora apontada por Candido.

Pode-se inferir, pois, que a obra literária não pode ser considerada um produto acabado, somente porque o escritor a encerrou e a colocou à disposição do leitor; trata-se, de fato, de “um produto sempre em processo” (MAGNANI, 1993, p. 269) de (re)elaboração, a cada leitura, a cada “visitação” por diferentes leitores. Daí a importância da complexa relação entre o escritor, a obra, o leitor e o contexto histórico de sua produção e circulação.

Quanto ao método de interpretação do texto literário, Auerbach (1976, p. 501) afirma que “o método [...] deixa à discrição do intérprete um certo campo de ação: pode escolher e dar ênfase como preferir. Contudo, aquilo que afirma deve ser encontrável no texto”.

Ponto de vista semelhante encontra-se nos textos mais recentes de Antonio Candido, que aponta a necessidade de se considerarem, na análise e crítica literárias, tanto os elementos internos quanto os elementos externos do texto.

antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerados inoperantes como elementos de compreensão.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, íntimo. (CANDIDO, 2000, p. 4)

Desse ponto de vista, a análise do texto literário

requer um método que seja histórico e estético ao mesmo tempo, mostrando, por exemplo, como certos elementos de formação nacional (dado histórico-social) levam o escritor a escolher e tratar de maneira determinada alguns temas literários (dado estético). (CANDIDO, 2000, p. 16)

A integração analítica dos aspectos internos e externos permite maior clareza na compreensão dos elementos constitutivos da obra literária, como salienta Antonio Candido (1998, p. 9-10) a respeito de sua atividade crítica:

O meu propósito é fazer uma crítica integradora, capaz de *mostrar* [...] de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tomarem aspectos de uma organização estética regida pelas próprias leis, não as da natureza da sociedade ou do ser. No entanto, natureza, sociedade e ser parecem presentes em cada página [...] e esta dimensão é com certeza a mais importante da literatura do ponto de vista do leitor [...] O crítico deve tê-la constantemente em vista, embora lhe caiba sobretudo averiguar quais foram os recursos utilizados para criar a impressão de verdade [...] uma das ambições do crítico é mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária. Se conseguir realizar essa ambição, ele poderá superar o valo entre “social” e “estético”, ou entre “psicológico” e “estético” [...] os críticos [que] levam em conta a sociedade, a personalidade ou a história acabam por interessar-se mais pelo ponto de partida (isto é, a vida e o mundo) do que pelo ponto de chegada (o texto). O meu interesse é diferente, porque se concentra no resultado, não no estímulo ou no condicionamento [...] O alvo é analisar o comportamento ou o modo de ser que se manifestam *dentro* do texto, porque foram criados nele a partir dos dados da realidade exterior. (grifos do autor)

Assim, tomando-se o texto como ponto de partida e de chegada do processo interpretativo, o papel e a função da crítica literária parecem não encontrar mais suporte apenas naquilo que é imanente ao texto, mas em uma outra tendência que busca também os elementos externos ao texto, incorporando-os aos internos e combinando-os de forma a complementarem-se na análise e interpretação da obra literária.

Preocupada com problemas semelhantes e inspirando-se nas considerações de Candido e Auerbach, Mortatti (2000) propõe o conceito de “configuração textual” como suporte para um método de análise que busque contemplar todos os aspectos até aqui apontados.

Dessa perspectiva, o que confere singularidade a um texto é o conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais — (como?) projetadas por um determinado autor (quem?), que se apresenta como sujeito de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?) movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para que?) e visando a determinado tipo de leitor previsto (para quem?), assim como a circulação, utilização e repercussão logradas pelo projeto do autor ao longo da história (de leitura) do texto. (MORTATTI, 2000, p.15)

Segundo Mortatti (2000), se em relação à literatura “sem adjetivos” hão de considerar todos os aspectos envolvidos no conceito de configuração textual, o mesmo deve ocorrer em relação à literatura infantil e juvenil, ressaltando-se, no entanto, o papel de destaque que se reserva ao público leitor previsto para esse

tipo de texto. Uma definição de literatura infantil e juvenil a partir do leitor “pré-determinado”, constituiu-se, por longo tempo, como critério único de julgamento de valor dos textos do gênero, considerados, por essa razão, como “menores” em relação à literatura “sem adjetivos”.

Ainda segundo Mortatti (2000), tendo sua gênese vinculada à idéia de formação e educação da criança, a literatura infantil e juvenil encontrou na escola o espaço ideal para a sua propagação. Especialmente no caso brasileiro, essa tendência se acentua a partir da proclamação da República, quando a instrução pública passa a ser fundamental para a consecução dos ideais republicanos e se verifica o aumento gradativo do número de escolas e de crianças em idade escolar, transformando-se, portanto, esse ambiente em “solo fértil” para novas sementes e, ampliando as possibilidades de germinação e disseminação desse gênero literário no Brasil, derivado, como aponta Arroyo (1968), da literatura escolar produzida especialmente entre o final do século XIX e início do século XX. (MORTATTI, 2000)

Ainda segundo essa autora em meio a essa nova realidade, a escola deixava, aos poucos, de ser privilégio de alguns, passando a ser invadida, lentamente, por crianças de diferentes classes sociais e demandando, desse modo, a introdução de material de leitura que veiculava valores nacionais, em busca não só da nacionalização da instrução escolar brasileira como também da literatura que circulava no ambiente escolar.

Assim, no caso brasileiro, a escola conquistou o espaço de mediadora entre a obra, o escritor e o aluno-leitor, muitas vezes “deformando” aquela função



formativa e humanizadora da literatura apontada por Antonio Candido, em decorrência do privilégio conferido ao didatismo pedagógico.

Conforme apontam Zilberman e Lajolo (1986, p. 61-2):

a literatura infantil não teve origem popular, nem aparecimento espontâneo: seu surgimento foi induzido, patrocinado pelos autores que escreveram livros para crianças no período de transição entre os séculos XIX e XX. Desde então, no entanto, e em particular após o sucesso de Thales de Andrade e Monteiro Lobato, as editoras começaram a prestigiar o gênero, motivando seu aumento vegetativo ao longo dos anos 20 e 30, bem como a adesão progressiva de alguns escritores da nova e atuante geração modernista [...] o mercado escolar, aparentemente recompensava o esforço de escrever para os jovens. Porém, como para circular nas salas de aula era preciso, além de espontaneidade e imaginação, adequar-se aos cursos vigentes e aos programas curriculares, a fantasia e a criatividade foram indiretamente disciplinadas, favorecendo o Estado que, assim, controlava de alguma maneira a produção de livros destinados à infância.

Em relação ao vínculo com a instituição escolar, Zilberman (1989, p. 13-4)

assinala que:

A aproximação entre instituição escolar e o gênero literário não é fortuita. Sintoma disto é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança.

No entanto, as relações entre escola e literatura infantil e juvenil são complexas, pois se, por um lado, apresentam-se como prejudiciais pelo pedagogismo, por outro, não se pode perder de vista, segundo Zilberman (1989, p. 14), que “a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada muito menos desmentida sua utilidade”.

Quanto à “pré-definição” a partir do público “pré-estabelecido”, Zilberman (1981, p. 37) aponta que:

Recebendo sua designação a partir de seu destinatário, a literatura infantil, debate-se de imediato com duas dificuldades. A primeira delas diz respeito à transitoriedade do leitor. Abrangendo tudo o que é produzido para pessoas de até mais ou menos 12 anos, a literatura infantil deve ir se modificando à medida em que evolui a criança, até perdê-la definitivamente, fenômeno paralelamente vivenciado pelo próprio leitor, que vai paulatinamente se afastando do produto a ele oferecido. Esta índole passageira do gênero determina sua temporalidade, o que se relaciona, de um lado, com a condição de seu recebedor e, de outro, com a própria natureza histórica da faixa etária a que se destina.

As observações de Zilberman encontram ecos nas reflexões de Yunes (1989) em relação à transitoriedade do leitor e do gênero, o qual busca acompanhar esse leitor em seu desenvolvimento natural: criança, jovem, adulto. Ceccantini (2000) também evoca essa transitoriedade e acrescenta: a mudança dos temas, a metalinguagem, a comunicação de massa, a fotonovela, as personagens, as publicações em série e as classificações dessas séries em catálogos de editoras, entre outros, são aspectos que vão redefinindo o gênero e propondo sua subdivisão em literatura infantil, literatura juvenil, literatura infanto-juvenil, literatura infantil e juvenil.

Sobre essas questões, salienta Ceccantini (2000, p. 23-4):

Se a oposição “literatura”/ “literatura infantil” se faz presente na absoluta maioria dos textos que compõem a bibliografia teórica em língua portuguesa sobre o assunto (produzida em geral pela Academia), já as oposições “literatura”/“literatura juvenil” ou “literatura infantil”/ “literatura juvenil” são quase deixadas de lado[...]

O grande paradoxo é que, embora ignorada pela teoria, a categoria “juvenil” é largamente utilizada em diferentes instâncias [...] como a Câmara Brasileira do Livro ou a Associação Paulista de Críticos de Arte [...] A impressão forte deixada pelos textos acadêmicos é a de que há uma

rejeição apriorística do conceito de “literatura juvenil”.

De qualquer modo, há de se considerar que, conforme já citado:

Embora experimentando limites de ordem narrativa, apenas ocasionalmente resolvidos, a literatura infantil [e também a juvenil] nunca deixou de se integrar à sua época e representá-la à sua maneira. Posicionou-se perante seus projetos e beneficiou-se de alguns. Se grande parte das obras hoje desagrada, cumpre lembrar que, em seu tempo, foram apreciadas e até estimuladas. Resta ver, nas etapas subseqüentes de sua história, até que ponto a tendência se manteve ou se alterou: e, caso isso tenha ocorrido, que mecanismos (literários ou não) possibilitam a mudança desejada. (ZILBERMAN; LAJOLO, 1986, p. 67)

Dados esses problemas decorrentes das relações originais entre literatura infantil e juvenil e escola e a correlata oscilação dos estudos sobre esse gênero entre as áreas de Letras e Educação, Mortatti (2000, p 11; 12) propõe, com vistas à “construção da identidade específica desse campo de conhecimento”, uma “atividade interdisciplinar”, que priorize a “produção de uma crítica específica de textos de literatura infantil mediadora e suporte para a produção da história e teoria também específicas do gênero”.

Ainda segundo Mortatti (2000), partindo da “leitura crítica dos textos do gênero”, o pesquisador poderá contribuir para a “construção da identidade específica desse campo de conhecimento e para a conquista do reconhecimento de legitimidade de seu estatuto acadêmico-científico.” (p. 11). Essa leitura crítica demanda a “busca da análise da configuração textual, conceito operativo que permite abordar, de um ponto de vista interdisciplinar, a identidade específica dos textos do gênero, ou seja, sua unidade múltipla determinantemente constitutiva” (p.12)

A utilização desse método na análise de textos de literatura infantil e juvenil “aproxima-se da proposta de ‘crítica integradora’ de Antônio Cândido e oferece fecundas possibilidades de exploração desse tipo de texto, sem se desconsiderar sua identidade específica.” (MORTATTI, 2000, p. 17)

Diante do exposto até aqui, o método eleito para análise do *corpus* funda-se no conceito de “crítica integradora”, de Candido, e no de “configuração textual”, de Mortatti. Assim, serão analisados os livros *Aventuras em Taquara-Póca* (1963) — que reúne os quatro primeiros livros publicados, entre 1945 e 1950, por Francisco Marins: *Nas terras do Rei Café*, *Os segredos de Taquara-Póca*; *O coleira-Preta*; *Gafanhotos em Taquara-Póca* e *O sótão da múmia* (1998), procurando abordar os diferentes aspectos que os constituem, sua configuração textual, a saber: dados sobre escritor e seu projeto literário; o período histórico e social de produção; as necessidades e finalidades de produção; o público leitor a que se destina; a introdução e circulação desses livros no mercado editorial; sua utilização, repercussão e permanência no mercado no decorrer de sua história, aspectos temático-conteudísticos e estruturais-formais.

Para tanto, os procedimentos metodológicos da pesquisa consistiram em: pesquisa documental e bibliográfica, mediante processos de localização, recuperação, reunião, seleção, organização e análise de documentos impressos ou manuscritos, dos livros escolhidos e de bibliografia especializada sobre o tema.

Além disso, o escritor respondeu a um questionário. Para o desenvolvimento da pesquisa documental e bibliográfica, foram consultados os acervos e instituições relacionados ao final desta tese.

Articulados entre si, esses procedimentos metodológicos permitem reunir um conjunto de elementos que se organizam e se entrelaçam, viabilizando a “crítica integradora”, de acordo com a qual se considera não apenas a “camada mais aparente (CANDIDO, 1995) do texto, como também as articulações da linguagem e suas “inter-ações” com os demais elementos da configuração textual, que envolvem o período histórico e social em que se dá a produção e a circulação da obra do escritor, o qual, estimulado por certas necessidades e finalidades, registra no texto literário sua representação sobre o mundo e os seres a ele pertencentes, em busca da produção do (s) sentido (s) do (s) texto (s) produzidos *para* e definidos *a partir do* seu destinatário previsto: crianças e jovens.

Em vista da exposto, esta tese encontra-se organizada em seis capítulos acrescidos das considerações finais, referências bibliográficas, bibliografia e relação de acervos e instituições consultados.

No capítulo 1, apresento reflexões sobre a literatura infantil e juvenil brasileira, produzidas por pesquisadores brasileiros, em relação aos aspectos históricos que a envolvem e a constituem como um gênero literário, buscando evidenciar como, ao longo do tempo, esse gênero vem procurando identidade e



estatuto próprio que lhe confirmam autonomia, mesmo que relativa, não apenas em relação à literatura “sem adjetivos”, mas também como objeto de estudo de um campo específico de conhecimento.

No capítulo 2, apresento dados e considerações sobre a vida e a obra de Francisco Marins, o projeto de criação literária para crianças e jovens desse escritor, o mapeamento de sua produção *de* literatura (*com* e *sem* adjetivos). No capítulo 3, apresento o mapeamento da produção *sobre* literatura e literatura infantil e juvenil brasileira de Francisco Marins. Encontra-se inserido nesse capítulo um balanço da produção sobre Francisco Marins e/ou sobre sua obra, divulgada em deferentes veículos de comunicação e/ou constante em livros resultantes de estudos e pesquisas sobre a literatura infantil e juvenil brasileira.

Nos capítulos de 4 e 5, apresento a análise dos livros eleitos como *corpus*, seguindo a ordem cronológica de sua publicação e de acordo com a proposta de “crítica integradora” e “análise da configuração textual”. Para a análise dos elementos constitutivos da “camada mais aparente” de cada livro, segui a mesma ordem de organização: aspectos gerais do livro; a história; o tempo; as personagens principais e secundárias, ressaltando, o papel de “contadores”, “narradores” de histórias que se entrecruzam na fala das personagens, o espaço, principal elemento complicador das histórias, a linguagem e os recursos utilizados como elementos que dão sustentação ao projeto de criação, concretizando-o; e o papel do narrador no processo de produção de sentidos no texto.



No capítulo 6, busco relacionar e interpretar os aspectos apresentados no decorrer da análise dos elementos constitutivos da configuração textual, desenvolvida desde o primeiro capítulo.

Seguem-se, então, considerações finais, referências bibliográficas, bibliografia *de* e *sobre* Francisco Marins, bibliografia de apoio teórico, instituições e acervos consultados.

Ressalto que, em relação à bibliografia *de* e, em especial, à bibliografia *sobre* Francisco Marins, em virtude da precária organização dos arquivos pessoais do escritor a que pude ter acesso, muitas referências apresentam-se incompletas, em relação às exigências das *Normas para Informação e Documentação – Referências – Elaboração*, da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT). A ausência de dados dificultou a precisão de datas de publicação, número de páginas, editoras e/ou órgãos responsáveis pela publicação e local. No entanto, mesmo com a incompletude de informações, optei por apresentar essas referências, uma vez que são indicadoras significativas da importância desse escritor e de sua obra para a história da literatura infantil e juvenil brasileira em determinado período de sua história.

CAPÍTULO 1

A produção sobre literatura infantil e juvenil brasileira.



A proposta de análise dos elementos da configuração textual dos livros selecionados como *corpus* da pesquisa de que se origina esta Tese, assim como o objetivo de contribuir para a produção da história, teoria e crítica específicas desse gênero no Brasil encaminharam-me para um mapeamento da produção brasileira *sobre* literatura infantil e juvenil, resultando em uma revisão bibliográfica que permite situar, ao mesmo tempo, as condições históricas e sociais de produção dos textos literários em questão e seu diálogo com a produção crítica sobre o gênero.

Leituras preliminares das diferentes discussões propostas por diversos autores sobre as questões que envolvem esse gênero literário conduziram-me a escolher, para apresentar aqui, alguns autores e textos, cujas tematizações e reflexões encontram-se referendadas em textos de autores a eles posteriores, transformando-os em referências indispensáveis aos estudos e pesquisas sobre o tema. Além desses, optei por incluir três estudos mais recentes, os quais abordam questões diretamente relacionadas com o tema e o problema discutido nesta tese.

Foram então selecionados os textos de: Lourenço Filho (1943); Azevedo (1952); Meireles (1951); Salem (1959); Arroyo (1968); Coelho (1981); Zilberman (1981); Lajolo (1982); Zilberman e Magalhães (1982); Lajolo e Zilberman (1984); Zilberman e Lajolo (1986); Perrotti (1986); Cadermatori (1986); Bordini (1989); Magnani (1989, 1998); Mortatti (2000); e Ceccantini (2000). As sínteses desses textos serão expostas a seguir, em ordem cronológica de produção e/ou publicação.

Cabe observar que, embora se tenha procurado dar o mesmo tratamento a todos os textos e autores escolhidos para esta revisão bibliográfica, algumas

sínteses apresentam-se de forma mais detalhada, em decorrência da necessidade de evidenciar alguns aspectos que se encontram mais diretamente relacionados aos objetivos e hipótese desta Tese.

Partindo de um resumo histórico acerca da constituição da literatura infantil como um gênero literário, com características e público específicos, em diferentes países, o educador Manuel Bergström Lourenço Filho (1943) destaca que a origem desse gênero vincula-se a livros que originalmente não foram escritos para crianças, como, por exemplo, as fábulas e as histórias de viagens maravilhosas.

No entanto, com o passar dos anos, traduções e adaptações desses textos foram-se juntando a outras traduções e adaptações de diversos autores, como Charles Perrault, Daniel Defoe, os irmãos Grimm, Hans C. Andersen, constituindo-se, desse modo, em diferentes países, o que se denominaria, mais tarde, como “literatura infantil”.

Salienta esse autor que a literatura infantil é “um ramo específico das letras” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 148), mas que, desde sua origem oscilou entre a literatura didática e a literatura infantil, “constituída de obras de gênero diverso, composta não com sentido informativo, ou puramente educacional, mas com sentido de arte” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 149).

No Brasil, tanto a constituição desse gênero quanto a oscilação “entre o livro propriamente escolar e os que deveriam, depois, receber o qualitativo de literatura infantil” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 152) foram processos que também ocorreram da mesma forma: traduções e adaptações de livros de outros

países e introdução, circulação e utilização didática desses textos. Gradativa e lentamente, foram aparecendo algumas iniciativas de brasileiros em produzir textos do gênero, como, por exemplo, Olavo Bilac e Coelho Neto.

Mas é Monteiro Lobato que, em 1921, inaugura, com *Narizinho Arrebitado*, a literatura infantil e juvenil propriamente dita. De acordo com Lourenço Filho (1943, p. 153), é a partir desse período que “se poderia dizer de constituição de uma ‘literatura infantil’, perfeitamente caracterizada em nosso país”.

Concebendo a literatura infantil como “expressão de arte”, cuja preocupação maior é comunicar emoção estética, Lourenço Filho (1943, p. 156) ressalta que, para compreendê-la, é preciso “aceitá-la em toda sua inteireza”, alcançando, assim, a sua essência. Em outras palavras: apontando a oscilação desse gênero, desde sua gênese, entre a “literatura didática, dos livros de estudos, ou próprios da escola e a literatura infantil, constituída de obras de gênero diverso” (1943, p.149), Lourenço Filho evidencia que a literatura infantil [e juvenil] não possui um sentido informativo ou puramente educacional como a literatura didática, mas que não há como negar que “o objeto em que haja arte não possa ter algum fim prático” (1943, p.156) e, nesse sentido, pode contribuir no processo de formação “do espírito infantil” (1943, p.149).

Relacionadas com uma perspectiva educacional e psicológica, as reflexões de Lourenço Filho ressaltam, ainda: a produção e a seleção classificatória dos livros do gênero, de acordo com as várias idades, separando-se, segundo Lourenço Filho, “a literatura propriamente ‘infantil’ da ‘juvenil’ (p.144); salienta, ainda,

Lourenço Filho, a ausência de investigações sobre os caminhos percorridos pela literatura infantil brasileira e incentivos às produções do gênero no país; e a importância em se estudar e discutir essa literatura.

Fernando de Azevedo (1952), adotando uma perspectiva sociológica, aproxima suas reflexões sobre a literatura infantil e juvenil a uma concepção de literatura como a expressão de uma sociedade em determinado momento histórico, político e econômico, movida por causas sociais, ideológicas e culturais.

Partindo do pressuposto de que as obras de arte “são muitas vezes modeladas pelas formas da sociedade” (AZEVEDO, 1952, p.43), esse autor situa a literatura infantil e juvenil como produto das sociedades modernas, salientando que seu aparecimento, sob a forma de livros impressos, só ocorreu após a decadência da sociedade aristocrática e da família patriarcal, momento em que se desenvolveram as possibilidades de maiores relações entre adultos e crianças.

Ainda segundo Azevedo, o desenvolvimento desse gênero decorre, dentre outras causas, do impulso que tomaram, desde o século XVIII, os estudos pedagógicos e, no século XIX, o progresso das ciências humanas, que contribuíram para que a criança se tornasse o centro das preocupações e reflexões filosóficas e educacionais assim como das observações de pesquisas científicas no campo da sociologia e da psicologia.

No entanto, ainda segundo Azevedo (1952, p. 52; 53), um dos fatores mais importantes nessa evolução, encontra-se relacionado ao “extraordinário desenvolvimento que teve a educação popular, em consequência do advento da democracia e sob a pressão cada vez mais poderosa das idéias democráticas e

socialistas”, gerando um “público flutuante” e processos de produção e seleção de livros feitos por adultos, espelhando “não só o espírito de uma época mas o pensamento, as atitudes e tendências de uma classe social” e suas ideologias.

Como se pode perceber, Azevedo retoma alguns aspectos apresentados por Lourenço Filho, mas de um ponto de vista sociológico. Não discute explicitamente a oscilação do gênero entre “literatura didática”, — referente aos livros de estudos ou próprios da escola — e a “literatura infantil”, — constituída de obras de gênero diverso —, mas tangencia essa questão, quando aponta como fator principal do desenvolvimento desse gênero a educação popular democrática disseminada em determinado período histórico. Embora sua concepção de literatura infantil aproxime-se da concepção de literatura como expressão de uma sociedade e por ela modelada, especialmente em seus aspectos ideológicos, seus valores e preconceitos, Azevedo reconhece a existência do cultivo da arte e seu aspecto formativo, destacando aqueles escritores que se valem dos livros infantis para modelar as crianças seguindo os padrões e valores sociais que convinham ao seu tempo.

Fundamentando-se em princípios pedagógicos e estéticos, o primeiro livro brasileiro que tematiza mais especificamente a literatura infantil data de 1951¹. Trata-se de *Problemas da literatura infantil*, da poeta e educadora Cecília Meireles. Nele se reúnem e ampliam, sob a forma de ensaio, as reflexões da autora

¹ Para esta revisão bibliográfica utilizei um exemplar da 4ª edição, Editora Nova Fronteira, de junho de 1990; nessa edição não há alterações em relação à 1ª, razão pela qual optei por indicar a data de publicação dessa 1ª edição, garantindo ao leitor a ordem cronológica na revisão bibliográfica.

apresentadas em três conferências para professores realizadas em Belo Horizonte/MG, em 1949, sobre a gênese desse gênero literário, sua importância no processo de formação das crianças e sobre alguns aspectos que envolvem os textos do gênero.

Embora a autora não faça distinção entre literatura infantil e literatura para adultos e questione a existência de uma literatura infantil, observa que, nesta, como em qualquer outra arte, coexiste a possibilidade formativa que a torna modelo de formação da criança, transmitindo-lhe valores de liberdade, justiça, dignidade, verdade, bondade, coragem, sabedoria, virtude e bem, segundo o ponto de vista de adultos e mediante narrativas ficcionais por eles produzidas, nas quais, por meio do exemplo, a criança aprende. ✓

Quanto à classificação e julgamento dos livros para criança Meireles adverte que:

Em lugar de se classificar e julgar o livro infantil, como habitualmente se fez, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece ser submetê-lo ao uso – não estou dizendo crítica – da criança que, afinal, sendo pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela a satisfizesse ou não (1951, p. 30).

Complementando as idéias citadas, a autora ressalta que, se consideradas as preferências das crianças e não o que se escreve para elas, não “haveria, pois uma Literatura Infantil *a priori*, mas *a posteriori*” (p. 20) e que “a crítica, se existisse, e em relação aos livros infantis, deveria discriminar as qualidades de formação humana que apresentam os livros em condições de serem manuseados pelas crianças” (p. 32).

Assim, Meireles procura enfatizar que a literatura infantil precisa desvincular-se do caráter pedagogizante da maioria de seus textos, em favor do caráter artístico. Segundo a autora, na produção literária para crianças faz-se necessário o predomínio do caráter artístico, próprio da arte literária, quer para adultos, quer para crianças.

Em *História da Literatura Infantil*, Nazira Salem (1959)² inicia suas reflexões em torno das questões que envolvem a literatura infantil mediante retrospectiva histórica da origem e desenvolvimento desse gênero, entrelaçando os sistemas educacionais dos povos e o desenvolvimento da psicologia e pedagogia infantil.

Com o Romantismo e seus ideais (liberdade de formas, vôo livre da inspiração) a literatura infantil alcança, segundo a autora, um período áureo, uma vez que, “nessa época surge a literatura infantil propriamente dita” (SALEM, 1959, p. 37), com a explosão dos contos tradicionais, recheados de “encantamento, fantástico, maravilhoso, o faz de conta” (SALEM, 1959, p. 37), traduzidos e adaptados em diferentes países.

Adentrando ao século XX, a autora salienta os princípios do movimento de renovação educacional denominado “Escola Nova”³, observando que, nessa

² A edição utilizada foi a 2^a, de 1970, mas pelas mesmas razões apontadas em relação ao livro de Cecília Meireles, optei por indicar a data da primeira edição.

³ Trata-se de um movimento em prol da modernização e reformulação da cultura e da educação brasileira instaurado, no Brasil, a partir de 1920 e fixando-se em 1932, por meio do documento *Manifesto dos Pioneiros da Educação*, no qual propunha-se uma ruptura com o passado, para transformar o presente e apontar para um futuro de recomposição social. Para tanto, a educação nacional foi eleita como alavanca propulsora, capaz de modificar o país e impulsioná-lo para a modernidade. Instaurou-se, desse modo, um novo modelo educacional: a “escola nova”, que, por sua vez contribuiu para a difusão e expansão da literatura educacional brasileira e para a introdução de diretrizes escolares embasadas nos novos ideais educacionais, projetadas para uma

época, o livro infantil passa a ser escrito de acordo com esses princípios, “procurando desenvolver, desabrochar a personalidade infantil, inculcando-lhe bons ensinamentos, magníficos exemplos e procurando fazer dessa criança, um homem de valor” (SALEM, 1959, p. 49).

Salem não explicita uma concepção de literatura infantil. No entanto, as afirmações contidas no trecho que transcrevo abaixo parecem sugerir uma concepção de literatura infantil que atribui um valor maior à função utilitária dos textos infantis e juvenis, em detrimento da presença dos valores estéticos.

Os autores infantis devem se propor a moldar personalidades com caráter íntegro, reto, puro, desinteressado, superior; pois este é o ideal educacional de nossos dias, e, como vimos através deste desenvolvimento histórico, a literatura infantil seguiu sempre o ideal educacional da época, foi por assim dizer, forjada pelas teorias educacionais, para depois, por sua vez, moldar, forjar os caracteres infantis.⁴ (SALEM, 1959, p. 49)

A ausência de uma concepção de literatura infantil talvez decorra do fato de o objetivo da autora ser “facilitar a informação ao professor ou aluno” (SALEM, 1959, p.11), fornecendo-lhes uma bibliografia de autores brasileiros e suas respectivas obras infantis e juvenis; livros “célebres” traduzidos e adaptados à literatura infantil e juvenil brasileira; clássicos universais e clássicos infantis e juvenis também traduzidos e adaptados ao gênero.

No ensaio publicado sob a forma de livro em 1968, Leonardo Arroyo apresenta a origem da literatura infantil e juvenil e sua trajetória histórica no Brasil. Para tanto, toma a literatura infantil e juvenil no sentido amplo,

civilização urbana e industrial e adaptadas às transformações sociais da época. (MONARCHA, 1990)

⁴ Sempre que possível, manter-se-á, nesta tese, a ortografia de época e a forma original dos trechos dos textos citados.

concebendo-a como expressão de arte de caráter formativo e decorrente das condições sociais. Relacionando, portanto, aspectos da psicologia, sociologia e pedagogia, o autor fornece ao pesquisador não só “um ensaio de fontes” para a história da literatura infantil e juvenil brasileira, mas também uma reflexão sobre a histórica relação que esse gênero estabelecem com a educação escolar e com a história da criança, em um período que abrange desde o período colonial brasileiro até meados do século XX.

Entre os inúmeros aspectos discutidos por Arroyo em relação à literatura infantil [e juvenil] destacam-se: a oscilação, já apontada por Lourenço Filho, entre a literatura didática e a literatura infantil⁵ propriamente dita; a aceitação de que a literatura infantil enquanto expressão de arte conserva o caráter formativo que a gerou; o fato de ser considerada um gênero menor em relação à literatura “sem adjetivo”; a constatação, já observada por Fernando de Azevedo, de que o desenvolvimento da literatura infantil e juvenil brasileira encontra-se relacionado com o extraordinário desenvolvimento da educação popular.

Talvez a amplitude da abordagem de Arroyo, as inúmeras fontes apresentadas e os múltiplos aspectos por ele discutidos tenham sido responsáveis pelo fato de seu ensaio ter-se elevado ao *status* de obra de referência obrigatória para aqueles que se propõem estudar a literatura infantil [e juvenil] brasileira.

Além dos aspectos citados acima, dentre os inúmeros discutidos por Arroyo, destaco um outro, que considero de importância para esta tese: a escassez

⁵ Salienta-se que só recentemente passou-se a usar a expressão “juvenil” na classificação dos textos do gênero, conforme discute CECCANTINI, J. L. C. T. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*, razão pela qual optei em manter, na revisão bibliográfica, a denominação utilizada por cada um dos autores apresentados.



de estudos e pesquisas, naquela época, que buscassem a produção de uma história e crítica da literatura infantil brasileira. Segundo o autor, “a literatura infantil no Brasil não encontrou seus críticos e seus historiadores; mercê, sem dúvida, de um preconceito que não se proclama, mas se cultiva: o de que ela é um gênero menor” (ARROYO, 1968, p.210), não apenas pelo fato de dirigir-se, especificamente para crianças, mas também pelo caráter utilitário e pragmático presente na maioria dos textos escritos para crianças.

Também preocupada com a constituição histórica da literatura infantil e juvenil brasileira, a professora e pesquisadora Nelly Novaes Coelho (1991)⁶ procura relacionar aspectos teóricos e aplicação prática dos textos literários na escola, destacando, dentre esses textos, aqueles denominados como “literatura infantil e juvenil” e classificando-os de acordo com a faixa etária a que se destinam.

Para Coelho (1991, p. 7-8), a criação literária precisa ser concebida “como uma manifestação individual [...] vinculada ao meio e ao momento em que surge e que se caracteriza [...] como um fenômeno de cultura”, pois a literatura

é um fenômeno de linguagem plasmado por uma experiência vital/cultural direta ou indiretamente ligada a determinado contexto social [...] é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelece entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral. (grifo do autor)

⁶Em *O Ensino da Literatura*, publicado pela FTD, em 1966, Coelho já tangenciava algumas considerações sobre a literatura infantil que, em 1981, ganham contornos mais específicos quando da publicação de *A literatura infantil: história – teoria e análise*, pela Editora Quiron em parceria com o Instituto Nacional do Livro. No mesmo ano, com novo subtítulo (*Literatura infantil: teoria – análise – didática*), esse mesmo livro foi publicado pela Editora Ática. Em 1984, Coelho publica pela Ática *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*, em que retoma as reflexões apresentadas nos livros de 1981. Para esta revisão bibliográfica, optei pela 5ª edição de *Literatura infantil: teoria – análise – didática* (Ática, 1991), por sintetizar o conteúdo dos outros livros citados, conforme aponta a própria autora à página 7 do livro aqui abordado.

Trazendo essas reflexões para a literatura infantil e juvenil, Coelho (1991, p. 41-43) salienta que uma das questões mais polêmicas que a envolvem é a de “sua natureza específica: a Literatura Infantil pertenceria à *arte literária*? ou à *área pedagógica*?”. De acordo com a autora, “pertenceria simultaneamente a essas duas áreas distintas”, pois

Como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo “modifica” a consciência-de-mundo de seu leitor, a Literatura Infantil é Arte. Por outro lado, como “instrumento” manipulado por uma intenção “educativa”, ela se inscreve na área da Pedagogia [...] essas duas atitudes polares [...] não são gratuitas. Resultam da indissolubilidade que existe entre a *intenção artística* e a *intenção educativa* incorporadas nas próprias raízes da Literatura Infantil. (grifos do autor)

Observa, ainda, que, embora precária e desorganizada, a crítica sobre literatura infantil vem-se realizando, desde meados de 1950 “quando o *antigo* começa a ruir entre nós” (COELHO, 1991, p. 55). Entretanto, continua a autora, essa crítica não vinha demonstrando, até 1981, interesse por esse tipo de literatura enquanto fenômeno literário, mas como veículo de idéias ou padrões de comportamento, transformando “a compreensão ou valorização do texto em mera denúncia de caráter sociológico” (COELHO, 1991, P. 55) e anulando as características de literariedade da literatura infantil e juvenil, que passa a ser tratada como simples meio de transmissão de valores sociais.

Refletindo sobre as questões que envolvem o enlace da literatura infantil com a pedagogia, a pesquisadora Regina Zilberman (1981) discute a gênese e o desenvolvimento desse gênero literário e sua relação com a escola. Tomando

como ponto de partida a imposição inicial de o gênero “cumprir uma missão pedagógica”, (ZILBERMAN, 1981, p. 13), a autora lembra que essa relação intrínseca com a escola prejudicou o desenvolvimento da literatura infantil brasileira, uma vez que o caráter didático desses textos permaneceu por longo período na trajetória histórica dessa literatura em nosso país, especialmente.

Diante desse quadro, a autora defende a tese da autonomia da literatura infantil, ressaltando que esse gênero só poderá alcançar a dimensão estética da arte, se se libertar dos fatores que interferiram em sua gênese. Procurando, talvez, acenar para a existência de livros infantis que demonstram uma certa superação dos modelos de caráter didático, a autora também salienta a escassez da crítica, até aquele momento, e a existência de poucos estudos sobre esse gênero, cuja identidade ainda estava (e está) por se definir.

Partindo da premissa de que a literatura infantil é um campo a ser privilegiado pela Teoria Literária, Zilberman (1981, p. 10) afirma que é da qualidade estética das obras que se retira sua importância e valor, rompendo os compromissos com a pedagogia. Em relação ao uso pedagógico da literatura infantil, salienta que “este tipo de arte com a palavra divide-se entre uma aptidão poética e um apelo externo do adulto à doutrinação da criança” (ZILBERMAN, 1981, p. 12). A aproximação entre a escola e a literatura infantil não é fortuita, uma vez que os primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professores, com objetivos educativos.

A autora observa que essa relação entre escola e literatura infantil acaba prejudicando o desenvolvimento de estudos teórico-críticos sobre o gênero, por

não ser aceito, como arte, pela Crítica Literária, em consequência da finalidade pragmática e do objetivo didático que o acompanham, antecipando a intenção pedagógica, sem, contudo, avalirem-se os casos específicos. Entretanto, não se pode negar, segundo Zilberman (1981, p. 14), o papel fundamental da escola como espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura e para o “intercâmbio da cultura literária”.

Discute ainda a autora o aspecto “adultocêntrico” da literatura infantil, observando que, embora seja consumida por crianças, a produção e a reflexão sobre os textos a elas oferecidos provêm dos adultos, que, de acordo com seus interesses, produzem e analisam esses textos em comparação com a literatura “para adultos”, gerando, desse modo, a diminuição do valor literário dos textos para crianças e jovens, que passam a ser considerados como um gênero menor.

Marisa Lajolo (1982), propondo-se o estudo tanto da contribuição de Olavo Bilac para a produção de livros escolares e de literatura infantil quanto das relações entre literatura e escola presentes nos manuais e/ou livros didáticos do início do período republicano brasileiro, apresenta reflexões de diferentes autores acerca da literatura para adultos e da literatura infantil e suas relações com a educação.

a literatura infantil como arte, não pode ser concebida como produto de uma bem sucedida receita, e sua boa ou má qualidade é fruto, não de suas entrelinhas morais ou pedagógicas, mas de um equilíbrio de suas partes componentes e de algum grau de criação da representação do real (LAJOLO, 1981, p. 28).

Citando a função humanizadora da literatura, apontada por Antônio Cândido (1972), Lajolo (1981, p. 29) observa que, entre a função humanizadora e

os objetivos que determinam a inclusão da literatura (para adultos ou infantil e juvenil), nos currículos escolares, se impõe uma grande distância, “quase intransponível”.

Essa distância, segundo a autora, advém da tradição do ensino da literatura que “habitua-se a ver os alunos como recipientes vazios que cumpria encher com informações da mais desconhecida natureza, todas elas periféricas ao fato literário”. (LAJOLO, 1981, p. 45) Concluindo, questiona: “[...] a *educação pela literatura* contagia e compromete a *educação para a literatura*?”. (LAJOLO, 1981, p. 168) (grifos do autor)

Assim como Zilberman, Lajolo demonstra, no texto em questão, suas preocupações com o uso da literatura infantil na escola, mais especificamente como esse uso se impôs ao longo da trajetória histórica da educação brasileira. Sugerem, tanto uma como a outra autora, que a questão não deve se restringir à presença ou não da literatura na escola e/ou aos materiais didáticos utilizados pelos professores. Trata-se de questão mais ampla e complexa, diretamente relacionada com os interesses que regem o momento da produção desses livros e ao uso, muitas vezes equivocado, que autores, educadores e professores fazem deles.

Regina Zilberman e Lígia C. Magalhães no livro *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação* (1982), reúnem uma série de ensaios, nos quais procuram enfatizar o aspecto histórico da constituição da literatura infantil e juvenil, salientando: o surgimento da escola, a ascensão da família burguesa e o espaço conquistado pela criança no interior da família, em cujo “contexto surge a

literatura infantil” (ZILBERMAN e MAGALHÃES, 1982, p. 3). Discutem, ainda, a questão do destinatário infantil de uma mensagem produzida por adultos, tendo como ponto de partida a historicidade do gênero, para alcançar a especificidade desse gênero e seu valor estético.

Para tanto, as autoras procedem à discussão teórico-crítica sobre o gênero e procuram aplicá-la em análises de livros infantis e juvenis de diferentes autores, expondo e comparando inúmeras questões que envolvem o gênero, como, por exemplo: literatura infantil e tradição pedagógica; a formação e a noção de sujeito; a informação e a atitude crítica; alguns pontos da estética da recepção; fantasia e exemplaridade; fantasia e realidade.

Enfim, procuram um redimensionamento do problema a partir de particularidades do gênero, examinando, por um lado, suas relações com a pedagogia, e, por outro lado, os aspectos estéticos próprios da arte literária, empenhando-se em persuadir o leitor de que tanto a literatura infantil quanto a literatura produzida para adultos são, antes de tudo, “expressão de arte” por meio do uso da linguagem.

Sintonizadas com os estudos e pesquisas que abordam a trajetória histórica da literatura infantil brasileira, as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *Literatura infantil brasileira: história e histórias* (1984), desenvolvem uma análise de caráter histórico sobre a literatura infantil brasileira, mediante reflexão sobre o contexto histórico, social e cultural de diferentes períodos da história do Brasil. Para tanto, selecionam autores e períodos mais significativos para a história do gênero e procedem à interpretação das principais

tendências a eles subjacentes. Como novidade nos estudos sobre o gênero, as autoras desenvolvem suas reflexões, estabelecendo um diálogo entre literatura infantil e juvenil e literatura “não infantil”, tendência abordada também por Lajolo (1982), ao proceder à análise dos livros didáticos e dos conteúdos por eles propostos para o trabalho com a literatura, tomando como objeto de estudo os livros didáticos, publicados no início do período republicano, a obra literária de Olavo Bilac presente nesses livros e as propostas de trabalho com os textos desse escritor.

Segundo Lajolo e Zilberman (1984), o diálogo estabelecido entre a literatura infantil e a “não-infantil” apresenta-se como um contraponto, na medida em que “ambas compartilham a natureza de produção simbólica que faz da linguagem sua matéria-prima e, dos livros, seu veículo preferencial” (p. 11). Nesse sentido, salientam as autoras o “peso circunstancial” do adjetivo *infantil*, que acaba definindo não só o público a que se destina, mas também o descaso da crítica que costuma considerá-la inferior e/ou marginal em relação à literatura “não-infantil”.

No entanto, ressaltam, também, que o peso do adjetivo “não pode interferir no literário do texto”. As autoras partem da hipótese de que no diálogo entre a literatura infantil e “não-infantil” podem-se estabelecer as especificidades de cada uma, e essas especificidades, por sua vez, podem contribuir para que a “tradição crítica, teórica e histórica” veja “com outros e novos olhos” a literatura infantil e juvenil que, há muito, vem sendo considerada com um gênero marginal. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1984, p.11)



Essas reflexões teóricas e críticas dessas autoras estendem-se para outro livro: *Um Brasil para Crianças*: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos (1986), no qual Zilberman e Lajolo trabalham, “numa abordagem individual, cada um dos quatro períodos” (p. 9) em que subdividiram a “trajetória histórica da literatura infantil brasileira” no livro anterior, percorrendo os “quase cem anos de sua existência como sistema literário” (p. 9).

Nesse livro, constituído de ensaios, Zilberman e Lajolo apontam, na abertura de cada capítulo, as características históricas e as tendências estéticas de cada período focalizado, complementando com trechos de livros significativos do período e seus respectivos autores. Estruturado em cinco capítulos, o livro sintetiza o processo de constituição da literatura infantil e juvenil brasileira que, segundo as autoras, tem como marco inicial o período entre 1890 e 1920, momento em que se publicam os primeiros livros nacionais que visavam à criança e ao jovem como público consumidor. Retomam as discussões acerca do entrelaçamento entre literatura infantil e juvenil e escola, os aspectos ideológicos veiculados pelos textos do gênero nos diferentes períodos abordados e evidenciam também a escassez de textos críticos e teóricos sobre o gênero, até 1986, especialmente no capítulo 5, no qual apresentam uma síntese da produção sobre literatura infantil, mencionando e, por vezes, refletindo sobre o pensamento de alguns autores críticos significativos, como, por exemplo, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo.

Em relação às décadas de 1945 e 1950, as autoras observam que o período reflete a modernização social brasileira “e a fidelidade de um público já bastante

expressivo” (p. 10). Como o modelo educativo do período anterior ainda vigorava, privilegia-se como “conteúdo temático” o nacionalismo, salientando-se o mundo rural, a decadência dos “plantadores” de café e seus sítios ou fazendas. Segundo as autoras, “a história infantil mostra a continuidade entre dois tempos — o passado, representado pelos velhos (como o vovô, do ciclo de Taquara-Póca, de F. Marins) e o presente, encarnado pelos jovens — e entre dois espaços, o rural e o urbano, indicados simultaneamente pelas mesmas personagens” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1986, p. 127).

Ainda segundo Zilberman e Lajolo (1986), no período de 1965 a 1980, a produção nacional de livros é favorecida, em especial, no governo de Juscelino Kubiteschek, e o livro, especialmente o infantil, ganha novo *status*, mediante “investimentos representados por convênios e co-edições através de fortalecimento de órgãos como o Conselho Federal da Cultura e o Instituto Nacional do Livro” (p.173). O aspecto pedagógico ganha ênfase, auxiliado, externamente, pela legislação vigente, ocorrendo uma grande “explosão” dos textos “literários” destinados às crianças. Esse novo *status* do livro infantil impulsiona a escola e seus professores a criarem “novas” metodologias de leitura e de trabalho com os livros infantis, que passam a circular nas salas de aula brasileiras, especialmente a partir da década de 1980.

Em *O texto sedutor na literatura infantil*, Edmir Perrotti (1986) também discute o descaso da crítica e a falta de uma teoria específica para a literatura infantil, até meados de 1980, afirmando que alguns estudiosos emprestam “noções” advindas da Teoria da Literatura, considerando a literatura como ponto



de medida para a análise da literatura infantil, ignorando a especificidade do público a que se destina ou transferindo idéia de menoridade desse público ao produto literário a ele oferecido.

Tomando como ponto de partida a discussão do discurso utilitário de caráter pedagógico presente na literatura infantil brasileira desde sua gênese, o autor propõe a discussão de uma nova tendência discursiva que se faz presente nos textos do gênero a partir da década de 1970: o discurso estético. Segundo Perrotti (1986), essa tendência se configura a partir do surgimento na literatura infantil brasileira de escritores “com uma consciência nova de seu papel social: reclamam a condição de artistas e desejam que suas obras sejam compreendidas enquanto objeto estético, abandonando, assim, o papel de moralistas ou pedagogos”. (p. 11)

Como exemplo dessa tendência e fundamentando-se metodologicamente em “noções da Teoria da Literatura”, o autor toma *O caneco de prata*, de João Carlos Marinho Silva, como *corpus* de análise e reflexão, concluindo que esse texto eleva o discurso literário infantil “à condição artística [...] como realização autônoma, estruturada ‘de dentro’, dotada de coesão interna, resultante de sua auto-regulação” (PERROTTI, 1986, p.12). Em relação a essa produção específica, procurando justificar sua opção metodológica advinda da Teoria Literária, observa que:

na falta de instrumentos mais seguros, a prudência é talvez o melhor caminho. Se um método interdisciplinar ainda não foi levado a termo dentro da área [...] o melhor rumo é estarmos atentos para as deficiências de nossa opção metodológica e juntarmos as experiências de cada um no que elas possam ter de mais significativo (PERROTTI, 1986, p.21)

Para Lígia Cademartori (1986), as principais questões que envolvem as discussões sobre a literatura infantil referem-se “ao adjetivo que determina o público a que se destina” (p. 8) e ao seu vínculo com a escola. A autora observa, no entanto, que esse

inegável vínculo da literatura infantil com a educação não deve conduzir a que se pense que o texto para criança passou do esquecimento para o papel de subsidiário da educação formal. Sua natureza literária já o coloca além dos objetivos pedagógicos comprometidos com a legitimação das instituições, costumes e crenças que a geração adulta quer legar à infantil. (CADEMARTORI, 1986, p. 18)

Ainda segundo Cademartori (1986), inicialmente o trabalho com a literatura infantil na escola não tinha como único objetivo moldar as crianças de acordo com os valores morais da época, mas também o de exercer a função de “instrumento de uma possível expansão do escasso domínio lingüístico dos alunos, um ato de fé no *slogan* ‘quem lê, sabe escrever’”. (p. 19) Assim, segundo a autora, caminhavam lado a lado a “preocupação conteudista” e a “preocupação com o ensino da língua”. (p. 19)

Questionando os objetivos iniciais almejados pela escola para o trabalho com a literatura infantil, Cademartori evidencia a particularização desse gênero, provocada pela presença do adjetivo que define o seu destinatário e aponta para as questões que envolvem produção, público, divulgação e recepção, e que podem ser sintetizadas em: quem produz o quê, para quem e com qual objetivo.

Nesse sentido, afirma a autora que a literatura infantil é escrita

para a criança e lida pela criança. Porém, é escrita, empresariada, divulgada e comprada pelo adulto. A especificidade do gênero vem dessa assimetria, sendo que todas as diferenças, tensões e intenções da relação

adulto/criança manifestam-se, também, na literatura infantil. (CADEMARTORI, 1986, p. 22)

Ainda para Cademartori (1986)

A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. (p. 23)

Desse modo, “o homem se constitui à proporção da formação de conceitos” (CADEMARTORI, 1986, p. 23); assim sendo, “a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição” (p. 23) e a literatura infantil, por sua vez, se configura

não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento. (CADEMARTORI, 1986, p. 24)

Esse caráter formador da literatura infantil, muitas vezes concebido de forma equivocada pela escola, acaba-se confundindo com os objetivos pedagógicos, criando, conforme Cademartori (1986) “uma tensão entre o saber sobre o mundo da literatura [...] e o ideal da pedagogia [...] Tal tensão é o grande desafio da obra destinada ao público infantil que, não solucionado, muitas vezes, abala o seu próprio estatuto literário” (p. 23-24).

A pesquisa coordenada por Maria da Glória Bordini, cujos resultados são publicados no livro *Guia de leitura para alunos de 1º e 2º graus*, em 1989, também contribuem para a reflexão em torno dos livros escritos para crianças e

jovens, a partir da esteticidade e do interesse dos alunos do então denominado curso de 1º e 2º graus.

Com o objetivo de subsidiar o professor na escolha de livros e no trabalho com a leitura literária, nesse livro apresentam-se também textos teóricos sobre a literatura infantil e juvenil, chamando-se a atenção para o caráter formativo desse gênero e criticando-se o trabalho fragmentado que a maioria dos professores realizam em sala de aula. No guia de indicações de livros por série, apresenta-se uma ficha analítica de todas as obras recomendadas, com informações bibliográficas, descrição do enredo, arrolamento de personagens, tempo e espaço em que a história ocorre e uma reflexão sobre os aspectos estéticos e ideológicos mais importantes presentes nos textos.

Maria do Rosário Mortatti Magnani (1989) apresenta uma reflexão sobre a literatura infantil e juvenil a partir de um ponto de vista histórico, no qual procura investigar as relações entre leitura, literatura e escola, sob uma visão crítica do trabalho docente realizado com os textos do gênero. Propõe, ao final, uma “ruptura em relação à formação do gosto, através da interferência crítica do professor, a partir do trabalho com os ‘disfuncionamentos’ literários, enquanto caminho desestabilizador da dicotomia entre prazer e saber” (p.3).

A idéia de “estímulo democrático”, introduzida, no Brasil, por propostas didático-pedagógicas oficiais, a partir de 1980, é tomada por Magnani como ponto de partida para questionamentos que envolvem a formação do gosto pela leitura da literatura, mediante uma concepção interacionista de educação, escola, linguagem, língua, escrita, leitura, literatura, texto e processo de ensino-aprendizagem da



leitura e da literatura.

A partir de um levantamento realizado, em 1984, sobre os livros indicados e lidos em escolas do município de Campinas/SP, a autora escolhe três dos títulos mais lidos e procede a sua análise, abordando “a conformidade intratextual”, que inclui os aspectos gerais dos textos analisados, o enredo, os procedimentos literários e o processo de adaptação e trivialização da literatura infantil e juvenil. As questões relativas às “distorções (extra/intra/inter) textuais” são discutidas a partir da análise comparativa entre os textos selecionados. Finalizando as análises, a autora ressalta que “saber e prazer não são excludentes. Para poder conservar ou transformar, é preciso conhecer e se arriscar, e esse deve ser um direito *conquistado* por todos” (MAGNANI, 1989, p. 89).

Em artigo datado de 1998, Magnani retoma algumas questões apenas apontadas no estudo acima citado, aprofundando a reflexão acerca das tematizações brasileiras sobre literatura infantil. Partindo de uma síntese histórica, a autora localiza as primeiras preocupações brasileiras com a produção de livros para crianças no século XIX e as primeiras tematizações entre o final do século XIX e início do século XX. Discutindo a oscilação do gênero entre as áreas de Letras e de Educação, analisa as tematizações produzidas ao longo de aproximadamente um século, localizando-as cronologicamente, destacando seus autores e sua distribuição por região, editora e instituição. Ao longo do mapeamento dessas tematizações, salienta o movimento emergente de constituição da literatura infantil como campo de conhecimento.

Ressaltando a contribuição de diferentes áreas do conhecimento para a



busca de compreensão da literatura infantil brasileira abordadas nas diferentes tematizações, Magnani (1998) aponta “a tendência à sistematização crescente de uma teoria da literatura infantil, em torno da qual vai-se configurando um campo de conhecimento interdisciplinar, necessariamente”. (p. 253)

Tecendo considerações sobre os estudos que tomam para análise da literatura infantil os objetivos e métodos da teoria, da crítica ou da história literária, a autora chama a atenção para os riscos deles decorrentes e propõe um trabalho crítico com os textos do gênero, que tem na análise da configuração textual o centro da atividade crítica, contribuindo, assim, para a produção e solidificação de uma teoria, história e crítica específicas do gênero, no Brasil.

Em outro texto da mesma autora, Mortatti (2000)⁷, são retomadas: a discussão em torno do movimento de constituição de um campo de conhecimento específico da literatura infantil; as questões voltadas para “a oscilação histórica entre inserir-se na área de Letras ou de Educação” (p.11); e o processo de desenvolvimento histórico da literatura infantil [e juvenil] como campo de conhecimento provocado pelo aumento gradativo de estudos e pesquisas a partir do final da década de 1980 e, especialmente, na década de 1990, quando se assiste a um crescimento significativo de pesquisas acadêmicas sobre o tema, quer em nível de Mestrado quer em nível de Doutorado.

Ao retomar as polêmicas questões sobre a “oscilação histórica” desse gênero em pertencer à área de Letras ou à de Educação, Mortatti situa-a como um impasse que parece não se sustentar, se se considerar a origem da literatura

⁷ Tanto o sobrenome Magnani quanto o sobrenome Mortatti referem-se à mesma autora; o segundo sobrenome passou a ser utilizado nos textos publicados a partir de 1998.

infantil brasileira e as concepções de infância que a circundam no momento de sua gênese e durante longo período de seu desenvolvimento: “simultaneamente literária e didática”. Assim, partindo do pressuposto segundo o qual os termos “literatura” e “infantil” não estabelecem relação de oposição, mas de complementaridade, a autora afirma que “a construção da identidade específica desse campo de conhecimento demanda, portanto, uma atitude interdisciplinar” (MORTATTI, 2000, p. 13).

Segundo a autora, não se trata, pois, de o pesquisador tomar um posicionamento unilateral, optando por uma área de conhecimento ou outra, em relação ao estudo e pesquisa sobre a literatura infantil e juvenil brasileira. Trata-se de o pesquisador procurar compreender que as reflexões sobre o gênero demandam contribuições tanto da área de Letras quanto da de Educação, além de outras que se fizerem necessárias. Novamente apresenta a proposta de análise da configuração textual que se refere à busca de explicação para: quem escreve o quê e como, quando e onde, por quê e para quê e visando a que tipo de leitor previsto.

João Luís T. C. Ceccantini (2000), discutindo a existência de estudos e pesquisas acadêmicas sobre o tema, observa que, se no Brasil a academia não tem conseguido assimilar, satisfatoriamente, a produção contemporânea da “outra literatura”, o que dizer da assimilação da literatura infantil e juvenil, gênero que se expande e se amplia a cada dia? Segundo Ceccantini, “faltam: obras de referências de toda sorte — bibliografias, dicionários, antologias, entre outros; estudos monográficos sobre um determinado autor [...] dos mais simples ... aos mais complexos[...]” (p. 20). De acordo com esse pesquisador, a ausência desse tipo de

estudos marca não só a produção de literatura infantil e juvenil contemporânea, mas também a produção desse gênero e seus respectivos escritores em décadas anteriores.

Uma das questões para a qual o pesquisador chama a atenção é a que se refere ao “escamoteamento sistemático da questão do específico juvenil” (CECANTINI, 2000, p. 23). Segundo o autor e conforme já apontado na Introdução desta tese, a maioria dos estudos brasileiros sobre o gênero aborda as questões a ele relativas, opondo a literatura à literatura infantil, mas as “oposições ‘literatura’/‘literatura juvenil’ ou ‘literatura infantil’/‘literatura juvenil’ são quase deixadas de lado [...]” (CECANTINI, 2000, p. 23).

Entretanto, mesmo quase ignorada, a expressão “literatura juvenil”, segundo Ceccantini (2000), vem sendo utilizada pelo mercado editorial, nos catálogos das editoras, e é aceita pelos escritores, pela escola, pelos professores, pelas bibliotecas, pelos “guias de leitura” e “pelas instituições legitimadoras da literatura como a Câmara Brasileira do Livro ou a Associação Paulista de Críticos de Arte, que têm concedido prêmios na rubrica específica ‘literatura juvenil’”. (p. 24)

Embora alguns estudiosos como Lourenço Filho (1943), Azevedo (1952), Zilberman (1981), Lajolo (1982), Lajolo e Zilberman (1984) e Zilberman e Lajolo (1986), entre outros, tenham tangenciado a questão, ora voltando-se para a questão da faixa etária a que se destinam os livros do gênero, ora salientando que se trata de um público instável, parece que a polêmica continua.

Eliana Yunes (1989), também citada por Ceccantini, observa que os textos classificados como juvenis ganham *status* a partir dos anos de 1980, conforme o ocorrido com os textos infantis nos anos de 1970. Segundo a autora, as editoras despertaram para o fato de que o público dos anos de 1970 converteu-se em leitores juvenis nos anos seguintes.

Como se pode observar, a maioria dos estudos e pesquisas sintetizados nesta revisão bibliográfica apresentam a preocupação em problematizar: os aspectos históricos e o contexto social da época de sua produção; os primeiros textos para crianças, divulgados, geralmente em “livros” de leitura; as transformações sociais, culturais e históricas que se vão mostrando presentes nos textos produzidos por diferentes autores, levando-os a classificar o “gênero” em períodos literários concomitantes aos das correntes literárias “não infantis” e salientando autores que “marcam” o início e o final de determinado período assim como os textos por eles publicados.

Trilhando por esse caminho, os estudos e pesquisas brasileiras sobre “literatura infantil e juvenil”, ora apresentam um “panorama histórico da Literatura Infantil”, ora tomam um ou outro “tipo” de texto para reflexão sobre suas características, como, por exemplo, as fábulas, os contos de fada, discutindo suas origens, caracterização, os valores que veiculam, o mito e o fantástico, entre outros aspectos.

Observa-se, no entanto, que, mesmo de pontos de vista diversos e tomando como referencial de análise textos diferentes e/ou conflitantes aspectos e características desse gênero literário, muitos são os pontos comuns nesses estudos:



a discussão da gênese do gênero e seu vínculo com a escola; a busca por um estatuto literário próprio; a preocupação com a função formadora e com o papel pedagógico desempenhado pela literatura infantil e juvenil durante sua trajetória histórica; a denúncia da escassez da crítica em relação à literatura infantil e juvenil e da quase ausência de estudos que tomam um escritor e sua obra para discutir aspectos mais pontuais do gênero. Permanecem, portanto, as preocupações com os aspectos levantados e discutidos pelas primeiras tematizações sobre a literatura infantil, embora a eles tenham sido acrescentadas reflexões mais sistematizadas e atuais.

Diante disso, pode-se inferir que, embora a partir dos anos de 1980 as discussões e reflexões sejam mais constantes e que, a partir dos anos de 1990, essas discussões apresentem-se mais sistematizadas, apontando para tematizações que indicam uma produção teórica e crítica sobre literatura infantil e juvenil, ainda há muito por fazer e pesquisar a respeito desse gênero no Brasil. E é esse um dos objetivos desta Tese: contribuir para a compreensão da história, teoria e crítica da literatura infantil e juvenil brasileira, enfocando a produção de literatura infantil e juvenil de Francisco Marins, *Aventuras em Taquara-Póca* (1963), constituído dos quatro primeiros livros publicados por esse escritor; e seu último lançamento no gênero: *O sótão da mímia* (1998).

É importante ressaltar, ainda, considerando as reflexões de Ceccantini (2000) e de Yunes (1989), as dificuldades em se classificar a produção de Francisco Marins dirigida a um público não adulto. Esses livros do escritor são muitas vezes classificados nos catálogos das editoras Melhoramentos e Ática, ora

como “literatura infantil”, ora como “literatura juvenil”, ora, ainda, como “literatura infanto-juvenil”. O próprio escritor Francisco Marins, ao se referir a sua obra, em entrevistas, classifica-a ora como “infantil”, ora como “infanto-juvenil”, especialmente em entrevistas cedidas nos anos de 1940 e 1950 e início dos anos de 1960. A partir de 1965, em suas entrevistas, constam referências às suas obras como “romances para adultos” e “literatura para crianças e jovens”.

Em vista dessas considerações, nesta Tese, optei por utilizar a expressão “literatura infantil e juvenil” e “literatura para crianças e jovens”, sempre que me referir aos textos de Francisco Marins dirigidos a um público não-adulto, por tratar-se de narrativas mais longas com especificidades relativas não apenas ao aspecto gráfico do texto, mas também aos temas abordados que, segundo Ceccantini, classificam-se em subgêneros: narrativas de aventura (onde se incluem: “de mistério”, “histórica”, “fantástica” e “folclórica”, entre outras); narrativas psicológicas e narrativa social (onde se incluem: especialmente, a crônica rural e narrativa de geração).



CAPÍTULO 2

Francisco Marins: aspectos da vida e obra



2.1 O sonho sertanejo

Francisco Marins nasceu em Vila da Prata, hoje Pratânia, município de Botucatu/SP, em 23 de novembro de 1922. É o primeiro filho de Joaquim Marins Peixoto e de Isabel Ferrari Marins, que tiveram outros três filhos: Amélia, Maria Aparecida e Padre José Marins, sendo que este último trilhou o caminho de escritor, já demarcado pelo irmão Francisco Marins¹.

Neto e filho de agricultores do café, Francisco Marins iniciou seus estudos, em 1932, na Escola Mista “D. Sophia Padovan”, onde permaneceu até a 3ª série do primário. Entre 1934 e 1939, continuou o curso primário e concluiu o ginásio no “Instituto de Educação Cardoso de Almeida”, em Botucatu/SP, conhecido como Escola Normal “Cardoso de Almeida”, com curso primário e ginásio anexos. Nesse período fundou — em parceria com Hernani Donato — e dirigiu o jornal *O Estudante*.

Filho de terra de famosos escritores de literatura infantil — como Maria Zalina Rolim, Maria José Dupré e Hernani Donato — Francisco Marins passou sua infância embalado pela música *Tristeza do Jeca* (1918), de Angelino Oliveira Junior, e em contato com a vida rural que, mais tarde, inspiraria sua produção

¹ Os dados sobre a vida e a obra do escritor Francisco Marins, apresentados neste capítulo, foram extraídos de Revistas da Academia Paulista de Letras, revistas especializadas, de entrevistas cedidas a pesquisadores e jornalistas, de livros e/ou periódicos que tematizam a literatura infantil e juvenil brasileira, dicionários, jornais e em conversas informais com o escritor Francisco Marins, nas muitas idas a Botucatu para coletas de dados, e, por telefone, nas inúmeras e demoradas conversas com esse escritor.

literária, voltada para os costumes do povo brasileiro e a história da formação do país.

De 1938 a 1944, colaborou no jornal *Folha de Botucatu*, escrevendo reportagens, uma série de contos sertanejos e artigos críticos publicados na coluna intitulada “Pitangas e Gabirobas”. Em 1940, mudou-se para a cidade de São Paulo, com o objetivo de freqüentar o curso preparatório para o ingresso no curso de Direito da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Mesmo estando em São Paulo, continuou colaborando com a *Folha de Botucatu*. Nesse período, foi jornalista colaborador da revista *O Malho* (RJ); revista *Dom Casmurro* (RJ); *Revista Planalto* (RJ), dirigida por Orígenes Lessa; revista *O Cruzeiro* (SP); *Revista Ilustração* (SP); jornal *Folha da Manhã* (SP); e jornal *Diários Associados de São Paulo* (SP).

Em 1942, ingressou no Curso de Direito pretendido. Entre 1942 e 1943 fundou e dirigiu o Curso Hermanitas — preparatório aos exames vestibulares da Faculdade de Direito do Largo São Francisco — no qual ministrava aulas de literatura. Entre 1943 e 1944, dirigiu a *Revista Arcádia*, dessa Faculdade de Direito. Foi também presidente da Academia de Letras dessa Faculdade e fundou a Associação Acadêmica de Estudos Jurídicos.

Em 1944, começou a escrever “notas” sobre as publicações da Companhia Melhoramentos de São Paulo, para serem publicadas pela imprensa paulista. Nesse mesmo ano e em consequência dessas “notas”, foi convidado a trabalhar na Melhoramentos como Assistente de Divulgação. Lendo e resenhando textos para

divulgação, conheceu, “muito de perto”, Manoel Bergström Lourenço Filho. Ouvindo e participando de discussões desse educador sobre os textos que lhe eram enviados para análise e publicação bem como seus comentários de que a literatura infantil brasileira carecia de textos que exaltassem o nacionalismo e as belezas de nossas terras, inscreveu o primeiro original de *Nas Terras do Rei Café* para avaliação por parte desse Editor. Desconhecendo a origem e autoria do texto, Lourenço Filho aprovou e elogiou o “projeto de livro”, que, “após alguns ajustes” (nas palavras de Francisco Marins), foi publicado em outubro do ano seguinte.

Francisco Marins foi Assistente de Divulgação na Companhia Melhoramentos de São Paulo, até novembro de 1945, quando passou a responder pelo Setor de Divulgação, na condição de Chefe do Departamento Editorial. No ano seguinte, formou-se em Direito e, segundo depoimento do escritor, passou a vivenciar um conflito: não sabia se voltava para Botucatu, para exercer a profissão como queriam seus familiares, ou se permanecia em São Paulo, trabalhando na Melhoramentos. Nessa época, já estava noivo de sua futura esposa, e o sonho de ser escritor — que acalentava desde a infância — em parte já começava a realizar-se, pois havia publicado seu primeiro livro, um sucesso em vendagem, e tinha nova “encomenda”: outro livro para a mesma editora. O fiel da “balança” tendeu para São Paulo, o que lhe permitiria continuar a dedicar-se à literatura e à Editora Melhoramentos. Em 06 de setembro de 1947, casou-se, em São Paulo, com D. Elvira Bandeira de Mello Marins, e tiveram três filhos: Eduardo, Fernando e Marcos.



Durante todos esse anos, Francisco Marins escreveu livros para crianças e jovens e também para adultos, além de dedicar-se às questões relativas à editoração, publicação e divulgação de livros no país.

Em 1959, assumiu as presidências da Câmara Brasileira do Livro e da Comissão Estadual de Literatura. Em 1960, assumiu, na Companhia Melhoramentos de São Paulo, o cargo de Editor, que exerceu até 1979, tendo sido responsável pela publicação de várias obras, dentre as quais, como diretor de equipe, o *Novo Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* e a Coleção Colorama. Ainda nessa editora, na área de literatura infantil, incentivou a publicação de livros sobre temas brasileiros, na série Verdes Anos, e na área da literatura, impulsionou a publicação da série Ficção Nacional.

Em 14 de outubro de 1965, foi eleito para ocupar a cadeira número 33 da Academia Paulista de Letras, em substituição a Altino Arantes. Em 25 de março de 1966, tomou posse, tendo sido recepcionado por Lourenço Filho. Nessa época, foi também presidente do Conselho Estadual de Cultura e, em 1967, foi Secretário Geral e Diretor da Comissão de Publicação da Academia Paulista de Letras.

A partir da segunda metade dos anos de 1950 até o final dos anos de 1970, Francisco Marins participou de inúmeros congressos sobre cultura brasileira, livro, literatura e literatura infantil, como representante da Companhia Melhoramentos de São Paulo, como presidente da Câmara Brasileira do Livro, presidente da Comissão Estadual de Literatura, do Conselho Estadual de Cultura (SP) e da Academia Paulista de Letras e como escritor de literatura infantil e

juvenil e de literatura para adultos, tornando-se cada vez mais conhecido e respeitado no meio editorial nacional e internacional e na imprensa em geral.

Resultantes dessas participações em congressos, encontros, feiras e seminários, puderam ser localizados, a maioria em original manuscrito e/ou datilografado, dezessete discursos, três conferências, cinco entrevistas, nove palestras e três relatórios, todos produzidos por Francisco Marins e que versam, especialmente, sobre a importância da leitura e do livro para a formação da cultura brasileira e sobre o papel e a função da literatura infantil e juvenil no processo de formação dessa cultura².

Em 1976, Francisco Marins participou do 1º Congresso Ibero-Americano de Literatura Infantil, em Buenos Aires/Argentina, proferindo a palestra “Literatura Infantil na Formação do Hábito de Ler”, publicada na revista alemã *Zeitschrift Für Kulturaustausch* – com edição especial em castelhano, em março de 1977, por ocasião da Feira de Frankfurt, da qual o escritor participou como chefe da Delegação de Escritores Brasileiros.

Nessa palestra, Marins aponta os principais problemas vivenciados por um país em desenvolvimento, no que diz respeito à editoração e publicação do livro infantil. Salienta a importância da participação, não só do Brasil, mas de toda a América Latina, em eventos como aquele, afim de se estabelecer um melhor relacionamento e se discutirem os problemas comuns e específicos de cada país

² Dentre esses textos, selecionei aqueles que interessam diretamente a essa Tese e que serão apresentados no tópico 2.5 deste capítulo.

sobre a criação, editoração, publicação e divulgação da literatura para crianças. Discorre sobre a 4ª Bienal Internacional do Livro, no Brasil, que contou com a participação de 1300 editoras e com a presença de mais de 100 mil pessoas, e ressalta a literatura Infantil brasileira, discorrendo sobre os primeiros livros do gênero em nosso país e a influência de outros textos tidos com clássicos da literatura universal no processo de formação da literatura infantil brasileira. Assim, tanto na Argentina como na Alemanha, o escritor divulga a cultura brasileira e a história do livro, da leitura e da literatura infantil de nosso país.

Em 1978, foi eleito presidente da Academia Paulista de Letras (APL), para o biênio 1979/1980 e reeleito para o novo biênio, 1981/1982. Nessa época, era também membro presidente da Academia Botucatuense de Letras.

Observa-se que, mesmo acumulando diversos cargos em diferentes instituições e sempre viajando para representá-las, o escritor nunca deixou de escrever, concomitantemente, textos para crianças e jovens, além da literatura para adultos.

Alguns de seus livros escritos para crianças e jovens foram traduzidos para o castelhano, inglês, húngaro, africânder, italiano, alemão, eslovaco, dinamarquês e francês e muitos deles foram lançados também em Portugal. Desse modo, a obra de Francisco Marins ganhou repercussão internacional³, o que levou esse escritor a figurar na *Delphin* – coleção de clássicos da literatura mundial para a juventude.

³ Dados referentes a essas traduções encontram-se no tópico 2.3.1, "A literatura infantil e juvenil", desse mesmo capítulo.



Por essa extensa produção, recebeu diversos prêmios e distinções literárias, como: Prêmio Carlos Laet, em 1954, da Academia Brasileira de Letras, pelo livro *A aldeia sagrada*; Prêmio Fábio Prado, em 1957, da União Brasileira de Escritores, pelo livro *Volta à serra misteriosa*; Prêmio Prefeitura do Município de São Paulo, da Prefeitura Municipal de São Paulo, em 1962, por *Clarão na serra*; Prêmio Jabuti, em 1963, da Câmara Brasileira do Livro, por *Grotão do café amarelo*; Prêmio Literatura Infantil, em 1969, do Pen Clube de São Paulo, pela produção de livros do gênero; Prêmio Lourenço Filho, em 1986, da Companhia Melhoramentos de São Paulo, pelo conjunto da obra e pelas tiragens de seus livros que superaram 500.000 exemplares; Prêmio Calipso, em 1987, da Nestlé, por sua produção de literatura infantil e juvenil; indicação como representante do Brasil ao Prêmio “Hans Christian Andersen”; e inúmeras homenagens que vem recebendo não apenas na região de Botucatu, mas também em nível nacional e internacional, como, por exemplo, o convite para representar o Brasil e ser homenageado como escritor de textos para crianças, jovens e adultos, em 1988, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e em Coimbra, Madri e Paris.

Em 1989, candidatou-se à cadeira número 28, da Academia Brasileira de Letras, vaga com a morte de Menotti Del Picchia, disputando-a com o então Ministro da Justiça, Oscar Dias Correia e com o escritor carioca Geraldo França de Lima. Segundo a imprensa da época, a vitória do Ministro Oscar Dias Correia deveu-se a razões políticas e não à qualidade de sua obra, como informou Marins

Nas duas últimas décadas tem dedicado especial carinho ao *Convivium*:



Espaço Cultural Francisco Marins, criado pelo escritor em 1985, em Botucatu/SP, para que a população pudesse ter acesso à cultura brasileira e às obras, muitas delas raras, de diversos autores e escritores da literatura brasileira e universal. Em uma das salas do prédio que abriga esse Espaço Cultural — o qual no passado, fora residência do casal Francisco e Elvira Marins — encontra-se instalada a Academia Botucatuense de Letras. Em sala especial, podem-se localizar os livros do escritor e fundador do *Convivium*. Além da dedicação a esse Espaço Cultural, Francisco Marins tem participado ativamente das atividades da Academia Botucatuense de Letras e da Academia Paulista de Letras; e tem-se dedicado também à promoção de Concursos Literários na região de Botucatu, à participação em congressos, seminários, feiras, encontros voltados para a literatura infantil e juvenil, cultura, livros, bibliotecas e literatura para adultos. Atualmente (2002) é presidente da Empresa Brás-Hidro, em Botucatu/ SP.

Assim, aos 79 anos, Francisco Marins continua participando ativamente da história de nossa cultura e, especialmente, da literatura infantil e juvenil brasileira; e afirma viver feliz ao lado de sua esposa, Dona Elvira, dos três filhos, nove netos e dois bisnetos.

2.2 Entre “Pitangas e Gabirobas”: o “contador” sertanejo”

Desde os tempos da meninice, em meio aos colegas da Escola Normal



“Cardoso de Almeida”, de Botucatu/SP, Francisco Marins já demonstrava características de “contador” de histórias. Segundo o próprio escritor, contava as proezas de moleque de vila, recheadas de imaginação e situações que criava para “temperar” a história, dando-lhe um sabor todo especial que prendia a atenção da platéia, atenta a ouvi-lo narrar.

Foi nesse meio que nasceu a primeira inspiração, em meados de 1934, escreveu, em parceria com Hernani Donato, a novela infantil *O Tesouro*, publicada em 25 capítulos no suplemento “O guri”, dos *Diários Associados*, de São Paulo. Iniciava-se, assim, a carreira de escritor de livros para crianças e jovens, a qual se confirmou em 1937, com a publicação da novela *Homens Marcados*, em 25 capítulos, no Suplemento Infantil dos *Diários Associados*, de São Paulo. Ainda em 1937, escreveu, para *O Ginásiano*, jornal da Escola Normal “Cardoso de Almeida”, dois contos: “Relembrando” (setembro de 1932) e “O Renegado” (novembro de 1937), sob o pseudônimo de Franfermar.

Em junho de 1938, sob o pseudônimo de F. Pompêo, publica em *O Ginásiano*, o conto “Capricho do Caboclo”. Em 20 de outubro de 1938, entrega à Escola Normal “Cardoso de Almeida” um trabalho sobre literatura intitulado: “Duas palavras sobre a literatura através dos tempos”, cuja organização e estrutura já denunciava a tendência para produção de textos em forma de livro. Dedicado aos colegas da 4ª série “B” do curso ginasial, “com a mais profunda e sincera amizade que nos une nesta jornada de quatro anos em busca dos raios luminosos da estrela do SABER” (p.2), o texto tem as páginas numeradas e

organiza-se em três partes.

Na primeira parte encontram-se: prefácio, escrito pelo próprio autor e em 1ª pessoa; preliminares, apresentação geral do conteúdo do texto; o primeiro capítulo, intitulado “A mais velha história do mundo” e; o segundo capítulo: “A Grécia de Homero, A Roma de Virgílio ”, contendo uma ilustração com a legenda: “retrato de Homero em preto e branco”.

A segunda parte, intitulada “As literaturas modernas e os seus primeiros passos: o Renascimento das Letras e o Quinhentismo”, inicia-se com um capítulo denominado “Os grandes vultos das letras de todas as nações”, no qual Marins discorre sobre a literatura italiana, francesa, portuguesa e inglesa e seus principais representantes: Dante, Ronsard, Camões e Shakespeare, que são contemplados com ilustrações de seus bustos.

A última parte apresenta-se como uma “interpretação” das literaturas dos povos citados, acrescidas da literatura alemã, enfatizando o Classicismo, que dá título a essa terceira parte, seguida da Bibliografia Consultada. Ouso dizer que esse texto possui um caráter monográfico, com extensão aproximada a de um livro.

Ainda em 1938, com a publicação do artigo “Paulo Setúbal – O Romancista e o Poeta”, em 16 de dezembro e sob o pseudônimo de Francisco Messejana, na *Folha de Botucatu*, Marins iniciou a série de artigos críticos, que, a partir da década seguinte, seriam denominados de “Pitangas e Gabirobas”. No mesmo ano publicou, na *Folha de Botucatu*, outro artigo crítico, assinado com o

pseudônimo de Francisco Messejana: “Monteiro Lobato e o sucesso de seus livros” (25/12/38).

Em 1939, publicou na *Folha de Botucatu*, também sob o pseudônimo de Francisco Messejana, nove artigos de crítica literária, que abordam a obra de autores como: Djalma Grohmann, Érico Veríssimo, Paulo Eiró e Machado de Assis, dedicando atenção especial a este último autor, sobre o qual escreveu os artigos: “O Momento Nacional” (02/06/39); “Primeiros Anos” (07/06/1939); “Primeiras Obras” (16/06/39); “Machado de Assis” (18/06/39); “Machado de Assis” (21/06/39) e “Uma Hora com os Carajás” (13/09/39).

Ainda em 1939 e sob o pseudônimo de Francisco Messejana, publicou na *Folha de Botutacu*, quatros contos, abordando a vida e os costumes do sertanejo: “Morcego” (05/03/39); “Nhô Simão” (15/03/39); “Nhô Máximo” (28/06/39) e “Tourada” (07/07/39).

Meses depois e já assinando os seus textos como Francisco Marins, o escritor figurou, de 01/10/39 a 24/12/39, dezenove vezes na *Folha de Botucatu*, com nove reportagens, sete contos e três artigos críticos. Dentre essas publicações, destaco os contos: “Fazenda” (18/10/39); “Mulita” (s.d/1939); “O Bexiguento” (25/10/39); “Ritinha” (01/11/39); “O Valentão” (29/11/39); e “Moleque de Estrada” (29/11/39), pelo fato de seus conteúdos terem sido retomados, mais tarde, quando da publicação de sua produção literária tanto para crianças e jovens quanto para adultos, como se observará nos tópicos 2.3.1; 2.3.2 e 2.4 deste capítulo. Observa-se, ainda, que os contos “Mulita” e “Ritinha” são retomados, 59

anos mais tarde, quando da publicação de *O favo de mel* (1998) e — 60 anos depois da primeira publicação desses dois contos — são recontados em *O curandeiro dos olhos em gaze* (2001), coletânea de contos e recontos, publicado pela Escrituras Editora, de São Paulo.

Em 1940, Francisco Marins escreveu quinze textos, dos quais treze foram publicados na *Folha de Botucatu*, um no jornal *A Comarca* (s.l.) e outro na *Revista Nous* (s.l.). Entre os trezes publicados na *Folha de Botucatu*, merecem destaque os artigos “Lobato e o Petróleo” (14/01/40), “Paraguassu” (14/07/40) e “Literatura Nova” (13/10/40), pelo fato de neles o escritor tecer comentários, embora sutis, sobre a literatura que começava a circular no meio editorial, fazendo referências: aos artigos de Monteiro Lobato sobre o petróleo; ao livro *História de Caramuru*, de Viriato Correia. No artigo “Paraguassu” faz referências à literatura regionalista brasileira. Ressalta-se também a publicação, em setembro de 1940, do artigo “Museu Euclides da Cunha”, na revista *Nous* (s.l.). Nesse artigo, Francisco Marins presta homenagem a um dos maiores escritores brasileiros e um dos preferidos do escritor. Mais tarde, esse Museu e a história da vida e obra de Euclides da Cunha tornaram-se a grande paixão de Francisco Marins.

Em 1941, Francisco Marins publicou seis artigos, sendo quatro na *Folha de Botucatu*, um na *Folha da Manhã* (SP) e um na *Revista Planalto* (RJ), de Origenes Lessa. Entre esses seis artigos destaco três: o artigo crítico “Machado de Assis, escritor pouco lido e muito falado”, de 18/07/41, publicado na *Folha de Botucatu*, no qual o escritor critica a falta de hábito de leitura dos brasileiros; o

artigo crítico “O Bandeirismo – ‘símbolo do espírito religioso do homem rude’”, de 01/10/41, publicado na *Revista Planalto/RJ*; e “Brasil – um país do futuro”, publicado na *Folha de Botucatu*, cuja data de publicação infelizmente não pôde ser localizada, e cujo conteúdo anuncia a tendência de Francisco Marins para o registro da história que, futuramente, se tornaria uma das principais características de sua obra infantil e juvenil, bem como de sua literatura para adultos.

O ano de 1942 é marcado pela publicação de cinco contos, nos mesmos veículos do ano anterior e que revelam um caráter intertextual da produção desse escritor. Considerando o conteúdo temático da produção anterior e a produção de livros para crianças, jovens e adultos que viria nos anos seguintes, percebe-se que uma das marcas dessa produção é a retomada de conteúdos voltados para a história, para a formação do povo brasileiro e para o registro das características, costumes e crenças do sertanejo. Parece que, desde o final da década de 1930, em seus primeiros textos, o escritor já deixava transparecer o seu projeto literário: trazer para o universo literário inquietantes matérias de sua verdade e de certa realidade brasileira. Os cinco contos publicados em 1942 são respectivamente: “Bentinho foi procurar emprego na capital”, na *Revista Planalto* em, 01/01/1942; e, na *Folha de Botucatu*, “Moleque de Estrada” (05/08/42), “Quando a tormenta passar” (30/10/42), “Sob a paz dos simples – À memória de Máximo Dias” (28/12/42) e “Trecho de novela inacabada” (s.d.).

No ano de 1943, Francisco Marins publicou “A Literatura do Café” – artigo crítico, no *Diário de Notícias* (28/03/43), de Ribeirão Preto/SP, artigo cujo



conteúdo marca quase toda a produção literária desse escritor. Na *Revista Ilustração*, Rio de Janeiro, publicou: “O momento que passa” – artigo crítico (20/05/43); “Uma entrevista com Carlos Bulamarqui Kopke” – entrevista (03/06/43) e “35 anos da Imprensa Diária” – reportagem crítica (10/06/43). No mesmo ano, em abril, publicou na *Folha de Botucatu* “Dois nomes símbolos: Dostoievski e Tolstoi” - artigo crítico. Em julho de 1943, publicou o artigo “O romance de Dostoievski”, na *Revista Balança* (s.l) e “Tonico não volta mais ...” - crônica, na *Revista XI de Agosto* (s.d/s.l).

Dentre o material escrito por Francisco Marins e que foi possível localizar e recuperar nos arquivos do escritor, mais especificamente novelas, artigos, crônicas, contos, reportagens e entrevistas publicados em jornais e revistas, no período compreendido entre meados de 1930 e início de 1944, encontram-se alguns “trechos” de textos e/ou textos publicados, mas com ausência de alguns dados bibliográficos e/ou sem nenhum desses dados, como, por exemplo, o conto “Ritinha”, ilustrado por Osvaldo Storni, publicado na revista *O Malho*, em novembro de 1939; o conto “Mulita”, publicado na *Revista Universal*, sem indicação de local, em setembro de 1939; “O sertanismo brasileiro I – compreensão do sertanismo brasileiro”, na *Revista Arcádia*, sem dados bibliográficos; “Conto Inacabado”, escrito para o Concurso do Conto Inacabado, promovido pela *Rádio Emissora de Botucatu e Folha de Botucatu*, sem registro de data; o artigo “Os livros que apanham”, sem nenhuma indicação bibliográfica; o artigo “Um livro sobre o Brasil”, *Revista Arcadia*, em 1944; artigo “A Muralha Chinesa”, sem local e veículo de publicação, de abril de 1943; e o artigo “José

Lins do Rego e o sentido de uma obra”, revista *Nous*, sem indicação de local e data.

Foram também localizados e recuperados alguns textos em originais manuscritos, produzidos entre o final do ano de 1938 e os anos de 1939 a 1942, que foram publicados (já elencados neste tópico) e outros que continuam inéditos.

Dentre os textos inéditos, encontram-se: “A Pátria”, escrito em 03 de maio de 1938; “Casimiro de Abreu”, pequeno artigo, escrito em 01 de junho de 1938; “Floriano Peixoto Marechal de Ferro”, discurso elaborado e pronunciado na Escola Normal “Cardoso de Almeida”, em 1939; “Botucatu”, crônica escrita em 1939 e lida por uma criança – Dulce Santos de Abreu – quando da visita à Academia Paulista de Letras; em agosto de 1939: “Discurso pronunciado no salão nobre da Escola Normal “Cardoso de Almeida” em comemoração ao cincoentenário da República”, em 1939; “Discurso pronunciado no salão nobre da Escola Normal Cardoso de Almeida no dia 30 de dezembro de 1939”; “Hitler”⁴, 26 de fevereiro de 1941; “O golpe de Estado”, 26 de março – quarta-feira – de 1941; “Posse da Diretoria da Associação Acadêmica”, 12 de maio de 1941; “Observações”, de 31 de julho de 1941; “O movimento de São Paulo”, 02 de agosto de 1941; “A noite paulista”, setembro de 1941 e alguns registros datados de janeiro e março de 1942 sobre os noticiários da 2ª Guerra Mundial.

⁴ A partir do texto “Hitler”, os apontamentos e/ou pequenos artigos não apresentam títulos; assim, optei por denominá-los pelo assunto que discutem.



Em relação ao ano de 1944, constam nos arquivos do escritor as seguintes publicações: “O sertanismo no Brasil”, *Revista Arcádia*, agosto de 1944; “Constâncio C. Vigil e o sentido de uma obra”, *Volante*, material de divulgação da Companhia Melhoramentos de São Paulo, em novembro de 1944; e, no mesmo veículo de divulgação, “Manifesto”, dirigido aos estudantes de Direito.

O ano de 1944, de acordo com informações do próprio escritor, foi um ano de decisões e de encontro de novos caminhos que, com certeza, mudariam o destino “pré-determinado” no momento que saíra de Botucatu para estudar em São Paulo: formar-se em Direito, retornar à cidade de origem e exercer a profissão.

Segundo Francisco Marins, naquele mesmo ano (1944) a Editora Melhoramentos lhe fez a primeira proposta de trabalho: exercer a função de assistente na “seção de propaganda”, com fins de divulgação dos livros por ela editados e lançados no mercado. Conforme já apontado no tópico anterior, nessa função conheceu Lourenço Filho, naquela época Editor da Melhoramentos e educador que, a partir de então, exerceria grande influência na vida profissional, intelectual e literária de Francisco Marins assim como nos rumos da educação brasileira.

Para Marins, as leituras de diferentes livros para a elaboração de *press release* dos lançamentos da Companhia Editora Melhoramentos de São Paulo o entusiasmaram a publicar, em 1945, seu primeiro livro, *Nas terras do Rei Café*, escrito a partir de recordações da infância e anotações que vinha fazendo ao longo



dos anos, com o objetivo de publicar um romance sobre o café. Mas, ainda segundo Marins, “um romance exigiria maturidade do escritor” (MARINS, 1997, p. 10) e sentia que ainda não estava pronto para escrevê-lo. Então aproveitou parte dessas anotações, reescrevendo-as e adaptando-as para uma linguagem mais acessível às crianças e jovens e publicou seu primeiro livro, abordando a decadência das fazendas de café no interior paulista, mediante aventuras vivenciadas por personagens-mirins.

Surgiu, desse modo, *Nas terras do Rei Café* que, inicialmente, classificou-se como “literatura infantil”, quando de sua divulgação pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. O material de divulgação — espécie de catálogos — era impresso em forma de “revistas e folhas avulsas trimestrais com distribuição gratuita que focalizava assuntos variados, porém afeiçoados à difusão da cultura e dos autores e das obras da casa” (DONATO, 1990, p.114); e, posteriormente, o primeiro livro do escritor foi classificado como “livro escrito para crianças e jovens”, nesses mesmos catálogos e revistas da Editora.

2.3 Os livros e a produção de séries

2.3.1 A literatura infantil e juvenil



Os quatro livros infantis e juvenis⁵ de Francisco Marins, publicados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo no decênio de 1940 e no ano de 1950, constituíram, inicialmente, a *série Taquara-Póca* e foram reunidos e publicados, por essa mesma editora, em 1963, sob o título *Aventuras em Taquara-Póca*. Nos anos de 1980, a Editora Melhoramentos lançou a *série Comunicação*, na qual esses quatro primeiros livros passaram a ser reeditados. No final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, a Melhoramentos criou a *série Francisco Marins*, e as novas edições desses livros foram publicadas como parte dessa série, conforme apontado na bibliografia sobre Francisco Marins ao final desta tese e nos capítulos destinados à análise desses livros.

A partir de 1951, os livros infantis e juvenis de Marins foram publicados e reeditados nas séries: *Taquara-Póca*, *Roteiro dos Martírios*, *Nova Aventura de Ler*, *Comunicação*; *Francisco Marins*, todas elas pela Editora Melhoramentos.

Em 1985, esse escritor passou a publicar seus livros de literatura infantil e juvenil também pela Editora Ática (SP), na *série Vaga-Lume*. No ano de 1998, lançou no mercado editorial *O sótão da múmia*, seu último livro (até o ano de 2001) do gênero, editados pela Editora Saraiva (SP), na *série Jabuti*.

Assim, com exceção dos quatro primeiros livros publicados pela Melhoramentos e do último publicado pela Saraiva, a maioria dos livros infantis e juvenis desse escritor foram adaptados para uma nova versão e editados pela Ática, sofrendo algumas modificações nos subtítulos e ilustrações, ganhando novos ilustradores, novo título e constituindo-se em outro livro, conforme será

⁵ Trata-se de *Nas terras do Rei Café* (1945); *Os segredos de Taquara-Póca* (1947); *O Coleira-Preta* (1949) e *Gafanhotos em Taquara-Póca* (1950), conforme exposto na Introdução desta tese.



observado mais à frente. Observa-se, ainda, que a partir de 1998, os romances para adultos desse escritor passaram a ser divulgados e vendidos pela Livraria LTR (SP).⁶

As dezenas de edições dos livros de Francisco Marins publicadas pela Melhoramentos em diferentes séries dificultou, por longo tempo, a classificação de sua obra nos estudos sobre o gênero que citam brevemente a produção de literatura infantil e juvenil desse escritor. Diante dessa dificuldade, optei pelos dados obtidos junto às editoras Melhoramentos, Ática, Saraiva, Livraria LTR e os dados fornecidos pelo próprio escritor. Todos esse dados foram relacionados e classificados por séries, editoras, edição, número de tiragens e data de cada edição, constando da bibliografia *de* Francisco Marins, ao final desta Tese.

Como se viu, Francisco Marins iniciou-se como escritor pelos caminhos da literatura infantil e juvenil brasileira com *Nas terras do Rei Café*, ilustrado por Augustus e Oswaldo Storni e publicado em 1945, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. Com 34 edições e somando, aproximadamente, 253.000 exemplares (até 1999), esse livro deu início à série Taquara-Póca, foi traduzido para o espanhol, fez parte dos textos escolhidos por Góes (1990) para discutir “formas de avaliação da literatura infantil e juvenil a partir de alguns textos de Francisco Marins” e, recentemente, foi um dos livros adaptados para o teatro pelo grupo Chafariz, de Botucatu/ SP.

O texto narra as aventuras de Dudu, Tiãozinho e Tico-Tico na fazenda Taquara-Póca que enfrentava sérios problemas econômicos decorrentes da

⁶ O último livro lançado pelo autor é, até o momento, *O curandeiro dos olhos em gaze* (recontos), São paulo: Escrituras Edições, 2001.



decadência da agricultura do café. As aventuras vivenciadas pelas crianças giram em torno da procura da “flor roxa do samambaial”, introduzida na narrativa como elemento fantástico que poderia ajudar os heróis mirins a enfrentarem os credores do vovô. Embora esse elemento fantástico contribua para a caracterização das três personagens mirins como heróis, a solução para os problemas financeiros vem da lendária história dos escravos sobre um tesouro enterrado nas terras do vovô, por um velho escravo, que é encontrado pelas crianças com a ajuda de *nhô* Chico Tibúrcio, um caboclo, empregado da fazenda, guiados pelas histórias de *nhô* Lixandre e seus antepassados, “preto velho”, ex-escravo da família. Ambos assumem, nesse texto, o papel de “contadores” de histórias⁷.

Em 1947, recém formado em Direito, Marins lançou seu segundo livro para crianças e jovens, dando continuidade à série Taquara-Póca. Trata-se de *Os segredos de Taquara-Póca*, ilustrado por Oswaldo Storni e publicado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. Esse livro conta com 34 edições, totalizando, aproximadamente, 230.000 exemplares impressos. Foi traduzido para o espanhol e também adaptado para o teatro, pelo grupo Chafariz de Botucatu/SP; foi também editado em braille, em 1959, pela Fundação para o Livro dos Cegos no Brasil.

Conservando o espaço, as personagens a temática — exaltação do homem rural e dos problemas por eles enfrentados, em um período decadente de cafeicultura — predomina, nesse texto, a descrição da natureza e folclore indígena brasileiros. Assim, as aventuras vivenciadas pelas personagens-mirins organizam-

⁷ Advirto que a introdução, neste tópico, dos resumos dos enredos dos textos de Francisco Marins não indica o início da análise dos livros eleitos como *corpus*, mas têm o objetivo de apresentar ao

se em torno do cotidiano da fazenda: a roça e a devastação das plantações pelos animais da mata; a busca de solução; as queimadas e a revolta dos animais antropomorfizados.

A trama se desenvolve a partir do desaparecimento do burrinho Maracujá. Empenhados em encontrar o burrinho, os meninos encontram-se com o Curupira, elemento fantástico presente no livro, ente imaginário folclórico, que persegue aqueles que assolam as matas por meio do fogo. A partir da apresentação do Curupira, este assume o papel de “contador” de histórias centradas na preocupação com as queimadas.

Assiste-se, a partir de então, ao desfile das belezas naturais das matas brasileiras, repletas de perigos, e anuncia-se a revolta dos animais, antropomorfizados e liderados pelo Coleira-Preta, indicando a trama do próximo livro que se seguiria. Há, ainda, n'*Os segredos de Taquara-Póca* a preocupação com a escolarização das crianças e com a importância do domínio dos conhecimentos transmitidos pela escola, mediante a expectativa criada em torno da notícia da chegada, em breve, de um professor para a “escolinha abandonada”, um sonho antigo do Vovô.

O Coleira-Preta (1949), *Gafanhotos em Taquara-Póca* (1950) e *Viagem ao mundo desconhecido*: a fabulosa aventura de Fernão de Magalhães (1951) são, respectivamente, o terceiro, o quarto e o quinto volume da *série Taquara-Póca*. Todos esses foram também publicados pela Companhia Editora Melhoramentos de São Paulo, ilustrados por Oswaldo Storni e traduzidos para o espanhol. *O*

leitor a obra desse escritor, visando à compreensão das reflexões propostas nesta Tese.



Coleira-Preta teve 20 edições brasileiras, com aproximadamente 119.000 exemplares impressos; *Gafanhotos em Taquara-Póca* teve também 25 edições brasileiras, com aproximadamente 140.000 exemplares impressos, até o final dos anos de 1980; sua última edição é de 1988 e apresenta uma supressão no título original, tendo sido, portanto, publicado como *Gafanhotos*, na *série Francisco Marins* da Editora Melhoramentos; *Viagem ao mundo desconhecido: a fabulosa aventura de Fernão de Magalhães* teve 23 edições brasileiras que totalizam, aproximadamente 180.000 exemplares impressos.

Em *O Coleira-Preta*, Dudu, Tiãozinho e Tico-Tico vivenciam a “lida” do campo com a chegada do período da colheita do milho e preparam a escolinha para a chegada do professor. A situação de equilíbrio inicial da narrativa é quebrada com a decepção — “o professor não desceu do trem” — e mais uma vez o sonho do vovô tinha que esperar mais um pouco para se concretizar.

A trama se desenvolve com o incêndio ocorrido na divisa das fazendas: do vovô e de Zé Pedro, o antagonista, que põe em risco o cafezal, causando a morte e a fuga de dezenas de animais e a destruição da mata. Novamente o Curupira alia-se às crianças em busca das causas do incêndio, que acreditavam ser criminoso. Tio Juca revolta-se contra Zé Pedro, o vizinho vilão, suspeito de atear fogo na cerca. Instaura-se uma situação conflituosa, quebrada pela introdução de um elemento surpresa: a chegada desavisada de Justino, o tão esperado professor, que representa o conhecimento urbano que chega ao sertão.

O elemento fantástico é representado pelo Curupira e pelo processo de antropomorfização dos animais. Estes, agindo como os homens, tomam como prisioneiros os três meninos, salvos pela interferência do amigo Curupira.

Em *Gafanhotos em Taquara-Póca*, Justino, o professor, assume o papel do “contador do Conhecimento” que, a partir desse livro, ganha força na voz do contador. A narrativa gira em torno das três personagens-mirins — Dudu, Tiãozinho e Tico-Tico — que, auxiliadas pelo professor Justino, mobilizam todos os moradores de Taquara-Póca, para juntos combaterem uma nuvem de gafanhotos que se aproxima e representa mais prejuízos para a fazenda em processo de recuperação da decadência do café. Os meninos, liderados por Justino, criam estratégias de defesa, inventam instrumentos, instruem, distribuem tarefas para cada morador, no momento da passagem dos gafanhotos.

Pintadinha, única personagem-mirim feminina, conquista espaço e chama a atenção pelo seu interesse em adquirir livros para a biblioteca do clubinho. As ações de Pintadinha remetem à história da formação das primeiras bibliotecas infantis e juvenis no Brasil. A narrativa conta a história do enredamento pela leitura, pela arte criadora, aspecto que será abordado mais detalhadamente nos capítulos 4 e 6 desta Tese.

Em *Viagem ao mundo desconhecido*: a fabulosa aventura de Fernão de Magalhães, há uma transformação: as personagens-mirins sentam-se nos bancos escolares para ouvir, pela voz do “contador do conhecimento” a história das grandes navegações. A narrativa retoma a aventura do navegador português, Fernão de Magalhães, que, à época das grandes navegações, realiza um grande

sonho: alcançar a Ásia navegando pelo Ocidente, propósito iniciado por Cristóvão Colombo. De cunho histórico, a narrativa ficcional apresenta-se repleta de suspenses criados pelos perigos do oceano desconhecido, introduzindo-se um novo tipo de aventura, semelhante àquelas que um dia, traduzidas, contribuíram para o processo inicial de formação dos leitores brasileiros: as aventuras marítimas. Aliás, esse foi o primeiro encantamento do escritor Francisco Marins que, em meados de 1934, escreve, em co-autoria com o amigo Hernani Donato, a novela *O Tesouro*, na qual o enredo se desenvolve em torno de uma aventura marítima.

Em 1952, Marins publica *Expedição aos Martírios*, também pela Companhia Editora Melhoramentos de São Paulo, com ilustrações de Oswaldo Storni, inaugurando a série Roteiro dos Martírios, embora tenha sido publicado, também em outras séries da Melhoramentos: *Taquara-Póca*; *Nova aventura de ler*; e *Comunicação*.

Esse livro foi lançado também em Portugal e traduzido para o espanhol, inglês (com edições na Inglaterra e Estados Unidos), francês, húngaro, africander, italiano, alemão, eslavo e dinamarquês. É um dos livros de Marins mais conhecidos no mercado editorial internacional. Teve 19 edições brasileiras, com tiragem total de 149.000 exemplares.

Preferido pelo escritor, *Expedição aos Martírios* também se insere em um novo tipo de aventura histórica: a formação do povo brasileiro. Narrada em primeira pessoa pelo protagonista, o jovem Tônico, a história aborda o fato histórico das Bandeiras em busca do sonho do metal dourado. A aventura, cheia

de mistérios e suspenses, é vivida pelo trio: Tonico, Pixuíra (um índio) e Perova (guia de expedição, um caboclo tropeiro) que partem em busca de Juvenal, tio de Tonico, desaparecido na mata. Os garotos de Taquara-Póca são substituídos por um jovem que vive a história da civilização brasileira na experiência desse escritor em trazer para o universo literário inquietantes matérias de sua verdade e de certa realidade brasileira, entrelaçando ficção e realidade.

A trama organiza-se em torno do misterioso desaparecimento do tio Juvenal, dos perigos da mata e da violência humana movida pela ganância da riqueza do ouro, representada nesse livro pela personagem Bugre-de-chapéu-de-anta, mestiço ganancioso e esperto, que trai a confiança dos companheiros da expedição do tio Juvenal e, posteriormente, torna-se o mais perigoso desafio para os três companheiros que já não se encontravam mais na companhia da famosa e histórica expedição de Langsdorff.

A aldeia sagrada (1953), ilustrado por Oswaldo Storni, foi também publicado, até a 30ª edição, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, com um número, aproximado, de 161.000 exemplares impressos no Brasil. Observa-se que, na 17ª edição, de 1977, o mesmo livro acrescido de um subtítulo ao título original (*A aldeia sagrada: a dramática história de Canudos*) foi publicado, pela Melhoramentos, até a 21ª edição, na *série Taquara-Póca*; da 22ª a 25ª, na *série Comunicação*; da 26ª à 30ª, na *série Francisco Marins*. A partir de 1993, passou a ser publicado pela Editora Ática. Nessa editora teve, até março de 2000, quatro edições (da 31ª à 34ª), na *série Vaga-Lume*, com aproximadamente 65.000 exemplares. As 34 edições brasileiras totalizam 226.000 exemplares impressos.



Recebeu o prêmio Carlos Laet, de 1954, da Academia Brasileira de Letras e foi publicado, em 1957, em 10 capítulos no Suplemento Pia/SP do *O Jornal da Juventude* (SP). *A aldeia sagrada* foi também lançado em Portugal pela Editora Meridiano, Lisboa.

Apaixonado por *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e pela história do Brasil, Marins retoma, em *Aldeia Sagrada*, a histórica e lendária Guerra de Canudos. Narrado em primeira pessoa pelo protagonista Didico, o ponto de vista sugerido é o dos vencidos, mas o conteúdo histórico narrado conserva, a versão dos fatos registrada pela história e historiografia considerada oficial.

Território de bravos (1954), ilustrado por Oswaldo Storni e publicado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, na *série Taquara-Póca*, conta com 14 edições brasileiras, com tiragens que somam, aproximadamente 102.000 exemplares impressos, tendo sido também traduzido para o espanhol. Em 1976, a Melhoramentos lança a 13ª edição, acrescentando ao título original um subtítulo: *Território de bravos: a vida histórica de Plácido de Castro e a história do Acre*.

Buscando, talvez, a intertextualidade, nesse novo livro (em relação aos quatro primeiros da *série Taquara-Póca*) o escritor se vale da “voz-narrativa” do “contador do conhecimento”, o professor Justino, que inicia a história em terceira pessoa, narrando às crianças da fazenda Taquara-Póca a conquista do Território do Acre e exaltando fatos heróicos de Plácido de Castro. A partir da terceira parte do livro, Plácido de Castro passa a narrar a sua própria história, por meio de lembranças das aventuras por ele vivenciadas.

Observa-se que, embora a mudança de narrador possa sugerir a narração em primeira pessoa, isso não acontece. A personagem distancia-se dos fatos com o passar dos tempos e narra a história de um Plácido jovem que, naquele momento, não existe mais. Os trechos em primeira pessoa, que aparecem a partir dessa terceira parte, compõem o discurso direto entre as personagens de um passado distante. Observa-se, ainda, que a parte narrada por Plácido de Castro apresenta-se impressa em formas tipográficas diferentes, recurso já anunciado pelo narrador no início do livro. Reafirma-se, portanto, uma característica do projeto literário de Francisco Marins, no qual realidade e ficção dialogam constantemente.

Volta à serra misteriosa (1956), ilustrado por Osvaldo Storni e publicado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, na *série Roteiro dos Martírios*, foi traduzido para o espanhol, inglês (com edições na Inglaterra e Estados Unidos), francês, húngaro, africander, italiano, alemão, eslovaco e dinamarquês. Lançado em Portugal pela Editora Merediano, de Lisboa, recebeu o prêmio “Fábio Prado”, de 1957, da União Brasileira de Escritores. Conta com 12 edições brasileiras, com tiragem de 108.000 exemplares, aproximadamente.

A narrativa dá continuidade às aventuras de Tônico, Pixuíra e Perova, iniciadas em *Expedição aos Martírios*. A história centra-se na difícil e perigosa continuação da viagem ao morro dos Martírios em busca do metal dourado. Nesse livro, o trio encontra-se em terras de garimpo e de exploração da escravidão indígena. A trama principal envolve a descoberta do autor do roubo de um grande

diamante denominado “panelinha de Muiraquitã”. A história também é narrada em primeira pessoa pela personagem protagonista Tónico.

Outro livro que foi traduzido para o espanhol, inglês (com edições na Inglaterra e Estados Unidos), francês, húngaro, africander, italiano, alemão, eslovaco e dinamarquês; foi lançado em Portugal e pertence à *série Roteiro dos Martírios* é *O Bugre-do-chapéu-de-anta* (1958), ilustrado por Osvaldo Storni. Publicado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, até 1979 contava com 10 edições brasileiras, perfazendo uma tiragem total de 73.000 exemplares impressos.

Dando continuidade à narrativa de *Expedição aos Martírios* e de *Volta à serra misteriosa*, Tónico narra a aventura vivenciada por ele e por seus companheiros no reencontro com o “mestiço traiçoeiro”, conhecido com Bugre-do-chapéu-de-anta. Paralelamente, outra narrativa se constrói: as conquistas dos bandeirantes Bartolomeu Bueno da Silva, Paz de Abreu e João Leite da Silva Ortiz, pelo Oeste brasileiro. Como em *Volta à serra misteriosa*, a narrativa histórica é impressa em tipo gráfico diferente.

Conforme já informei, em 1963 a Melhoramentos lançou o livro *Aventuras em Taquara-Póca*, no qual se reúnem as histórias dos quatro primeiros livros publicados pelo escritor Francisco Marins: *Nas terras do Rei Café*, *Os segredos de Taquara-Póca*, *O Coleira Preta* e *Gafanhotos em Taquara-Póca*, com uma única tiragem de 2000 exemplares.



Segundo Marins, a publicação desse livro não caracteriza uma nova edição, mas uma publicação especial que, à época, foi vendida por um preço mais acessível.

A análise desse livro e os dados obtidos junto à Melhoramentos levaram-me a constatar que se trata realmente de uma edição especial, montada com impressões de edições anteriores que, por uma razão qualquer, apresentavam erros de impressão, ficando, portanto, armazenadas, por um longo período, e somente mais tarde foram encadernadas em forma de livro, para o qual criou-se uma nova capa e deu-se um novo título.

Os problemas de impressão encontrados nesse volume, ao compará-lo com as edições das histórias que compõem esse livro com as demais, impressas e postas em circulação em separado, relaciona-se com as ilustrações: nas edições separadas, cada uma das quatro histórias traz, em média quatro ilustrações em cores que se referem, geralmente às partes principais da história; nesse livro único, no entanto, todas as ilustrações, das quatro histórias, são em preto e branco. Quanto ao título, tanto o escritor quanto a editora observam que se trata de um título “genérico”, ou seja, que procura sintetizar o conteúdo das quatro histórias, uma vez que as personagens transitam de um livro para o outro, o espaço continua sendo o mesmo e há a intenção de dar continuidade às aventuras vivenciadas pelas personagens-mirins desde a primeira história. Parece, portanto, que nessa publicação especial houve um “processo de aproveitamento” de edições com problemas que não afetam nem o conteúdo temático das histórias nem a imagem



do escritor, permanecendo, no entanto, os erros de impressão e as ilustrações são todas em preto e branco.

Verde era o coração da montanha (1981), ilustrado por Vinicius e publicado pela Melhoramentos, na série Francisco Marins, até 1987 contava com 2 edições, com tiragem total de aproximadamente 16.000 exemplares.

Valendo-se de recurso já utilizado em *Territórios de bravos*, o escritor serve-se da “voz-narrativa” do professor Justino que, junto com as crianças de Taquara-Póca, visitam um indiozinho e seu avô que moravam próximos da montanha e acabam vivendo uma aventura junto com essa “nova personagem-mirim”: o curumim. O contato com animais selvagens e os desafios da mata caracterizam-se como o ponto alto da ficção: a aventura. Em meio ao suspense criado pelas situações e pelo espaço, o narrador apresenta a montanha “O gigante deitado” e introduz a história da luta travada entre os índios e o homem branco, quando do reconhecimento da área montanhosa da região de Botucatu/SP para a construção da estrada de ferro. Coexistem, portanto, duas narrativas: a maravilhosa ficcional e a real histórica do extermínio da tribo indígena em nome do progresso.

O Mistério dos morros dourados (1985), ilustrado por Jayme Cortez e publicado pela editora Ática, na série *Vaga-Lume*, conta com sete edições que totalizam, 240.884 exemplares, conforme dados fornecidos pela Ática. Francisco Marins introduz no mercado editorial, com a publicação desse livro, uma nova versão de *Expedição aos Martirios*. Trata-se da mesma história, reescrita de forma



mais concisa, aumentando o uso de vocábulos e expressões regionalistas do sertão brasileiro.

Outro livro para jovens escrito por Marins foi publicado pela editora Ática na série *O Cotidiano da História*. Trata-se de *A Guerra de Camudos* (1987). Ilustrado por Milton Rodrigo Alves, esse livro, até março de 1990, estava em sua 9ª edição, totalizando uma tiragem de cerca de 108.000 exemplares. Valendo-se dos estudos sobre Euclides da Cunha e sobre *Os sertões*, elaborados para a produção e publicação, em 1953, de *A aldeia sagrada*, Marins publica suas pesquisas organizadas sistematicamente, apresentando-as como uma espécie de roteiro para a leitura da lendária história dessa guerra e sua repercussão no Brasil e no mundo.

A montanha das duas cabeças (1988), ilustrado por Jô Fevereiro e publicado pela editora Ática, na série *Vaga-Lume*, contava, até 1995, com quatro edições, e o número de tiragem totalizava 101.613 exemplares. Alterando o título, Marins reescreve a narrativa sobre o título *Volta à serra misteriosa*, fazendo algumas alterações no uso da linguagem regionalista, intensificando, desse modo, os perigos vivenciados pelos personagens.

Em busca do diamante perdido (1995), ilustrado por Nelson Reis e publicado pela editora Ática, na série *Vaga-Lume*, teve uma edição, com tiragem de 30.000 exemplares. Inspirado pela história do grande diamante “panelinha de Muiraquitã”, desenvolvida em *Volta à serra misteriosa*, o escritor cria um novo título para esse livro — que, na verdade é uma nova versão de *O Bugre-de-chapéu-de-anta* —, no qual narra a volta dos personagens de *Expedição aos*

Martírios, para São Paulo. Também passando por uma revisão vocabular, mas conservando a história original, *Em busca do diamante perdido* apresenta-se mais conciso e com acréscimo de algumas “cenas” que não aparecem na versão anterior.

O último lançamento de Francisco Marins na literatura infanto-juvenil foi *O sótão da múmia* (1998), ilustrado por Sérgio Palmiro e publicado pela Editora Saraiva; sua edição única totaliza, aproximadamente, 5000 exemplares. Mudando do espaço rural e sertanejo para o espaço urbano, sem perder de vista o seu projeto literário, salientado pela presença marcante do aspecto histórico, Francisco Marins organiza essa narrativa em torno do desaparecimento da múmia do sótão de um pesquisador que desenvolve um estudo para a cura da malária, a partir da análise de uma planta.

A história desenvolve-se em meio ao turbulento período de manifestos estudantis contra a ditadura militar de Getúlio Vargas. Valendo-se do conhecido recurso de “amarrar” um livro a outro, o escritor “puxa” para esse livro alguns fatos retomados de *Expedição aos Martírios*, como a presença, em lembrança, de Perova, personagem daquele livro, e da expedição de Langsdorff, que Tonico, Perova e Pixuíra acompanharam. Recorrem paralelamente duas histórias: a ficcional e a real (referente ao período da ditadura de Getúlio Vargas).

2.3.2 A literatura para adultos

7-1-329



Além dos livros para crianças e jovens, Francisco Marins escreveu, para adultos, cinco livros, sendo quatro romances e uma coletânea de contos, publicada em 1990, que reúne alguns contos escritos nos decênios de 1930 e 1940. E publicou, em outubro de 2001, uma outra coletânea de contos e recontos que reúne alguns contos ainda inéditos — como “O curandeiro dos olhos em gaze”, “A árvore e a ave” “Cosme ou Damião” e “A igaçaba no lenho”, escritos no decênio de 1990 —, alguns escritos na juventude — como, por exemplo, “Mulita” e “Ritinha” — e recontos de alguns contos publicados em meados da década de 1940. Encontra-se, ainda inédito, o romance *A fogueira verde*.

Denominados pelo escritor e pela crítica como “romances”, os três primeiros livros “para adultos” de Francisco Marins: *Clarão na serra*; *Grotão do café amarelo*; e *...E a porteira bateu!* foram publicados pelas editoras Melhoramentos, Ática e A Montanha, respectivamente. *Atalho sem fim*, o quarto livro escrito “para adultos”, foi publicado pela Ática e A Montanha. Quanto às duas coletâneas de contos, a primeira, *O favo de mel* (1990), foi publicada pela Melhoramentos e a segunda, *O curandeiro dos olhos em gaze* (2001), pela Escrituras Editora.

A partir de 1998, a divulgação e a comercialização desses livros passaram a ser feitas, também, pela livraria e editora LTR, de São Paulo, que os vende em um “pacote”, formando uma coleção. Na primeira página do material de divulgação da LTR — um folheto de quatro páginas, ilustrado em cores com as cenas dos romances — lê-se:

Apresentamos aos nossos clientes e amigos, a consagrada obra literária e de fundo sociológico e histórico do escritor Francisco Marins, de



interesse geral, para todos os lares e bibliotecas e que deve ser lida por jovens e adultos, estudantes, professores, estudiosos e profissionais.

As duas páginas centrais trazem as fotos das capas dos quatro livros (*Clarão na serra*; *Grotão do café amarelo*; *...E a porteira bateu!*; e *Atalho sem fim*) e, no alto das duas páginas centrais, lê-se a seguinte chamada ao leitor: “A ‘Saga do Café’ – descrita nos livros que compõem esta coleção – reconstitui a epopéia da conquista do Brasil pós-bandeirismo.”, sugerindo que se trata de “uma bela idéia para um belo presente”. Na última página do texto, encontram-se alguns dados sobre o autor, uma ficha de solicitação de compra e o endereço postal e eletrônico da livraria e editora LTR. Observa-se que esse é o mais recente material de divulgação da obra para adultos desse escritor, que circula em nível nacional.

Clarão na serra (1962), ilustrado por Oswaldo Storni, foi publicado, inicialmente, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, na *série Panorama da Literatura Brasileira*, tendo tido, nessa editora, oito edições que totalizam 42.000 exemplares. Em 1978, a editora A Montanha Edições de São Paulo publicou na *série Saga do Café*, a 9ª edição, com, aproximadamente, 3.000 exemplares. Em 1985, a Editora Ática publicou na *série O Homem e a Terra*, a 10ª edição desse livro, com 7000 exemplares. Ressalta-se que esse livro recebeu o prêmio “Prefeitura do Município de São Paulo”, para melhor romance de 1962, e que teve duas edições em Portugal.

A história narrada representa a realidade vivenciada pelo homem sertanejo do Oeste paulista – após as conquistas territoriais dos bandeirantes –, preenchendo o espaço vazio que o índio fora obrigado a abandonar, no cultivo do café.

Considerado pela imprensa escrita com uma epopéia da agricultura cafeeira e do processo de formação do povo brasileiro, o livro narra a vida dos agricultores pioneiros, a participação da mão de obra escrava do africano na formação do “império do café” brasileiro, a chegada e o trabalho dos italianos nessa cultura, bem como o papel exercido (depois dos portugueses e africanos) por esse povo, na miscigenação e no processo de formação da cultura brasileira na região de Botucatu/SP.

Recheada de bravuras e lutas pela posse da terra, a narrativa ressalta a vida difícil do homem rural e o esforço de vilarejos e cidades paulistas interioranas pela sobrevivência, em um período de desenvolvimento da agricultura do café, mesclada de aventuras, amor, trabalho incessante e sofrido do homem do sertão para sobreviver com coragem e dignidade, em ambiente hostil, aos problemas advindos tanto dos fenômenos naturais que causam a destruição da lavoura quanto dos perigos causados pelos conflitos sangrentos estabelecidos entre os homens mineiros (boiadeiros) e os paulistas (agricultores), na *grilagem* das terras virgens para a “criação” e para a lavoura.

Grotão do café amarelo (1963), ilustrado por Oswaldo Storni e publicado, inicialmente, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, também na *série Panorama da Literatura Brasileira*, conta com 3 edições e tiragens de 16000 exemplares. Em 1973, a editora A Montanha publica, na *série Saga do Café*, a 4ª edição desse livro com a tiragem de 3000 exemplares. Em 1986, a editora Ática publica, na *série O homem e a terra*, a 6ª edição desse livro, cuja tiragem alcançou



5000 exemplares. Cabe salientar que *Grotão do café amarelo* recebeu o prêmio “Jaboti”, da Câmara Brasileira do Livro, em 1963.

O homem, agora fixado no lugar, representa a realidade de uma época ainda marcada por conflitos sangrentos pela posse da terra montanhosa da região de Botucatu/SP. A narrativa inicia-se com tragédia e morte, mesclada com os costumes, lendas e crendices populares da região, característicos de cidade do interior paulista. A história se desenvolve em torno da valentia do homem sertanejo que luta para ampliar os domínios de suas terras, plantando e cultivando o café.

Assim como o café que brota “verde-esperança”, o homem se refaz das tragédias e parte em busca do “grão-amarelo” do grotão. Misturam-se, nessa narrativa, como em *Clarão na serra*, aventuras, amor, coragem, sofrimento do homem rude, que agora começa a conhecer e valorizar a importância das ciências e das pesquisas, com as experiências do soro anti-ofídico, desenvolvido por Vital Brasil, em Botucatu, ao mesmo tempo em que assiste à chegada do progresso: a estrada de ferro. Também de cunho histórico e sociológico, *Grotão do café amarelo*, dá continuidade à história do romance anterior, introduzindo novos acontecimentos e anunciando o conteúdo histórico do livro seguinte.

... *E a porteira bateu* (1968), ilustrado por Oswaldo Storni, foi publicado, inicialmente, pela Melhoramentos, na *série Panorama da Literatura Brasileira*, em duas edições, cujas tiragens alcançaram 11000 exemplares. Posteriormente, a editora A Montanha Edições de São Paulo, publicou, na *série Saga do Café*, a 3ª

edição, com a tiragem de 3000 exemplares. Em 1986, a editora Ática publica, na *série O homem e a terra*, a 4ª edição, cuja tiragem é de 5000 exemplares.

O episódio histórico principal narrado nesse livro é a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que, por um lado, contribuiu para a formação de fazendas e novos povoados, e, por outro lado, marcou, violentamente, o encontro dos trabalhadores da estrada de ferro com os povos indígenas com lutas sangrentas para a fixação das linhas de aço por onde passaria a “língua de fogo”, escoando a produção de grãos de café.

Outro fato histórico a que se faz menção nessa narrativa é a geada de 1918, a mais terrível do século que destruiu a maior lavoura de café do mundo, engolindo não só os produtores de café, levando-os à falência, mas também o próprio país, cuja economia principal era o café, transformado em ruínas. A geada de 1918 e o encontro do homem da cidade com o índio temperam a narrativa ficcional, dando-lhe o tom da emoção, sofrimento e tristeza, ressaltando-se os atos heróicos de dois povos em desespero: os sertanejos, agricultores do café, e os indígenas, expulsos de suas terras.

Atalho sem fim (1986), ilustrado por Marcos de S'ant'Anna, foi publicado, primeiramente, pela editora Ática, na *série O homem e a terra*, com edição única e tiragem de 5000 exemplares. Em 1987, a editora A Montanha publica, na *série Saga do Café*, a 2ª edição, com tiragem de 3000 exemplares.

O texto traz à tona a Revolução Paulista de 1924 e a decadência do café que impulsiona outro tipo de agricultura — o algodão — e a agropecuária. As personagens são as mesmas, mas os anos passaram e o filho caçula de Maria



Amélia e Otacílio, personagens centrais dos romances anteriores, tornou-se homem, e é por meio dele que o narrador reconstitui as viagens das boiadas desde Mato Grosso até São Paulo, com os perigos dos roubos de gado e das matas que os boiadeiros cortavam e que poucos conheciam.

O favo de mel (1990), coletânea de contos escritos nas décadas de 1930 e 1940, foi ilustrados por Graça Cruz Lima e publicado pela Melhoramentos, na *série Elo*, com uma única edição, com tiragem aproximada de 5000 exemplares.

Constituindo-se de cinco contos – “O favo de Mel”, “Mulita”, “Noite de geada grande”, “Ritinha” e a “Picada da cobra” – o livro remete o leitor ao passado do escritor, momento em que se inicia nas letras, produzindo textos para jornais da região de Botucatu e para jornais da capital, conforme se pode observar pelo exposto no início deste capítulo, no tópico 2.2.

Lançado recentemente, pela Escrituras Editora São Paulo, *O curandeiro dos olhos em gaze* (2001), reúne uma série de contos escritos e publicados nas décadas de 1930, 1940 e alguns, ainda inéditos, escritos na década de 1990, inspirados no tema “o homem e a terra”, bastante conhecido, vivido e narrado por esse escritor. Originários de “causos” da imaginação popular ou inspirados por fatos reais, os onze contos que constituem essa coletânea têm um sentido épico, uma vez que registram e narram a história do povo e da cultura do interior paulista. Assim como em toda a obra do escritor, nessa coletânea o universo literário e a ficcional entrelaçam-se com o universo real de modo tal, que se torna difícil separar com precisão o que é real e o que é ficção, o que nas palavras do escritor, se resumiria em “a vida posta em palavras”.

A fogueira verde é um texto inédito, que, segundo palavras do escritor, “é uma obra prevista para continuação da *série Saga do Café* e/ou *O homem e a terra*”.

Assim, entremeando fatos históricos e ficção, como fez com os livros escritos para crianças e jovens, Francisco Marins conserva, nos romances para adultos o mesmo recurso utilizado em seus primeiros livros, escritos entre 1945 e 1950: as personagens transitam de um livro para o outro e vão passando pelo “ciclo da vida”, no mesmo espaço, onde, pela voz do narrador, os costumes, os perigos, as aventuras, a coragem, o amor à terra e às tradições culturais passam de geração para geração. Assim, o passado leva à compreensão do presente e ao mesmo tempo projeta e prepara um outro “ciclo”: o futuro.

2.4 O caráter intertextual da obra de Francisco Marins

Os dados apresentados e comentados até aqui permitem inferir que a produção literária de Francisco Marins destinado a adultos, crianças e jovens, desde os primeiros escritos do tempo do ginásio até o último livro lançado em 2001, vincula-se diretamente aos artigos e contos produzidos entre 1938 a 1944 e sintetizam a realidade vivenciada pelo escritor quando criança e jovem, acrescida de estudos e pesquisas sobre o homem e a terra, a formação da cultura brasileira, a História do Brasil, o pioneirismo dos bandeirantes e o apogeu e decadência do café, sempre partindo de sua terra natal: Botucatu, SP.

Assim, a “voz narrativa”, valendo-se da linguagem literária, conta as histórias e a história registrando o projeto de criação desse escritor: a experiência

em trazer para o universo literário inquietantes matérias e de certa realidade brasileira, produzido em um período histórico pouco explorado pelos estudiosos da literatura infantil e juvenil. A representação de certa realidade da época, na obra de Marins, tece-se nos fios entrecruzados de dois universos: o da realidade – transmitida pelos antepassados históricos, vivenciada na sua própria história de vida, sentida nas lembranças de outrora — e o da representação, produzido pela fabulação ficcional narrada. Recurso que confere aos textos desse escritor um caráter intertextual, pois o “transitar” de um livro para o outro, não se restringe apenas às personagens, refere-se também ao espaço, ao tempo, ao contexto e aos recursos utilizados pelo “autor-criador” para narrar as histórias.

O conteúdo de *Nas terras do Rei Café*, por exemplo, é retomado em *Clarão na serra* de forma mais profunda e fundamentado em episódios históricos reais da cultura cafeeira brasileira. Segundo o escritor⁸, *Nas terras do Rei Café* nasce das anotações ou apontamentos que vinha realizando com o objetivo de escrever um romance que, mais tarde, viria a ser publicado: *Clarão na serra*.

Em manuscritos do escritor elaborados entre as décadas de 1940 e 1950, com o objetivo de organizar entrevistas para a imprensa e/ou discursos a serem proferidos em diferentes ocasiões, o escritor registra que seu objetivo, ao escrever contos, crônicas e livros sobre o sertanejo e seu cotidiano, era mostrar um pouco da cultura e da vida do homem rural a um país que se fazia moderno, industrializado e urbano, em período de revolução e de guerra entre os povos.

⁸ Os dados sobre as relações que os livros, artigos e contos estabelecem entre si são resultantes da leitura de toda a produção desse escritor e das entrevistas cedidas por ele a diversos jornais, revistas e pesquisadores, como, por exemplo, a entrevista cedida à pesquisadora Ana Maria da Costa Santos Menin, em 02 de abril de 1997, em Botucatu/SP.

Nesse sentido e cruzando o conteúdo de *Nas terras do Rei Café* com *Clarão na serra*, encontram-se pistas do conto “Motivos de Estrada”, escrito em 1939, no qual Francisco Marins narra a vida dura e ao mesmo tempo fascinante dos boiadeiros que adentram o sertão paulista em busca de terras para a formação de rebanhos. Assim, a caracterização, origem e atitudes da personagem Esperidião, antagonista e vilão, em *Clarão na serra*, que, inexperiente, se vê obrigado a lidar com a agricultura do café, tem suas raízes em “Motivos de Estrada”, uma vez que Esperidião era boiadeiro sofrido, mas a “lida” com o gado e a vida cigana que essa atividade proporcionava fascinavam-no, e ele sentia saudades daqueles tempos em que vivia livre, embrenhado no sertão “arrastando” a boiada.

Se a caracterização, origem e atitudes de Esperidião ligam-se ao conteúdo do conto “Motivos de Estrada”, muito se aproximam, também, da personagem Zé Pedro, inicialmente em *Nas terras do Rei Café*, e, posteriormente, nas outras três histórias que constituem o livro *Aventuras em Taquara-Póca*, nos quais Zé Pedro é o antagonista e vilão, que se vale de recursos semelhantes aos de Esperidião para resolver os seus problemas. O papel que cada uma dessas personagens representa na trama dessas duas narrativas aponta para o mesmo “fato-gerador” do conflito: tanto Zé Pedro quanto Esperidião são homens sem caráter que enriquecem por meios ilícitos; têm o mesmo objetivo – apossar-se das terras dos vizinhos, homens bons trabalhadores e justos que lutam com dificuldades para sobreviver em terra bruta e hostil: o Vovô e Otacílio —, e recebem sanções semelhantes.

Assim, o argumento de “Motivos de Estrada” desenvolve-se em *Nas terras do Rei Café*, em *Os segredos de Taquara-Póca* e em *O Coleira-Preta* — neste último, o fogo ateado por Zé Pedro nas terras da fazenda do Vovô assemelha-se ao incêndio da casa grande da fazenda de Otacílio, ateado por Esperidião —, fazendo-se presente também nos romances: *Clarão na serra*; *Grotão do café amarelo*; ...*E a porteira bateu!* e *Atalho sem fim*.

O conteúdo do artigo “A literatura do café”, escrito em fevereiro de 1943, por sua vez, faz-se presente: no conto “Noite de geada grande”, publicado na coletânea de contos *O favo de mel*, nos romances *Nas terras do Rei Café*, *Os segredos de Taquara-Póca*, *O Coleira-Preta*, *Gafanhotos em Taquara-Póca*, *Clarão na serra*, *Grotão do café amarelo*, ...*E a porteira bateu!*, *Atalho sem fim*; e também em “Antes tarde... do que nunca!”, conto publicado recentemente em *O curandeiro dos olhos em gaze* (2001).

As tradições do meio rural, o folclore e lendas brasileiras narradas pelos antigos escravos e o progresso impulsionado pelas “paralelas de aço”, da estrada de ferro, aparecem, em 1941, no artigo “O ‘Bandeirismo’ – símbolo do espírito religiosos do homem rude” e vão sendo retomados nos contos, nos livros infantis e juvenis e nos romances para adultos.

A leitura que Marins fez do livro de Stefan Zweig e que resultou, em 1941, no artigo “Um livro sobre o Brasil”, na verdade, tornou-se também um fio a tecer a obra desse escritor e emaranhar-se em outros fios que, conforme observou o próprio Francisco Marins em conversas informais, teve grande influência na sua produção, pois o escritor embarcou, imaginariamente, com o biólogo na longa

expedição pelo Brasil e sua história desde o primeiro livro, *Nas Terras do Rei Café*, até o último *O sótão da múmia*. Neste último, a expedição de Langsdorff é retomada e constitui-se em “motivo-gerador” da trama. Diante disso, o conteúdo da resenha crítica elaborada por Francisco Marins, em 1941, sobre *Brasil, país de futuro*, de Stefan Zweig, pode ser citado como referência à trajetória literária desse escritor, contada pelas vozes dos muitos narradores de seus livros e pela do pesquisador que se vale da voz e das palavras do escritor com o objetivo de sintetizar os caminhos por ele percorridos durante o processo de criação

Viajou em várias direções até a ponta dos trilhos, na boca do sertão. Conversou com o povo nas ruas das grandes cidades, que se espicham numa ânsia sôfrega de progresso, e nas cidades que tombam em ruínas depois de uma corrida desenfreada, do esplendor e do fastígio. Penetrou nos sentimentos, costumes, tradições e anseios das gentes que vivem nos rincões mais afastados, para nos dar após um documento vivo da realidade, que é uma afirmação das nossas possibilidades futuras, como terra que apenas foi arranhada nos seus incomensuráveis potenciais de energias [...] a obra é um retrospecto da história brasileira [...] assinala a exuberância do solo que tudo produz e em quantidade astronômicas...o esplendor da cana de açúcar e da borracha. [...] fumo e algodão, demorando-se na ascensão do café e seu soberano domínio e na conquista do ouro de aluvião no século dezoito, cuja quantidade assombrosa insuflou energias novas [...] caminhos que se rasgam no campo do industrialismo [...] o estudo da civilização brasileira [...] as impressões do viajante maravilhado com as belezas naturais (*Arcadia*, s.l., 05 de outubro de 1941).

No posfácio de *O curandeiro dos olhos em gaze* (2001), o escritor, questionado sobre o conteúdo do livro, declara que nos contos e recontos os leitores

Podem reencontrar episódios, personagens e temas que compõem capítulos dos romances e dos livros infanto-juvenis publicados ... O meu mundo rural reaparece de outras maneiras, embora no fundo seja o mesmo, o da visão juvenil... “Antes tarde... do que nunca” é o drama da geadas, fenômeno que tantos desastres têm causado à cafeicultura e que ressurgiu, também no romance ...*E a porteira bateu*. Foi verdadeira

tragédia para muitos fazendeiros e relembra-me a triste cena que um dia eu mesmo vivi, como pequeno plantador de café, ao presenciar toda a plantação de café da Fazenda Bocaiúva inteiramente queimada pelo frio de uma única noite (MARINS, 2001, p. 178-9).

Esse caráter intertextual da obra de Marins pode ser constatado também em seus estudos críticos sobre Euclides da Cunha que se iniciaram, em 1940, com uma reportagem sobre o “Museu Euclides da Cunha” e inspiraram a criação de *A aldeia sagrada* e *A Guerra de Camudos*. O mesmo ocorre com os “apontamentos” originais sobre a Revolução de 1930 e sobre Getúlio Vargas no período da segunda Guerra Mundial, que são retomadas em *Atalho sem fim* e em *O sótão da múmia*.

Assim, o recurso utilizado pelo escritor na sexta parte do livro *Clarão na serra*, intitulada “Vila”, na qual o narrador se vale do “diário de Maria Amélia para aproximar esta personagem do leitor” (PINHEIRO, 1969, p. 7), serve de guia à pesquisadora que busca a aproximação com o escritor e a compreensão de sua obra. Nos diários por ele escritos na adolescência e na juventude, nas anotações em antigos cadernos, nos artigos e contos escritos entre as décadas de 1930 e 1950, publicados e/ou inéditos

2.5 Sobre a produção intelectual brasileira

Conforme apontado nos tópicos anteriores deste capítulo, Francisco Marins desde criança já demonstrava seus talentos literários e, quando jovem, procurou aprimorar seus escritos, esboçando algumas reflexões críticas sobre a cultura brasileira, sobre autores e obras literárias e sobre o cotidiano rural e

urbano de sua época de menino e jovem, passando, assim, a publicar, na imprensa de Botucatu/SP, seus primeiros artigos críticos e pequenos contos que abrem os caminhos para a profissionalização como jornalista colaborador de diferentes jornais regionais e revistas de São Paulo e Rio de Janeiro.

Mas é somente na fase inicial da idade adulta, ainda estudante de Direito e membro da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo⁹, que esse escritor começa a produzir e divulgar reflexões, de cunho acadêmico, sobre a cultura brasileira, leitura, literatura, literatura infantil e juvenil e as relações que estabelecem com os ideais educacionais de cada época e com a escola.

Em 1944, respondendo a um inquérito feito pela Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e publicado pela *Revista Arcádia*, Francisco Marins assim se referiu a sua geração

Nascemos numa época triste, de horizontes escuros prenunciando borrasca, de ídolos truculentos ameaçando céus e terra, de paixões ideológicas em ebulição. O individualismo extremo gerou o nacionalismo feroz e veio a catástrofe. A longa noite trevosa e de sangue. A nossa geração ainda não vira luz. Aprendera desde cedo a aplaudir e calar. Por isso crescera carrancuda, assim como o homem das terras calcinadas do agreste, bracejando com a inclemência do meio hostil, aturdido com a caatinga bravia, com o chão sem água, com as plantas perdendo a vida. Mas o sertanejo suporta calado o longo estiolamento, porque ele sabe que um dia rebentará no céu o raio e de novo as plantas reverdecem à brisa e nas cacimbas borbulhará a água.

A nossa geração espera também esta ressurreição para continuar a se afirmar pela cultura, pelo seu trabalho e também pela rebeldia ... porque cabe a nós os moços que não se contaminaram ainda pelos venenos corruptores de nossa época, o papel de destruir fantoches ... Oxalá nunca ascendamos em nossa carreira si para isso fôr preciso servilismo e exigida

⁹ Observa-se que alguns documentos citam Francisco Marins como membro da Academia de Letras da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, mas a maioria dos documentos analisados, inclusive documentos da Academia Paulista de Letras e obras de referência, o citam como membro da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Utilizei as informações contidas nos documentos citados ao longo desta Tese.



renúncia aos nossos ideais de moços. Sociedade nenhuma suporta essa inversão violenta de valores, porque, cedo, a mocidade educada na escola do engano e da insidia, aprende a descrever de si mesma. (MARINS, 1944, p. 36)

Insurgente, o discurso do estudante de Direito proclama a reação da mocidade para a construção de uma identidade cultural nacional mais crítica e atenta aos fatos que a rodeiam, em período de entre guerras.

Para Marins, naquela época, a importância de se conhecer a cultura de nosso país apresentava-se como a chave a abrir as portas para uma nova cultura, moderna e consoante com a realidade do momento histórico que se vivenciava, e buscando a construção do futuro dessa nova geração que “ainda não vira luz”.

O Brasil é um mundo que precisa antes ser conhecido por nós mesmos e compreendido na sua grandeza estonteante como também nas suas misérias. A escola do “porque-ufanismo do meu país” tem causado uma grande mal a várias gerações. Melhor seria que desde os verdes anos nos mostrassem a realidade e o quanto precisávamos fazer ao tempo de nos terem embevecido em poesia [...] Os nossos escritores têm poucas edições, desconhecemos os “best-sellers”, a massa não lê, como em outros países [...] A consequência é o encarecimento e a pouca difusão das obras do espírito. [...] É preciso, entretanto, que ela [a cultura brasileira] seja, sempre, a expressão da vida brasileira, dos nossos costumes, das nossas tendências. As influências adversas que a levam ao universalismo não poderão desligá-la da marca indígena. Daí clamarmos com Emerson: “basta do espírito de subserviência e imitação”, nosso período de dependência, nosso longo aprendizado chegou a seu fim. (MARINS, 1944, p. 57-8)

Partindo de uma questão levantada por Tristão de Ataíde — “não seria a literatura brasileira uma simples flôr de estufa” ? — a respeito da literatura produzida no período, Francisco Marins acrescenta:

Os rumos de nossas letras responderam-na. Êstes principiam com Valdomiro Silveira, Afonso Arinos e Monteiro Lobato [...] é por êstes autores que principia a nossa literatura marco [...] a onda de romancistas modernos procurou integrar, definitivamente, o nosso homem no livro,

como sêr que pensa, que ama, que sofre, que luta, como qualquer outro. Sêres que se movem em nosso ambientes e que pensam e agem de acordo com a sua condição [...] São ainda enormes os defeitos dessa literatura que procura se afirmar, mas sem igual o seu conteúdo humano, o seu cunho de verdade na interpretação dos conflitos seculares do homem com a terra. Cremos que caminha ainda para um equilíbrio maior, para uma visão menos unilateral das cousas, que a colocará numa posição de proeminência e personalidade inconfundíveis. (MARINS, 1944, p.58-59).

Pode-se inferir, pelas palavras de Marins, que a identidade da cultura brasileira, daquele momento, far-se-ia por meio da literatura, enquanto representação da realidade. Os caminhos que deveriam ser percorridos pela literatura são traçados, sob o ponto de vista de Marins, que, conscientemente ou não, traça também seu próprio caminho futuro como escritor da literatura brasileira tanto para crianças e jovens quanto para adultos.

Em 1949, em palestra proferida na Biblioteca Infantil Municipal¹⁰, as preocupações com o alto índice de analfabetismo, com os caminhos da cultura, literatura, leitura e literatura infantil e juvenil também estão presentes, agora de forma mais elaborada em relação ao discurso de 1944 e sob o ponto de vista de escritor da literatura infantil e juvenil brasileira e de Chefe do Setor de Publicações da Melhoramentos.

Voltando-se mais especificamente para os problemas da leitura e da literatura infantil e juvenil brasileira, nessa palestra o escritor ressalta o desinteresse das crianças e jovens brasileiros pela leitura, apontando suas possíveis causas:

¹⁰ No manuscrito da palestra, não há a indicação da cidade onde se localiza essa biblioteca.



Em primeiro lugar ao nosso alto índice de analfabetismo, a falta de orientação que certas vezes os pais e os professores deixam de dar aos filhos e alunos sobre a importância da cultura; a tremenda invasão de valores que se opera em nossa sociedade, onde, às vezes, a seleção se faz ao inverso, isto é, os menos dotados e aqueles que nada sabem são os que mais depressa vencem; onde as profissões culturais são por vezes as piores remuneradas. Isto desestimula as atividades espirituais. Apontamos ainda, o pouco estímulo que os poderes públicos dão à difusão do livro. (MARINS, 1949, p. 3)

Em 1955, reproduz essa mesma palestra, na Câmara Brasileira do Livro, como escritor e representante da Companhia Melhoramentos de São Paulo, acrescentando uma nova causa do desinteresse das crianças e jovens pela leitura: “as histórias em quadrinhos [...] que levam as nossas crianças imitar aqueles heróis [...] que resolvem seus problemas pela violência, engodo, crime e adultério” (MARINS, 1955, p. 3-4). Sugerindo soluções para afastar as crianças e jovens dessa leitura, Marins observa que:

Como ensino e livro se complementam e juntos representam a alma mesma da cultura, o ideal seria que, na escola primária, os professores tivessem bem presentes este grave problema e, através de uma boa e selecionada biblioteca infantil, levassem as crianças a trabalhar por si mesmas à cata de experiências nos próprios livros. O estímulo geraria o interesse e alcançaríamos aquele ideal educacional, que distingue os verdadeiros mestres. (MARINS, 1955, p. 5)

Estampam-se nas palavras de Marins as estreitas relações entre literatura, literatura infantil e a escola, instituição que, por sua função social formadora, exerce o papel de concretizadora dos ideais educacionais.

Se, em 1944, Francisco Marins já denunciava publicamente suas preocupações com a literatura infantil e juvenil brasileira, produzida após o fenômeno Lobato, ao afirmar que a “boa literatura infantil deve oferecer

oportunidade para a evasão e para o sonho, que estimule as boas qualidades, que preserve o espírito para o futuro” (MARINS, 1949, p. 2), em 1955, retoma essas preocupações, ampliando a concepção de literatura infantil e juvenil. Discute o conteúdo dos textos pertencentes a esse gênero, aponta os valores e concepções sociais que, segundo ele, deveriam estar presentes nos textos para crianças e jovens e que traduzem os ideais educacionais e as concepções de literatura infantil e juvenil daquele período.

Literatura infantil é aquela que se destina às crianças e reveste características peculiares, tais como as de adequação às várias idades e ao grau de conhecimento, tanto pelos seus temas quanto pela sua forma, e procurando deleitar ou instruir, ou educar, ou alcançar ao mesmo tempo todas estas finalidades, consegue fazê-lo dentro das justas proporções, compatíveis com a mentalidade infantil, e realiza assim obra de estímulo dessa mentalidade em desenvolvimento, bem como o ideal de beleza comum às obras de arte [...] todo bom livro para criança deveria conter, necessariamente, uma mensagem. Esta pode ser expressa ou tácita. Mensagem de amor à justiça, ao bem, à fraternidade e que despertasse interesse pela natureza e pelos animais. Como disse, a mensagem não precisa ser expressa, objetiva. As crianças quase sempre não gostam de textos áridos de ensinamentos. Nisto deve estar a habilidade do escritor. A mensagem pode resultar do entrecho [...]

Além desses ingredientes, bem dosados, o livro infantil não deve esquecer o apelo ao maravilhoso. Isto certamente, falará alto à sensibilidade e a imaginação dos jovens. O conjunto, certamente, irá ser um fio a conduzir os autores, levando-os a uma melhor compreensão do seu mundo, onde às vezes há mistérios impenetráveis ao mundo nosso, carrancudo e por vezes tirano. Não é assim? (MARINS, 1955, p. 5-6)

Como já se observou, as reflexões de Marins encontram ecos nos ideais de educação e, se comparadas à concepção de Lourenço Filho sobre literatura infantil apontada no capítulo I desta Tese, indicam a possível influência desse educador na produção para crianças e jovens do escritor Francisco Marins.

Nas décadas seguintes, o conteúdo dessas palestras de Marins vai-se

repetindo em diferentes situações, quer no Brasil — em palestras, conferências, discursos comemorativos e em entrevistas — quer no exterior, em participação em eventos, como por exemplo, no 1º Congresso Ibero-Americano de Literatura Infantil, em Buenos Aires/Argentina, em 1976, no qual Francisco Marins proferiu uma palestra sobre a literatura infantil e sua importância na formação do hábito de ler, publicada em revista alemã da época.

Nessa publicação, onde consta: “Colóquio Latinoamericano, 1976” – 13 y 14 de septiembre – *Sprendlingen*, sintetiza-se a satisfação de Marins em representar o Brasil em um evento que marca as primeiras discussões latino-americanas a respeito da literatura infantil e juvenil dos países que constituem as Américas. Salienta, ainda, Marins, nessa palestra, suas preocupações com as informações que alguns autores europeus divulgaram acerca de nosso país.

Es para nosotros, los brasileños, muy grato participar en estos trabajos y convivir, durante dos días, con personalidades e intelectuales de América y de la tierra de Goethe, quienes tan afectuosamente nos reciben y estudian con nosotros problemas comunes de la literatura, planteando un mayor desarrollo cultural. Hemos seguido atentamente las ponencias presentadas y las respectivas discusiones, y aprendimos mucho. Pero nosotros tenemos algunos problemas especiales. Oímos una serie interesante de ponencias sobre problemas de literatura y de traducciones como medio de comunicación y de entendimiento y de su influencia en la sociedad moderna [...] Infelizmente, como ocurrió más tarde, no solamente con Brasil, pero con muchos otros países, escritores europeos buscaron con sus trabajos solamente acentuar los aspectos negativos del país presentándonos como curiosidad o con problemas insolubles, y al pueblo como incapaz de desarrollo. Fueron, felizmente, pocos, si se les compara con tantas contribuciones positivas. En cambio, las ponencias aquí presentadas, demostraron que hoy en día, se busca un intercambio más práctico y poseído de un espíritu de participación con igualdad de tratamiento [...] (MARINS, 1976)

Em 1987, no artigo intitulado “Lourenço Filho e a arte de ensinar”, publicado em *O Estado de S. Paulo*, Francisco Marins retoma aquelas idéias, introduzidas em 1944, e discorre sobre o educador brasileiro, exaltando, entre outros aspectos, as contribuições de Lourenço Filho para a trajetória histórica da literatura infantil e juvenil brasileira, como Editor da Companhia Melhoramentos de São Paulo, como escritor de livros para crianças e pela contribuição à história da educação e da alfabetização no Brasil, com a publicação de *Cartilha do povo* (1928), da cartilha *Upa, cavalinho!* (1957) e do livro *Testes ABC*: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita (1934).

Em 1997, retoma esses aspectos relacionando-os mais diretamente com a literatura infantil, em palestra proferida na Universidade Estadual Paulista — UNESP/Marília —, por ocasião da Jornada Lourenço Filho, realizada em comemoração ao centenário de nascimento desse educador. Intitulando-se “Literatura Infantil e Lourenço Filho”, essa palestra foi publicada na coletânea resultante do evento. No texto, Francisco Marins ressalta que Lourenço Filho dedicou-se

À leitura de textos alheios, em originais, alguns que se transformaram em livros, outros que nunca saíram das laudas iniciais [...] Lourenço Filho desejava que a leitura pudesse se tornar uma ponte entre o mundo da criança e o do adulto e não uma pinguela para derrubá-la no abismo [...] (MARINS, 1997, p 79; 83)

Para Francisco Marins, a concepção de literatura infantil de Lourenço Filho incide na função humanizadora e considera que, naquele momento, parecia-lhe difícil “medir-se o quanto de influência direta e indiretamente, dele sofreram

centenas de autores [...]” (MARINS, 1997, p. 87), mas ressalta que “no que tange às atividades específicas do livro infanto-juvenil, foi ela enorme e podemos dar testemunho[...]” (p. 89).

Se as concepções de literatura infantil e juvenil de Francisco Marins e de Lourenço Filho apontam para a influência desse educador sobre o escritor em estudo e para os ideais educacionais das décadas de 1920 a 1950, que, de certa forma também orientam a produção desse escritor, não se pode perder de vista que a escola, continua exercendo o papel de mediadora entre essa literatura e o seu público, transformando-se em alvo de divulgação dos livros do gênero. A esse respeito, Marins salienta, em entrevista à pesquisadora Ana Maria Menin, em 02/04/1997, que a história desse gênero se faz, inicialmente, pelo livro didático, não apenas por este incluir os textos de literatura infantil em suas páginas, mas também pelo fato de ser o livro didático o suporte comercial para a publicação da literatura infantil e juvenil brasileira.

Eu disse que o nascimento da literatura infantil no Brasil e, depois, a evolução dela como também a própria literatura de adultos se deve muito ao livro didático, porque, se não fosse o livro didático, você não teria um suporte comercial para [lançar o livro] [...] Biblioteca das Moças e um monte de livros que vieram todos na carona dos livros didáticos [...] o grande “filé mignon” do Brasil [...] para cada livro de literatura ela [Editora Ática] lança dez didáticos [...] (MARINS, 1997, p. 3)

Como se pode observar, já naquela palestra de 1944, encontram-se indícios do que viria a ser o futuro do então estudante Francisco Marins. Preocupado com a formação da cultura nacional, com o analfabetismo que ainda imperava na sociedade da época, com a quase inexistência da leitura entre as classes menos favorecidas, com o difícil acesso ao livro e sua aquisição, o que o encarecia,

impedindo que se alterasse o estado de inércia intelectual do povo brasileiro, Marins anunciava uma concepção de cultura e de literatura brasileira que acompanhariam toda a sua trajetória de vida, quer como jornalista e futuro bacharel em Direito, quer como funcionário, chefe de setor, escritor e editor da Companhia Melhoramentos de São Paulo.

2.6 Sobre o processo de criação e a repercussão de seus livros

Durante toda a sua vida acadêmica e profissional, Francisco Marins esteve em evidência, tendo seu nome circulado por inúmeros jornais, revistas, em solenidades ligadas à cultura, à literatura, ao livro, à Academia Paulista de Letras, em atos cívicos no interior e na capital do estado de São Paulo e até mesmo como representante do Brasil no exterior. São inúmeras as referências a esse escritor e sua obra na imprensa escrita e, ultimamente, também na rede de televisão da região de Botucatu/SP¹¹.

Talvez por ter sido um homem muito ocupado e que acumulou, concomitantemente, vários cargos e funções, além de escritor, poucas são as entrevistas, palestras, conferências, discursos, depoimentos desse escritor voltados especificamente para a sua produção literária quer como jornalista colaborador, quando escreveu seus primeiros artigos e contos, quer como escritor de livros para adultos e crianças e jovens. Sua voz propagou muito mais a cultura, literatura e o livro do que sua própria obra.

¹¹ Um dos exemplos mais recentes é a entrevista concedida a Lucius de Mello, responsável pelo programa "Modelo Comunidade", da Rede Globo de Televisão e TV Modelo (regional da Rede Globo em Botucatu), exibida em 18/04/2000.



No entanto, mesmo referindo-se, em entrevistas, palestras ou discursos, à sua atuação Acadêmica — Academia de Letras da Universidade de Direito de São Paulo, Academia Botucatuense de Letras e Academia Paulista de Letras —, ao cargo de Chefe de Setor ou Editor da Companhia Melhoramentos de São Paulo, ao cargo de Presidente da Câmara Brasileira de Letras, da Comissão Estadual de Literatura e do Conselho Estadual de Cultura, as menções à própria produção literária se fazem presentes, uma vez que o discurso *sobre* e o discurso *da* obra literária se entrecruzam e se completam.

Assim, as concepções do escritor sobre o mundo que o rodeia, no caso específico de Marins, encontram-se, direta ou indiretamente, no conteúdo dos textos produzidos por esse escritor, ao longo de sua trajetória profissional. Todavia, há momentos em que o escritor é solicitado a refletir sobre o seu trabalho e a ele se referir mais diretamente. São essas referências específicas que podem auxiliar o pesquisador a compreender o projeto de criação do escritor e como ele avalia a concretização ou não desse projeto. Momentos em que o escritor precisa olhar para dentro de si e de sua obra em busca de respostas a tantas interrogações.

Buscando compreender o pensamento de Francisco Marins sobre a sua produção escrita, desde o tempo de ginásio, procurei localizar, selecionar e sintetizar o que julguei mais relevante — considerando os objetivos, as questões norteadoras e a hipótese desta Tese — que passo, então a registrar.

Em 1955, em entrevista para a *Imprensa Católica*, Francisco Marins observou que lhe parecia difícil precisar qual de seus livros mais agradava ao



público, naquele momento histórico, se tomasse como critério de medida o número de edições e tiragens de seus livros.

É difícil uma apreciação exata, porquanto todas elas [as edições dos livros] vêm sendo reeditadas seguidamente e também, porque, sendo os meus livros fartamente distribuídos pelas bibliotecas do país, o critério numérico de saída dos exemplares seria, evidentemente, por não englobar a opinião dos frequentadores das bibliotecas. Pelas cartas que tenho recebido das crianças e também pelas críticas pessoais, acredito, o mais apreciado da série destinada às crianças até 14 anos é “Os Segredos de Taquara-Póca” que já tem sua terceira edição praticamente esgotada. No conjunto, toda a série, entretanto, vem tendo boa aceitação, devendo alcançar, até o final deste ano, um total de 150.000 exemplares editados. (MARINS, 1955, p. 11)

Sobre os possíveis autores que o influenciaram, Marins responde que seria difícil organizar a resposta de forma precisa, mas

no setor de produção infantil, não recebi, talvez nenhuma influência específica, mas talvez daqueles escritores que, sem o desejarem escrever para a juventude, produziram os mais belos livros para elas, tais como Defoe, Cervantes, Stevenson, Dickens, Jack London e tantos outros. Cada obra é, creio, marcada por um pouco de nós mesmos e, no caso, minha infância vivida no ambiente rural, entre a gente rude mas boa e simples do sertão que enfrenta todos os anos a mesma luta incerta com a natureza, mas sempre cheia de surpresas e interesse, foi o que marcadamente decidiu o destino do escritor infantil, tanto assim, que grande parte das histórias da série “Taquara-Póca” revela episódios realmente vividos pelo autor ou por seus companheiros de outros tempos; e o ambiente e as personagens, muitas vezes, têm os nomes verdadeiros.

Na série que escrevi para a juventude, a que denominei “Tonico”, o objetivo é proporcionar aos leitores conhecimentos sobre nossas coisas. Há grandes e fascinantes episódios em nossa história e, principalmente, no ciclo do bandeirismo brasileiro que constituem magníficos romances de aventuras reais [...] Ainda agora, porque continuamente muitos de meus jovens leitores me interrogavam sobre o que aconteceu depois dos Martírios, resolvi recomençar a narrativa do ponto que findara [...] procurei reviver para os moços, episódios reais, sobre as passadas sertanejas daqueles homens-titãs [...] não precisamos ir à cata de heróis esdrúxulos, de valentes mais irreais super-vingadores, de mocinhos invencíveis ou quixotescos que nos mandam além mar. O filão nacional é riquíssimo, original e ainda inexplorado. (MARINS, 1955, p.11-2) ¹²

¹² Ressalto que, os dados coletados junto às editoras que, durante todos esse anos, publicaram os livros do escritor Francisco Marins não apresentam nenhuma série denominada de *Tonico*.

Na época em que concedeu essa entrevista, seu livro mais divulgado era *A aldeia sagrada*. Talvez, por isso, o entrevistador tenha perguntado sobre a possibilidade da influência de Euclides da Cunha nesse livro. Em resposta, salienta Marins:

Esta pergunta, em parte, já respondi pelo que disse antes. Meu desejo é revelar episódios empolgantes da nossa terra para a juventude. Fiz assim em “Expedição aos Martírios”. Retomei um autêntico e desconhecido herói em “Territórios de Bravos”. Canudos é uma epopéia nacional dos adolescentes e tem o objetivo de despertar o interesse por esse inesquecível episódio. Esse interesse os levará, certamente, mais tarde, a ler o maior livro já escrito no Brasil, e a tornar-se admirador permanente de Euclides da Cunha [...] (MARINS, 1955, p. 17)

Em 1956, em entrevista concedida a Raimundo Mendes, do jornal *Folha da Manhã* (SP), Francisco Marins reconta sua origem e infância, ressaltando que o conteúdo de seus livros, na verdade, são lembranças dos tempos de menino. Questionado sobre as influências recebidas de pessoas e autores, Marins volta a citar os clássicos da literatura infantil e acrescenta:

Muitos livros e pessoas contribuem, direta ou indiretamente, para a nossa formação intelectual, e é difícil, a qualquer momento, destacarmos os principais. Quando estudante ginásial [...] fazia serões na biblioteca [...] ali encontrei Dostoiewski, Balzac, Eça de Queirós [...] Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Pompéia, Graça Aranha, Flaubert, Zola, Tolstoi e o volume que talhou fundo o meu interesse futuro: “Os Sertões”, de Euclides da Cunha [...] (MARINS, 1956, p. 72)

Dando continuidade à exposição sobre os grandes marcos de sua vida, volta-se para o seu primeiro conto, “Ritinha”, que, segundo Marins, foi escrito aos 14 anos e lhe rendeu a primeira premiação, pela revista *O Malho*/RJ. Segundo o

escritor, os elogios e incentivos recebidos do editor da revista o impulsionaram a escrever outras histórias que denominou de “Contos sertanejos”. Em seguida, faz algumas considerações em torno do número de tiragens de seus livros, no Brasil e no exterior, e comenta sobre o momento de sua criação:

Escrevo conforme a ocasião, a lápis, a tinta, a máquina, como todo escritor brasileiro que não faz do que escreve profissão, as horas da literatura são as roubadas do sono [...] nestes momentos [...] não dispenso cafezinho [...] o amigo e tema de meus livros e ao mesmo tempo concorrente da literatura em minhas horas de folga, pois volto as minhas origens para lidar com a terra e esquecer os problemas da cidade. (MARINS, 1956, p. 72)

Em 1971, respondendo a uma entrevista elaborada e conduzida por uma equipe de alunos da 4ª série ginásial do Colégio Estadual “Professor Fidelino de Figueiredo”, de Botucatu/SP, o escritor tece alguns comentários sobre o momento de criação e sobre os resultados desse momento: a sua produção literária. Questionado sobre a existência de um roteiro prévio para a escrita de seus livros, Marins responde que, para o escritor, o ideal

seria organizar um roteiro antes, aliás, todos os trabalhos de literatura mandam que quem escreva, deva fazer um roteiro, mas de fato, quando a gente começa a escrever um livro são tantas as influências que pesam sobre o escritor e a própria condução da história, que você não pode se manter num esquema, evidentemente quando escrevo os romances históricos, tenho um roteiro cronológico, pois a cronologia é importante, pois eu estou sempre dentro da época, mas dentro desta cronologia eu tenho a parte puramente imaginativa, ficcional e essa parte quase revoluciona todo o esquema e leva o escritor às vezes a um lugar que ele não queria ir. (MARINS, 1971, p. 5)

Em relação às pesquisas preparadas para a produção de suas obras, Marins afirma que, no fundo, é

um escritor que tem trabalhado sobre material existente, procuro primeiro os pontos de apoio, básicos na história, então, em torno disso aí é que escrevo os meus livros, especialmente os da fase atual, os romances, que são inteiramente baseados em documentos, aliás quase inteiramente baseados em documentos, então preciso me cercar de todo o elemento já existente na história e aquilo que é o documento, para daí construir os meus livros. Nos infantis também em boa parte, aqueles que foram escritos sobre o bandeirismo são todos baseados em documentos. (MARINS, 1971, p. 5)

Continuando seus comentários sobre o momento de criação de seus livros, o escritor observa que não sente necessidade de se isolar para escrever, acrescentando:

tendo escrito todos estes livros, assim no tumulto do meu trabalho diário, não tenho nem possibilidades de me isolar. Especialmente numa fase em que a gente tem que escrever mesmo para dar continuidade àquilo que foi começado, então não há possibilidade nenhuma de interrupção, tem que ser tocado [...] para escrever a gente tem que ter um roteiro prévio, como já disse, pré-estabelecido, este roteiro pode não ser seguido mas pelo menos está pré-estabelecido, agora este roteiro deve ser engrossado com as idéias originais que surgem no escritor e mais o documentário [...] você deve seguir num certo sentido na perseguição daquele tema, nada impedindo que ao ser elaborado esse livro surja uma idéia que pareça melhor ou grandiosa para um outro livro que comportaria um esquema a parte. No meu caso, confesso que talvez ao escrever um determinado assunto eu tenha me empolgado também com um assunto marginal e nunca tenha escrito. É o caso do tema sobre Rondon, que sempre me empolgou e que estou devendo para meus leitores. (MARINS, 1971, p. 6)

Em relação especificamente à literatura infantil e juvenil, o escritor faz as seguintes considerações:

Quando escrevi os livros infantis, evidentemente os temas foram surgindo à medida que publicavam o livro. Logo que eram publicados, ia pensando num novo tema e ia escrevendo ou procurava dentro daquela linha, verificando as reações dos leitores [...] fui escrevendo um atrás do outro, buscando sempre um tema que eu julgava empolgante para os jovens, procurando abranger toda a formação brasileira, a formação social e a formação histórica e depois passando para os romances, segui uma ordem cronológica, então não pude fugir, pois sendo o tema do café e do pioneirismo, desbravamento do interior, eu teria sempre uma sequência

no tempo, então não poderia fugir a uma realidade; agora, dentro desta realidade, eu encaixei coisas curiosas, coisas que eu imaginei para tornar aqueles temas atrativos. (MARINS, 1971, p. 6)

Refletindo sobre a repercussão de sua obra, adverte Marins:

é difícil dizer o que seja sucesso, o sucesso pode ser vendagem de livros, pode ser sucesso de crítica, pode ser puramente pessoal; eu não avalio o sucesso de um escritor pela vendagem de livros, muito pelo contrário eu acho que os grandes escritores foram aqueles que venderam muito pouco, que não tiveram a glória no seu tempo, não foram levados para as páginas dos jornais como grandes homens. Cito Coelho Neto, foi um escritor considerado príncipe dos escritores brasileiros do seu tempo, era um homem que aonde ia era bafejado pela crítica e por todos os elogios, no entanto, se você procurar um livro de Coelho Neto nas livrarias você não encontra. Machado de Assis talvez não foi um escritor tão consagrado no seu tempo e hoje é considerado o maior escritor do Brasil. O sucesso não se mede pela explosão momentânea, mede-se pelo tempo, pela permanência, pela aceitação da crítica, pela influência que o autor tenha sobre seus contemporâneos [...] de modo que eu não diria qual foi o sucesso de meus livros, pois é muito cedo [...] eu posso dizer que os infantis têm tido grande divulgação e como alguns deles já se traduziram para quatro línguas [...] isto a meu ver me dá uma satisfação pessoal que se fosse medida como sucesso, diria que tiveram algum sucesso. (MARINS, 1971, p. 6)

Em entrevista concedida a Jair Aceituno, redator de “Caderno 2”¹³, em 04 de abril de 1989, por ocasião de sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, concorrendo à vaga de Menotti Del Pichia, o escritor Francisco Marins faz comentários sobre sua obra, seus objetivos em cada publicação, sobre ficção e realidade em seus livros, sobre alguns de seus livros, em especial, sobre a conquista do mercado editorial estrangeiro e sobre os direitos autorais, sempre alertando que seu discurso traduz a voz das duas faces do livro “a do escritor e a do editor”. Assim, observa Marins que “há muito o que falar ainda sobre as

¹³ Embora no recorte localizado não conste o título do jornal, trata-se provavelmente do *Jornal do Brasil* (RJ); como também não há registro da numeração da página, em todas as citações dessa entrevista serão indicados apenas nome do autor e a data de publicação.

mutações agrícolas e valorizar as figuras folclóricas, como o Curupira e o Anhangá, duendes criados pelos índios séculos atrás, já com preocupação de defender o meio ambiente.” (MARINS, 1989)

Em relação aos objetivos que o moveram a escrever e publicar, em 1945, *Nas Terras do Rei Café*, afirma Marins:

O objetivo não era simplesmente fazer um livro, mas acima de tudo levar uma mensagem construtiva e educativa, pois considero que este tipo de leitura precisa ter muito de lazer, mas também muito de formação. No primeiro, livro contei aquilo que é importante na vida rural: os problemas e as lutas na terra, seus personagens comuns. O sítio Taquara-Póca é uma propriedade cheia de deficiências, porque o homem brasileiro tem as tendências próprias e é ainda obrigado a enfrentar as da estrutura e do governo, que não olhou convenientemente para o setor agrícola. No segundo livro da série — *Os Segredos de Taquara-Póca* (1957) —, já levantei o problema da ecologia, que está aí desafiando a todos. (MARINS, 1989)

Discutindo até que ponto predomina ou a ficção ou a realidade em seus livros, Marins explica:

Quando escrevo um livro, procuro documentá-lo para que seja uma verdade, não apenas uma fantasia; a fantasia é a parte ficcional, mas logo o documento está embutido na história. Ao escrever *Expedição aos Martírios* (1952) pesquisei os grandes cronistas e historiadores que fizeram essa rota, mas, não contente, tentei em muitos passos testar o caminho. Fui até Goiás Velho, antiga capital do Estado de Goiás e dali, fui ao Rio Vermelho e à Serra Dourada, onde morou Anhanguera II, que na região atribui as minas que mandavam o ouro para Portugal, com o qual foi feito o grande mosteiro de Mafra. Depois dessa pesquisa, escrevi também *Volta à Serra Misteriosa* (1954) e o *Bugre do Chapéu de Anta* (1956), constituindo o chamado roteiro dos *Martírios*, em que misturo a ficção à realidade. (MARINS, 1989)

Questionado sobre como soava o progresso, daquela época, para um escritor voltado para os problemas do meio rural, Marins comenta:

Soa muito bem. Como escritor tenho um projeto literário muito grande, escrevi quatro livros sobre o café – *Clarão da Serra* (1963), *Grotão do Café Amarelo* (1964), *E a Porteira Bateu* (1968) e *Atalho Sem Fim* (1986) –, que são seqüências, tendo uma ordem cronológica que começou em 1940 e está parada na Revolução Paulista de 1924. Em continuação a isso, agora vou contar sobre um de meus personagens, que esteve na Coluna Prestes, e voltou a Botucatu contando histórias. Aí relatarei a questão política, sem perder de vista a problemática do café, porque vou contar o *crack* de 1929. Esse livro, que já estou escrevendo, vai se chamar *Fogueira Verde*, e espero lançá-lo em dois anos. (MARINS, 1989)

A respeito do livro *Expedição aos Martírios* que, segundo o entrevistador, sugere uma premonição do episódio ocorrido em Serra Pelada, Marins explica:

Acho que a gente pode morar em qualquer lugar e estar sintonizado com os problemas do País. Esse livro tem realmente uma espécie de premonição. A expedição que ali descrevo partiu como os bandeirantes teriam partido, fazendo mais ou menos o mesmo trajeto e chegam ao lugar chamado Martírios, que é histórico. Segundo a crônica daquele tempo, seria ao lado do rio Araguaia, mas há quem diga que tem muita identificação com os pontos onde se encontrou ouro em Serra Pelada. Inclusive, o escritor Eric Von Danikën, autor de *Eram os Deuses Astronautas*, ficou tão impressionado quando leu o meu livro que, quando veio ao Brasil, quis ir lá. (MARINS, 1989)

Conforme o entrevistador, Marins era considerado, em 1989, um *best-seller* na Hungria. Questionado sobre sua ligação com esse país, Marins afirma que a sua

ligação com a Hungria é muito curiosa, porque o Brasil (sic)viveu o senhor Monar Gabor, que faleceu há pouco tempo. Gabor veio para a Amazônia na época em que se começou a fazer exploração da borracha. Mas, num acidente, ficou cego das duas vistas, retornou a sua terra e lá começou a escrever suas histórias. Um dia não sei como, meu livro *Expedição aos Martírios* chegou às mãos dele e ele se entusiasmou, escrevendo-me que gostaria de ver a obra traduzida para o húngaro; não pôde traduzir porque estava cego, mas ajudou muito no trabalho, e eu assim acabei virando *best-seller* na Hungria, porque se venderam três edições, em torno de 400 mil exemplares. E, depois da Hungria, a obra foi traduzida na Checoslováquia. (MARINS, 1989)

Em 1990, na introdução do livro *Favo de mel*, Francisco Marins afirma que os contos revelam “alguns subsídios para o conhecimento de episódios que lhe ajudaram a compor os primeiros escritos e, assim, constituem as próprias raízes da sua futura linha de produção, seja quanto à temática ou à própria inspiração” (MARINS, 1990, p. 7)¹⁴.

Para Marins, seus primeiros textos foram “um misto de crônica e conto breve que, em alguns dos escritos, aliava informação, fantasia e uma ponta de crítica social [...] Assim, não só contou ‘causos’, como intentou meter a sua ‘colher de pau’ [...] na sopa aguada da vida provinciana” (MARINS, 1990, p. 7). Em relação à presença do conteúdo desses textos nos livros para crianças, jovens e adultos, explica o escritor:

Para não fugir à regra de que “quem conta um conto aumenta um ponto [...]” e, de tanto repetir as narrativas sertanejas, na fase oral, o adolescente começou a aumentá-las, conforme as reações de seu auditório. E, mais tarde, já por volta dos vinte anos, para não ter que repeti-las, achou de publicá-las num jornal da sua cidade. Havia uma sobre o carro de bois, outra sobre ciganos, sobre o circo [...] Temas que mais teriam marcado aqueles dias do menino da calças curtas, botina de elástico e chapéuzinho de palha [...]

O *Clarão da Serra* já atormentava, na fase dos contos [...] comecei despreziosamente com *Nas Terras do Rei Café*, dentro do tema rural. E como na época aquela obra teve boa divulgação, o Autor resolveu adotar as mesmas personagens e o ambiente roceiro para mais seis livros da série. O do ciclo juvenil viria, em seguida, com o *Roteiro dos Martírios* e as aventuras de Tonico, Perova e do Bugre-de-Chapéu-de-Anta. Então a visão do escritor se alargaria para temas da história brasileira – o drama canudense com *A Aldeia Sagrada*, episódios do bandeirismo, do alargamento de fronteiras, a epopéia do Acre [...] Só depois apareceria o romance.

¹⁴ Observa-se que o trecho citado é transcrição de fala de Francisco Marins. O fato de encontrar-se em 3ª pessoa, em discurso indireto, justifica-se pelo distanciamento que o escritor procura imprimir em seu discurso como forma de “olhar de fora” para a sua produção. Sugere a presença de um leitor crítico e não apenas do escritor, gerando a impressão de que se trata de duas pessoas distintas. Esse recurso vai aparecer muitas vezes nesta Tese, quando da citação da fala do escritor sobre sua obra.

O Clarão da Serra virou a locomotiva que havia de puxar as outras obras do ciclo *O homem e a Terra* [...] [os contos] uns foram publicados naquela época, outros não, permanecendo datilografados, amarelecendo [...] Mais tarde, aos revê-los, identifiquei nesses pequenos episódios, personagens e assuntos que já compunham os romances e os livros infanto-juvenis publicados. O meu mundo rural reaparecera de outras maneiras, embora no fundo fosse o mesmo, da visão infantil... “Ritinha”, que não é bem um conto, de acordo com a característica maupassaniana, tão bem aventurada [...] “Ritinha” não obedece àqueles cânones. Era só uma página de saudade, da vida sertaneja, com a nostalgia de quem partira e voltava, para reencontrar o que fora o primeiro amor. Narrativa despretenhosa, assinalaria, entretanto, alguns pontos importantes da vida do escritor [...] Concorrera, sob pseudônimo, a um concurso da revista *O Malho* [...] Ufano, o vencedor andou a exhibir o recorte aos seus colegas ginásianos, depois, o próprio conto, que apareceu, com destaque, na revista carioca, de boa circulação [...] Um jovem desenhista carioca, Oswald Storni, fizera a ilustração do conto. E ele, mais tarde, por capricho do destino, viria para São Paulo e haveria de dar relevo a mais de uma dezena de meus livros, com seus bicos-de-pena extraordinários, que se tornariam apreciados no Brasil e no exterior[...] (MARINS, 1990, p. 9)

Em relação aos outros contos, acrescenta Marins:

“Mulita” veio a seguir, tentando lembrar a vida dos boiadeiros e tropeiros que meu bisavô, avô e pai tinham sido. A saga desses valentes reaparece em capítulos do romance *Atalho Sem Fim*. [...] “Noite da Gead Grande” é baseada em fenômenos que tantos desastres têm causado à cafeicultura e ressurgiu, também, no romance ... *E a porteira bateu*. Foi fato real para muitos fazendeiros e assinala, também, a cena cruel que um dia eu mesmo vivi como pequeno plantador de café — quando vi queimada pelo frio de uma única noite toda a plantação da Fazenda Bocaiúva [...] “A picada da cobra”, primitivamente chamado “Florenço”, é um conto de Natal, de sentido místico, inspirado em personagens que reaparecem no romance *Grotão do Café Amarelo* [...] Não podia fugir ao meu mundo de infância e daquela gente que me cercava e vivera os dramas da maturidade! (MARINS, 1990, p. 10)

Talvez empolgado pelas lembranças que o levam a reviver o passado, Francisco Marins conta, com detalhes, o processo de criação da novela *O tesouro*, escrita em parceria com Hernani Donato



Naquela época – engolfado nas aventuras de Huckleberry Finn, Tom Sawyer e nos livros de Salgari, Sabatini, Karl May, Mayne Reid – a viver belos sonhos com esses mestres da ficção, planejei, juntamente com um amigo fraternal [...] um livro de aventuras — O Tesouro —, que escrevemos a quatro mãos, e um suplemento do jornal de São Paulo teve a coragem de lançar em capítulos. Hernani Donato haveria de escrever sobre o episódio e de seu gênero: “a aula era de gramática. Mas o rapazinho, embarcado na fantasia dos doze anos [referindo-se a Hernani Donato], navegava pelo mar das Antilhas. Descrevia, com rugidos de vento, ribombos de canhões e urros de maruja, o combate de um galeão pejado de ouro e de mulheres bonitas contra um brigue pirata estimulado pela sede de ouro e de belas mulheres. Nada de próclise, de ênclise, de mesóclise. Embalava-se em heroísmo e ternuras. Escrevia e sorria. Planejava terminar o episódio, deixando os barcos retalhados pela borrasca e ralados pelos tiros, os homens feridos e mortos, as mulheres em pânico. O Francisco Marins, a quem caberia escrever a continuação, na aula seguinte — geografia — que desse tratos à bola para consertar os navios, cuidar dos homens e acalmar as passageiras. Pois o capítulo da novela, a dois autores, deveria ser publicado em jornal de São Paulo poucos dias mais tarde. (MARINS, 1990, p. 10-1)

Quanto ao conto “O favo de mel”, explica Marins:

É o único ainda não publicado [o conto está sendo publicado pela primeira vez]. Escrevi-o, há bons anos passados, quando se iniciara a corrida, no Estado de São Paulo, para plantação de cana-de-açúcar. Uma tristeza profundamente me atingiu ao ver que as melhores terras, aquelas que poderiam produzir cereais, para tornar o país o maior produtor de grão do mundo, iam sendo tomadas pelos canaviais. Estes, insensíveis e impiedosamente, iam liquidando com os sítios e fazendolas, marcantes na paisagem, com seus pomares, vaquinhas de leite, cercados de porcos, com as casinhas simples fumacentas e os mastros devotados aos tríplexes santos juninos.

Aqueles quadros muito vivos e humanos, que eram células integradas à nossa economia rural, marcando a sobrevivência das pequenas famílias, se transformavam numa “onda verde”, que não era mais a de Lobato, mas de uma paisagem monótona, que levaria à implantação do “bóia-fria”, sofrendores na cidade e condenados a buscar seu sustento nas próprias propriedades agrícolas que, em muitos casos, foram suas, ou nas quais trabalharam ou antes haviam criado seus filhos. (MARINS, 1990, p. 11)

Questionado a respeito de o conto “O favo de mel” ter sentido de crítica, o escritor responde:

Talvez. De qualquer forma é flagrante amargo de uma realidade, que mudaria a agricultura, tradicionalmente dedicada ao café e aos cereais, à relação empregado e trabalhador rural e geraria muitos males, que haviam de se projetar para os anos seguintes. O conto retrata o início daquela fase desastrosa. A realidade sociológica será objeto de um dos romances, ainda a aparecer. (MARINS, 1990, p. 11)

A preocupação social presente nos contos publicados na coletânea *O favo de mel* é interpretada por Marins como uma marca, um estilo de toda a sua produção literária.

Muitos fatos e personagens gritam [sic] em face do drama do homem e da terra, o binômio que jamais se afastou de meus livros e, como se vê, se repete de uma maneira ou de outra nos caminhos literários adotados: o do ciclo infanto-juvenil; o dos contos; o dos romances e, também, os próprios ensaios escritos sobre a obra de Euclides da Cunha. (MARINS, 1990, p. 11)

Em março de 1996, o escritor Francisco Marins participou da Festa da Uva, em Caxias do Sul/RS, expondo sua obra. Entrevistado por Fernando Davaglio, do jornal *O Quatrilho*, Caxias do Sul/RS, o escritor afirma que “trabalha na área por amor a cultura” (Marins, 1996, p.8), pois acredita que ao jovem é preciso oferecer o conhecimento da história de sua gente, seus costumes, tradições e bravuras.

Segundo o escritor, “a maioria dos jovens sabe quem é o Batman, o Superman, o Fantasma, mas não tem idéia de quem foi, por exemplo, o gaúcho Plácido de Castro” (Marins, 1998, p. 8). A respeito de sua obra infantil e juvenil e das características dos leitores brasileiros, Marins observa que: “Mesmo que meus livros circulem mais no interior, os meninos da cidade se deslumbram com a vida do campo, que eles não estão acostumados.” (MARINS, 1998, p. 8).

Em relação a sua produção mais recente, o escritor afirma que, no momento da realização da entrevista, preparava a sequência das aventuras vivenciadas por seus personagens em *Expedição aos Martírios*, “um projeto mais extenso, um romance”, mas salienta, com certo tom de brincadeira e superstição: “Não posso dar o título. Diz uma lenda que falar o nome de um livro antes de estar pronto é como uma praga, o trabalho acaba não saindo” (MARINS, 1998, p. 8).

Em entrevista concedida à revista *Kalunga*, São Paulo/SP, em junho de 1998, Francisco Marins discorre sobre o estilo de sua produção para crianças e jovens, abordando a aventura, o mistério e a coragem do homem rural, misturadas à fantasia e realidade, história e folclore: “Mostro como as crianças da cidade podem conhecer uma nova realidade no campo, na fazenda Taquara-Póca, de propriedade do avô de Dudu e de Tião.” (MARINS, 1998, p. 110)

A respeito das figuras do folclore brasileiro, ressalta o “curupira”, que, segundo o escritor, foi “o nosso primeiro ecologista, um defensor da natureza como poucos. Os índios foram muito sábios ao criar este personagem para aterrorizar os caçadores abusivos, especialmente aqueles que matavam animais prenados ou com seus filhotes.” (MARINS, 1998, p. 111).

Driblando a clássica pergunta do entrevistador, o escritor observa que a realidade e a fantasia em *O sótão da múmia* coexistem, como nos demais livros que já escreveu. Segundo o escritor, a trama se desenvolve no período da ditadura de Getúlio Vargas e narra a história de um cientista que, a partir da leitura do diário de Langsdorff — personagem histórico da *série Roteiro dos Martírios* —

descobre que os índios usavam uma planta para curar a malária e procura desenvolver um medicamento para a cura da doença. Segundo o escritor, a cura da doença pela planta é o fato verídico e o

que é fantasia é que Tônico deixou um diário onde conta o mesmo fato, acrescentando que a pessoa curada pelo pajé era uma mulher que viveu até um parto mortal e depois foi mumificada. O cientista, então, encontra o corpo da múmia no sótão da sua casa, trazido por seu bisavô, um membro da expedição de Luis Reiedel, que realmente existiu, criador do jardim Botânico do Rio de Janeiro. (MARINS, 1998, p.111)

Concluindo, Marins ressalta que “os jovens sempre foram alvo da minha atenção e devemos dar o melhor de nós a eles, inclusive a linguagem.” (MARINS, 1998, p. 111)

Em 1999, o escritor viu seus livros infantis e juvenis serem adaptados para o teatro, pelo grupo Chafariz, de Botucatu/SP, e manifestou sua opinião na coluna “Cultura”, do *Diário da Serra*, Botucatu/SP, de 12 de março de 1999. Para o escritor, essa adaptação é uma experiência nova e muito importante: “é uma boa adaptação e o Chafariz merece todos os méritos. Ficou um esplendor. Encontrei muita gente no teatro que também foi ver a peça mais de uma vez, pois ela resgata muito da infância de quem leu Taquara-Póca” (MARINS, 1999, p. 4)

Em entrevista cedida a Ricardo Távora, da revista *Chão & Gente* (SP), citada em *O curandeiro dos olhos em gaze* (2001), Marins afirma que começou com “*Nas terras do Rei Café*”, que hoje tem 34 reedições. Em conjunto, só os infanto-juvenis ultrapassam, em tiragem, 2,5 milhões de volumes, com dezenas de reimpressões. Também foram apresentados em peça teatral” (p. 177).

Ainda no posfácio de *O curandeiro dos olhos em gaze*, Marins manifesta suas impressões sobre a repercussão de sua obra, comentando a opinião de grandes escritores do país.

é difícil avaliar até que ponto a amizade de muitos influi em avaliação isenta. Como acadêmico e ex-presidente da Academia Paulista de Letras, além de minha atividade como editor e como presidente da Câmara Brasileira do Livro, colecionei amizades com figuras da maior expressão das letras e da cultura nacionais. Também entre os chamados conhecedores da literatura, os quais, desconfio, teriam olhado meus escritos com simpatia e benevolência. De qualquer forma sou imensamente grato aos que, tendo recebido meus livros ao longo dos anos não tiveram o gesto convencional de acusar seu recebimento, mas realmente os leram, pois escreveram ao autor e alguns até publicaram comentários e/ou notas jornalísticas a respeito (MARINS, 2001, p. 180-181)

A recuperação e a leitura da obra de Francisco Marins bem como de toda a sua produção intelectual permitem observar que esse escritor conta com uma extensa e intensa produção sintonizada com sua época. Essa observação, por sua vez, aponta para a importância de Francisco Marins não só para a compreensão, da história da literatura infantil e juvenil brasileira em determinado período histórico-social, mas também para a compreensão da cultura brasileira, uma vez que sua produção dialoga com as concepções de educação; escola; leitura; literatura; literatura infantil e juvenil e com a produção brasileira desse gênero; com o mercado editorial e, participa da história do livro e da leitura no Brasil, se se considerarem os diferentes pontos de onde partem os discursos de Francisco Marins, conforme vêm apontando os aspectos da configuração textual da obra infantil e juvenil de Francisco Marins, introduzida no capítulo anterior.

CAPÍTULO 3

A produção *sobre* Francisco Marins e sua obra



3.1 Em livros e/ou coletâneas de textos sobre literatura infantil e juvenil¹

Oliveira (s.d.), em um ensaio intitulado “A Literatura Infantil através dos tempos”, discorrendo sobre as concepções de literatura e definindo a literatura infantil como “ritmo e cadência da alma adulta que conduzia à alma da criança” (p.10), traça um perfil desse gênero desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e Moderna até alcançar as manifestações desse gênero no Brasil. Salienta os pioneiros, como, por exemplo Thales de Andrade, e adentra os anos de 1920 com Monteiro Lobato. Nas décadas seguintes são contemplados: Lourenço Filho, Menotti Del Picchia e Francisco Marins, entre outros.

No entanto, restringe-se apenas a elencar as obras “infantis” desses escritores. No caso de Marins, cita, nesta ordem: “*O Coleira-Preta, Gafanhotos em Taquara-Póca, Os Segredos de Taquara-Póca, Viagens ao mundo desconhecido e Nas terras do rei café.*” (p.19)

Salem (1970)² faz um balanço dos principais tradutores, adaptadores e escritores da literatura infantil e juvenil brasileira, classificando-os nas seguintes categorias: “precursores” - traduções e adaptações; “pioneiros” - os primeiros escritores a produzirem textos para crianças e jovens no Brasil, incluindo nessa categoria Monteiro Lobato; “Homens de Letras” - categoria dedicada a autores da literatura para adultos que se dedicaram à literatura infantil e juvenil, após Lobato; “professores” - categoria que inclui professores e educadores, dentre os quais

¹ Neste tópico, assim como ocorreu em outros casos semelhantes nesta Tese, os textos serão apresentados de acordo com a ordem cronológica de publicação da primeira edição.

² Conforme já observado, anteriormente, nesta tese, a primeira edição de *História da literatura infantil*, de Nazira Salem data de 1959. Para esta tese, utilizei a 2ª edição de 1970.



Lourenço Filho; e “Diversos autores” - categoria que inclui diversos autores, desde tradutores, compiladores, adaptadores e escritores da literatura infantil e juvenil.

Enquadrando Marins na categoria “Diversos autores”, a autora apresenta uma biografia sintética do escritor, ressaltando que escreveu para diversos jornais e revistas; com destaque para seus contos e ensaios literários denominados de “Contos Sertanejos” e “Pitangas e Gabirobas”.

Ressalta ainda Salem (1970) que Francisco Marins “ingressou na literatura, pelos caminhos do livro infantil, aos quais tem se dedicado” (p. 107). Observa a autora que, até 1970, Francisco Marins publicou “neste setor, dez livros para a infância e a juventude, com exemplares difundidos por todo o país, e dois, premiados pela Academia Brasileira de Letras e União Brasileira de Escritores” (p. 108).

Segundo Salem, Marins procura “dar, em seus livros, com um episódio histórico não apenas um ensinamento, mas também a certeza de que sempre se pode fazer alguma coisa pelos outros e pelo Brasil” (p. 108). A autora classifica a obra de Marins em literatura “infanto-juvenil”, “obras para a juventude” e “livros para adultos”.

Na classificação literatura “infanto-juvenil” inclui: da série Taquara-Póca, os livros *Nas terras do rei café*, *Os segredos de Taquara-Póca*, *O Coleira-Preta* e *Gafanhotos em Taquara-Póca*; da série Roteiro dos Martírios, os livros *Expedição aos Martírios*, *Volta à serra misteriosa* e *O Bugre-de-chapéu-de-anta*.

Como “Obras para a Juventude”, a autora aponta *Viagem ao mundo*



desconhecido, Aldeia sagrada e Território de bravos; para adultos, aponta *Clarão na serra, Grotão do café amarelo* e ... *E a porteira bateu*. Concluindo, Salem apresenta um resumo, com duas ou três linhas, dos livros classificados como literatura “infanto-juvenil” e “Obras para a juventude” (p.109-10), escritos por Francisco Marins.

Carvalho (1961), no capítulo intitulado: “Literatura Infantil no Brasil: precursores e seguidores” (p.78-86), expõe um breve resumo da fase inicial da literatura infantil brasileira, buscando suas relações com a escola e com a pedagogia. Cita nomes do passado como, por exemplo, Rui Barbosa, Guilhermina Loureiro, Theodoro Moraes, João Köpke, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, entre outros, assinalando o importante papel que exerceram na pedagogia moderna e na constituição e desenvolvimento da literatura infantil no Brasil.

Examina, ainda, o processo de constituição desse gênero, mediante exposição de seus “precursores e seguidores”. Localizando Francisco Marins como seguidor de Monteiro Lobato, apresenta inicialmente um resumo dos dados biográficos do autor e, posteriormente, a bibliografia desse escritor, afirmando que “todos seus livros foram lançados por Edições Melhoramentos” (CARVALHO, 1961, p.83). Ao apresentar a bibliografia de Marins, divide-a em quatro partes: “Traduções”; “Série Taquara-Póca”; “Série Roteiro dos Martírios”; e “Obras que não fazem parte de nenhuma série”.

Na primeira parte (“Traduções”), aponta *O Bosque Azul*, C. Vigil; *Sob o elmo romano* e *o Tragapatos* (p. 83). Na parte destinada à *Série Taquara-Póca*, aponta: *Nas terras do Rei Café*, então em 5ª edição, com 36 milheiros publicados;

Os segredos de Taquara-Póca, então em 5ª edição, com 32 milheiros; *O coleira preta*, em 4ª edição, com 26 milheiros; e *Gafanhotos em Taquara-Póca*, em 3ª edição, com 20 milheiros. (p. 83).

Da série *Roteiro dos Martírios*, aponta: *Expedição aos Martírios* em 3ª edição, com 20 milheiros; *Volta à Serra Misteriosa*, em 2ª edição, com 16 milheiros; e *O Bugre-de-chapéu-de-anta*, em 1ª edição, com 8 milheiros. (p. 83). Em “obras que não fazem parte de nenhuma série”, aponta: *Viagem ao Mundo Desconhecido*, em 4ª edição, com 26 milheiros; *A aldeia sagrada*, em 3ª edição, com 20 milheiros; e *Território de bravos*, em 3ª edição, com 20 milheiros. (p. 83).

Pinto (1967), sintetizando o processo de constituição da literatura infantil e seu desenvolvimento no Brasil, localiza Marins no tópico “Livros que podem iniciar a formação de uma boa biblioteca infantil”, classificando o livro *O Coleira-Preta*, de Francisco Marins, como indicado “para crianças de 9 a 11 anos” (PINTO, 1967, p. 71)

Souza e Cavalcante (1968) realizam uma pesquisa bibliográfica sobre livros infantis, organizada e editada em forma de livro, divididos em cinco grupos, de acordo com a faixa etária do público a que se destina. A primeira referência a Francisco Marins aparece na faixa etária de 8 a 10 anos, no subitem “aventura”:

MARINS, Francisco – *Os segredos de Taquara-Póca*. Ilust. de Oswaldo Storni. 8. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 90 p. Il. 21,5 cm (Série Taquara-Póca, 2). (p. 55)

Para a faixa etária de 10 a 12 anos, são sugeridos, ainda no subitem

“Aventura” e nesta sequência, os seguintes livros de Marins:

MARINS, Francisco – *O bugre do chapéu-de-anta*. Ilust. de Oswaldo Storni. 4. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 128 p. Il. 21,5 cm (Série Taquara-Póca, 3).

MARINS, Francisco – *O Coleira Preta*. Ilust. de Oswaldo Storni. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 128 p. Il. 21,5 cm (Série Taquara-Póca, 3).

MARINS, Francisco – *Expedição aos Martírios*. Ilust. de Oswaldo Storni. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 132 p. Il. 21,5 cm (Série Roteiro dos Martírios, 1).

MARINS, Francisco – *Nas terras do rei café*. Ilust. de Augustus e Oswaldo Storni. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 100 p. Il. 21,5 cm (Série Taquara-Póca, 1).

MARINS, Francisco – *Viagem ao mundo desconhecido: a fabulosa aventura de Fernão de Magalhães*. Ilust. de Oswaldo Storni. 8. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 120 p. Il. 21 cm (Série Taquara-Póca, 5).

MARINS, Francisco – *Volta à serra misteriosa*. Ilust. de Oswaldo Storni. 5. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 144 p. Il. 21,5 cm (Série Roteiro dos Martírios, 2). (p. 94)

Ainda na mesma faixa etária, mas no subitem “Informativo”, sugerem-se:

MARINS, Francisco – *A aldeia sagrada*. Ilust. de Oswaldo Storni. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966. 128 p. Il. 21,5 cm.

MARINS, Francisco – *Território de Bravos*. Ilust. de Oswaldo Storni. 6. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966. 142 p. Il. 21,5 cm (Série Taquara-Póca, 6). (p. 112)

Arroyo (1968), buscando traçar “um panorama mais ou menos avaliativo

dos nossos principais autores e livros na atualidade” (p. 224), assim se manifesta em relação à produção literária de Francisco Marins especialmente voltada para a criança:

Como autor atuante impõe-se desde logo o nome de Francisco Marins, com o mundo lúdico dos seus 10 livros para crianças. O ludismo, objetivo de sua obra, porém, não exclui certo sentido didático. Mas o seu senso didático (e didatismo puro repugna à criança, como observa Makarenko, que preconiza no teor dos livros para crianças a educação de espírito humanista) é salvo porque transcende das simples lições das coisas. Ele apanha a temática movimentada da história, os lances dramáticos da formação brasileira em sua expressão épica (como a saga dos bandeirantes e colonizadores) para, ao mesmo tempo, ensinar e divertir, sem que o primeiro desiderato prejudique o segundo. (ARROYO, 1968, p. 224-5)

Arroyo observa que esse “enfoque de mestre” de Francisco Marins é “herança técnica da França através das obras de Mme Beaumont, que viveu no século XVIII, mas nem por isso deixou, através de sua literatura infantil, de sobreviver até nós” (p. 225). Em relação ao conteúdo da obra de Marins, Arroyo afirma que o “mágico-real dos livros de Francisco Marins, pela originalidade de sua expressão, como a obra de Monteiro Lobato, conseguiu transcender os limites da língua portuguesa” (p. 225).

Arroyo afirma ainda que:

A trilogia do *Roteiro dos Martírios*, as aventuras em *Nas Terras do Rei Café*, em *Os segredos de Taquara-Póca*, em *O Coleira-Preta* e em *O Bugre-do-chapéu-de-anta*, para citar apenas alguns livros, são obras que revelam a autenticidade de um escritor para crianças. No tema histórico Francisco Marins constrói uma obra com poucos seguidores atualmente. (ARROYO, 1968, p. 225)

Zilberman e Magalhães (1982), discutindo as questões do “autoritarismo e emancipação” da literatura infantil também dedicam algumas páginas para a

discussão do livro *Nas terras do Rei Café*. Intitulando-se “História infantil e pedagogia”, o capítulo assinado por Magalhães procura discutir a relação escola e literatura infantil, por meio da análise dos elementos estruturais da narrativa e do valor estético da linguagem em diferentes textos do gênero. Ressalta que muitos livros abordam conteúdos de disciplinas escolares, como História e Geografia, entre outros, os quais, recebendo um tratamento ficcional, ora adquirem um “caráter de exame crítico [...] quando são discutidas e avaliadas” (MAGALHÃES, 1982, p. 55), ora transformam-se em “mero acúmulo de informações mal dirigidas que em nada contribuem para a formação de novos conceitos” (MAGALHÃES, 1982, p. 55).

Ainda segundo essa autora, de acordo com as concepções de conhecimento do escritor, as personagens e a narrativa são construídas. Toma como exemplo para discussão desse tipo de literatura infantil e juvenil, o livro *Nas terras do Rei Café*, Magalhães enquadra-o na categoria “a informação e a atividade crítica”, e afirma que nele, “predominam as informações de caráter cognitivo” (MAGALHÃES, 1982, p. 55), observando que em meio a

harmonia de ambiente e relações sociais, as crianças vão recebendo informações sobre a importância do café, sua origem, processo de plantio, secagem e colheita, combate às pragas, etc. Esse é o único tipo de conhecimento a que tem acesso, sendo-lhes vedado acesso a qualquer outro assunto. (MAGALHÃES, 1982, p. 55)

Em seguida, a autora desenvolve uma reflexão em torno das personagens adultas e infantis e seus respectivos comportamentos:

As crianças são afastadas dos problemas que atingem os adultos e,

igualmente, alienadas do processo de instrução. As diversas informações sobre a vida na fazenda de café são muitas vezes dadas sem que a criança pergunte ou manifeste qualquer curiosidade sobre o assunto [...] Dudu não pede explicações, nem comenta as que recebe. O pai explica o que acha que ele não sabe, e o primo se admira das informações que ele recebe, mas a criança, que é o objeto da informação, permanece passiva. Quando a criança pergunta, a artificialidade do diálogo o torna semelhante a um questionário escolar [...] Nenhuma resposta provoca qualquer comentário por parte das crianças, elas são apenas o receptáculo das informações e o pretexto para o desfile de definições de objetos e costumes da região cafeeira [...] (MAGALHAES, 1982, P. 56-7)

Para Magalhães, a linguagem e o jogo que nesse livro se estabelece entre a variante culta da língua e a variante utilizada pelo homem do meio rural, muitas vezes, ridiculariza as personagens:

A despeito do elogio à vida rural em que a obra se constitui, o homem do campo é caricatuado e tem o seu discurso interditado, por não corresponder à norma culta e urbana [...] A linguagem manifesta uma concepção de mundo, tem em si uma carga ideológica. A imposição de um único padrão de linguagem representa uma unificação e centralização verbal intimamente ligada à centralização sócio-política e cultural [...] (MAGALHAES, 1982, p. 57-8)

Ainda segundo a autora, a uniformização do padrão lingüístico no texto

reprime, através da correção ou da caricatura, o discurso da classe dominada. Se em Tico-Tico é ridicularizado, em Nhô Lixandre, antigo escravo, esse discurso é calado pela substituição por um padrão culto [assim] a transmissão de informações na obra de Francisco Marins caracteriza-se pelo estatismo da mensagem — a evolução tecnológica torna defasadas todas as instruções sobre a cultura do café — e pela passividade do destinatário, mero depositário do saber adulto. (MAGALHAES, 1982, p. 58).

Concluindo, Magalhães (1982) salienta que:

O exame destas características revela a existência de uma correlação entre o conteúdo formativo e informativo, ambos conservadores e anticríticos. O caráter regional do texto impede a apresentação de um conceito global do mundo e não contribui para a formação de uma

herança cultural. (p. 58)

Góes (1984), fazendo um balanço de “caráter introdutório” sobre a literatura infantil e juvenil e trabalhando com a “Tipologia das Histórias Infantis” (p. 101), focaliza Francisco Marins na categoria “Aventura”, observando que ainda permanece em alguns casos “o espaço de florestas, com índios” (p.166). Saliento que, embora Góes seja a autora de uma das poucas obras sobre o escritor Francisco Marins e sua produção para crianças e jovens, nesse livro não dedica espaço especial a esse escritor, apenas o cita, em meio a outros escritores do período. Assim classifica, na categoria “Aventura”, os seguintes livros de Marins:

a série Nova Aventura de Ler: *Roteiro dos Martírios*, *Expedição aos Martírios*, *Volta à serra misteriosa*, *O bugre de chapéu de anta*, *Viagem ao mundo desconhecido*, *Território de bravos*, *A aldeia sagrada*. (GOES, 1984, p. 166)

Lajolo e Zilberman (1984) dedicam algumas páginas ao estudo do texto *Nas Terras do rei café*, de Francisco Marins, publicado em 1945 e que inicia a série Taquara-Póca, cenário de toda a trama vivenciada pelos “heróis-mirins” em suas aventuras de uma época marcada pela decadência das fazendas de café.

Partindo do pressuposto de que Marins pode “ser considerado o mais credenciado sucessor de Monteiro Lobato” (p. 100), Lajolo e Zilberman (1984) desenvolvem uma análise comparativa da “aproximação” entre os dois autores, tomando como referencial o cenário: um sítio, as aventuras vivenciadas e as personagens nelas envolvidas. Se se pode perceber, segundo as autoras, semelhanças mediante análise desses elementos, são eles também — e, em particular, a comparação entre as personagens Dudu e Pedrinho — os

responsáveis pela constatação de grandes diferenças.

Ressaltam, ainda, Lajolo e Zilberman a tendência da época: a retomada de temas rurais, mas sob um ponto de vista diferente daquele vivenciado por Pedrinho no Sítio do Pica-Pau Amarelo, haja vista que Dudu, personagem central de *Nas terras do Rei Café*, não se integra ao campo, conserva sua visão urbana sobre o meio rural, dotando a narrativa, segundo Lajolo e Zilberman, de “uma perspectiva nostálgica” (p. 102). Segundo as autoras, *Nas terras do Rei Café* consagra um modelo característico da década de 1940, segundo o qual as personagens, ou a personagem central, geralmente da cidade, se desloca para o meio rural e lá desenvolve suas aventuras. “A ação é desencadeada por uma mudança de lugar, de modo que o espaço vem a receber importância crescente, convertendo-se no cenário favorito de episódios inusitados” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1984, p. 102).

O período que abrange as décadas de 1940 e 1950 é marcado, ainda de acordo com Lajolo e Zilberman, por “uma nítida preferência pela história dos bandeirantes”. (p. 105) E dentre os autores citados por elas, salienta-se Francisco Marins e a série Roteiro dos Martírios. Nesses textos, segundo as autoras, sobressaem

dois temas que se desprendem da história: o do alargamento do território nacional; e o da abundância natural do Brasil, fonte inesgotável de riqueza. Assim, ao promover a transfiguração dos acontecimentos passados em propaganda nacionalista, contribuem para a difusão de alguns mitos, como os do: *heroísmo inato dos bandeirantes* [...], novo eldorado, situado a ocidente, de onde emanam riquezas intermináveis, necessidade de o país marchar para oeste e reabilitar o projeto expansionista desses homens... (LAJOLO e ZILBERMAN, p. 105, grifo das autoras)

Como características desses textos, as autoras apontam: a presença de um adulto, acompanhante do herói; a presença do elemento indígena representando, geralmente, alguns dos perigos das matas e florestas nativas e/ou atuando como “auxiliar do aventureiro branco” (p. 107) se civilizado; e a exaltação do sentimento de nacionalismo. Pertencentes à epopéia bandeirante, os textos da Série Roteiro dos Martírios lidam com o histórico e com o imaginário, ao contar, paralelamente, “os percursos de Anhangüera, no século XVIII, e de Tonico e André Perova no século XIX, por Mato Grosso e Goiás, em busca de pedras preciosas”. (p. 105)

Zilberman e Lajolo (1986), refletindo sobre o período de 1945 a 1965, trazem algumas questões de ordem política e econômica que, direta ou indiretamente, influenciaram a produção da literatura infantil e juvenil nesse período histórico que sucede a 2ª Guerra Mundial.

Discutem o Governo de Getúlio Vargas e a política econômica gerada em torno da cafeicultura brasileira, salientando que o conhecimento das “segmentações da cultura brasileira” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1986, p. 128) é fundamental para a compreensão da literatura infantil daquele período que, segundo as autoras, dividiu-se, mantendo, por um lado, alguma relação com o nacionalismo anterior e com a escola e, por outro lado, buscando “contornar os perigos da vulgarização ou da associação ao popular, indesejável por que resíduo do atraso a ser esquecido” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1986, p. 126).

Ainda segundo as autoras, buscando contentar “a gregos e troianos”, a literatura para crianças e jovens produzida nesse período, procura, ao mesmo

tempo, agradar a “camada dominante” (p.126) e alcançar os “anseios de qualidade” (p.126). Assim, assiste-se à “representação do mundo rural, localizando as ações narradas sobretudo em sítios do Vale do Paraíba, região outrora destinada à cultura há muito decadente do café.” (p.126).

Ainda segundo Zilberman e Lajolo (1986), “o mundo rural aparece sob duas formas” (p.126): ou a ação da narrativa ocorre em uma fazenda ou sítio de café em decadência, cujos problemas financeiros são solucionados por personagens-mirins que buscam “tesouros insuspeitados” para a solução do problema, como ocorre em *Nas terras do Rei Café*, de Francisco Marins, ou, embora a ação se desenvolva em fazendas de café decadentes, os episódios narrativos pouco ou nada “têm a ver com a vida ativa do local” (p. 127). Assim, “o espaço converte-se em lugar de lazer para as crianças do meio urbano que o visitam em férias ou ocasiões similares” (p.127). Nesse sentido, de acordo com as autoras, o espaço característico do período anterior “não mudou, mas adquiriu novo significado (p. 127): de simbólico “(de progresso para Monteiro Lobato; de primitividade, para Viriato Corrêa), para se converter em espaço de ação” (p. 127).

Concluindo, as autoras fazem algumas considerações significativas, citando personagens, temas e espaço abordados nos livros infantis e juvenis de Francisco Marins.

A história infantil mostra a continuidade entre dois tempos – o passado, representado pelos velhos (como o Vovô, do ciclo de Taquara-Póca), e o presente, encarnado pelos jovens – e entre dois espaços, o rural e o urbano, indicados simultaneamente pelas mesmas personagens. A revitalização, todavia, depende do apelo à fantasia que transfigura o rural

em espaço de aventura ou então do deslocamento para terras desconhecidas e das adversidades vividas pelos heróis.

[...]

O outro veio temático dominante refaz a mesma trajetória, dando-lhe, contudo, alternativas novas e revelando outras facetas da cultura do período. Trata-se das narrativas nas quais são protagonistas os bandeirantes, com suas façanhas, à procura de riquezas no interior do Brasil.

[...] os heróis não são crianças, e sim adultos (ou rapazes que amadurecem durante o episódio); e esses não atravessam áreas economicamente enfraquecidas e decadentes, e sim a selva inóspita, habitada por populações primitivas de índios benquistos unicamente quando se deixam civilizar pelos brancos [...]

Os livros publicados nos anos 40 e 50 inspiram-se bastante na obra daquele último.[Thales de Andrade] Jerônimo Monteiro chega a homenageá-lo num de seus textos (v. “Bumba, o boneco que quis virar gente”); e Francisco Marins e Maria José Dupré copiam o modelo narrativo, confiando o desdobramento dos episódios a um número constante de crianças, o que acaba se transformando num estereótipo do gênero.

Muitas vezes, porém, ao retornar a estratégia narrativa de Lobato, os autores dos anos 40 e 50 amansam o comportamento dos protagonistas, agora mais domésticos e dependentes, preocupados em demonstrar sua correção perante os adultos. É o que se vê nos textos de Francisco Marins [...] (ZILBERMAN e LAJOLO, 1986, p. 127;30)

Em Bordini (1989), consta referência a apenas um livro — *O mistério dos morros dourados* — de Francisco Marins, publicado pela Ática, em 1985, em listagem de livros analisados, na qual aparece como “não recomendado” (p. 245), segundo os critérios eleitos para a avaliação dos livros, a saber: “o poder de comunicação com as várias faixas de idade, a eficácia de suas soluções formais, a força contra-ideológica das idéias por eles defendidos e as potencialidades de fruição estética legítima que apresentam.” (p. 1), acrescentando-se, também, as preferências das crianças e jovens.

Coelho (1991) referindo-se especificamente aos aspectos desse gênero no Brasil, focaliza Francisco Marins no período “getuliano” que, segundo a autora, é

marcado, em especial, pela “agilização da linguagem literária” (p. 248), provocando uma “‘infantilização’ da fala com o intuito de tocar mais de perto o pequeno leitor” (p.248). Segundo Coelho, esse procedimento cria uma “linguagem edulcorada e artificial [...] ao mesmo tempo, incentiva-se a obediência, a ordem e a permanência” (p. 248) das características que se proponha romper.

No entanto, assinala Coelho (1991), “nem tudo é essa limitação criadora ou essa mediocridade” (p. 248) e, entre os casos de exceção, cita alguns escritores, incluindo aí Francisco Marins. A autora volta a citar esse escritor, quando discute a literatura infantil e juvenil e suas relações com as propostas oficiais para o ensino brasileiro, observando que “grande parte dos escritores entra numa fase de produção essencialmente enriquecedora” (p. 257). Discutindo as “características estilísticas/estruturais da literatura infantil/juvenil no Brasil atual” (p. 135), Coelho classifica os livros de Francisco Marins, mais especificamente *Expedição aos Martírios*, como narrativa de realismo documental, pelo seu caráter histórico (p. 140).

No *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: XIX e XX* (1995), Coelho sintetiza a biografia de Francisco Marins, seus principais livros e a época em que foram publicados, acompanhada da apresentação de um resumo do conteúdo de cada livro de Francisco Marins e leves comentários críticos sobre a produção literária desse escritor. Como observado anteriormente, a autora não indica a editora responsável pelas primeiras publicações. No caso de reedições, informa o nome da Série Vaga-Lume, da Editora Ática.



Bordini e Aguiar (1993) apresentam resultados de uma pesquisa iniciada em 1983, pelo Centro de Pesquisas Literárias da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, discutindo propostas metodológicas para o ensino de literatura nas escolas públicas da região de Porto Alegre/RS. Como proposta de intervenção pedagógica, apontam cinco “métodos” para o trabalho docente com a literatura, e, em forma de apêndice, elencam uma enorme quantidade de títulos recomendados para o trabalho escolar, subdivididos em “Currículo por atividades” (p. 159-64); “Currículo por áreas” (p. 165-9) e “Currículo por disciplina” (p. 170-6). *A aldeia sagrada*, de Francisco Marins, figura como sugestão de trabalho em “Currículo por Áreas: da 5ª a 8ª série do 1º grau (11 a 14 anos)”, pois, segundo as autoras, suas características — número de páginas, tema, linguagem e ilustração — adaptam-se melhor a essa faixa etária e aos conteúdos trabalhados de 5ª a 8ª séries, em História e Geografia, além de introduzir os jovens na leitura dos grandes clássicos da literatura brasileira, como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. ✓

Sandroni (1998), em artigo intitulado “De Lobato à década de 1970”, salienta que a “marca” impressa por Monteiro Lobato à literatura infantil e juvenil brasileira foi, por longo tempo, ponto de apoio e de tentativas, muitas vezes “frustradas de imitação” (p. 17). Entretanto, segundo a autora, alguns dos seguidores de Lobato “souberam manter sua originalidade e escreveram livros que, até hoje, permanecem nos catálogos das editoras” (p. 17), como, por exemplo, Francisco Marins. Ressalta ainda a autora, que, em maior ou menor grau, esses seguidores de Lobato “realizaram obras nas quais o imaginário e o lúdico encontram uma linguagem adequada para expressar-se, abordando temas

históricos [...] folclóricos” (p. 17).

Como se pode observar, com raras exceções, as referências até aqui apresentadas, com relação à produção para crianças e jovens do escritor Francisco Marins, limitam-se a focalizá-lo em determinado período histórico, oferecendo dados biográficos e bibliográficos sobre o escritor e sua obra. Dentre as exceções, têm-se alguns textos que criticam a produção de Francisco Marins, como, por exemplo o texto de Magalhães (1982), já abordado nas páginas anteriores, e dois textos que tomam a produção desse escritor para discutir questões referentes à literatura infantil e juvenil, como Mello (1987), e/ou para sugerir “modelos” de trabalho didático-pedagógico com o gênero, em salas de aula, como acontece em Góes (1990), ambos sintetizados a seguir.

Tomando como ponto de partida a constatação de que, nos estudos e pesquisas sobre a literatura infantil e juvenil produzidos até o final da década de 1980, “uma lacuna se acentua no que se refere aos estudos sobre autores, cuja produção se localiza entre a morte de Monteiro Lobato (1948) e o surto criador e editorialmente bem sucedido dos anos de 70/80”; Mello (1987) desenvolve uma pesquisa, sob orientação de Marisa Lajolo, que resulta em Dissertação de Mestrado, cujo objetivo é “auxiliar o preenchimento desta lacuna” (p.11), focalizando a obra infantil de Francisco Marins, que, pela sua extensa produção e permanência no mercado, considera um dos escritores mais representativos do período. Salientando o período de publicação dos primeiros livros desse escritor, Mello (1987) ressalta que:

posta em circulação num período considerado de transição para o capitalismo industrial, a obra de Francisco Marins parece apresentar



traços e aspectos que podem ser interpretados, num primeiro momento como manifestações de contradições homólogas vigentes e visíveis na sociedade brasileira de seu tempo (p. 11-12)

Essas contradições, segundo Mello, podem ser analisadas por meio da reflexão em torno do nacionalismo propagado nos livros de Francisco Marins, escritos para crianças e jovens.

[...] é curioso observar que a apologia rural que eles endossam parece chocar-se com o projeto social brasileiro em curso na época, quando é nítida a opção pelo desenvolvimento industrial. O conservadorismo de sua proposta se evidencia se lembrarmos que Monteiro Lobato, já na década de 20, tematiza em seus livros infantis o fracasso do projeto ruralista para o Brasil. (MELLO, 1987, p.12)

Assim, considerando o período de transição, Mello (1987), propõe

[...] identificar na obra de Francisco Marins os processo pelos quais tanto os signos de ruptura como os de permanência da tradição se entrecruzam, contextualizando o estudo de seus livros tanto na produção literária infantil de seu tempo, quanto na produção cultural contemporânea sua. Pois, na medida em que explicita suas relações com elementos marginalizados da esfera literária (entre eles a escola, o mercado, a cultura de massa), a literatura infantil parece constituir-se num ponto de observação privilegiado para um estudo mais abrangente do fenômeno literário em suas implicações ideológicas (p. 12)

Parecem ser essas implicações ideológicas o eixo das discussões de Mello a respeito da produção, para crianças e jovens, de Francisco Marins, uma vez que o contexto social, político, econômico e cultural é tomado como argumento central, da análise dessa produção.

Ainda conforme Mello (1987), o período que se inicia em 1945 e vai até a década de 1960 caracteriza-se como uma época de contrastes sociais, marcada pela “aceleração de modernização do país” (p. 23), causado, em especial, pelo

“conflito entre o capital comercial e agrícola e as políticas de industrialização do país” (p. 23) promovidas pelo Estado Novo de Getúlio Vargas.

Analisando as ações governamentais de Getúlio Vargas até Juscelino Kubitschek (1956), Mello (1987) observa que

[...] marginalizados do processo de modernização, muitos setores — principalmente agrário — continuaram reproduzindo relações pré-capitalistas, mantendo as estruturas sócio-econômicas arcaicas que contribuíram para a caracterização da década de 50 como a era dos dois Brasis: um tradicional e outro moderno, dinâmico, apostando no desenvolvimento industrial (p. 28)

Nesse contexto, a produção cultural, ainda segundo Mello (1987), transformou-se em instrumento de penetração ideológica, em especial, da americana, que influenciava a produção cinematográfica e literária. Despertado para o poder de persuasão desses veículos. “o Estado brasileiro” (p.23) passa a usá-los “como veículos difusores de idéias patrióticas, financiando filmes que focalizavam os grandes vultos da história” (p. 33-4)

Mas, segundo Mello (1987), esse processo de modernização “não se faz sem resistência” (p. 34) e dentre as instituições que manifestaram resistências às mudanças culturais impostas pelas influências americanas, destaca-se a escola que “sempre sob o controle da geração mais velha foi um dos redutos da resistência às inovações, o que se traduz, por exemplo, na rejeição que os professores da década de 40 faziam às revistas de comportamentos considerados alienígenas” (p.35).

Ainda segundo Mello (1987), a resistência à dependência cultural americana manifesta-se, fortemente nos intelectuais da época, “cuja militância permite caracterizar os anos 50 como de consolidação de tendências ideológicas-

nacionalistas que vinham se plasmando em respostas aos processos não só culturais, mas políticos e econômicos, marcados pelo desenvolvimento do capitalismo entre nós” (p. 36).

O interior brasileiro e a simplicidade do campo continuam, no entanto, a ser representados, mas “essa temática agora trazia um caráter ideológico de elemento de diferenciação nacionalista, como proposta à industrialização intervencionalista” (MELLO, 1987, p. 36)

Nesse contexto, e ainda de acordo com Mello (1987), acrescido da solidificação, no Brasil, da indústria cultural, da “ampliação da rede escolar” (p. 43), conseqüentemente do aumento do número de leitores mirins bem como a adequação dos livros da literatura infantil “as exigências desse público, ou melhor, do sistema educacional” (p. 43), criam-se, as condições para o fortalecimento do discurso utilitário (PERROTTI, 1986) que à, exceção de Monteiro Lobato, sempre caracterizou a nossa literatura infantil. e que, agora, com o aparato técnico da indústria cultural se solidifica, levando a literatura infantil brasileira a adquirir foros de cultura de massas e colaborando para um desempenho mais eficiente de seu papel didático e ideológico (p. 44)

Data do ano de 1950, segundo Mello (1987), o “Programa para ensino primário fundamental”, que propõe o uso do texto literário como modelo formal a ser seguido, recomendando a literatura infantil como “excelente recurso para aperfeiçoamento da linguagem” (p. 57), estendendo-se também, para o “plano do conteúdo que traz heróis e histórias modelares. Assim, a escola passa a ditar o modelo de literatura para crianças que julga adequado aos seus objetivos”

(MELLO, 1987, p. 57)

Enquadrando a produção de literatura infantil e juvenil de Francisco Marins na perspectiva proposta pelo Programa para ensino primário de 1950, Mello (1987) caracteriza essa literatura na década de 1950 e, conseqüentemente, a produção de Francisco Marins para esse gênero, como “fortemente comprometida com os conteúdos didáticos e ideológicos tradicionais, veiculados pela escola nos antigos moldes da narrativa exemplar” (p. 59), com veio nacionalista e atendendo ao “espírito pedagógico” (p. 59) da época.

A partir da análise de doze livros de Marins³, a autora salienta que “um dos aspectos mais insistentemente ressaltados foi justamente o caráter pedagógico de suas narrativas, aspecto este apontado pela crítica de literatura infantil como um dos principais responsáveis pela depreciação do gênero” (MELLO, 1987, p. 150). Questionando essa reflexão, a respeito do valor artístico da obra, Mello (1987) observa que:

a introdução desse trabalho também oportunizou o questionamento das categorias estéticas, relativizando o critério de avaliação da obra pelo seu grau de pragmaticidade. Se o quesito “inutilidade” não é inquestionavelmente válido para a atribuição de valor artístico a uma obra, o simples fato de o texto literário para crianças ser pedagógico pode não servir como instrumento para a aferição de sua qualidade estética. (p. 150)

Concluindo suas reflexões, ressalta que:

Aquilo que à primeira vista se apresenta como uma contradição na

³ A autora toma como *corpus* de análise das tendências da obra infantil de Francisco Marins os seguintes livros desse escritor: *Nas terras do rei Cafê*; *Os segredos de Taquara-Póca*; *O Coleira Preta*; *Gafanhotos em Taquara-Póca*; *Viagem ao mundo desconhecido*; *Expedição aos Martírios*; *A aldeia sagrada*; *Território de bravos*; *Volta à serra misteriosa*; *O bugre-de-chapéu-de-anta*; *Verde era o coração da montanha* e *O mistério dos morros dourados*.

literatura infantil de Francisco Marins — a adesão ao sistema capitalista moderno de produção através de elementos arcaicos — talvez possa ser interpretado como uma mimese (sem a sofisticação dispensada às outras artes) do processo de produção da indústria cultural.

O caráter contraditório relativiza-se ainda mais, se pensarmos que a produção da obra deu-se nas décadas de 40 e 50, coincidindo com a implantação do capitalismo industrial no Brasil, e que este, apesar da fachada moderna, não passou de uma transição conservadora.

Por outro lado, não se pode negar a contradição; contudo, parece que ela está no próprio sistema social; seu reflexo na literatura infantil seria uma decorrência de uma inabilidade para escamoteá-la? (MELLO, 1987, p 157-8)

Enquadrando-se na tendência que toma os textos da literatura infantil e juvenil como pretexto para o trabalho com os conteúdos a eles subjacentes, Góes (1990), fundamentando-se no pensamento de Celéstin Freinet, propõe uma série de atividades a serem desenvolvidas com crianças e jovens, em sala de aula, a partir de alguns textos de Francisco Marins.

Partindo de uma reflexão sobre o leitor da literatura infantil e juvenil, Góes (1990) salienta que o objetivo maior do seu livro “é possibilitar aos educadores de 1º e 2º graus e pais, um repensar do trabalho escolar, da leitura e do estudo da literatura” (p. 2). Partindo desse objetivo, cita, em epígrafe:

Em Marins é paradigma a sua literatura, que chamaríamos de “literatura da terra”. Seu olhar descritivo da natureza não esquece nada, antes, inventaria, colore, provoca ressonâncias no imaginário poético do leitor. Sua maneira de escrever é objetiva, muitas vezes profunda e de um lirismo telúrico que não descarta a escritura romântica (GÓES, 1990, p. 7)

Criticando a “leitura paráfrase” (p. 15) desenvolvida pela escola, Góes propõe a análise dos livros de Francisco Marins, por meio daquilo que denomina “desmontando o esqueleto” (p. 24), que se refere à análise dos elementos estruturais da narrativa — narrador, enredo, personagens, espaço e tempo —

acrescida de uma reflexão sobre o foco narrativo, a efabulação, gênero e linguagem. Antes de proceder à “análise-exemplo”, a autora apresenta alguns dados biográficos e bibliográficos de Marins, informações sobre o número de edições e tiragens de seus livros e uma síntese da história da literatura infantil e juvenil brasileira, situando Marins como seguidor de Lobato e procurando estabelecer comparações entre esses dois escritores

Ambos os autores, com características especialíssimas em suas obras, escritas em épocas diferentes, mantêm algumas aproximações, embora o enfoque do tema rural os distancie: Lobato é o instaurador de rupturas, entre elas, a rejeição do nacionalismo eufórico. Marins apela para o sentido formador e construtivo. Ambos vêem os erros de nossa realidade e querem melhorá-la.

Aproximações:

-escolha de um sítio como lugar e espaço ideal: Pica-Pau Amarelo (Lobato), Taquara-Póca (Marins).

-Elenco de personagens:

Pedrinho/ Narizinho/ Tia Nastácia/ Dona Benta/ Emília/ Visconde de Sabugosa/ Rabicó/ Saci, entre outros – Lobato.

Dudu/ Tiãozinho/ Tico/ Vovô/ Sr. Pacheco/ Tibúrcio/ Nhá Candoca/ Burrinho Maracujá/ Coleira-Preta/ Curupira e outros – Marins.

Dudu e Pedrinho vêm da cidade para o campo. Pedrinho integra-se no campo (Lobato) – Dudu, da cidade, sempre olha o campo com “olhar” de fora.

Lobato e Marins amam o campo e a lavoura.

Ambos traduzem amor à natureza e aos animais.

Ambos utilizam o folclore.

Passam, ambos, uma visão da vida rural.

Criam um universo onde convivem fantasia e realidade. Em Lobato, o sítio permanece o local ideal – uma Pasárgada. Em Marins [...] a decadência rural revela seus sinais de agonia. (GÓES, 1990, p. 34-5)

A proposta de Góes para a análise dos livros de Francisco Marins inicia-se com *Nas terras do Rei Café*, seguindo uma ordem cronológica de suas publicações e alcançando *A Guerra de Camudos*, publicado pela Ática, em 1987. Góes apresenta um roteiro de trabalho para o professor, semelhante e/ou “padronizado” para todos os livros eleitos, por Góes, como *corpus* de análise. A

autora procura adaptar esse roteiro ao conteúdo temático proposto pelo escritor, em cada um dos livros abordados. Nesse sentido, salienta que, em *Nas terras do Rei Café*, há uma proposta do autor que pode ser resumida, em: “passar informações sobre a vida rural, o trabalho do campo, os valores ideológicos da época. O modelo narrativo é o deslocamento de crianças urbanas para o campo, onde vivem aventuras” (GÓES, 1990, p. 35). Em seguida, apresenta os aspectos gerais do livro, a temática, o resumo do enredo e algumas considerações a respeito do foco narrativo, tempo, espaço e personagens. A respeito da linguagem utilizada pelo escritor, salienta:

Francisco Marins é um mestre da língua, dominando-a com fluência, vivacidade, realidade.

Muitas vezes utiliza-se da linguagem coloquial e regional. Através dela passará informações sobre costumes da vida da roça, do trabalho do campo. O leitor conhecerá plantas, culturas, espécies de fauna e flora.

[...]

Há muito o que debater, inventariar, pesquisar, ampliar em torno dos termos regionais, da terminologia do plantar, das ferramentas do cultivo da terra, dos implementos agrícolas, além da fauna e flora. (GÓES, 1990, p. 37)

Assumindo o “texto como pretexto” para o trabalho com os conteúdos de História, Geografia e Língua Portuguesa, Góes aponta uma série de atividades como sugestão de trabalho com esse livro em sala de aula. Dentre elas, destacam-se:

realizar um documentário sobre o café [...] seminário sobre o Museu do Café [...] coletar dados históricos da origem da planta: lenda/origem no Brasil [...] o café no mundo [...] dramatizações: flor roxa do samambaial ou país do rei café [...] desenhos, recriar personagens [...] varal de poemas [...] redações do tipo: “Tico conta sua vida” [...] levantamento dos termos da felá regional [...] das plantas citadas, das lavouras às árvores da mata, campo, pomar [...] animais [...] criar um trecho de humor [...] criar um conflito, outra redação: você é um garoto urbano ou do campo? Gostaria

de trocar de espaço? Conte o porquê. (GÓES, 1990, p. 37-9)

A análise de *Os segredos de Taquara-Póca*, Góes (1990) a inicia com o resumo do enredo, salienta o tema central do livro, “defesa ecológica” (p. 39), e o “subtema: duendes ou entes folclóricos. Folclore: linha de grande força neste volume” (p. 39) e como proposta de trabalho para o professor aponta: “elencar detalhadamente o registro documental realizado por Marins, nomes de árvores [...] citar trechos do plano real e do plano fantástico [...] descrever os diversos aspectos-suportes da ação narrativa [...] Qual o maior inimigo da mata e dos animais?” (p. 40). Como proposta de atividades para os alunos, apresenta: “painel com fotos das árvores [...] levantar lendas folclóricas, montar uma revista sobre os espaços do livro: floresta/roça/campo, detalhando suas características: tipo de vegetação, aves, pássaros, bichos, insetos, ervas daninhas [...] (GOES, 1990, p. 40).

Na análise de *O Coleira-Preta* e de *Gafanhotos em Taquara-Póca*, Góes apresenta um resumo do enredo, a temática discutida como “pano de fundo” nos dois livros, o foco narrativo, tempo e personagens. No item “personagem”, salienta em *O Coleira-Preta* a chegada do professor Justino e, em *Gafanhotos em Taquara-Póca*, o acréscimo de mais três personagens-mirins no clubinho Taquara-Póca: Zequinha, Butoca e Pintadinha. Góes observa, ainda, que em *O Coleira-Preta* o elemento fantástico se sobressai com o processo de antropomorfização dos animais, enquanto em *Gafanhotos em Taquara-Póca* predomina o registro documental, embora as cenas sejam muito movimentadas e cheias de aventuras vividas pelas crianças. Como sugestão de atividades a serem

desenvolvidas em sala de aula, em relação a *O Coleira-Preta*, Góes indica o seguinte:

Este livro fala de uma escola de outros tempos, quando existiam instrumentos para castigo corporal. Quais eram eles?

Façam um debate onde dez participantes responderão o tema, à semelhança dos programas televisivos: **O telespectador dá sua opinião.**

1 – O pai (que só sabe corrigir batendo).

2 – A mãe (diz amém a tudo).

3 – Uma professora sempre brava.

4 – Outra professora que mantém a autoridade, mas sabe ser amiga e eficiente.

5 – O aluno ‘valentão’.

6 – O aluno vítima (valentão quebrou a perna dele).

7 – Os pais da vítima fazem queixa na polícia.

8 – O delegado.

Pergunta núcleo do debate: Em sua opinião quem é o maior culpado? Ou são vários os erros e culpas? O que fazer para evitar a violência na escola, na sala de aula, na rua do bairro, na cidade, na família?

Representem: **A Revolta dos Animais.** (GÓES, 1990, p. 43-4) (Grifos do autor)

As atividades propostas por Góes, a partir da leitura de *Gafanhotos em Taquara-Póca*, referem-se ao estudo dos tipos de narrativas:

1 – Por equipes – recriar a estória em revista em quadrinhos. Os vilões = os gafanhotos e outras pragas (correição/saúvas), Zé Pedro (vilão, depois amigo).

A recriação deverá ser livre e poderá inscrever-se como: realista; ficção científica; aventura policial; fantástica com super-heróis; satírica; humorística.

2 – Precedendo a atividade Revista em Quadrinhos, será proveitoso promover debates e seminários realizados pelas equipes. Objetivo: pesquisar as linhas e subgêneros acima referidos. Cada equipe ficará responsável por exemplificar o que é ficção realista, satírica...

3 – A professora-guia, em apoio, preparará um roteiro (em sua cidade) que ilustrará a característica essencial de cada proposta: a) linha realista = visita a uma cultura (horta/sítio/pomar/parque [...] ou visita a uma favela/núcleo habitacional/hospital/ orfanato..)

b) assistir (passar na sala) a vídeo de ficção científica, aventura policial... sessão de leituras de crônicas; realista, satírica, humorística... (GÓES, 1990, p. 45-6)

Em relação aos demais livros de Francisco Marins abordados por Góes, esta se limita a apresentar um resumo do enredo de cada um deles, seguidos de um rol de atividades que preservam as mesmas características daquelas indicadas para os livros citados acima. São objetos dessa análise e proposta os seguintes livros de Francisco Marins: *Verde era o coração da montanha*, *Viagem ao mundo desconhecido*, *Território de bravos*, *A aldeia sagrada*, *O mistério dos morros dourados*, *A montanha de duas cabeças* e *A Guerra de Camudos*.

3.2 Artigos publicados em diferentes veículos

Como se pode observar pelo exposto no tópico anterior, Francisco Marins é citado na maioria dos livros e coletâneas que abordam sobre a literatura infantil e juvenil, como escritor representativo do gênero no Brasil, no período pós-lobatiano e que publicou seus livros infantis e juvenis principalmente entre as décadas de 1940 e 1950.

No entanto, contrariando essa regra, Francisco Marins também tem sido lembrado em vários artigos de periódicos, de várias áreas do conhecimento, em revistas de cidades do interior e da capital do Estado de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Academia Paulista de Letras e outras. Não foi possível, porém, precisar local e data desses documentos, uma vez que neles não constam dados bibliográficos completos. Para este tópico, organizei, em ordem cronológica de publicação, quando foi possível precisar, “o quê” e “como” se escreveu e “quando” e “onde” circularam os textos tanto sobre a vida e a obra de Francisco

Marins de forma geral, quanto aqueles que tratam especificamente de aspectos da obra desse escritor.

3.2.1 Sobre a vida e a obra do escritor

Em 1944, a *Revista Arcádia*, da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, publicou: “Depoimento da atual geração Acadêmica” e, entre os acadêmicos, encontrava-se Francisco Marins. A revista apresenta, inicialmente, uma síntese da biografia do então estudante de Direito e membro da Academia daquela instituição, seguida do depoimento do estudante-jornalista e futuro escritor. As questões que norteiam o depoimento de Francisco Marins são: “O que pensa sobre a geração atual? Qual o seu papel hoje e amanhã? O que pensa do mundo de após-guerra? Qual é o papel e importância da nossa cultura? Quais as suas preferências na literatura brasileira? O que acha do ensino da Faculdade? e Qual os três professores que mais aprecia?” (*Arcádia*, 1944, p. 55-9), cujas respostas já foram citadas no tópico: “Sobre a produção intelectual brasileira”, do capítulo 2 desta Tese.

Lourenço Filho, em solenidade de posse de Francisco Marins na Academia Paulista de Letras, assim se refere a esse escritor e acadêmico:

Nas cerimônias de posse, como esta, vemos a glória acadêmica em plena afirmação. Compreendemos também que ela não se confunde com a glória do escritor, de natureza um pouco diversa. A glória do escritor a pouco e pouco se prepara, por si mesma se afirma, e assim subsiste, independentemente da manifestação de grêmios que se sancionem ou imagem que possa fazer. Ainda que repouse na obra de homens

representativos nas letras, a glória acadêmica dessa difere: corresponde a movimentos da cultura no tempo, com infinitos aspectos e matizes. Quando, sem exclusão de qualquer gênero, concepção e tendência estética, no domínio geral das letras, certo nível venha a ser demonstrado, então as academias se movem, pra proclamar: “Este tem lugar aqui, êste é dos nossos” [...] Foi, com efeito, no fastígio daquela aura de nacionalismo, ou seja, em 1922, já passado o centenário da Independência, que abristes os olhos ao mundo [...] onde se fazia a renovação de coisa e idéias [...] Pois aí nascestes, nos arredores da bucólica Vila Pratânia, que ainda agora figura entre trechos de menor densidade demográfica, no Estado [...] (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 15; 19)

Continuando sua oração, Lourenço Filho (1996, p. 20-1) aborda os primeiros escritos de Francisco Marins, quando ainda criança, na cidade de Botucatu/SP:

Fôstes precoce em pequenos ensaios literários, bem diversos naturalmente das composições de tipo escolar, e nêles deixando a princípio marcado o conflito entre tais reminiscência e os perigos que vîeis em novas formas de cultura que vos eram oferecidas. Um dêles, dêsse tipo, representaria cometimento útil, porque logo vos daria a convicção da terrível arma que é o papel impresso. Foi o caso que, para o suplemento infantil de um dos matutinos de São Paulo, começastes a enviar capítulos de uma novela. O cenário era uma região inóspita, habitada por certo homem sem orelhas e terríveis gorilas, em luta por uma cidade fortificada [...] publicados os primeiros capítulos, surgiu uma ameaça à continuação de tal obra-prima de um menino de treze anos [...] É que, por economia, o suplemento esteve ameaçado de desaparecer. Contudo, tais e tantas foram as cartas recebidas pelo jornal, que teve de ser transferida a data do desaparecimento do suplemento [...] Menino do interior, e aí, de longe, levastes a administração da empresa mantenedora do matutino a voltar atrás na idéia de sacrificar o suplemento [...] E, até o último capítulo de vossa tremenda história, veio êle a ser mantido [...] Êsse primeiro acesso literário teve recidiva, agora de parceria com um colega da mesma idade, Hernani Donato. Subiu mais a febre, a ponto de levar-vos a alterar as possibilidades geográficas de uma tanta ilhas do litoral [...] A revista infantil iniciou a sua publicação mas, em meio, objetou algo a respeito. Os autores mantiveram-se inflexíveis: ou “como está, ou nada [...]” E não foram publicados os capítulos finais dêsse trabalho, precursor das novelas radiofônicas de agora [...] (LOURENÇO FILHO, 1966, p.20)

Lourenço Filho salienta, ainda, o início da produção escrita de Marins em

pequenos artigos que, primeiramente, eram assinados por pseudônimos e publicados no *Ginasiano*, jornal criado pelos jovens alunos da Escola Normal “Cardoso de Almeida”, de Botucatu/SP, singelo, datilografado, de única edição. Mais tarde, passaram a ser publicados em *O Estudante*, jornal fundado por Francisco Marins e alguns companheiros de ginásio e, posteriormente na *Folha de Botucatu*. Segundo Lourenço Filho, à fase inicial das novelas, seguiram-se os

escritos na “Fôlha de Botucatu” e num jornal de estudantes, que nessa cidade fundastes. Já aí deviam mais serenamente refletir nostalgia das paragens natais. Uma serie dêsses escritos teve o título de “Contos Sertanejos”, bastante expressivo. Outro, de esboços de crítica literária, recebeu denominação que recordava frutos silvestres daquelas terras. Que não se perca pela originalidade: “Pitangas e Guarirobas”[...] Devia por certo sugerir que há composições, polidas e brilhantes por fora, mas de sabor acre e duros caroços por dentro; e, ao contrário que outras há, de aparência modesta por fora, como as guabiobas, mas doce e reconfortante suco [...] os estudos do ginásio se tinham concluído e sérieis encaminhado para esta capital, a fim de vos preparardes para as arcadas do Largo São Francisco. O objetivo declarado, já se vê, era o estudo das leis. Mas o designo secreto era a outro, o da prática literária, com maior extensão e profundidade. Assim, na Faculdade, logo vos filiastes à sua Academia de Letras, aí existente, e da qual, não tardaria muito, sérieis o presidente. Sob vossa direção, ressurgiria a revista “Arcádia” [...] E, movido talvez por um sentimento de culpa, em menos compulsar os textos de lei, fundaste uma sociedade de estudos jurídicos, na verdade, outra academia literária. [...] Dêsse modo, não só se fortalecia em vós o pendor literário, mas a sedução pelas companhias dêsse tipo. Aquêlê pendor havia de refletir-se ainda na escolha de um trabalho prático, para manter os estudos: em uma grande empresa editôra, das maiores do país, onde persististes, e agora ocupais pôsto de relêvo. Estava traçada a vossa rota, ao menos até o ponto de hoje, que esta reunião celebra [...] (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 21-2)

Hernani Donato, fraterno companheiro de infância, de juventude e de primeiras empreitadas literárias de Marins, relembra, em 1972, os momentos de criação da novela *O tesouro* que, em parceria com Francisco Marins, nas aulas de gramática e geografia escreviam. Saudoso de seu tempo de meninice, Donato narra a façanha dos dois amigos, temperando-a com o comentário do professor em

meio aos risos dos companheiros de sala: “em gramática, nota dois. Mas, vá lá, vocês ainda me acabam em academia” (DONATO, 1972, p. 5). A profecia fez-se realidade e, em 1972, eleito e em cerimônia de posse da Academia Paulista de Letras, o novo acadêmico, Hernani Donato, é recebido pelo amigo e “companheiro de uma vida em fora”, Francisco Marins, mas em meio a aplausos dos colegas acadêmicos e não em meio a risos como acontecera no passado em aulas de gramática, no curso ginasial.

Em 1980, em comemoração aos 71 anos da Academia Paulista de Letras, a revista dessa instituição apresenta um relatório elaborado por Francisco Marins, então seu presidente, sobre as atividades desenvolvidas pela Academia naquele ano e previsões para o ano de 1981, acompanhado de dados biobibliográficos e o rol de obras do escritor, constante da Estante Acadêmica, organizada por Carlos Alberto Nunes.

Em 1988, a revista *Actual*, de Botucatu/SP, divulga viagem de Francisco Marins ao exterior, com o objetivo de divulgar a cultura brasileira

FRANCISCO MARINS: roteiro cultural

Com o objetivo de divulgar a cultura brasileira e apagar a imagem negativa que o País tem lá fora, o escritor Francisco Marins, fez umas palestras em cidades Européias, levando para isso 30 livros de autores nacionais — de Machado de Assis a Euclides de Cunha. Segundo Marins, para “divulgar a semente de nossa cultura” [...] Passando por vários países, durante 40 dias em que ficou na Europa, o escritor pôde constatar que o Brasil está sendo bem difundido, através das novelas brasileiras [...] Em Roma os italianos se deliciam ao ver “Gabriela”, de Jorge Amado [...] isso já é uma recompensa para os escritores brasileiros, que através de novelas e mini-séries têm seus clássicos assistidos por milhares de pessoas em várias partes do mundo [...] (*Actual*, 1988, p. 19)

Em 1990, na época da publicação do livro *O favo de mel*, Francisco Marins concede uma entrevista-depoimento à Editora Melhoramentos, responsável pela publicação da coletânea. Nessa entrevista-depoimento, o escritor narra sua vida desde a infância até a década de 1990, fazendo revelações até então desconhecidas sobre os elos existentes entre seus livros. Essa entrevista-depoimento encontra-se parcialmente publicada como prefácio na coletânea de contos que a motivou e cujas revelações já foram citadas em tópicos anteriores deste capítulo.

Em meados de 1990, a revista *InVista*, do Banco Sudameris, homenageia o escritor Francisco Marins, publicando uma síntese da vida e obra desse escritor sob o título: “Uma vida de dedicação à literatura e às crianças”

Escritor renomado, historiador, advogado, fazendeiro, empresário e um homem dedicado à difusão da cultura, principalmente da literatura entre crianças e jovens. Estas são as diversas facetas do nosso entrevistado, Dr. Francisco Marins, ex-presidente da Academia Paulista de Letras e detentor de vários prêmios literários. Nascido em Botucatu, cidade que na primeira década deste século era considerada a mais importante do planalto ocidental paulista, que retratou em muitos de seus livros, ela nos fala de suas obras, de suas diversas atividades e de seu relacionamento com o Sudameris [...] Autor de livros destinados a adultos, jovens e crianças, com mais de 3 milhões de exemplares vendidos e traduzidos em 11 idiomas [...] suas obras estão relacionadas à vida rural, ao pioneirismo da região de Botucatu, à saga da cafeicultura além de explorar episódios combinando verdade e fantasia [...] Comprometido com a difusão da literatura entre as crianças, o Dr. Marins criou, há cerca de 10 anos, um espaço cultural em Botucatu, que abriga cerca de 15 mil livros. Com duas bibliotecas, uma infanto-juvenil e outra com obras de cultura geral, o Convívium, como é conhecido está aberto a todas as crianças e jovens [...] Além disso, o escritor participa do programa “O escritor na Cidade”, iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, no sentido de promover o contato entre escritores e o público infantil... (*InVista*, 1996 s.d.)

A revista *Kahunga*, São Paulo/SP, de junho de 1998, dedica algumas

páginas ao escritor Francisco Marins, apresentando aspectos de sua trajetória literária e tecendo alguns comentários sobre sua produção de livros para adultos, jovens e crianças, com ênfase naqueles produzidos para crianças e jovens. Partindo da manchete: “O que é fantasia e o que é realidade na obra de Francisco Marins, um ex-jornalista dos idos de 30, em Botucatu, que tem hoje mais de 3 milhões de livros vendidos”, a reportagem se inicia com os caminhos do folclore brasileiro presentes na obra do escritor:

Caiporas, anhangás, o ouro dos Martírios, expedições aos rincões ignotos do Brasil, a sagas das fazendas de café, os índios e seus rituais [...] Eis aqui uma parte do repertório tratado ao longo de mais de 50 anos pelo escritor Francisco Marins. Sua criação mais conhecida são os personagens do sítio Taquarapóca, que têm deleitado muitas gerações com suas peripécias que misturam realidade e ficção [...] Hoje com 75 anos e mais de 3 milhões de livros vendidos, Marins é um *best-seller* da literatura infanto-juvenil brasileira e internacional [...] prefere não ser comparado com Monteiro Lobato, pois se diz mais influenciado por Thales de Andrade, autor do primeiro livro infantil brasileiro, *A filha da floresta* [...] na sua casa fazenda, nas proximidades de Botucatu o escritor recriou o espaço quase mítico de Taquara-Póca que, desde alguns anos, vem recebendo a visita de escolares de Botucatu e de outras regiões [...] em três alqueires de terra distribuem-se vários objetos que se empregavam na roça [...] um dos personagens preferidos de Marins, além de seus pequenos protegidos [...] é o curupira [...] A fascinação pela história do Brasil [...] é incontestável [...] sua facilidade de transmitir com uma linguagem coloquial e regionalista fatos históricos pode abarcar desde o período colonial até épocas mais recentes, do Brasil Império ou do começo da República [...] Marins é ainda dono de uma vontade férrea para desenvolver projetos. Um dos que deram certo é a Casa da Cultura de Botucatu [...] Um dos livros históricos, *Territórios de Bravos* [...] já tem *script* feito para o cinema, assim como *Clarão na Serra* [...] (Kahunga, 1998, p. 109-11).

3.2.2 Sobre a obra do escritor

Lourenço Filho, na cerimônia de posse do acadêmico Francisco Marins,

ressaltou a obra desse escritor para crianças, iniciando com depoimento que confirma as afirmações de Marins, na maioria das entrevistas que concedeu ao longo de sua vida de escritor, sobre a publicação de seu primeiro livro para crianças e jovens⁴:

ainda no curso jurídico, ou seja, em 1945, produzistes a primeira história a ser impressa em livro, “Nas Terras do Rei Café”, destinada à leitura de crianças. Por sinal os editôres a quem fora oferecido o trabalho entenderam de submetê-lo a um educador caturra, também ele com veleidades de escritor. As laudas dactilografadoas não continham o vosso nome, nem o de ninguém. Depois de lê-las, assim mais ou menos se exprimiu o pedagogo: “Livro de boa qualidade. Se não me engano, estamos diante de um verdadeiro escritor”. E, com a prudência característica da gente de sua espécie, mau grado o vigor do estilo, acrescentou entre parênteses: “ou escritora”. Mas rematou logo, decisivo: “Dêsse escritor ainda havemos de ouvir falar muito” [...] Esse vaticínio feliz não teria sido, porém, o primeiro. Quando em mais tenra idade, enviaste o conto “Ritinha” a uma revista do Rio de Janeiro, “O Malho”, não só publicou ela o trabalho, como lhe juntou uma nota pondo em dúvida que o autor só tivesse 14 anos, como informava, pois a história parecia de autor mais seguro, e bom escritor...O fato é que, à vista do êxito do primeiro livro, o do Rei Café, passastes, quase com precisão astronômica, a cada dupla translação da Terra, a dar um volume. Em conseqüência, respondeis agora por doze: cinco da literatura infantil, embora digam os catálogos que sejam mais; cinco da literatura juvenil; ainda que esses catálogos falem em menos; e, afinal, dois volumes, de uma obra projetada para mais, romance cíclico, em três composições seriadas, de que as duas, já conhecidas, têm respectivamente os nomes de “Clarão da Serra” e “Grotão do Café Amarelo” [...] Ainda mais: de umas das novelas juvenis tirou a Universidade de Londres versão inglesa, na série de primores internacionais da espécie. Quase ao mesmo tempo uma editôra de Barcelona lançou a tradução espanhola de sete de vossos livros. E, se algum dentre nós, nêsses últimos tempos, haja visitado Budapest, aí terá visto, nas montras dos livreiros, um volume com o vosso nome e êste estranho título “Az Aranybányak Titka”. Pois tudo isso corresponde ao nome, para nós mais fácil, de “Expedição ao Martírios”, uma de vossa novelas [...] obra, extensa e original. Entre outras singularidades, tem ela uma que deve ser especialmente apontada. É a de ser processado em três lances, ou ciclos sucessivos e correspondentes à ordem natural das grandes idades do homem: histórias para crianças,

⁴ Embora já tenha me referido, em tópico anterior desta Tesa, ao discurso de Lourenço Filho na cerimônia de posse do escritor Francisco Marins, julgo ser importante retomá-lo aqui com o intuito de acrescentar dados e reflexões desse educador, em relação à produção infantil e juvenil de Francisco Marins.

novelas juvenis, romances para gente grande. Não há caso igual, em escritores de nota, seja no país, seja no estrangeiro, ao que saibamos. (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 22-3)

Referindo-se à motivação que um escritor deve ter ao escrever livros para as crianças, Lourenço Filho observa características dessa motivação na obra de Francisco Marins.

a inquietação interior, o fermento das recordações de vossa infância, livre e feliz, à tarefa vos terão impellido, mais que outra coisa. Isso poderia compensar a nostalgia daquelas terras, e águas, e ar de Pratânia [...] Vossos livros para crianças, que admitimos sejam cinco e não mais, procedem de uma só e mesma motivação original, bem revelada pela constância de cenário e presença das mesmas personagens... Dêsses cinco, quatro formam uma história só, ainda que apresentada em narrativas autônomas. Todos revivem as paragens de Pratânia, num sítio aí chamado de “Taquara-Póca”, em que viveste em contato com a natureza, suas graças e mistérios — alguns dêsses mistérios diretamente intuídos, outros apenas presentidos nos motivos místicos e **causos**, ouvidos do nhô Lixandre, nhô Bento, ou nhá Candoca [...] Entre o mundo infantil e o dessas personagens, tão bem descritas, não havia qualquer separação, nenhuma quebra essencial: o mesmo sentido de um mundo primitivo, denso de ingenuidade, ao mesmo tempo que transparente a quem pudesse ter ouvidos para escutar-lhes os ecos e entendê-los [...] recordais, sim, não os fatos apenas, mas as lendas, tanto mais poéticas quanto mais simples, como a daquela flor roxa, que num minuto apenas, bem a meia noite, esplende no recesso dos samambaiais velhos, para logo extinguir-se, com estrondo [...] Artes do Capeta, sem dúvida, a colher terá o “corpo fechado”, ou livre ficará da morte violenta e veneno de cobras [...] Mas essa flor, que pelo tom evoca os paramentos roxos das igrejas na semana santa, é tão difícil de ser apanhada, como, na legenda de outros povos, o Pássaro Azul ou a Maripôsa Amarela [...] A lição de tal lenda decorre é que o bem e a beleza estão juntos, que o conteúdo e a forma, quando equilibrados e harmônicos, estão dotados de poder mágico, coisa que só os poetas, as crianças e aquelas boas almas simples chegam a perceber [...] Ou, então, em outra perspectiva, como se verifica em episódios dos livros a seguir, que também o dom da alegria pode suprir o que na aparência não seja belo, mas assim se revele no íntimo. É o caso do Curupira ou Caipora, menino disforme, mas ungido de bondade, com poder inigualável sobre a natureza — as coisa da floresta, especialmente [...] No seguimento das histórias, a resolução dessa dualidade manifesta certo sentido didático geral, também revestido de arte. Na primeira delas apresenta-se na forma do Rei Café, símbolo do trabalho organizado, ordem e disciplina; seguidamente, depois, na idéia de que a natureza pode ser compreendida e dominada, sempre que queiramos ouvir, como

sugerem os conselhos de um certo professor Justino, figura exemplar [...] o segundo lance, o juvenil. Isso parece certo quando examinamos o último livro que, na série “Taquara-Póca” legitimamente cabe, e que se chama “Viagem ao Mundo Desconhecido” [...] Ainda aí aparecem o cenário e as personagens daquele sítio da infância. Mas as personagens não são protagonistas, e, sim, suporte da narrativa – a da viagem de circunavegação de Fernão de Magalhães – O relato é feito por aquele sabido Justino, com ingênuos comentários dos meninos que o ouviam. Ele vos permitiu transitar da fase puramente lírica para a posição épica dos livros destinados a adolescentes. (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 25-6). (Grifos do autor)

A classificação que Lourenço Filho faz da obra de Francisco Marins e os comentários sobre outras classificações já existentes, em catálogos ou em autores que a esse escritor se referem, das quais discorda, clareiam, em parte, as dúvidas em relação às publicações em séries e a inclusão de alguns de seus livros na classificação “infantil ou juvenil”. Note-se que o educador, cauteloso em sua classificação, busca nos próprios livros os argumentos mais fortes em favor de seu posicionamento diante da classificação da obra de Marins, além, é claro, de apresentar outros, também imanentes aos textos desse escritor, que justificam o seu posicionamento e a leitura que faz da obra Francisco Marins, a qual subdivide em três ciclos: o infantil, o juvenil e o de romances para adultos⁵:

Nesse novo lance [“Motivação do ciclo juvenil”], três volumes contêm as lendas bandeirantes do “Roteiro dos Martírios” [...] investigastes textos, documentos e mapas antigos. Por toda a história, porém, os ecos da motivação geral do escritor perduram, ainda que em outro e mais vasto plano tenha de projetar-se e com efeito por assim dizer paradoxal. Realmente percebe-se que há manifesto desejo de extinguir a infância, de libertar-se o autor daquela primitiva inspiração de magia absorvente [...] Por várias formas esse desejo se revela, bastando apontar

⁵ Observe o leitor que Lourenço Filho aponta uma subdivisão dos textos literários escritos para crianças, jovens e adultos em ciclos que denominou: ciclo infantil, ciclo juvenil e o ciclo dos romances, sugerindo, no caso específico da subdivisão ciclo infantil e ciclo juvenil, a super classificação dos textos escritos para crianças e jovens, que, mais tarde, seriam denominados de literatura infantil, literatura juvenil, literatura infanto-juvenil; entre outras, conforme discutem Yunes (1989) e Ceccantini (2000).

duas. A primeira está na insistência com que iniciais a idade das personagens que procuravam as minas: “Tinha eu, então, doze anos”, assim começa a primeira história. Algumas páginas adiante, declara-se que os quatorze anos haviam sido atingidos. E o rapazinho, herói da história, faz empenho em declarar que já possuía “a experiência de um homem adulto” [...] A segunda forma de ruptura é o tipo de discurso. Em toda a série infantil o discurso é indireto: o autor narra, na terceira pessoa, sem maior interesse por aspectos introspectivos, mesmo porque entre o mundo real e o imaginário das personagens não havia maior transição [...] No primeiro livro do “Roteiro dos Martírios”, o texto começa com a primeira pessoa: “Lembro-me muito bem daquela noite” [...] O segundo, já de algum modo diferente, mas pessoal: “Naquele ano eu e meu fiel amigo Perova” [...] E o terceiro: “O ar morno daquela tarde parecia sufocar a gente. Na boca da noite, entretanto, soprou fresco o noroeste, trazendo até nós um cheiro gostoso de terra, de folhas verdes e flores silvestres” [...] Pode-se aí notar toda uma gradação. É ela característica do processo de integração social, exaltando-se, primeiro, o tom pessoal, e, depois a incorporação aos grupos: “eu”; “eu e êle”; “a gente”, quer dizer “nós”, e, com maior extensão, a nossa comunidade, a nossa raça [...] (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 26-7)

Outro aspecto interessante, apontado por Lourenço Filho na classificação dos livros que, segundo esse educador, introduzem e pertencem ao 2º ciclo da obra de Marins — o “ciclo juvenil” — diz respeito à organização da narrativa:

Se no ciclo anterior a técnica de narrar era sempre a mais singela, de ação contínua, passa agora a ser feita em narrativas paralelas. O intuito terá sido levar o adolescente a refletir nos dois planos em que os episódios se desenvolvem, tocando-se apenas no terceiro confessado da ficção [...] A magia é intemporal. O Rei Café, os amáveis duendes, as próprias personagens do ciclo da infância não se prendiam a datas ou épocas. Nem seria necessário. A feição épica do ciclo juvenil impõe coisa diferente. Os fatos são narrados com precisão, e é esboçado um sentido de determinismo geral, impondo ao leitor o despertar do espírito crítico... (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 28)

No que diz respeito ao 3º ciclo — dos romances —, ainda Lourenço Filho observa, ainda, que uma outra “voz segreda ao ouvido do escritor” (p. 28) uma nova forma, que “uma outra missão o está chamando” (p. 28): surgem os romances escritos para os adultos.

Vossa intuição artística vos levaria a praticar o romance, não numa daquelas limitadas formas, mas em várias delas, simultâneas, em poderosa obra cíclica, planejada para três volumes. Dois dêles são já conhecidos, “Clarão na Serra” e “Grotão do Café Amarelo”. Não é difícil verificar que a motivação profunda de ambos é [...] uma combinação do estro que animou a produção nos escritos dos ciclos anteriores [...] temas engrandecidos e diversamente combinados em plano mais alto: o conflito entre o rural e urbano, a ocupação da terra, a projeção nesse movimento de mudanças nas instituições políticas e transformações econômicas, e, tudo isso em grupos de pessoas, seus dramas, incertezas e frustrações, aqui e ali rompidos com o lampejo de notas maiores, de valor épico [...] (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 29)

Assim, segundo Lourenço Filho, Marins busca nos livros infantis e juvenis a motivação para a escrita dos romances para adultos, aprofundando o tema do ciclo infantil — a cultura do café —, e dando-lhes tratamento mais apropriado que àqueles escritos para o ciclo infantil e juvenil. No ciclo dos romances, não se trata mais, segundo Lourenço Filho, de narrar as lembranças da infância, nem de mesclar os fatos históricos e aventuras, mas de buscar na história as origens dos vilarejos, a formação étnica do povo sertanejo, sua luta, seus amores, sofrimentos e morte, como se pode constatar na continuidade do discurso de Lourenço Filho:

[...] Na obra de agora [ciclo dos romances para adultos] revive Pratânea e Santana, não aquelas que diretamente pudeste conhecer, com sua graça e mistérios, mas a das origens dos povoados, a de lutas de desbravadores, correrias de índios e trapaças de grileiros [...] Ao mesmo tempo tudo isso enquadrará no cenário mais vasto da vida geral do país, salientando aquele mesmo contraste entre roça e cidade, a sinceridade por vezes simplória dos pioneiros e a esperteza dos homens letrados, cheia de crueldades... (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 30)

Em relação à linguagem utilizada por Francisco Marins nesse último “ciclo”, Lourenço Filho salienta as marcas regionais e o falar das gentes que povoam os romances, não com sentido pejorativo ou crítico-negativo, mas com um sinal de estilo cultivado pelo escritor:

a argamassa natural é a linguagem, ou propriamente o estilo. A linguagem que empregais é a fala verdadeira das personagens e, assim tanto quanto possível, referida aos modos de expressão de cada época a que a ação se reporta. Tudo quanto se possa chamar de estilo, em vossos romances não é alguma coisa que tenhais juntado, por acréscimo, à história. Não. O estilo, em vossos escritos é o osso, carne e sangue, jamais o posticho, como demonstração de virtuosismo, é algo que se exprime, de vossa parte, certa exigência de ordem espiritual [...] (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 31)

Em 1969, Célio Pinheiro publicou, em forma de artigo, no *Boletim do Departamento da Imprensa* (Araçatuba, SP), um estudo da personagem Espiridião, de *Clarão na serra*, de Francisco Marins. Na introdução, salienta Pinheiro:

Na análise dos tipos humanos criados pelo autor (ou reconstituídos historicamente por êle), avulta o de Espiridião da Capela Correia. No plano temático secundário – luta entre as famílias Gomes/Correia e Costa pela posse de terras – êle pontifica como o vilão e “cede” em importância para o Otacílio; mas no plano temático mais profundo – história da colonização da região de Botucatu – êle é muito mais importante, mais completo na pintura típica, mais significativo.

Espiridião reúne as características do paulista explicitado por Euclides da Cunha em “Os Sertões”: “O paulista erigiu-se como um tipo autônomo, aventureiro. Rebelde, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se, insurreto” [...] Traçar-lhe o perfil é identificar o tipo regional que, por bem ou por mal, “fez” o interior de São Paulo, mormente a região oeste do nosso Estado. Além disso, Marins coloca-lhe certas implicações psicológicas, como a sua origem obscura, que mais apaixonam o analista dêsse personagem histórico [...] (PINHEIRO, 1969, p. 1)

Segundo Pinheiro, o vilão Espiridião é profundamente caracterizado por Marins, e essa caracterização faz com que a personagem ganhe em singularidade em relação ao seu opositor Otacílio, o personagem principal, roubando-lhe a cena e caracterizando com maior profundidade o verdadeiro homem sertanejo em luta pela posse da terra, valendo-se de todos os recursos, lícitos ou ilícitos para

alcançar seu intento.

Dando continuidade ao estudo do perfil de Espiridião, Pinheiro apresenta os aspectos físicos da personagem em questão, comparando-a às demais que o rodeiam e/ou lhe fazem oposição. Em seguida traça-lhe o perfil psicológico salientando que as características psicológicas de Espiridião, em especial “a inadaptação para o trabalho com o café, retrata a situação de profundidade do homem nas regiões do nosso Estado no último quartel do século passado e no primeiro desse século” (PINHEIRO, 1969, p. 7).

Essa afirmação, segundo Pinheiro, fundamenta-se no fato de a grande maioria dos homens que lidaram com o café, no início da colonização do estado de São Paulo, terem tido sucesso, pois inexperientes com esse tipo de lavoura, “tinham que explorar o café no ritmo que a terra e êsse tipo de cultura exigem...rapidamente” (PINHEIRO, 1969, p. 7). Assim, em conclusão, Pinheiro observa que Espiridião é:

na região de Botucatu, o retrato dos muitos fazendeiros de café, no Brasil, que aventuraram-se na busca da riqueza e não foram bem sucedidos. Mas êle, como todos, deixaram o saldo positivo de sua luta, de seu trabalho, que resultaram no domínio da terra [...] Com uma presença marcante e constante em toda a obra, Espiridião [...] foi cercado por Marins das principais características do homem regional paulista que deu os últimos passos dos bandeirantes [...] De origem desconhecida, assimila fielmente a causa dos que o criaram, toma a bandeira da conquista de mais um pedaço do sertão [...] O meio de que se utiliza para conseguir os seus fins não é o da exploração da terra através de uma cultura de frutos duradouros [...] Espiridião é o desbravador de sua região, só conhecia êsse caminho; só poderia agir assim, como todos agiam no seu tempo [...] É a imposição do meio e das condições que êle oferece [...] O trabalho de Espiridião faz com que êle persiga tenazmente os seus fins, rebelando-se contra os homens [...] e contra as leis[...] insurge-se contra tudo que o possa impedir [...] uma figura maiúscula, cheia de defeitos, mas todos baseados nessa característica ponderabilíssima e remissível, a do desbravador de terras. Por tudo isso, achamos que êle retrata o tipo mais regional de “Clarão na Serra”. (PINHEIRO, 1969, p. 7)

Em 1985, Brasil Bandecchi escreve *História e Ficção*: na poesia e no romance, publicado pela Editora Pannartz, São Paulo/SP, no qual dedicou algumas páginas para os romances sobre o café e o imigrante. Iniciando suas reflexões com *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato, e *Chão bruto*, de Hernani Donato, Bandecchi cita trechos de *Clarão na serra*; *Grotão do café amarelo* e *...E a porteira bateu*, de Francisco Marins, com o objetivo de destacar a temática da cultura do café nos romances brasileiros que, segundo Bandecchi, são verdadeiros documentos históricos de época, pois:

Fixam certa região ou mesmo mais de uma. Determinada época, tipos e fatos que realmente aconteceram, assim como há os que retratam estados de espírito deixando tudo o mais para um plano inferior. Os que nos interessam são os primeiros, pois enfocam assuntos mais afeitos ao nosso trabalho. No fundo, é o romance social com todas suas implicações, seja regional ou não (BANDECCHI, 1985, p. 52.)

No posfácio de *O curandeiro dos olhos em gaze* (2001), constam algumas citações a respeito da obra de Francisco Marins, que transcrevo a seguir, embora sem os dados bibliográficos completos, pois algumas delas não consegui localizar nos arquivos do escritor e só agora, com a publicação dessa coletânea de contos e recontos, pude ter acesso a elas

À beira do folclore, e com ele não raro se mesclando, a prosa regionalista funda-se no acontecimento verídico que se transfunde no meio da imaginação. E com isso, aproxima-se da área em que os mitos se formam e ganham vulto para se manter na memória das gentes. Graças ao concurso dessas forças, que transformam a história em ficção, o regionalismo ergue a sua voz e persuade o leitor da sua razão de ser. Assim é a ficção de Francisco Marins: a naturalidade com que reconta os “causos” de *O curandeiro de olhos em gaze* e outros recontos resulta duma empatia de raiz, deixando transparecer qualquer coisa de rememoração autobiográfica, que a linguagem, com sua dicção

oralizante, espontânea, tão bem exhibe. (MASSAUD MOISÉS)

Externo minha opinião sobre seus contos: admiráveis, bem escritos e especialmente por seus deliciosos dialetismos e regionalismos. Não hesito... Publique-os o quanto antes. (ANTONIO HOUAISS)

Os contos confirmam seu lugar num gênero em que é mestre reconhecido, entre os grandes regionalistas, nomeadamente na temática das terras do café. (WILSON MARTINS)

Dramas humanos de nossa cultura pré-capitalista recolhidos e fixados com imaginação criadora, e em linguagem autêntica. No primeiro conto ("O curandeiro de olhos de gaze"). Magia e preconceitos se chocam; no segundo ("A árvore e a ave"), a lógica do predicado — quando a atração da força maligna (Nhama) entra em confronto com a razão prática do marido... De qualquer forma, o conto explora o choque de duas consciências antagônicas e deplora a decisão autoritária da mulher, que subtrai ao camponês a árvore de sua estima, aquela que mantinha o seu vínculo emocional com a natureza.

Espero que a obra mantenha o nível desses contos, recolhendo a ficção, objetos e personagens que a civilização tenta modificar. (FÁBIO LUCAS)

EU e Zélia lemos seu livro (...) com o mesmo interesse que tudo o que você escreve. Muito bom. Parabéns. (JORGE AMADO)

Nas histórias para pré-adolescentes e novelas juvenis que escreveu, Francisco Marins já revelava os atributos essenciais do romancista. (M. B. LOURENÇO FILHO)

Depois de grata leitura — tão aliciante, tão rica de emoções —, tive a tentação de felicitar São Paulo: surgiu o romancista de sua grandeza. Os romances de Francisco Marins, belos, palpitantes, de estilo límpido e ágil, têm o poder de colocar diante de nós os heróis anônimos do crescimento e da riqueza do café. (PEREGRINO JÚNIOR)

É sem dúvida, dentro da ficção, a experiência mais convincente e mais completa já realizada em nossa literatura, visando ao abarcamento de um largo processo social, político humano e econômico, de profundas raízes e de largas repercussões na própria história do nosso País. (PERICLES DA SILVA PINHEIRO)

Obra de fôlego, num plano corajoso, o autor traça a saga dos pioneiros do interior bandeirante, em suas linhas humanas e com adequado tom dramático e vivas cores locais. (VALDEMAR CAVALCANTI)

Localizando seu romance em determinada zona, o autor poderia ter escrito uma obra regionalista. Mas a força que imprimiu as suas personagens, a convicção que deu às histórias transformaram a saga dos pioneiros, assunto regional, em documento válido para a literatura brasileira e de interesse universal. (JOÃO ALVES DAS NEVES)

Nenhuma página foi escrita ao impulso gostoso de total invenção: tudo é calado sobre o acontecido. E, assim, temos as vidas das personagens resultando da História. (ANTONIO D'ELIA)

3.3 Textos publicados em jornais

3.3.1 Sobre a vida e obra de Francisco Marins

Neste tópico, apresentam-se, em ordem cronológica de publicação, as referências a Francisco Marins em jornais brasileiros, nos quais entrevistas e comentários sobre a vida pessoal e profissional desse escritor, bem como sua obra, são assuntos em destaque.

Em setembro de 1955, a *Imprensa Católica*, de São Paulo, publicou uma entrevista realizada com o escritor, na qual Francisco Marins discorre sobre a literatura infantil e sobre sua produção para crianças e jovens.

Em entrevista com o escritor Francisco Marins, autor da série “Taquara-Póca” destinada à infância e de uma série de livros para a juventude, entre os quais “Expedição aos Martírios” e “Território de Bravos”, tivemos a oportunidade de abordar vários problemas relativos à literatura infantil. O tema reveste-se hoje de grande atualidade mercê da crescente

influência que vai tendo no seio da família a biblioteca das crianças e da grande penetração que, dia a dia, vem conseguindo certa literatura perniciosas às quais estas se entregam avidamente (*Imprensa Católica*, 1955)

Em 1956, no jornal *Folha da Manhã*, São Paulo/SP, publica-se, na coluna “Vida Social e Doméstica”, a manchete: “Francisco Marins começou a escrever a fim de mostrar as belezas da roça”. Antes de “dar voz” ao escritor que discorreu sobre suas origens, infância, juventude, sobre sua atuação na Melhoramentos e sobre sua obra, Raimundo de Meneses, repórter responsável pela entrevista, assim interpreta as palavras do escritor:

A literatura do Jeca, aquela dissecação, a talhos fundos, do “pobre parasita da terra”, que o menino ainda não podia compreender em seu significado oculto e profundo, foi em parte responsável pelo desejo de, um dia, retratar a vida sertaneja em outros aspectos, que não naqueles que fazem do pobre homem opilado e esquecido uma ruína humana digna de comisseração. Foi quase, assim, um sentimento de revolta, na defesa do tão detratado Jeca, que fez levantar o adolescente, procurando a mostrar a beleza e encontrar compreensão naquele mundo onde outros viam só miséria e sofrimento. O caipira queria levar a honra ofendida do ambiente em que crescera [...] (MENESES, 1956, p. 62; 72)

Em 1966, o *Jornal da Manhã*, de Ponta Grossa/PR, divulgou um artigo de Leonardo Arroyo sobre a obra de Francisco Marins, que mais tarde, figuraria no livro de Arroyo sobre a literatura infantil. Na introdução do artigo, lê-se:

A reedição dos livros de Francisco Marins para crianças, que dobra este ano a casa dos 500 mil exemplares de um total de 10 obras, exclusive dois romances, “Clarão na Serra” e “Grotão do Café Amarelo” é índice ilustrativo de um dos aspectos mais importantes de nossa cultura. A literatura infantil brasileira tem sido entre nós, considerada sempre um gênero menor do universo literário. Poucos autores a ela se referem e nesta lista honrosa poderíamos citar Cecília Meireles, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, com importantes contribuições, inclusive com pesquisas originais, como no caso de Lourenço Filho. Abra-se porém ao acaso qualquer história da literatura brasileira e constatar-se-á a ausência

total de entendimento e interesse pela literatura infantil [...] (ARROYO, 1966).

Continuando sua reflexão em torno do tratamento dispensado à literatura infantil nos textos sobre literatura brasileira, Arroyo afirma que

um autor de livros para crianças pode ser compreendido e aceito com um verdadeiro escritor, e que só espera compensação do leitor. É o caso de Francisco Marins que com o mundo lúdico de seus 10 livros para as crianças impõe o ludismo objetivo de sua obra, porém não exclui certo sentido didático [...] que é salvo porque transcende das simples lições das coisas. Ele apanha a temática movimentada da história, os lances dramáticos da formação brasileira em sua expressão épica [...] para ao mesmo tempo ensinar e divertir [...] O conteúdo mágico-real dos livros de Francisco Marins pela originalidade de sua expressão, como a obra de Monteiro Lobato, conseguiu transcender os limites da língua portuguesa. São eles os dois autores de livros para crianças mais traduzidos no Brasil [...] o que é motivo de alegria para todos nós, mas não de surpresa. Não de surpresa porque a literatura infantil brasileira, principalmente na originalidade de sua temática, insere-se na corrente do melhor que há em todo o mundo para crianças [...] (ARROYO, 1966, s.d.).

Em maio de 1968, o Jornal *Shopping*, São Paulo/SP, divulga a palestra de Francisco Marins sobre “Aventura e Desventura na Terra do Rei Café”, na Academia Paulista de Letras. Ainda o mesmo jornal divulga o evento, então já ocorrido, salientando a publicação de ... *E a porteira bateu*, de Francisco Marins

A vida do interior brasileiro, quase tudo girando em torno do café, assim é o novo livro de Francisco Marins, “E a Porteira Bateu”, terceiro volume da obra cíclica para retratar a vida do interior brasileiro. Os dois primeiros volumes “Clarão da Serra” e “Grotão do Café Amarelo”, com várias edições, conduzem aos acontecimentos até princípios desse século. Com “E a Porteira Bateu ...”, alcançamos até 1918. A nova obra de Francisco Marins sairá breve pelas Edições Melhoramentos (*Shopping*, 1968)

O *Diário do Paraná*, de Curitiba/PR, em 08 de dezembro de 1968,

publicou a reportagem: “Um escritor que queria apenas ser agricultor – Francisco Marins”, na qual registram-se dados biográficos e bibliográficos do “escritor do café”, ressaltando-se o “depoimento-confesso” de Marins:

Filho, neto e bisneto de gente ligada a terra, o escritor Francisco Marins recolhe no campo além de inspiração para suas obras, muitos termos do linguajar caipira que procura incorporar à literatura e no vocabulário corrente da língua. Alguns termos já foram parar até em dicionários ... Mas Marins que é nome de bibliotecas em todo o Brasil, escritor várias vezes premiado, lido por pessoas de todas as idades em muitos países, imortal da Academia Paulista de Letras, presidente por duas vezes da Câmara Brasileira do Livro, gerente de uma das maiores editoras brasileiras confessa: “o que eu queria ser mesmo na vida é lavrador” (*Diário do Paraná*, 1968).

Myrian Ellis, em 1978, publicou o artigo “O café no romance brasileiro” no Suplemento Cultural de *O Estado de S. Paulo*, no qual discorre sobre os romancistas pioneiros na temática do café. Partindo do texto de Luís da Silva Alves de Azambuja Susano, de 1847, que, segundo Myrian é o primeiro texto, de que se tem notícias, sobre o café, a autora chega à década de 1960 e ressalta a publicação da “grande obra de ficção, de fundo histórico, sobre o café: a triologia que constitui os três romances *Clarão na Serra* (1961), *Grotão do Café Amarelo* (1963) e *...E A Porteira Bateu!* (1968), de Francisco Marins”, a quem coube escrever a saga paulista do café” (p. 6). Apresentando o escritor Francisco Marins, Myrian revela:

Autor de renome em nossa literatura infanto-juvenil ligada a temas de cunho histórico-social e de realidade atual, estreou Francisco Marins, naquele gênero com o livro “Nas Terras do Rei Café” (1945). E inaugurou a nova fase de sua carreira literária, apoiada em profunda sensibilidade artística, no bom gosto e em notável capacidade de bem narrar, com o romance “Clarão na Serra” [...] Nascido em Botucatu (1922), profundo conhecedor dos costumes da região, pelo muito que deve ter recolhido de abundante e inspiradora tradição regional e familiar

[...] “Clarão na Serra”, romance social, enquadra-se na história do pioneirismo dos “bandeirantes do café” da segunda metade do século passado e do desbravamento de uma faixa da região noroeste da então Província de São Paulo, o sertão de Botucatu, entre as encostas da serra de Botucatu e o vale do Rio Pardo (do sul), formador do Paranapanema. De feição social, histórica, coletiva e dinâmica, com largo sentido humano e valores fundamentais, permanentes e universais, projeta o romance, naquele cenário, tipos humanos de uma época e de uma sociedade reais e relacionados a fatos verídicos, quando os inimigos comuns eram as distâncias, o índio e a carência de braços. E os homens, em sangrentas lutas de vida ou morte, disputavam a posse de um pedaço de chão exigido pela nascente lavoura do café... Com a mesma força evocativa, “Grotão do Café Amarelo” e “...E A Porteira Bateu!” continuam “Clarão na Serra”. Agora o cultivo do café é uma realidade decorrente da exploração da terra e da instalação da monocultura que açambarca e monopoliza os solos. Autêntica “corrida”, a do café no oeste paulista, que quase obriga o País a importar os alimentos mais comuns e redundava na superprodução, em fins do século passada, na época de Bernardino de Campos (1892 a 1896), prenúncio de futura crise [...] Em “...E A Porteira Bateu!”, as fazendas instaladas, os vilarejos a se transformar em cidades, plantadores de café e plantadores da ferrovia sucedem-se na conquista da região circundada pelos Tietê, Paraná e Paranapanema e na arremetida contra o sertão e o índio. É a difícil e brutal guerra nas florestas, pelos espaços para os trilhos e para os novos plantios e culturas, da escalada do café [...] Não apenas romancista, mas cuidadoso observador, pesquisador e estudioso dedicado, revela-se Francisco Marins, cuja obra de ficção sobre o café ultrapassa os limites do romance propriamente dito e envereda pelos domínios da História, a História da cafeicultura paulista, tal o discernimento e a segurança com que logra evocar e reconstituir os ambientes geográfico e social e os estilos de vida da nossa gente no passado [...] (ELLIS, 1978, p. 6-7)

Em 1980, Francisco Marins inicia uma verdadeira maratona pelas escolas do interior paulista, ministrando palestras sobre seus livros e concedendo entrevistas para alunos do 1º e 2º graus. Em 24 de outubro de 1980, o jornal *Comércio do Jahu*, Jaú/SP, anunciou:

Os alunos da Escola de 1º e 2º Graus da Fundação Educacional de Jahu receberão na manhã de hoje a visita do escritor Francisco Marins, presidente da Academia Paulista de Letras e autor de inúmeras obras infanto-juvenis, como “Nas Terras do Rei Café”, “Os Segredos de Taquarapócas”, “Expedição aos Martírios”, “A Aldeia Sagrada” e muitas outras. A visita do presidente da APL à fundação Educacional será às 10 horas [...] Sob a orientação das professoras Terezinha Gomes e Yvete Grizzo Perondi, os alunos, que já tiveram a oportunidade de ler quase que



a totalidade da obra de Francisco Marins, estarão nesta manhã entrevistando-o e assistindo a uma palestra do autor. A visita vem coroar os projetos especiais “Incentivo à Leitura” e “Desenvolvimento de Técnicas de Redação”, elaborados pelas duas professoras [...] O escritor Francisco Marins será recebido pelos diretores da Fundação Educacional, onde permanecerá durante toda manhã, e às 17 horas será homenageado em sessão solene da Câmara Municipal, quando receberá o título de hóspede oficial do município. Francisco Marins é natural de Pratânia, município de Botucatu, onde nasceu em 23 de novembro de 1922. Foi eleito presidente da Academia Paulista de Letras para o biênio de 1979/80 (*O Comércio do Jahu*, 1980).

O *Diário Popular*/SP, de 25 de novembro de 1983, noticiou a participação de Francisco Marins na homenagem prestada a Ibiapara Martins, na coluna de Henrique Novak, sob a manchete “Botucatu, cidade de escritores, presta homenagem ao romancista Ibiapara Martins” (NOVACK, 1983, p.15).

A maratona de palestras e visitas às escolas paulistas interioranas tem sua continuidade, em 1985, na cidade de Chavantes/SP, tendo sido impresso e veiculado em jornal local o convite:

Dudu, Tiãozinho e Tico, com burrinho maracujá, entram nas Terras do Rei Café, descobrem os segredos de Taquara-Poca enfrentam o Coleira-Preta. Venha viver com eles esses e muitas outras aventuras lendo os livros de FRANCISCO MARINS, o escritor que você irá conhecer e conversar no dia, 6 de dezembro de 1985, às 9:30 hs. Na EEPSG Dr. Ernesto Fonseca – Chavantes – Promoção: Secretaria do Estado e Cultura e Prefeitura Municipal de Chavantes. (*Jornal de Chavantes*, 1985)

Em 02 de maio de 1986, o *Diário Popular*/SP, por meio de outra reportagem de Henrique Novak, contempla o escritor Francisco Marins com meia página sobre a inauguração do “Convivium: Espaço Cultural Francisco Marins”. Novak apresenta a cidade de Botucatu e o Convivium, narrando a história de vida pessoal e profissional do escritor Francisco Marins e elencando os livros

publicados por esse autor. Concluindo, apresenta um perfil da cidade de Botucatu.

Em 18 de junho de 1986, o *Diário do Rio Claro* estampou a manchete:

“Francisco Marins em Rio Claro no dia 20”, onde se pode ler:

Nascido em Pratânia em 1922, descendente de antiga família de boiadeiros e pequenos plantadores de café, o escritor Francisco Marins passou sua infância em contato com a vida rural, onde colheu inspiração para seus livros, que mais tarde iriam refletir os costumes e a história da formação brasileira [...] Francisco Marins estará em Rio Claro na próxima sexta-feira (20), oportunidade que realizará palestra seguida de debate, em dois períodos e locais diferentes. Pela manhã, no horário das 10h00 às 12h00, no Teatro da EEPSP “Chanceler Raul Fernandes”, e no período da tarde, no horário das 14h00 às 16h00, no colégio Anglo Novo Triunfo [...] Através do escritor, as narrativas da juventude de nosso país ganharam dimensões além-fronteira, figurando na famosa coleção Delfin. Tudo começou com “Nas terras do Rei Café”, que dá início à série Taquara-Póca, à qual se segue “Roteiro dos Martírios”, totalizando ambas onze volumes, com dezenas de edições e hoje traduzidos para nove idiomas [...] Francisco Marins vem a Rio Claro numa promoção da Biblioteca Pública Municipal, que sob a coordenação de Eidi Ephiphânio integra o projeto “O Autor do Mês”, desenvolvido pela Secretaria do Estado de Cultura, através do sistema de Bibliotecas Públicas (*Diário de Rio Claro*, 18 de junho de 1986)

No dia seguinte, o jornal *Cidade de Rio Claro* também divulga a visita de

Francisco Marins

Francisco Marins vem e promoverá palestras

Amanhã, sexta feira, o escritor Francisco Marins estará em Rio Claro, convidado pela Biblioteca Pública, que tem como diretora Eidi Epiphânio. A promoção integra o programa “O Autor do Mês”, desenvolvido pela secretária do Estado da Cultura, através do Sistema de Bibliotecas Públicas. Marins é um nome consagrado na literatura nacional, através de seus livros, sucessos no mundo dos livros. Sua cidade natal é Pratânea, onde nasceu no ano de 1922, sendo descendente de antiga família de boiadeiros e pequenos plantadores de café. Seus livros são obras notáveis. Ele começou um trabalho dedicado a juventude brasileira, em “Nas Terras do Rei Café”, que o foi o início da série Taquara-Póca, à qual segue o “Roteiro dos Martírios”, ambas totalizando onze volumes com dezenas de edições, também traduzidas para nove idiomas. A sua vinda a Rio Claro vai marcar momentos importantes com a realização de palestras seguidas de debates. Conforme segue: das 10:00

às 12:00 horas, no teatro da EEPSPG “Chanceler Raul Fernandes”, e das 14:00 às 16:00 horas no colégio Anglo Novo Triunfo. Esse escritor passou parte de sua vida em contato com o meio rural, ali colhendo inspiração para seus livros, que refletem os costumes da formação brasileira (*Cidade de Rio Claro*, 19 de junho de 1986)

O *Jornal de Botucatu*, de 28 de março de 1987, orgulha-se de ver o filho da terra, o escritor Francisco Marins, ser incluído na Coleção Delfim: “Francisco Marins é incluído em famosa Coleção Européia”. Observa-se que, em 03 de abril de 1987, o *Diário Popular* ostentou a mesma reportagem com a manchete “Francisco Marins incluído em coleção de Clássicos”

A famosa coleção européia de obras para a juventude, Delfim, acaba de incluir, em seus lançamentos, o livro “The Mystery of Gold Mines” e já publicado em húngaro, checo, afrikander, espanhol, alemão e em diversas outras línguas. Em português a obra aparece em dois volumes sob os títulos de “O Mistério dos Morros Dourados” e “A Montanha das Duas Cabeças” [...] Importante é destacar que na coleção Delfin comparecem somente autores que alcançaram em seus países expressivos sucessos de crítica e divulgação, em edições sucessivas por vários anos, e que tenham sido traduzidos pelo menos em cinco idiomas [...] Entre os principais autores da novelística mundial estão incluídos na coleção Delfin Mayme Reid, Fridrich Gerstaeker, Erich Kaestner, Molnar Ferenc, Karl May e Emilio Salgari (*Jornal de Botucatu*, 28 de março de 1987)

A notícia da inclusão de Francisco Marins na Delfin atravessa as fronteiras de estado e, em maio de 1987, o *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro, traz na primeira página: “Marins na Coleção Delfin”

A coleção Européia de obras para juventude “Delfin” acaba de incluir em seus lançamentos o livro do escritor brasileiro Francisco Marins, The Mystery of Gold Mines. Em português a obra aparece em dois volumes com os títulos de O Mistério dos Morros Dourados e A Montanha das Duas Cabeças. A coleção Delfin inclui obras de Ferenc Molnar, Karl May, Maune Reid, Emilio Salgari e outros nomes famosos (*Jornal de Letras*, maio de 1987)

Hertes Ivoleta escreveu, em meados da década de 1980, ao Suplemento Cultural de *O Estado de S. Paulo*:

Sr. lendo o Suplemento Cultural de O Estado de São Paulo de 11 de dezembro último passado não pude deixar de sentir um misto de feliz emoção e ao mesmo tempo tristeza. Feliz porque ao ler a matéria “Aventuras nas Selvas brasileiras seduzem os jovens leitores húngaros” relembrei dos bons tempos de garoto, lendo Francisco Marins e participando daquelas aventuras incríveis em que participavam Perova, Tônico e o índio Pixuíra, através de matas e serras misteriosas, em busca de segredos e tesouros escondidos.

Por outro lado, senti tristeza, uma vez que um escritor do talento e originalidade de um Francisco Marins não é homenageado por nossa intelectualidade. Não entendo também por que o Ministério da Educação e Cultura que tanto levanta a bandeira de defesa de nossa tradição e valores históricos ainda não adotou a obra deste singular escritor, levando os nossos garotos e garotas do primeiro grau a viajarem no maravilhoso mundo mágico de Francisco Marins.

Veja, senhor, em tempos de invasão cultural alienígena em nossa terra em tempo de dominação de valores de nossa juventude por parte de interesse consumistas de multinacionais, as páginas de “Expedição aos Martírios”, “Território de Bravos” e outras preciosidades, viriam a calhar. Tais obras são exemplos de brasilidade, amor à natureza, folclore, ricas lendas de nossos índios e colonizadores portugueses.

Dáí vai uma sugestão de um leitor assíduo de O Estado. Que se faça uma edição especial do Suplemento Cultural dedicada à juventude, abordando Francisco Marins, sua vida, suas obras. Que se faça uma semana cultural dedicada ao autor e sua obra, com a participação viva de estudantes, professores e interessados, envolvendo debates, palestras e divulgação de suas obras.

Por último, gostaria de lembrar um triste fato: nós brasileiros temos o grave defeito de só dar valor ao que vem de fora.

Acredito que ainda seja tempo de homenagear à altura este grande escritor que é Francisco Marins e fazer a juventude brasileira se deliciar com suas aventuras (*HERTES IVOLELA*).

De dezembro de 1988 a abril de 1989, Francisco Marins é lembrado pela imprensa falada e escrita, em todo o Brasil pela sua candidatura à Cadeira 28 da Academia Brasileira de Letras. Inicialmente, os jornais noticiam a candidatura do escritor trazendo sua biobibliografia, salientando a sua atuação em órgãos ligados à cultura, literatura e ao livro no Brasil. Assim, sob manchetes semelhantes, os

jornais de São Paulo – Capital e interior –, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Alagoas, Pernambuco, Maranhão, Pará, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná e Bahia, entre outros, aclamavam: “Francisco Marins na Academia Brasileira”; “Quem para suceder Menotti?”; “Escritor de Botucatu é candidato à imortalidade”; “Candidato à Academia Brasileira de Letras”, entre outras frases que chamavam a atenção do país para a eleição na Academia Brasileira de Letras.

Em 1989, Jair Aceituno, do Caderno 2, *O Estado de São Paulo*, 29/01/1989, entrevista o escritor Francisco Marins, candidato à Cadeira número 28 da Academia Brasileira de Letras, em substituição a Menotti Del Picchia. Na abertura da reportagem, Jair Aceituno registra que um dado que em nenhuma obra de referência havia sido publicado, nem mesmo o próprio escritor, em nenhuma das entrevistas ou conversas informais, “tocou no assunto”: Francisco Marins ocupa a cadeira 26, cujo patrono é Paulo Setúbal, da Academia Brasileira de Literatura infantil e juvenil (ACEITUNO, 1989, p. 4-6)

O sonho maior do “contador” sertanejo desmoronou, pois, em 26 de abril de 1989, o *Jornal de Botucatu* publicou duas reportagens sobre a eleição da Academia Brasileira de Letras: “A verdade sobre a disputa de Marins à A.B.L.” e “Academia Brasileira de Letras e a Candidatura Francisco Marins”, que, só pelos títulos, permite entrever os conteúdos. Denunciam injustiça em relação aos resultados que, de acordo com o jornal, “foi mais político que cultural”.

“Marins, o amante da Natureza que revolucionou a literatura”, com essa manchete, Arnaldo Ferraz, do *Jornal da Cidade*, de Bauru/SP, apresentou, em

1989, o escritor Francisco Marins e o *Convivium*: espaço cultural Francisco Marins, em Botucatu/SP. Como em todas as reportagens sobre o escritor, essa de Arnaldo Ferraz também retoma as origens do escritor e sua influência nos livros de Francisco Marins para adultos, jovens e crianças. Destaca as personagens-mirins da série Taquara-Póca, o período de ginásio do escritor, quando contava “causos” para os amigos, o jornalista colaborador em diversos jornais das décadas de 1930 e 1940, o homem de empresas, e enfatiza o espaço cultural criado por Francisco Marins, na década de 1980.

Em 15 de maio de 1994, o jornal *O Imparcial*, de Presidente Prudente/SP, noticia a visita de Francisco Marins a Adamantina/SP: “Projeto Escritor na Cidade agenda Francisco Marins”

Autor de livros importantes como “O segredo de taquara-póca”, “Nas terras do rei café” e obras juvenis da série Vaga-Lume, Francisco Marins estará na Biblioteca Municipal Cônego João Batista de Aquino, no dia 24 (terça-feira), às 15h e 20h, conversando com estudantes e público geral [...] A presença do escritor Francisco Marins, faz parte do projeto “Escritor na Cidade”, iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura, especificamente do programa de “Ação da Cultura Integrada”, que tem apoio de oito empresas estatais [...] O objetivo do projeto é possibilitar o encontro entre leitor e escritores da literatura nacional, fornecendo assim, estímulo à criação e atração pela leitura [...] “O Escritor na cidade” tem projeção importante, à medida que o leitor fica frente a frente com o autor. Esclarecendo dúvidas e ficar sabendo dos processos criativos e como escreve-se um livro [...] Pela série “Vaga-lume” Francisco Marins escreveu “A aldeia sagrada” e “O mistério dos morros dourados”. A participação do público será gratuita (*O Imparcial*, 15 de maio de 1994)

Dois dias depois, esse mesmo jornal noticiava novamente a visita de Francisco Marins à cidade de Adamantina/SP, introduzindo a matéria com a seguinte manchete: “Biblioteca desenvolve e incentiva projetos culturais no município” (*O Imparcial*, 17 de maio de 1994).

Em março de 1996, o jornal *O Quatrilho*, de Caxias do Sul/RS, divulgou a visita de Francisco Marins, na cidade, durante a realização da Festa da Uva. Na ocasião, Marisa Pereira, redatora da coluna “Pioneiro”, registrou: “Um autor de clássicos infanto-juvenis – escritor Francisco Marins esteve em Caxias do sul durante a realização da Festa da Uva”:

Passos calmos, jeito bonachão e boa prosa. Lá vinha, em uma rápida passagem por Caxias durante a Festuva, um dos mais destacados escritores brasileiros contemporâneos: Francisco Marins [...] Um nome que recorda a infância para muitas pessoas. Gente que cresceu lendo as histórias para crianças e jovens desse escritor [...] Na verdade dos seus 73 anos, 40 estiveram ligados às letras, com estada até na presidência da Câmara Brasileira do Livro e da Academia Paulista de Letras [...] Natural da cidade paulista de Pratânia, Francisco Marins é descendente de família de boiadeiros e pequenos plantadores de café. Estas raízes rurais brasileiras acabaram se transformando em inspiração para os seus escritos [...] A preocupação do autor é despertar o interesse pela terra, pela ecologia e pelos heróis nacionais [...] O segmento infanto-juvenil foi o primeiro e o principal alvo da carreira de Marins [...] e é justamente neste mercado que o escritor consegue o maior prazer na literatura [...] A dedicação lhe rendeu a inclusão do livro *Expedição aos Martírios* junto aos Clássicos da Literatura para a Juventude [...] Atualmente grande parte do tempo de Francisco Marins é dedicada a palestras e conferências pelo país. E nestes momentos que ele tem o retorno de seu trabalho, em contato com o seu público [...] (PEREIRA, 1996, p. 8)

Em maio de 1999, o *Diário da Serra*, de Botucatu/SP, traz a manchete:

“Municipal lotado para ver Taquara-Póca”, seguida da seguinte reportagem:

A obra do escritor Francisco Marins, transformada em espetáculo teatral pelo grupo Chafariz, tem lotado todas as sessões desde sua estréia dia 9 [...] Com texto de Solange Rivas e apresentação do grupo Chafariz, dirigido por Kim Marques, a peça Taquara-Póca [...] teve sua estréia domingo no Teatro Municipal Camilo Fernandez Dinucci. O espetáculo continua a ser mostrado hoje e sexta-feira [...] Antes da estréia da peça, foi feito no sábado um pré-lançamento do espetáculo, com entrega do prêmio Flor Roxa para o autor de novelas Alcides Nogueira, da Rede Globo de Televisão e para a escritora Leilah Assumpção. O evento teve promoção da Academia Botucatuense de Letras e do Convívium (*Diário da Serra*, 12 de maio de 1999, p. 4)

Em 13 de maio de 1999, o mesmo jornal, informa:

O grupo teatral “Chafariz” de Kim Marquês e Solange Rivas vai lançar, em nível nacional, “Taquara-Póca” – O mundo mágico de Francisco Marins. Taquara-Póca é um chamado às raízes através de personagens autênticas criadas pelo autor, duendes e bichos do folclore e ainda cenas que saíram das páginas sempre vivas de “Nas Terras do Rei Café”, “Os Segredos de Taquara-Póca”, “Gafanhotos”, “Coleira Preta” e “Verde era o coração da montanha”. Os espetáculos estão previstos não só para a região de Botucatu, mas também, em vinte outras cidades, atingindo o público em geral [...] (DINUCCI, 1999)

A notícia da peça teatral sobre Taquara-Póca circulou em mais de dez jornais da região de Botucatu e nos jornais *Folha de Botucatu*, *A cidade* e *Gazeta de Botucatu*, durante os meses de abril e maio de 1999.

“Convivium: opção de cultura e pesquisa”. Com esse título, a história do Convivium: Espaço Cultural Francisco Marins volta às páginas do jornal *A cidade*, de Botucatu/SP, narrando-se a fundação dessa instituição, o número de livros, as áreas em que se enquadram os livros, a ênfase na sala de literatura infantil e juvenil e na decoração local, ornamentada com objetos antigos da cidade e ilustrações “a bico de pena” dos livros infantis e juvenis de Francisco Marins (*A Cidade*, 21 de junho de 2000).

3.3.2 Sobre os livros de Francisco Marins

Para elaboração deste tópico optei por citar as principais reportagens e/ou referências à obra de Francisco Marins, seguindo a ordem de publicação de seus livros e separando-as pelo título do livro e ano da primeira edição, uma vez que,

no decorrer deste capítulo, já se classificaram os livros de Francisco Marins escritos para crianças e jovens e os livros para adultos. Saliento, ainda, que apresento dados bibliográficos das citações, tais como contidos nas transcrições datilografadas que delas fez o escritor e que se encontram em seus arquivos.

Segundo Francisco Marins, entre outubro de 1945 e junho de 1947, período que abrange as publicações da primeira e segunda edição da *Nas terras do Rei Café*, algumas críticas sobre ele foram publicadas em jornais das grandes cidades e em jornais de Botucatu e região. No entanto, muitos desses textos se perderam, e os trechos que aqui são citados foram obtidos nos arquivos do escritor, datilografados em folhas avulsas e sem precisão de dados, fato que se repete também em relação às críticas sobre outros livros do escritor. Salienta-se, ainda, que os trechos foram citados na íntegra e, portanto sem nenhuma supressão, conforme se encontram nos originais.

Sobre *Nas terras do Rei Café* (1945)

A narrativa é cheia de episódios que interessam os leitores infantis, decorre agradável, através de ensinamentos oportunos que justificam plenamente o êxito alcançado por essa obra (*A Gazeta*)

É confortador ver-se dar à criança brasileira a consciência de si mesma e de sua terra[...] Merece êste livro calorosos aplausos (GENÉSIO PEREIRA FILHO, *O Estado de S. Paulo*.)

[...] mantém viva a atenção dos leitores e despertam, ainda, no espírito das crianças, o amor pela vida do campo e pelo trabalho da terra, através das descrições do menino da roça, do fazendeiro em decadência, do colono, do prêto que já foi escravo (*A Manhã*).

Uma bela história (*O Globo*.)

É um livro admirável. Um expoente de vitória na literatura infantil. Cheio de brasilidade. De singular encanto em seu aspecto rural, onde o autor, com grande sucesso, recorreu ao nosso vasto folclore e históricas tradições, dando-lhe em linhas tonalidades, o sentido de grandeza da vida dos nossos homens do campo (REGINA COELI DE ARAÚJO.)

Eis um livro da moderna literatura infantil brasileira, destinado a um grande e merecido sucesso (JOSÉ M. LIMA, *O Comércio*.)

Escrito com os melhores recursos da boa pedagogia, o trabalho do Sr. Francisco Marins encerra, também, o tato do coração, que o faz querido das almas juvenis (*Diário da Bahia*.)

Francisco Marins está de parabéns pela sua primeira e grande vitória que obtem no campo, muitas vezes ingrato, das letras (JOSÉ PEDRETI NETO)

Em 12 de dezembro de 1945, a *Folha de Botucatu* publicou um artigo de José Pedreti Neto, que versava sobre publicação de *Nas terras do Rei Café*:

Francisco Marins estreou nas letras brasileiras pelo gênero mais difícil e mais complexo: a literatura infantil. Escrever para criança importa na obediência a determinados ditames pedagógicos a — de que a obra em si apresente uma unidade de interesses condizentes com a idade infantil. É um erro supor-se que se abusando do fator fantasia se encontre a justificativa para a literatura das crianças. É bem verdade que não se pode prescindir esse elemento de ficção; mas a sua máxima importância está em dosá-lo convenientemente sem exageros demasiados como medida preventiva de se evitar as hipertrofias [...] Francisco Marins sem ter um conhecimento profundo das ciências pedagógicas conseguiu apresentar uma obra de indiscutível valor, de palpitante atualidade e enquadrada em realidades sempre atuais. O parecer de Lourenço Filho, diretor do Instituto de Ciências Pedagógicas a respeito de “Nas Terras do Rei Café” ilustra suficientemente, o valor do primeiro livro publicado pelo nosso conterrâneo: “Nas Terras do Rei Café” é um livro de recreação e de educação. Tomando como base central a vida de uma fazenda, com a colaboração de elementos secundários que se completam num todo harmonioso, o livro de Francisco Marins preenche as finalidades de uma educação tanto para crianças do ambiente rural, com para aquelas do ambiente urbano. Prega, o livro, o amor à terra, a sua

defesa, as possibilidades incalculáveis de seu cultivo racional. Educa sobre a função da *Coffea Arábica*, da peregrinação do café através de países e de séculos; fala sobre os combates às pragas; revela costumes desconhecidos, histórias de escravos e uma infinidade de episódios, que prendem não só a atenção das crianças mas também a dos adultos. “*Nas Terras do Rei Café*” é um livro recomendável sob todos os pontos de vista [...] (PEDRETI NETO, 1945.)

O jornal *Folha de S. Paulo*, na coluna “Vida Literária”, divulgou o lançamento da 6ª edição do livro:

Com a 6ª edição do livro “*Nas Terras do Rei Café*”, de Francisco Marins, lançado pelas Edições Melhoramentos, atinge esse primeiro livro do autor um total de 44 mil exemplares. O volume faz parte da série Taquara-Póca que é o nome do sítio onde os três garotos vivem movimentadas aventuras. Dos livros da série (“*O Coleira-Preta*”, “*Os Segredos de Taquara-Póca*”, “*Gafanhotos em Taquara-Poca*”) nenhum deles teve menos de quatro edições, inclusive o ‘*Viagem ao Mundo Desconhecido*’, no qual a façanha do navegador Fernão de Magalhães é transportada para o sítio de Taquara-Póca, que aparecerá brevemente em 6ª edição. “*Nas Terras do Rei Café*” é um livro de puro entretenimento, que encanta e diverte o pequeno leitor. Francisco Marins, nele introduziu alguns conhecimentos úteis sobre o produto-base da economia brasileira, sendo, a obra recomendada, como as demais da série pela Secretaria da Educação aos alunos dos cursos primários [...] (*Folha de São Paulo*, 26 de abril de 1961.)

Sobre *Os segredos de Taquara-Póca* (1947)

Páginas de ensinamentos proveitosos entremeiam-se com outras de fantasia penetrante, instruindo e deleitando, pois, os seus pequenos leitores. Que Francisco Marins continue como até agora e muito concorrerá para que o espírito das crianças de hoje, cidadãos do futuro, seja plasmado dentro de sadia brasilidade (GENÉSIO PEREIRA FILHO, *Idade Nova*.)

De fato, Francisco Marins estava magnificamente preparado para produzir tão palpitante e bonito livro de aventuras, ou melhor de travessuras inteligentes, que a Melhoramentos acaba de apresentar em segunda edição. O volume amplamente ilustrado, oferece grandes atrações para a garotada e a adolescência, que encontrarão horas de suave entretenimento na leitura dos ‘*Segredos de Taquara-Poca*’ (*A Manhã*)

Numa época em que pululam por aí pseudos livros infantis, cheios de figuras esdrúxulas, o aparecimento de uma novelinha como ‘Os Segredos de Taquara-Póca’, que diverte e instrue ao mesmo tempo, merece ser assinalado (*A Gazeta Juvenil*).

São aventuras que constituem seqüência da historia ‘Nas Terras do Rei Café’. Magnificamente ilustradas por Storni, essas aventuras, a que o autor imprime um elevado tom educativo, são um divertimento ideal para a criançada estudiosa de nossa terra (*Alterosa*.)

No decorrer da narrativa surgem empolgadas aventuras no meio das selvas. A par das façanhas dêstes meninos, o livro nos fala das delícias da vida do campo e de como é doce viver em meio às suas puras e amenas belezas (*Jornal de São Paulo*)

Oxalá sigam muitos autores tão salutar exemplo, e se acentuem as felizes transformações que ora parecem vir revolucionar a literatura infantil brasileira (*Jornal de Notícias*.)

Trata-se por conseguinte de livro que encontrará lugar em todas as estantes e fará igualmente bem a todos os leitores, pois é um poema de singeleza, ternura e amor infinito pelas coisas belas e boas da vida, característico principal da série Taquara-Póca, de que passa a fazer parte (J. PEREIRA, *O Dia*.)

Em 1948, a *Folha de Botucatu* publicou um artigo de José Pedreti Neto a respeito da publicação do segundo livro da série Taquara-Póca:

Francisco Marins consolida com segundo livro infantil, o sucesso alcançado com “Nas terras do Rei Café”, “Os Segredos de Taquara-Póca” editado há pouco tempo pela Companhia Melhoramentos, está fadado a marcar uma fase de realce na vida literária do jovem escritor conterrâneo [...] O ambiente em que se desenrola a ação do livro é puramente rural. Os personagens, que encontramos em “Nas Terras do Rei Café”, surgem, também, em “Os Segredos de Taquara-Póca” e guardam a mesma intensidade de interesse. A fantasia corre a par da realidade numa finalidade louvável e pedagógica de educar divertindo [...] A natureza está viva e esplendente no livro de Francisco Marins. Há, ali, a voz das cousas, a voz da terra, como forças de integração do indivíduo ao solo. Os meninos sentem maravilhados, na rusticidade do meio ambiente, a poderosa influência das forças telúricas [...] As aventuras desenvolvidas

pelos pequenos heróis do livro, são as mesmas aventuras próprias à infância: não há exagero em se afirmar por isso mesmo que o escritor, nesse ponto copiou a própria vida. O interesse da narrativa ganha em significado e intensidade, quando o leitor se entristece com a perda do burro “Maracujá”, se exalta com a assembléia dos bichos na floresta e se compenetra quando sente o amor do deus protetor das árvores [...] Podemos dizer, para finalizar, que se respira em “Segredos de Taquara-Póca” o ar puro e perfumado dos campos e das matas [...] Francisco Marins se firmou, positivamente, na literatura infantil. Esperemos, agora, pela edição de seu terceiro livro que, se não nos falhe a memória, deverá se chamar “Coleira-Preta” ... A feição gráfica do volume dispensa comentários; ela traz a garantia das Edições Melhoramentos (PEDRETI NETO, 14 de março de 1948.)

Geraldo Quartim escreveu, em 1974, uma crônica publicada no *Diário da Manhã*, de Ribeirão Preto, intitulada: “Recado ao meu filho e o Sítio de Taquara-Póca”, na qual discorre sobre as tendências de seu filho para as letras, a partir do interesse pelas obras de Francisco Marins. Explicando a temática dos textos de Marins ao filho, Gerado Quartim faz algumas considerações sobre o livro *Os Segredos de Taquara-Póca* desse escritor:

já era tempo principalmente de ser popularmente consagrado tanto quanto o nosso querido Monteiro Lobato, transcrevo a afetuosa dedicatória do autor na referida obra ... Este livro é dedicado a todos os meninos que sentirem a alegria de viver sob o teatro imenso da natureza silvestre, a correr pelos campos silenciosos, que desfrutaram o prazer de descansar à sombra das árvores frondosas, de beber dos córregos cristalinos, de amar os animais amigos e conviver com a boa e compreensiva gente da terra ... (QUARTIM, 14 de dezembro de 1974.)

Sobre *O Coleira-Preta* (1948)

É um ótimo livro para crianças. Merece figurar, com destaque ao lado de outros autores nacionais e estrangeiros (*A Época*.)

Não faltam também neste volume aquelas mensagens de amor à terra,

aquele hino às belezas da vida física junto à natureza ainda virgem, que fizeram dos seus primeiros livros bíblias de um naturalismo sadio e muito nosso (*A Época*.)

É sumariamente grato, para nós que acompanhamos tôda a evolução literária de Francisco Marins, verificar que êle se aperfeiçoa cada vez mais e que será, num dia não muito distante, uma das legítimas glórias da literatura brasileira (JOSÉ PEDRETTI NETO)

[...] igualmente do jovem e inspirado escritor, que sabe ensinar com inteligência e empolgar com equilíbrio (*A Manhã*, Rio de Janeiro.)

[...] belo presente de natal para a criançada brasileira, tal a elevação do seu objetivo e o fundo moral do seu texto (*Diário Carioca*, Rio de Janeiro.)

Nestas outras páginas agora lançadas, amenas, deliciosas de se ler, estão presentes aqueles mesmos personagens humanos e animais que compuseram o quadro muito feliz das aventuras de Taquara-Póca, o sítio que simboliza um sem número de propriedades rurais brasileiras (*A Noite*, Rio de Janeiro.)

Manejando com facilidade a palavra, dono de imaginação feliz, Francisco Marins conquista, com êste famoso volume, nova e forte vitória para o quadro de suas atividades mentais (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro.)

As peripécias que se desenrolam em tôrno a êsse tema, compõem os capítulos cheios de atrativos e animados por incontestáveis revelações curiosas e pitorescas da vida secreta da floresta virgem (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro.)

Tem especial valor sobre o ponto de vista dos nossos problemas do campo, pois contribui para colocar a infância estudiosa a par de certas questões rudimentares de economia ruralista (*Folha de Manhã*, São Paulo.)

É uma obra que se recomenda com maior simpatia (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro.)

A presença das coisas brasileiras e da gente brasileira traz uma satisfação



íntima ao leitor e um como redescobrimento de si mesmo, nesta época em que tudo que é nacional parece esquecido, para aceitação cômoda de doutrinas estranhas e desnacionalizantes, a serviço de imperialismo políticos (*A Noite*, São Paulo.)

Somos do parecer que a literatura brasileira recebeu, com esse livro, uma das mais valiosas contribuições (*O Norte*, São Mateus.)

Francisco Marins, sem favor nem lisonja, venceu as dificuldades ante as quais muito talento fracassa (J. LARANJEIRA, *A Semana*.)

Sobre *Gafanhotos em Taquara-Póca* (1950)

Histórias como estas delicias grandes e pequenos e valem como uma afirmação a mais de que a literatura infantil, quando trabalhada por espíritos capazes, é tão importante como a que se reserva especialmente aos adultos (CORREIA JÚNIOR, em *A Gazeta*, São Paulo.)

Uma pena! Acabou tão depressa! (impressão de um pequeno leitor, publicada na imprensa.)

Êxito incomun vem obtendo os volumes de Francisco Marins, cuja habilidade, em escrever para crianças e adolescentes, é de impressionar (*Revista da Semana*, Rio de Janeiro.)

Livro para todas as idades, porque realmente sugestivo e curioso, capaz de prender as crianças e adultos (*Diário Popular*, Rio de Janeiro.)

Palpitante e instrutivo trabalho, cheio de excelentes ilustrações, dignas do texto (*Vanguarda*, Rio de Janeiro.)

Um primoroso volume (*O Tico-Tico*, Rio de Janeiro.)

A leitura de seu livros é assim plenamente recomendável à gurizada, leitura esta que as crianças acharão fácil e agradável graças à

graciosidade do estilo do autor e a sua simplicidade – qualidade percebida por sua preferência aos períodos claros a às palavras singelas (VASCONCELOS MAIA, Salvador.)

Sobre *Viagem ao Mundo Desconhecido* (1951)

Com habilidade, engenho e um extraordinário senso do pitoresco, o Sr. Francisco Marins conseguiu fazer desse famoso episódio da história universal uma narrativa romanceada para a infância e a adolescência, mas na qual até os próprios adultos poderão encontrar divertimento e proveito (*A Manhã*, Rio de Janeiro.)

É mais um empolgante livro de Francisco Marins, em torno da vida e façanha de Fernão de Magalhães, ensinando em tom de aventuras empolgantes (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro.)

São páginas que instruem e mantêm, de princípio ao fim, um clima de interesse altamente fascinante (*Sombra*, Rio de Janeiro.)

Merece acolhimento entusiástico (*A Noite*, Rio de Janeiro.)

É obra que prende a atenção de grandes e pequenos, constituindo mais um laurel para o autor da série Taquara-Póca (*A Manhã*, Rio de Janeiro.)

O novo livro de Francisco Marins Constitui mais um motivo de jubilo para seus inumeráveis admiradores (CORRÊA JÚNIOR.)

Não estou equivocado, quando prognostico que Francisco Marins será, em pouco tempo, o sucessor de Monteiro Lobato na literatura infantil (GILBERTO PEREIRA MACHADO.)

Segue, Francisco Marins, a rota de novos triunfos (JOSÉ PEDRETTI NETO)

Méritos especiais cabem também à série Taquara-Póca de Francisco Marins, autor de livros dos quais pode se dizer que hão de ficar (HERNANI DONATO)

Sobre *Expedição aos Martírios* (1952)

Percebe-se que o autor teve a preocupação de dar ao seu livro um “background” de fundamentação histórica, projetando sobre ele a expedição imaginária do tio Juvenal, seu sobrinho Tonico, Perova, O Bugre-de-Chapéu-de-Anta, Elesbão, do indiozinho Pixuíra. E, finalmente do velho índio Muiraquitã, que são os personagens principais da intrigante aventura em busca do ouro dos Martírios. *EXPEDIÇÃO AOS MARTÍRIOS*, pelos lances sempre novos e inesperados, não fica muito a dever a “Robinson Crusuê”. Creio, pois, que o livro agradará em cheio aos jovens leitores (OTTO SCHNEIDER, Rio de Janeiro.)

E porque *Expedição aos Martírios* também focaliza o tema ligado ao enigma sempre momentoso do até hoje inexplicável desaparecimento de Fawcett, é natural que este trabalho de Francisco Marins venha a alcançar um enorme êxito (MARIA DE LOURDES TEIXEIRA, São Paulo.)

Francisco Marins realizou uma obra notável, pois conseguiu escrever uma história inteiramente baseada no documentário. Isto não é comum no Brasil, onde os livros de ficção para a juventude geralmente prescindem de espaço e tempo. Os seus personagens infantis são autênticos heróis que seguem as pegadas dos nossos maiores. Marins deve ter pesado bem a sua responsabilidade de escritor de um país novo e jovem, onde a mocidade está sendo atraída pela propaganda sutil que o cinema e as histórias de quadrinhos apresentam, de heróis de outros países de América. Acredito também que as gerações que se formarem na leitura de livros como este que no dá Marins, saberão resistir valorosamente às atrações dos existencialismos que nos enviem as valhas sociedades em decomposição (ENG. MANUEL RODRIGUES FERREIRA, autor de *A ferrovia do diabo*.)

É um livro que está fadado ao sucesso, porque aviva a curiosidade do leitor, porque está cheio de ensinamentos, e desperta em todos os corações o amor profundo pela nossa terra (ELOS SAND)

Narrativa verdadeiramente emocionante, baseada em episódios verídicos da história de São Paulo. É uma página magnífica da conquista da terra pela gente bandeirante, que o autor aí revive, através de um enredo essencialmente romanesco, capaz de prender a atenção de qualquer leitor (Suplemento Literário de *A Manhã*, Rio de Janeiro)

A leitura agrada a grandes e pequenos e a bem estruturada seqüências da aventura de Juvenal que saiu à procura dos Martírios faz que as páginas desse livro sejam lidas com interesse (*Revista Anhembi*.)

Embora dirigido ao público juvenil, “Expedição aos Martírios” dá satisfação ao adulto que o lê absorvido pelo encanto mágico que se desprende da narrativa. Misto de lenda e fatos verdadeiros vai escorrendo página a página e, sofrendo a necessária depuração, forma um completo novelo de conhecimentos geográficos, folclóricos e históricos (MABERT.)

Nela, o autor foi duplamente feliz, isto é, escolheu um belo tema e soube realizá-lo com talento e hábil plasticidade narrativa, mantendo o simples dentro do natural. Com bem dosados elementos de novela Francisco Marins venceu o tom de relatório de uma crônica nacional, que apesar do seu romanesco e do seu mistério, contem os elementos esbarrecidos de sua verdade histórica, sem os quais impossível se torna levantar o assunto (PAULO DANTAS.)

Francisco Marins, autor de vários livros de literatura infantil, nos dá, com esta sua novela de aventuras “Expedição aos Martírios”. Uma demonstração expressiva do quanto se pode fazer nesse terreno, quando se tem talento e quando se quer realizar obra séria. Mostra ainda como a nossa história oferece ambientes e personagens para a criação de estórias a que não falta o atrativo do misterioso, do heróico, do aventureesco, encontradiço nos acontecimentos da vida de outros povos (OSCAR MENDES, Belo Horizonte.)

Lendarizam-se fatos em torno dos Montes Martírios, e até hoje não foi possível provar a existência daqueles montes nem daquelas minas ... Como se percebe, é um filão admirável para ficcionistas e historiadores. E Francisco Marins, que sabe harmonizar História e ficção, escreveu “Expedição aos Martírios”. O autor consegue manter em toda a obra aquele clima de expectativa que caracteriza o tema e aquela simplicidades já apreciada em “Viagem ao Mundo Desconhecido”, “Nas Terras do Rei Café”, “Os Segredos de Taquara-Póca”, “O Coleira-Preta”, “Gafanhotos em Taquara-Póca” (*Revista da Semana*.)

Em 1990, a *Folha Regional de Botucatu*, sob a manchete “Filme baseia-se na obra de Marins”, publicou:

O escritor botucatuense Francisco Marins, autor de vários best-sellers da literatura juvenil acaba de receber mais uma prova de reconhecimento. Já está roteirizada para ser apresentada brevemente nos cinemas de todo o Brasil uma de suas obras primas que fala sobre a conquista do oeste brasileiro. As filmagens deverão ser iniciadas a partir da cidade de Porto Feliz [...] A obra do escritor Francisco Marins sobre a conquista do oeste brasileiro e a celebrada região dos martírios tornou-se um clássico juvenil, em língua portuguesa, tendo também sido vertido para 11 idiomas. Foi incluído na consagrada coleção mundial de autores para a juventude – “Delfin” [...] O tema serviu, inclusive de roteiro cinematográfico para a Indústria Cinematográfica Brasileira (ICB), que, segundo informações apuradas esta semana, iniciará as filmagens do argumento a partir de Porto Feliz (antigo Araritaguaba), ponto de partida para as expedições monçoiras que, através do Tietê e de outros rios seguiam para Cuiabá e várias regiões do Amazonas [...] É importante lembrar que o tema, que foi trabalhado pelo roteirista Nilton Nascimento, está atraindo o interesse dos meios cinematográficos. A expectativa é de que o filme longa metragem seja tão atraente quanto os livros de Francisco Marins, divulgados, também, sob os nome de *O Mistérios dos Morros Dourados* e *A Montanha das Duas Cabeças* (*Folha Regional de Botucatu*, 08 de fevereiro de 1990.)

Em 1990, a *Gazeta de Botucatu* noticia: “Expedição aos Martírios é tema cinematográfico”:

O livro de Francisco Marins sobre a conquista do oeste brasileiro e a celebrada região dos martírios tornou-se um clássico juvenil, em língua portuguesa, tendo também sido vertido para 11 idiomas. Foi incluído na consagrada coleção mundial de autores para a juventude – “Delfin” [...] O tema serviu de roteiro cinematográfico para a empresa ICB – Indústria Cinematográfica Brasileira Ltda., que, brevemente iniciará a filmagem do argumento a partir de Porto Feliz (antigo Araritaguaba), ponto de partida para as expedições monçoiras que, através do Tietê e de outros rios seguiam para Cuiabá e, até o Amazonas como aconteceu na célebre viagem do Barão de Langsdorff, patrocinada pelo governo da Rússia ... O tema, brasileiríssimo, com o roteiro de Nilton Nascimento, estará atraindo o interesse dos meios cinematográficos e espera-se que realmente o filme longa metragem seja tão atraente quanto os livros de Francisco Marins (*A Gazeta de Botucatu*, 09 de fevereiro de 1990.)

Sobre *A aldeia sagrada* (1953)

Em 1954, o Suplemento Dominical de *O Tempo*, de São Paulo, publicou

um artigo sobre a publicação do novo livro de Francisco Marins: *A aldeia sagrada*

Os meus pequenos leitores já devem conhecer de nome Francisco Marins, esse moço inteligente e culto, que se vem dedicando à literatura juvenil. Marins é o autor de vários livros, entre eles: *O Coleira-Preta*, onde as crianças travam conhecimentos com um macaco travesso que achou uma espingarda na floresta [...] *Nas Terras do Rei Café*, um grupo de meninos espertos, que participam do trabalho de uma fazenda; *Expedição aos Martírios*, onde nos relata a encantadora lenda da Serra dos Martírios, envolvida em mistérios e cheia de ouro reluzente, que empolgou a imaginação aventureira dos bandeirantes do século XVII. Agora, em *Aldeia Sagrada*, o autor nos narra numa linguagem clara e interessante, a formação e a destruição do Arraial de Canudos, focalizando a figura empolgante, famosa, e quase lendária do agitador cearense Antonio Conselheiro. Com esse belo livro, Francisco Marins obteve o prêmio “Carlos de Laet” [...] (Suplemento Dominical de *O Tempo*, São Paulo, 04 de julho de 1954.)

Sobre *Volta à serra misteriosa* (1956)

Em 05 de junho de 1957, a *Folha de Botucatu* publica o artigo: “Prêmio Fábio Prado de Literatura Infantil: no Concurso Promovido pela Sociedade Paulista de Escritores, foi premiado o livro ‘Volta à Serra Misteriosa’, de autoria de Francisco Marins”, de José Pedreti Neto. Em 27 de junho de 1957, sob o título: “Francisco Marins Conquista o Prêmio Fábio Prado de Literatura Infantil: consagrado o livro ‘Volta à Serra Misteriosa’ no concurso promovido pela Sociedade Paulista de Escritores” esse mesmo artigo foi publicado na *Gazeta Comercial*, de Juiz de Fora/MG.

O prêmio “Fábio Prado” de literatura Infantil, acaba de ser conferido pela Sociedade Paulista de Escritores, ao livro “Volta à Serra Misteriosa”, trabalho da autoria de Francisco Marins, lançado pelas Edições Melhoramentos [...] A obra brasileira respira um clima de brasilidade e revive em suas páginas, a epopéia do bandeirismo no que respeita à descoberta de novas terras e riquezas. Particularmente, porém, a

composição prodigaliza aspectos interessantes. Moldada no intuito de se fazer compreender o espetáculo épico das façanhas de Antonio Pires de Campos e Bartolomeu Bueno [...] o autor perscruta a existência da Serra dos Martírios, o gigantesco manancial de ouro que levaria à cobiça os dois intemoratos sertanistas e dosando as emoções da aventura no importante capítulo da História Pátria, condiciona a narrativa a uma escorreita linguagem e ressalta com pinceladas vivazes, as vicissitudes dos arrojados bandeirantes [...] Os personagens dessa fascinante aventura são os valentes Perova, Pixuíra e Tonico. O convívio com a selva e a sequência de imprevisto nas veredas de regiões indígenas são o palco e os cenários onde os três heróis participam de episódios cheios de expectativas e transmitem vigorosas impressões do esforço e do ideal bandeirante ... Este livro de Francisco Marins, que continua as aventuras e a narrativa de obra anterior, "Expedição aos Martírios", está baseado em capítulos da história brasileira e aduz informações aquilato valor. O volume apresenta-se com 144 páginas de uma leitura vibrante e entusiástica [...] Colaboram para o aspecto gráfico de "Volta à Serra Misteriosa" 20 ilustrações em páginas inteiras, a branco e preto de Oswaldo Storni, tomando nítido flagrante de várias cenas [...] (PEDRETI NETO, 05 de junho de 1957; *Gazeta Comercial*, de Juiz de Fora/MG, 27 de junho de 1957.)

Sobre *Clarão na serra* (1962)

Lourenço Filho escreveu, em 1962, um parecer sobre o livro *Clarão na serra*, cujo original datilografado e assinado por Lourenço Filho pode ser encontrado nos arquivos pessoais do escritor Francisco Marins e que, no mesmo ano, foi publicado no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*:

Na carreira literária de Francisco Marins, o romance "Clarão na Serra" vem abrir uma nova fase. Ele não oferece, no entanto, qualquer descontinuidade com as anteriores. Pelo contrário. Nas histórias para pré-adolescentes e novelas juvenis que escreveu, já esse autor revelava os atributos essenciais do romancista de hoje [...] Muitos escritores estréiam com um romance. Raramente produzem, porém, como este é o caso, uma complexa narrativa dotada de grande força e beleza. Só uma longa experiência ensina o ofício de narrar bem, apurando a arte de juntar o estranho ao óbvio em que principalmente reside o poder de comunicação do romancista com o grande público [...] Em *Clarão na Serra* esse poder atrairá leitores das mais diversas condições. Não é obra, contudo que se percorra uma vez para não mais a ela voltasse. Sugere problemas, levanta dúvidas, deixa um fermento de reflexão [...] E, singular como pareça, esse resultado não advém de qualquer artifício no escrever. A narrativa é

linear, a linguagem corrente, as personagens recortadas da vida real. Não explora situações mórbidas, notadamente as de sexo, tão em voga em livros desta época [...] Na verdade, os romancistas genuínos constroem seu mundo como os poetas, atendendo a uma ou outra de duas inclinações opostas. Ora transmitem daquilo que a todos pareça aberto, límpido e transparente, para o que na visão estética se torna hermético. Ora, ao contrário, marcham daquilo que a todos pareça individual e íntimo para o que só poderá ser compreendido em formas do viver coletivo [...] Em seu conjunto, “Clarão na Serra” é um romance social. Enquadra os fatos que lhe dão motivo em estruturas mais amplas, no espaço e no tempo [...] “Clarão na Serra”, ainda por isso, está fadado a longa carreira [...] Para certa classe de leitores será uma história atraente, pelo sentido épico de fatos e situações, daquilo que constituiu o que se pode chamar de “saga paulista”. Para outros, será um curioso documento de época, com aspectos contrastantes, que poderão animar interpretação da mais diversa índole [...] de qualquer forma um romance de excelente qualidade. Romance paulista, que ficará (LOURENÇO FILHO, 19 de maio de 1962.)

Sobre *Atalho sem fim* (1986)

Elda Moscoliato escreveu, em 1987, uma crônica comemorativa à publicação do romance *Atalho sem fim*, que foi publicada em *A Gazeta de Botucatu*, em 01 de maio de 1987. Dentre os parágrafos de elogios aos trabalhos de Francisco Marins, destaco, para a citação, aquele que sintetiza o conteúdo de toda a crônica:

Leitura fluente, agradabilíssima, numa urdidura romaneada da família interiorana entre histórica e visceralmente ao problema – homem-terra – suas páginas atraem pela linguagem simples, desataviada, sem a espessa galardoaria do ufanismo e ouro-péis brilhantes em que o fato histórico se expressa através de um acontecimento que abalou a cidade e região sudoeste do estado, lá pelos idos de 1924, e que se imprimiu como forte tragédia na lembranças dos coevos que a transmitiram como saga de guerra à semelhança de holocausto [...] Holocausto caboclo de uma população intimidada pela boataria, pelo temor desconcertante da ousadia prepotente de heróis forjados numa revolução ateada pela política rancorosa e perseguidora doutros tempos (MOSCOGLIATO, maio de 1987.)

Sobre *A Guerra de Canudos* (1987)

Em 1987, o *Jornal de Botucatu*, publicou a seguinte notícia, sob o título:

“A Guerra de Canudos”:

Coleção o Cotidiano da História, iniciativa da Ática, que apresenta os principais fatos de nosso itinerário histórico, através de uma metodologia de estudo absolutamente nova entre nós [...] Na *A Guerra de Canudos*, de Francisco Marins, o rigor informativo e conteúdo questionador estão presentes nesse livro, que traz também belas ilustrações, retratando com fidelidade o ambiente sócio-cultural da época [...] (*Jornal de Botucatu*, 01 de maio de 1987.)

Moisés Gicovate publicou no *Jornal de Botucatu*, em 9 de maio de 1987, o artigo: “Canudos – Francisco Marins”, que, no dia seguinte, seria também publicado em *O Diário Popular* (SP), sob o título: “A Guerra De Canudos segundo Francisco Marins”, no qual Moisés Gicovate opina sobre o livro em questão:

A Guerra de Canudos do consagrado escritor e acadêmico Francisco Marins, em belíssima e bem cuidado apresentação – impressão e ilustração. Empolgado, sorvi de um só trago todo o conteúdo. Não foi o especial interesse pelo assunto [...] uma explosão espontânea que me moveu em busca dessa estrela a brilhar em torno de um assunto velho, mas sempre novo, qual seja o tema euclideano [...] Não se trata de simples replica do volume *Aldeia Sagrada* que, somado com numerosos trabalhos, inclusive romances, garantiram a seu autor, Francisco Marins, lugar de relevo no mundo das letras nacionais e mesmo estrangeiras. O seu nome e sua obra venceram a barreira de nossas fronteiras, festejados em outras terras e outras gentes. Literatura universal [...] O volume *A guerra de Canudos* oferece aos leitores de qualquer idade relato verídico do imenso episódio político-militar ocorrido nos sertões da Bahia em 1897, durante a presidência de Prudente de Moraes. Dedicado especialmente à juventude, retrata momento histórico de grande significação, deve ser considerado “volume-iniciação” à leitura de “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha, obra máxima de nossa literatura. Aborda de forma clara e direta o episódio de Canudos, em sua perspectiva histórica, mantendo viva a época e a estrutura sócio-política no fim do século XIX...(GICOVATE, 09 de maio de 1987; *Diário Popular*

(SP), em 10 de maio de 1987, p. 14)

O *Jornal de Letras* (RJ) publicou, em junho de 1987, com o título “A Guerra de Canudos de Francisco Marins”, artigo comentando a primeira edição do livro, pela Editora Ática:

faz parte da coleção **O Cotidiano na História**, publicada pela Editora Ática. A coleção mistura história e ficção de modo que acontecimentos importantes sejam apresentados com apelo e a sedução da aventura... Existe a preocupação de manter certo distanciamento crítico relativamente ao assunto tratado. Entretanto, a transcrição de alguns textos, como os de Euclides da Cunha em *Os Sertões*, aquecem a temperatura do relato (*Jornal de Letras*, junho de 1987)

Oswaldo Galotti, uma dos mais importantes euclideanos de nosso país, autor de numerosas obras sobre o grande tema e criador da Semana Euclideana de São José do Rio Pardo, escreveu, em 1987, no *Jornal de Botucatu*:

A bibliografia euclideana se enriquece com a mais recente contribuição de Francisco Marins, da Academia Paulista de Letras, “A Guerra de Canudos”, Editora Ática, 1987 [...] Ele é a linha de frente dos euclideanos. O assunto lhe é bastante familiar [...] Há trinta anos [...] nos brindava com “A Aldeia Sagrada”. Livro este que já está na 24ª edição (1986). Foi, também, lançado por Editora Lisboa ... Francisco Marins é um contador de histórias. Das melhores da nossa literatura infanto-juvenil, que agrada demais aos adultos. Basta dizer que o primeiro capítulo, o Novo Arraial, começa assim: “Certo dia (...)” e por aí vai, e vai longe [...] O livro tem destinação certa, é essencialmente didático. Está todo composto para essa finalidade. O plano geral da obra se desenvolve de maneira lógica, coerente, natural. Não muitas páginas, mas ele sintetizou bem toda a guerra de Canudos [...] A apresentação visual é atraente, artística. Aliás, Marins sempre se esmerou na escolha dos ilustradores de seus livros. As gravuras, de Milton Rodrigues Alves, funcionam. Ajudam a fixar a narrativa [...] O assunto é o mundo de Canudos no pungente drama de 1896/87, que enodoou nossa História. Baseia-se em *Os Sertões*, num funcionamento transtextual enriquecido pela ficção fecunda, criadora. Tudo contado de maneira moderna, dinâmica, com talento [...] A preocupação maior é a mostra de Canudos por dentro. A vida dos canudenses, no decorrer da guerra. Sempre houve essa curiosidade entre os freqüentadores de *Os Sertões* sobre o que estaria acontecendo em Canudos enquanto a guerra, aqui fora, rolava. Descreve

o drama de pessoas humildes. A vida rude dos vaqueiros num momento especial, lançando-os na literatura e na consciência nacional [...] Centralizam a ação o beato Antônio Conselheiro, seus auxiliares imediatos e um grupo de meninos, ficção de Marins, que se encaixa magnificamente na trama dos jagunços [...] O livro é uma sublimação do heroísmo do homem simples do sertão [...] O gosto de instruir, de contribuir para a cultura popular; a predileção pelos aspectos interessantes e comoventes de algumas páginas heróicas e de empresas arriscadas de nossa história, aliando-se a tal contexto o prazer de contato direto com a natureza dão ao autor a base de singularidade no ato de criar [...] a linguagem viva, expressiva, é uma das forças da fluência narrativa. O diálogo é a forma predileta, coloquial e econômico, o estrito para explicar bem [...] Os personagens, bem batizados, com os quais logo nos sintonizamos, simpáticos, surgem espontâneos nos meios que eles vivificam. São esculpidos com agilidade ficcionista. Com poucos substantivos e adjetivos revelem, pelas atitudes e pela fala, a rica substância da mente que os criou (GALOTTI, 15 de julho de 1987).

Sobre *A montanha de duas cabeças* (1988)

Em 1988, o *Jornal Grave*, de São Paulo, divulgou um artigo sobre a publicação do livro *A montanha de duas cabeças*. O mesmo artigo, sob o título “A montanha de duas cabeças é mais um livro de Francisco Marins”, foi publicado, em 12 de março de 1988, pelo *Jornal de Botucatu*.

Num país de poucos leitores, como o Brasil, a literatura juvenil exerce um papel de grande importância na medida em que é através dela que o jovem adquire paulatinamente o gosto pela leitura [...] O autor já consagrado no Brasil e no exterior, Francisco Marins constrói em “A Montanha das Duas Cabeças” uma narrativa envolvente, cercada de mistério e aventura. Como em outros livros seus, Marins aborda temas genuinamente brasileiros, com base na história, nos problemas, nas tradições e nas lendas de nossa terra. Assim, podemos acompanhar as aventuras e desventuras de Tonico e seu inseparável amigo Perova, que partem numa expedição por regiões de Mato Grosso e Goiás no Brasil do começo do século XIV, envolvendo-se em diversos conflitos e situações capazes de empolgar o jovem leitor (*Jornal Grave*, março de 1988; *Jornal de Botucatu*, 12 de março de 1988.)

Sobre *O favo de mel* (1990)

Henrique Novak escreveu, em 1990, em *O Diário Popular* (SP), um pouco da história do escritor Francisco Marins, em comemoração à publicação de *O favo de mel*, coletânea de contos lançada pela Melhoramentos:

Hoje abrimos a porteira para falar do escritor Francisco Marins, autor consagrado da série juvenil Taquara-Póca e do ciclo do café com a série O Homem e a Terra, com quatro títulos [...] Marins tem uma biografia que verdadeiramente honra a cultura paulista [...] Francisco Marins continua uma tradição de grandes escritores que beberam na fonte de água pura do regionalismo paulista, lançando agora pela Melhoramentos o livro “O favo de mel” no qual reúne alguns contos que já apareceram publicados em jornais e revistas, nos quais se pode apreciar a riqueza do vocabulário típico [...] e especialmente flagrar momentos característicos da vida brasileira e da sociedade paulista na fase do desbravamento, no auge da opulência cafeeira e também do surgimento da cultura canavieira [...] Destinado especificamente para o público jovem, o livro agora lançado [...] tem porém uma característica marcante: graças ao talento invulgar de Marins o texto não se restringe a uma única faixa etária [...] (NOVAK, 1990)

A Província do Pará, de Belém/PA, também homenageou Francisco Marins pela publicação de *O favo de mel*. O texto de Ildefonso Guimarães, redator da coluna Livros e Autores, já havia sido publicado pelo jornal *O Estado do Maranhão*, em 04 de dezembro de 1990, sob título sugestivo: “Mel com sabor de fel”:

Romancista mais conhecido particularmente por sua presença na área da literatura infanto-juvenil Francisco Marins dá aos seus leitores, neste livro, a medida de seu fôlego e de sua tendência no gênero difícil do conto. Retoma, agiliza e analisa a linha clássica do conto telúrico romântico, místico e social, na trilha de Waldomiro Silveira e Monteiro Lobato [...] autor remete o leitor para a vivência dramatizada das lides campeiras. Usando linguagem regional adequada e sem exageros, descrevendo o essencial para o bem situar o desenvolvimento da ação, transmite sentimentos e manipula paixões em que se envolvem suas personagens e o mundo imediato que as cerca (terras, árvores e animais) – Editora Melhoramentos (GUIMARÃES, *Maranhão*, em 04 de dezembro de 1990; Belém, 25 de novembro de 1990)

Alguns livros de Francisco Marins não foram contemplados, neste tópico, com críticas em separado sobre suas respectivas publicações, fato que se justifica pelo difícil acesso a arquivos de algumas editoras e jornais brasileiros e/ou por terem merecido atenção juntamente com a série em que foram publicados e não apenas o título. Como exemplo, tem-se o texto de Henrique Munaiz Puig, do *Jornal do Dia*, de 1960, que se refere à série *Roteiro dos Martírios* e não a cada um dos livros que compõe a série:

As epopéias dos séculos passados têm uma dimensão toda especial que lhes presta uma fascinação nova, uma inquietude humana, eu diria ancestral. Francisco Marins é um entusiasta da nossa história. A conquista do interior brasileiro não está tão profundamente enraizada na sua alma que quando no-la descreve, sente-se protagonista dela, testemunha ocular e quase responsável pelos acontecimentos que vão se desenrolando. Ele é contra essa dimensão nova da epopéia antiga e como um fiel intérprete a faz viva nos seus livros. São anos e anos de lutas no sertão a fora, são distâncias que se medem por anos, anos que se contam por homens, por façanhas, por conquistas e descobertas insólitas. Os heróis se embrenham num mundo selvagem, selvagem pelos homens que o habitam, pela falta de recursos momentâneos, de comunicações, de tudo quanto é civilização [...] É a vida do nosso povo índio nos seus contatos com o homem branco, o mútuo receio que se merecem. E um mundo de sentimentos e simpatias pelos nossos irmãos nativos, os índios brasileiros, nasce do fundo da alma para o leitor da epopéia. Pixuíra o jovem índio amigo do Tonico e de Perova, dois brancos sertanejos, acaba amigo dos que tem a felicidade de o encontrar nas vibrantes páginas do “*Roteiro dos Martírios*”. O Bugre-do-chapéu-de-anta, o mestiço falso, cobiçoso e aventureiro retrata magnificamente uma espécie de homens de que a gente, sem conhecer adivinha a existência e proliferação nas matas e sertões do país a fora [...] Francisco Marins escreve para um público que se inicia na leitura de obras de história, e seu estilo fica à altura dos seus leitores. Sem realismos exagerados, a epopéia sai natural, vigorosa, sentida, sem afetação nem mentiras literárias [...] Francisco Marins é tido como o Monteiro Lobato dos nossos dias, pela sua obra para jovens e crianças. A obra de Marins aliás é formativa em todos os aspectos, não oferecendo perigo algum para as crianças. Seus romances baseiam-se na história e façanhas dos homens da nossa pátria, fato que notamos como um notável mérito do autor (PUIG, 12 de junho de 1960)

A mesma justificativa se aplica aos romances da série *O Homem e a*

Terra, conforme se pode constatar na reportagem do *Jornal de Botucatu*, de 25 de setembro de 1985:

Percorrendo as veredas de um Brasil rural, muitos de nossos grandes escritores criaram obras célebres e inesquecíveis, onde se revela a corajosa e por vezes violenta, ação do homem brasileiro por dominar a natureza, propiciando a ampliação de nossas fronteiras e o desenvolvimento do País. Pela importância dessa vertente literária, está saindo a série *O Homem e a Terra*, iniciativa editorial que dará destaque aos livros de Francisco Marins, um dos autores cuja obra partindo da temática regional e histórica, refaz os caminhos nos quais a nacionalidade foi sendo construída e efetivada... Para inaugurar a série [...] foram lançados os romances “Clarão na Serra” e “...E A Porteira Bateu!”, ambos apresentando a escrita inconfundível e envolvente de Francisco Marins. Segue a estes volumes, “Grotão do Café Amarelo” e “Atalho Sem Fim”, talvez a mais densa, humana e empolgante de suas narrativas, que abrange o início da derrocada do café e os lances dramáticos da Revolução de 1924, que mergulhou São Paulo num inferno de chamas. Enfim, Francisco Marins, através de um conhecimento sensível e fecundo, consegue traduzir o passado de maneira viva e fascinante, em páginas onde a História e a ficção se harmonizam para proporcionar aos leitores o conhecimento fundamental de nossa terra e de nossas raízes (*Jornal de Botucatu*, 25 de setembro de 1985)

FRANCISCO MARINS: UM ESCRITOR DE LONGAS DÉCADAS

Em seu último lançamento, *O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos*, Francisco Marins reúne antigos contos, publicados na década de 1930 na coluna *Pitangas e Gabirobas*, da *Folha de Botucatu/SP*, e alguns ainda inéditos, nos quais, segundo Marins, “os leitores podem reencontrar episódios, personagens e temas que compõem capítulos dos romances e livros infanto-juvenis de sua autoria, já publicados”. Ainda segundo o escritor, o “mundo rural reaparece de outras maneiras, embora no fundo seja o mesmo”. O livro reúne onze contos narrados em linguagem simples e objetiva, conservando expressões da fala popular regional sem estereótipos, cujos temas abordam a vida dos boiadeiros e tropeiros da região de Botucatu, em determinado período de nossa história, a cafeicultura, a conquista do território brasileiro e a vida e os costumes do mundo rural, características marcantes na obra desse escritor. Assim, aos 79 anos, Francisco Marins continua participando ativamente da história de nossa cultura e, especialmente, da literatura infantil e juvenil brasileira (SOUZA, *jornal do Povo*, ano 52, nº 3215, de 06 de outubro de 2001 p. 7)

Em entrevista concedida a Claudia Quinteiro do *Jornal Diário da Serra*, em 07 de outubro de 2001, Marins explica o processo de criação de *O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos* destacando os seguintes aspectos:

MARINS RECRIA O MUNDO RURAL EM NOVA OBRA: reconhecidamente talentoso por interpretar, com maestria, o universo caipira, o escritor transforma o oral em escrito em seu mais recente livro.

Marins conta que a idéia de recontar causos surgiu através de um personagem do romance 'O Grotão do Café Amarelo' que teria dado a justificativa: "O personagem em questão diria que é como se uma velha porteira se abrisse, rangendo na tronqueira, em manhã de chuva fina, caindo na terra de muitas lembranças, compara. Esse menino saído da roça não escondia os traços caipiras de origem, seja na fala, traída na pronuncia dos erres, nos hábitos ou na vestimenta. Era o Tiãozinho de Taquara-Póca. [...] Ao explicar a transposição da linguagem coloquial para a escrita, técnica que da o tom à obra em sua essência Marins diz que resolveu escrever 'um misto de crônica e conto breve no qual alia temas populares, fantasia e até mesmo uma ponta de sarcasmo, metendo 'colher de pau na sopa aguada da sociedade provinciana [...] 'Tais escritos apareceram em um jornal do interior, sob pseudônimo, pois o adolescente temia os puxões de orelha dos que realmente sabiam escrever afirma o escritor. 'Ele também recontou causos ouvidos de seu pai, homem simples, trabalhador rural contador nato e improvisador [...] Recria seu mundo rural de outras maneiras mas sempre preservando a visão juvenil que o consagrou [...] Revi essas primeiras histórias e tentei conservar-lhes o sentido original, incluindo traços regionais, vocabulário provinciano e um certo tom ingênuo nas narrativas, Aparei-lhes os adjetivos excrescentes e encurtei-lhes as frases ... Sobre o linguajar dos personagens, o escritor conta que procurou usar expressões da fala popular, "sem estropiar" as palavras, a não ser alguns modismos nos diálogos [...] Muitos vocábulos são usuais na fala de milhões de brasileiros, constata. O que fiz, foi uma tentativa de fazê-lo sair da oralidade e força-lhes a entrada na corrente da língua escrita'... (QUINTEIRO, *Correio da Serra*, Botucatu/SP Ano X nº 1679, p. 7, 7/10/2001)

Em síntese: diante do exposto no capítulo 2 e neste capítulo, pode-se constatar que se trata de uma produção muito extensa e regular, que se inicia em meados de 1934, com a publicação da novela infantil *O tesouro*, em parceria com Hernani Donato. De lá para cá, Francisco Marins escreveu e publicou duas novelas infantis; aproximadamente 23 contos, 55 artigos, inclusive artigos críticos

sobre escritores e obras da literatura brasileira; 5 entrevistas com personalidades famosas; cerca de 5 discursos e 5 prefácios; 1 conferência (que pode ser encontrada na íntegra); 15 livros infantis e juvenis; 4 romances e 1 coletânea de contos. Fez 9 traduções e/ou adaptações de clássicos da literatura universal, e, a partir do sucesso obtido com as publicações dos livros infantis e juvenis, proferiu inúmeras palestras e conferências sobre a literatura infantil, literatura infantil e juvenil e/ou infanto-juvenil no Brasil e no exterior, e recebeu prêmios por essa produção.

Assim, as considerações do escritor Francisco Marins no decorrer de sua vida, sempre ligada ao livro e/ou atividades intelectuais a ele relacionadas, tornam-se documento vivo da história da cultura, do livro e da literatura e, em especial da literatura infantil e juvenil brasileira, uma vez que seu discurso parte de diversos pontos de vista: do leitor da literatura universal enquanto criança e jovem; do estudante que se debruça sobre autores brasileiros e estrangeiros e arrisca, em pequenos artigos, esboços de crítica literária; do estudante de Direito e colaborador de diversos jornais do interior, da capital de São Paulo e de outros estados, escrevendo resenhas críticas de divulgação de diferentes publicações da Editora Melhoramentos; do professor de literatura; do Chefe de Setor de Divulgação da Melhoramentos, que participa ativamente do processo de editoração e divulgação de livros, ouvindo e lendo pareceres de Lourenço Filho, o educador, que, naquela época, exercia a função de Editor; do escritor da literatura infantil e juvenil que se inicia em 1945; do Presidente da Câmara Brasileira do Livro, da Comissão Estadual de Literatura, do Conselho Estadual de Cultura de



São Paulo, da Academia Paulista de Letras; e, posteriormente do Editor da Companhia Melhoramentos de São Paulo.

Considerando o até aqui exposto sobre a vida e a obra de Francisco Marins e sua contribuição para o processo de constituição e desenvolvimento da literatura infantil e juvenil brasileira, pode-se pensar que a história da vida desse escritor, os conteúdos temáticos de sua obra e a história da literatura infantil e juvenil se entrecruzam, em determinado período, para depois seguirem pelas “paralelas de aço”, “arrastadas” pela “língua de fogo” da locomotiva desenfreada dos anos de 1970, que impulsionaram e deram novos rumos à literatura infantil e juvenil brasileira. Esse entrecruzamento parece ser consciente, uma vez que o próprio escritor, em entrevistas cedidas a diversos veículos, como as citadas neste capítulo, estabelece um paralelo entre a sua vida e sua produção, observando sempre que, nos seus livros, representa uma realidade sentida e vivida na infância, juventude e na vida adulta.

Como o leitor pode observar neste capítulo, a fortuna crítica de Francisco Marins se faz presente, em especial em jornais e revistas, no decorrer desses 53 anos de produção, contrastando, portanto, com existência de apenas dois textos acadêmicos sobre Francisco Marins e sua produção infantil e juvenil. Assim, o leitor há de concordar que, Francisco Marins foi um dos autores de literatura infantil e juvenil que mais publicou e mais figurou nos catálogos da Melhoramentos, em jornais, revistas e no mercado editorial, após o “furacão” Lobato. Essa constatação e a permanência desse escritor durante décadas no mercado editorial, o número de edições e tiragens de seus livros são alguns dos



principais aspectos que contribuem para que Francisco Marins seja considerado um dos escritores da literatura infantil e juvenil brasileira mais importantes no período que abrange as décadas de 1940 a 1960 e continua, nos anos posteriores, a publicar livros do gênero. Como se viu, seu último lançamento do gênero infantil e juvenil foi *O sótão da múmia*, em 1998 mas, em outubro de 2001, o escritor volta a circular na imprensa com a publicação de *O curandeiro de olhos em gaze*



CAPÍTULO 4

Aventuras em Taquara-Póca



Publicado em 1963, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, *Aventuras de Taquara-Póca* reúne, em um só volume, a 7ª edição de *Nas Terras do Rei Café* (jul. de 1963); a 6ª edição de *Os Segredos de Taquara-Póca* (jan. de 1962); a 5ª edição de *O Coleira Preta* (mar. de 1961); e a 5ª edição de *Gafanhotos em Taquara-Póca* (dez. de 1962) de Francisco Marins. Trata-se, pois, dos quatro primeiros livros desse escritor publicados pela Melhoramentos entre 1945 e 1950.

Segundo o escritor Francisco Marins, no final do ano de 1963 a Companhia Melhoramentos de São Paulo resolveu publicar uma “junção especial, um volume especial”, reunindo os quatro primeiros livros de sua autoria, sob um título que, segundo Marins, “sintetiza o conteúdo” dos quatro livros: *Aventuras em Taquara-Póca*¹. Ainda segundo Marins, esse volume não se caracteriza como uma “edição especial”, mas como uma “publicação especial” de edições já lançadas no mercado editorial, justapostas em ordem cronológica de publicação e que teve uma tiragem de 2000 exemplares, aproximadamente.

Totalizando 399 páginas, sem numeração linear, uma vez que cada história tem a sua própria numeração de página, o volume apresenta-se em encadernação do tipo brochura com capa dura, na qual predomina, como fundo, a cor verde amarelada. No alto da página, encontra-se o nome do escritor Francisco Marins, em vermelho, e o título do livro *Aventuras em Taquara-Póca*, em preto e em caixa alta. Separado por um asterisco vermelho, estão dispostos como subtítulos os títulos dos quatro primeiros livros desse escritor: *Nas Terras do Rei Café*, *Os Segredos de Taquara-Póca*, *O Coleira Preta* e *Gafanhotos em Taquara-Póca*.

¹ Transcrito de depoimento informal do escritor Francisco Marins sobre o livro *Aventuras em Taquara-Póca*, concedido a esta pesquisadora em uma das visitas à Botucatu.



Com formato de 22 X 17 cm, 70% do livro *Aventuras em Taquara-Póca* é preenchido pela ilustração que oferece ao leitor a imagem da natureza, com grandes árvores, sugerindo a “mata” do sítio, cortada por um riacho de águas cristalinas, onde um tamanduá-bandeira “mata sua sede”, enquanto conversa com o Curupira, sob o olhar assustado e admirado de Tiãozinho e Tico-Tico. A ilustração, aqui em cores, é a mesma, em preto e branco, do encontro dos três meninos e o Curupira com o tamanduá que lhes informa sobre a “reunião dos bichos”, em *Os segredos de Taquara-Póca* (p.47). Após a ilustração, no “pé da página” e em caixa alta, registra-se o nome da editora: “Edições Melhoramentos”, acompanhada do timbre.

Na folha de rosto, apresenta-se, no alto da página, o nome do autor, seguido dos títulos das quatro histórias que compõem o volume, uma pequena ilustração, em branco e preto, dos três meninos (Tiãozinho, Dudu e Tico-Tico) montados no burrimho Maracujá. Também se vê uma réplica reduzida e simplificada, nos traços e detalhes, da ilustração da página 46 — o início do sonho de Dudu —, de *Nas Terras do Rei Café*, seguida do timbre e nome da editora.

O livro traz 73 ilustrações internas distribuídas nas quatro histórias: *Nas terras do Rei Café* conta com um total de 18 ilustrações, sendo dez de página inteira e oito pequenas; *Os segredos de Taquara-Póca* tem 16 ilustrações, 15 de páginas inteiras e apenas uma em tamanho menor; *O Coleira Preta* conta com 12 ilustrações de páginas inteiras e uma em tamanho menor; e, *Gafanhotos em Taquara-Póca* conta com 26 ilustrações, sendo 13 de páginas inteiras e oito pequenas. Observa-se que as 73 ilustrações são em preto e branco, produzidas a

“bico-de-pena”, com riqueza de detalhes e traços firmes que as aproximam da fotografia.

Na contracapa, em preto e branco, encontra-se a ilustração da cena central de *O Coleira Preta* (p.33): o combate desesperado ao fogo que ameaçava o cafezal, supostamente ateadado por Zé Pedro para prejudicar o sítio do Vovô.

4.1 As histórias

Nas terras do Rei Café (1945)

Dedicada aos irmãos do escritor Lola, Zezito e Maria Aparecida, *Nas Terras do Rei Café* é a primeira narrativa desse volume de *Aventuras em Taquara-Póca*. Constituindo-se de divertidas aventuras que envolvem mistério, um misto de medo do desconhecido e coragem para vencer obstáculos, a narrativa gira em torno das peripécias vivenciadas pelos garotos Dudu, Tiãozinho e Tico-Tico em busca de soluções para os problemas econômicos do sítio do Vovô, Taquara-Póca, antiga fazenda cafeeira.

Centrada na questão da decadência da cafeicultura brasileira no período getuliano, a história entrelaça ficção e realidade e representa um período de mudanças, não só econômicas e sociais de um Brasil que se pretendia industrializado e moderno, mas também da própria literatura infantil e juvenil brasileira, que experimentava em seus textos, um momento de transição do espaço

rural para o urbano, momento marcado, também, pela luta de alguns escritores em prol da supremacia do espaço rural nas narrativas infantis e juvenis brasileiras (LAJOLO E ZILBERMAN, 1984).

Nas terras do Rei Café divide-se em três partes, distribuídas em 103 páginas. A primeira parte subdivide-se em doze pequenos capítulos, que se iniciam com uma situação de equilíbrio que, gradativamente, vai-se transformando, com a transferência do espaço urbano para o rural e o início da trama que será vivenciada pelas personagens-mirins. A segunda parte constitui-se de oito capítulos curtos e estrutura-se a partir do sonho de Dudu, instaurando o conflito principal da narrativa e o início da ação das crianças em busca de soluções para os problemas da fazenda. A terceira e última parte é constituída de doze capítulos, onde se instaura o clímax da narrativa, reação dos personagens e solução para os problemas financeiros do sítio Taquara-Póca.

Assim organizada, a ação narrativa envolve, portanto, a luta dos três garotos para salvar o sítio Taquara-Póca das mãos de Zé Pedro, o credor do vovô. Os meninos planejam ir à procura da “flor roxa do samambaial”. Segundo o que os mais velhos contavam, quem tivesse a flor em seu poder teria uma valentia muito grande e ficaria invulnerável às mordidas de cobras, aos ferimentos à bala ou faca. As crianças acreditavam que, de posse da “flor roxa”, poderiam enfrentar o vilão Zé Pedro e seus capangas. Montados no burrinho Maracujá, mergulham em um mundo imaginário, fantástico e, em meio ao maravilhoso, com a antropomorfização de seres como o café e as brocas, abordam-se questões reais como a história do café, seu auge e decadência no Brasil.

Pode-se, também, entrar em contato com a história da escravidão do século XIX, rememorada por Nhô Lixandre. Por meio dessas histórias, contadas pelo preto velho, os meninos descobrem que existe, na propriedade do vovô, um tesouro enterrado pelos escravos na época do garimpo. Procuram o local exato e encontram o tesouro que salva o sítio do avô das mãos de Zé Pedro, pagando-lhe a dívida. Observa-se, ainda, que há, entremeadas à narrativa principal, pequenas narrativas que a ela se agregam, nas quais alguns personagens assumem o papel de contadores de histórias, lendas e crendices populares, como, por exemplo, Nhô Lixandre, que narra a lendária história de seu povo — os escravos — que, em tempos remotos, enterrara um tesouro nas terras do Vovô.

Os segredos de Taquara-Póca (1947)

Seguindo a mesma tendência de exaltação do espaço rural, *Os Segredos de Taquara-Póca* (1947) inicia-se com uma dedicatória que sugere a idéia de que o convívio com a natureza torna o homem mais puro. A utilização dessa idéia comum à época do Romantismo literário talvez possa ser compreendido como um apelo argumentativo para a valorização do espaço e permanência do homem no espaço rural, em contato com a terra, com a natureza e com a simplicidade das gentes:

Este livro é dedicado a todos os meninos que sentiram a alegria de viver sob o teatro imenso da natureza silvestre, a correr pelos campos silenciosos, que desfrutaram o prazer de descansar à sombra frondosa das árvores, de beber dos córregos cristalinos, de amar os animais amigos e conviver com a boa e compreensível gente da terra [...] (MARINS, 1963, P. 4).

Anunciado na última página do livro anterior, *Os segredos de Taquara-Póca*, segundo livro da série Taquara-Póca, pressupõe a leitura do primeiro e dá continuidade à narrativa das aventuras vivenciadas por Tiãozinho, Dudu e Tico-Tico, em *Nas Terras do Rei Café*.

Resolvidos os problemas financeiros do sítio com a descoberta do tesouro pelos escravos, cumpridas as promessas e realizados os sonhos anunciados na história anterior, a narrativa gira em torno do desaparecimento do burrinho Maracujá. Na busca pelo burrinho, os três meninos embrenham-se na mata do sítio, espaço no qual ocorre a ação narrativa, conhecem o Curupira e vivem grandes aventuras.

Os segredos de Taquara-Póca reúne muitos bichos, entidades do folclore indígena brasileiro, adultos, crianças em torno de uma grande preocupação: o apelo à preservação da natureza, observável no discurso do Curupira, na preocupação dos animais e no discurso e atitudes do patriarca: o Vovô. Com esse título e tais elementos, a narrativa sugere mistério e grandes descobertas. Na verdade, a narrativa começa salientando as transformações positivas pelas quais o sítio vinha passando, após a descoberta do tesouro dos escravos, que livrou o Vovô e o sítio dos problemas financeiros e do vilão Zé Pedro. Ressalta-se, todavia, que, apesar de mais férteis e produtivas, as terras estavam cansadas, precisavam ser “renovadas”. Para tanto, a única técnica conhecida e utilizada era a queimada.



Assim, preocupando-se em ressaltar os aspectos negativos dessa prática, o narrador busca, no elemento fantástico, o Curupira, subsídios para pôr em discussão as consequências da interferência do homem na natureza. Desse modo, o equilíbrio inicial é quebrado por um aparente desequilíbrio, o sumiço do Maracujá, que funciona como ponto de convergência que provoca e justifica a introdução das personagens fantásticas, como o Curupira e o Anhangá, e dos animais que falam, agem e pensam como pessoas.

Pela fala desses animais e do Curupira, o narrador-místico pertencente ao mundo fantástico, vão-se construindo, ao mesmo tempo, o ambiente onde ocorrerá o conflito — a mata com sua beleza e mistério (segredos?) — e o conhecimento sobre a fauna e a flora brasileira. Trata-se, pois, de um texto narrativo-descritivo onde se misturam elementos do mundo ficcional e do mundo real, cujas representações do espaço e das relações que as personagens com ele estabelecem constituem um ambiente de conflito entre a natureza e o homem, entre o mundo rural e o urbano. Talvez este seja o real desequilíbrio presente na narrativa, sugerindo, também, as tensões e os questionamentos de um período histórico-social brasileiro no qual coexistiam dois discursos: um em prol da crescente urbanização, causado pelo processo de industrialização que se instaurara no país desde as décadas anteriores, e outro em prol da permanência do homem no meio rural, claramente perceptível desde *Saudade*, de Thales de Andrade, publicado em 1919.

Parece fazer-se presente, ainda, na narrativa, uma sutil visão crítica da política rural estabelecida, que apontava para a falta de conhecimento do homem



rural sobre as técnicas modernas para o trabalho com a terra e para o uso de instrumentos agrícolas na lida no campo. Essa crítica sutil vai-se construindo, gradativamente ao longo do texto, ganhando força no livro seguinte, *O Coleira-Preta*, e concretizando-se em *Gafanhotos em Taquara-Póca*.

Assim, valendo-se da história do sumiço do Maracujá, o narrador vai apresentando ao leitor urbano um espaço concebido como ideal para se viver, onde se pode brincar em liberdade, onde existem muitos segredos, reais e imaginários, a serem desvendados, muitos dos quais são desconhecidos até mesmo pelas crianças e adultos que moram lá. Com esses argumentos, o narrador convida as crianças urbanas e rurais a vivenciar os mistérios e desvendar os segredos escondidos na mata e na imaginação das personagens do sítio.

Os segredos de Taquara-Póca parece exercer, portanto, o papel de organizador de novas idéias para novas aventuras a serem vivenciadas por Dudu, Tiãozinho e Tico-Tico nos livros seguintes. Funciona, desse modo, como um elo entre *Nas Terras do Rei Café* e *O Coleira Preta* (1944), considerando que: a) *Os segredos de Taquara-Póca* é anunciado somente no final de *Nas terras do Rei Café*, após o término da narrativa, em uma espécie de nota do editor: “a seguir: ‘Os segredos de Taquara-Póca’ (Aventuras no sítio e na floresta)”; b) a narrativa inicia-se com a retomada do desfecho da narrativa anterior com o intuito de localizar o leitor e estabelecer uma certa seqüência nos fatos e nas aventuras que serão vivenciadas; e c) durante toda a narrativa, o narrador e as personagens vão deixando pistas que anunciam e sintetizam o conteúdo da próxima narrativa, *O*

Coleira-Preta, e que são retomadas no último parágrafo e reafirmadas com o uso de reticências, indicando a possibilidade de continuação:

[...] Dudu, Tico-Tico, Tiãozinho e Chico Tiburcio, que estavam recolhendo as vacas na mangueira, para tirar leite, não compreenderam por que o *Maracujá* ia aparecendo por ali, com tanto cipó amarrado pelo corpo. Pensavam que de novo o bando do terrível *Coleira-Preta* havia tentado agarrá-lo, para o entregar à *Pintada* [...] (MARINS, 1963, p. 90 —grifo do autor)

***O Coleira Preta* (1949)**

Publicado em 1949, *O Coleira Preta* é o terceiro livro da série *Taquara-Póca* e a terceira narrativa que compõe o livro *Aventuras em Taquara-Póca*. Dando continuidade ao assunto e à temática apresentada em *Os segredos de Taquara-Póca*, a narrativa gira em torno das aventuras vivenciadas por Dudu, Tiãozinho e Tico-Tico, em busca de solução para o problema que se instaurou na mata do sítio, com a posse da espingarda de Chico Tiburcio, pelo *Coleira Preta* e seu bando que, a partir de então, intencionam dominar a mata e escravizar os animais.

A continuidade à narrativa anterior é anunciada, em *O coleira preta*, em uma espécie de prólogo que retoma a narrativa de *Nas Terras do Rei Café*, resume a narrativa de *Os Segredos de Taquara-Póca* e situa o leitor na seqüência proposta em *O Coleira Preta*:

[...] Taqura-Póca, o pequeno sítio onde têm acontecido coisas tão estranhas é o lugar em que se passam as aventuras dêste livro.

[...] Depois que os endiabrados meninos Dudu, Tico e Tiãozinho conseguiram salvar o sítio de cair nas mãos de Zé Pedro, ninguém mais pôde com eles. No volume — “Os segredos de Taquara-Póca”, vimos que

Chico Tiburcio pôs em rebuliço a mata com as suas caçadas, mas os três meninos conseguiram pregar-lhe uma boa peça e arrebataram-lhe a espingarda, que entregaram à bicharada. Assim poderia haver, de novo, paz na floresta. A arma, contudo, ficando em poder dos bichos, veio provocar uma série de peripécias, que constituem o centro desta narrativa, onde se destaca o terrível Coleira Preta [...] (MARINS, 1963, p.5).

Dedicado a Eduardo, primeiro filho do escritor Francisco Marins, *O Coleira Preta*, assim como os dois livros anteriores, organiza-se a partir de pequenas narrativas que se agregam à narrativa principal. Entre elas destaca-se a dos preparativos para a chegada de um professor para o sítio, anunciada desde o primeiro livro da série. Esses preparativos são marcados pela reforma da escolinha abandonada do sítio e pelo atraso do professor, que causa grande decepção tanto nas personagens mirins quanto nas personagens adultas (em especial no Vovô) movidas pela tristeza provocada pela possibilidade de Dudu precisar retornar, em breve, à cidade para o início das aulas.

A expectativa criada em torno da chegada do professor Justino abre espaço para a introdução de pensamentos que, concomitantemente, denunciam o analfabetismo brasileiro do final da década de 1940, em especial no meio rural, e anunciam uma política educacional em favor da erradicação desse analfabetismo, tanto no meio rural quanto no urbano. Além disso aponta para uma política em favor da permanência do homem no campo, uma vez que o país encontrava-se, nesse período, em pleno processo de desenvolvimento industrial e, conseqüentemente, de migração e êxodo rural.

Nesse ambiente de expectativas criadas pelo anúncio da chegada do professor, pelos preparativos para recebê-lo, pela decepção causada pelo atraso do “mestre” e pela surpresa da chegada, vão-se construindo concepções em torno da

educação escolar, da escola e da importância delas tanto no meio urbano quanto no meio rural. Enquanto algumas personagens preocupam-se com as obrigações escolares e com o tempo que deverão dedicar às tarefas e estudos das “lições”, como, por exemplo, Chico Tibúrcio e Nhô Lixandre, outras se mostram satisfeitas com a possibilidade de verem os moradores do sítio aprendendo a ler e a escrever, como Nhá Candoca e o Vovô, que “vivía sempre reclamando: — Onde se viu as crianças crescerem assim, sem aprender a ler, a escrever, a contar?” (MARINS, 1963, p. 15). Percebe-se, também, nessa citação uma concepção de alfabetização que se restringe a aprender a ler (no sentido de decodificar), a escrever (codificar) e a contar, própria do período de publicação da 1ª edição desse livro.

Há, ainda, uma crítica aos castigos escolares que, em determinado período da história da educação brasileira — inclusive no período de publicação desse livro, 1949 —, eram infringidos às crianças que deixavam de cumprir os deveres estipulados pelos professores e/ou pela escola, como se pode observar na fala de Chico Tibúrcio, inspirado pelas conversas de Nhô Lixandre:

- Agora o sítio vai ficar triste sem vocês!
- Uê, por quê?!
- Então, o professor não vem aí?
- Que tem isso? perguntou Tiãozinho, assustado.
- Por [...] por quê? interrogou Tico.
- Vocês vão ver. De agora em diante todos precisam cuidar somente dos estudos. É estudar e mais estudar [...] Não sobrá tempo para mais nada.
- Não diga!
- É isso mesmo. E os professores são bravos. Nhô Lixandre me disse, já faz tempo, que eles usam uma tal palmatória para bater nos alunos.
- Bater nos alunos?
- Palmatória?!
- É um pedaço de madeira grossa e pesada que termina em forma de roda, tôda furada. Com ela o professor dá *bolos* nas mãos dos alunos [...]
- Bar [...] barbaridade! Gaguejou Tico, atemorizado.
- Será? exclamou Tiãozinho.

- Vocês vão ver, continuou o caboclo, cada batida daquelas faz a mão ficar inchada e bastante dolorida.
- Será que o professor vai dar *bolos* em nós?
- Eu não sei nenhuma lição! exclamava Tico.
- Quando os alunos não sabem a lição, continuou Chico, o professor manda que eles fiquem ajoelhados muitas horas sobre grãos de milho colocados no chão.
- Será possível?!
- E se o menino não aprende mesmo, o castigo é colocar nêle, na frente de todos, uma cabeça de burro, feita de papelão. É uma vergonha muito grande!
- Ninguém coloca cabeça de burro em mim! Afirmou Tiãozinho.
- Em mim... também... não deixo!
- Mas... perguntou o pequeno, você já esteve alguma vez na escola, nhô Chico?
- Não, não, nunca vi um professor! (MARINS, 1963, p. 55-6).

Cabe observar, ainda, que, embora a concepção de alfabetização e a presença dos castigos, como a palmatória e o “Chapéu de burro”, façam-se presentes e traduzam uma prática daquele período (atualmente denominado como tradicional em educação), a proposta didático-pedagógica do professor, desenvolvida no decorrer da narrativa, mostra-se “avançada” e “moderna”, contradizendo o discurso de Chico Tibúrcio e a concepção de alfabetização presente na fala do Vovô.

O professor desenvolve uma proposta didático-pedagógica voltada para a realização de projetos que vão além da sala de aula da antiga escolinha de D. Sofia, a professora de tio Juca, do sr. Pacheco e do escritor Francisco Marins, conforme se observou no capítulo 2 desta tese. Esses projetos partem da idéia de criação de um clubinho que, uma vez criado, dá origem a outros projetos, como, por exemplo, o da construção e cultivo de uma horta, que, mais uma vez, dialoga com o conteúdo do livro *Saudade* (1919), de Thales de Andrade. Observa-se, ainda, que esses projetos imprimem no leitor-mirim: a importância da

organização, do trabalho em grupo, do respeito mútuo, representado pela eleição da diretoria para o clubinho; e a responsabilidade que se quer transmitir às crianças, traduzida pela preocupação das personagens-mirins, eleitas para a diretoria do clubinho, em “servir como exemplo” para as demais crianças do sítio e, conseqüentemente, para todas as crianças leitoras dessa história.

Talvez movido pelos ideais defendidos por Thales de Andrade, em *Saudade*, e inspirado também pela proposta de Monteiro Lobato, o sítio, além de ser o “melhor lugar do mundo” (p.54), relaciona-se com uma concepção diferente de escolarização, realizando o processo de alfabetização por meio de uma proposta inovadora: os conhecimentos são apresentados em forma de projetos e as crianças aplicam esses conhecimentos, concretizando esses projetos².

Gafanhotos em Taquara-Póca (1950)

Anunciado no final da narrativa anterior, *Gafanhotos em Taquara-Póca* abre-se com a dedicatória: “para papai e mamãe, inseparáveis destas histórias de Taquara-Póca” e dá continuidade à realização dos projetos criados pelas crianças e pelo professor Justino em *O Coleira Preta*. Desse modo, como nas histórias anteriores, *Gafanhotos em Taquara-Póca* constitui-se de uma narrativa principal,

² A proposta de trabalho do professor Justino, em torno do desenvolvimento de projetos, defendida nesse livro, sugere uma relação entre os princípios da Escola Nova e o “método de projetos” a respeito do qual Francisco Marins pode ter ouvido e/ou conhecido por meio de Lourenço Filho. Talvez essa proposta de trabalho por meio de projetos e de “educação pelo trabalho” tenha levado Góes (1990) a buscar, em Celestin Freinet, suporte teórico para refletir sobre a obra infantil e juvenil de Francisco Marins.

em torno da qual vão-se construindo outras narrativas, geralmente ligadas a fatos relativos à política agrícola do país em aquele período histórico.

A narrativa resume as preocupações dos moradores do sítio com uma nuvem de gafanhotos que ameaça devastar a lavoura de Taquara-Póca. Empenhados em defender o sítio dessa ameaça e do prenúncio de suas conseqüências devastadoras, que poderiam culminar em nova decadência econômica, os garotos Dudu, Tiãozinho e Tico-Tico, sob a orientação do professor Justino, ajudam a informar os colonos sobre o perigo, a instruí-los a respeito de como agir para espantar os gafanhotos e a concretizar ações que impedem que a nuvem de gafanhotos desça sobre o sítio, salvando-o de outra difícil situação econômica, como aquela vivenciada em *Nas Terras do Rei Café*.

Assim, dividindo-se em 25 pequenos capítulos, *Gafanhotos em Taquara-Póca* transmite uma preocupação maior em realçar conhecimentos de caráter científico e educativo, agora mais sistematizados pela presença e discurso do professor a respeito do cultivo da terra e da luta dos agricultores contra as pragas e fenômenos naturais que ameaçam a vida no campo. A transmissão desses conhecimentos organiza-se por meio de pequenas narrativas que se vão agregando e contribuindo para tecer a história principal, ora salientando os problemas da agricultura brasileira, como, por exemplo, a guerra contra as saúvas, ora enfatizando os novos interesses das crianças, provocados pela inauguração do clubinho, que se manifesta agora como um prolongamento das atividades escolares, e pelo desenvolvimento de novos projetos, como a iniciativa de

Pintadinha, única garota do grupo de personagens infantis do livro, em adquirir livros e brinquedos para a criação e implementação da biblioteca do clubinho.

A partir da iniciativa de Pintadinha, constroem-se reflexões em torno da importância da escola, dos livros e da leitura, em especial da literatura infantil e juvenil brasileira, na formação cultural brasileira. Tome-se como exemplo, a fala de Pintadinha anunciando a inauguração da biblioteca e sintetizando as primeiras iniciativas de introdução da literatura infantil e juvenil em nosso país, mediante citação do conteúdo dos livros que constituem o acervo da biblioteca do clubinho e que remete aos textos traduzidos e/ou adaptados que constituem o início desse gênero no Brasil:

— A biblioteca vai começar a funcionar!
 — Como assim? perguntou Dudu, intrigado.
 Ele, como presidente, nada sabia do que estava acontecendo.
 — Mas como você formou a biblioteca?
 — Ah! isso é segredo, respondeu ela, franzindo o narizinho. [...]
 — [...] A biblioteca vai começar a funcionar e com muita coisa bonita. Livros de histórias, de viagens, certames, álbuns [...] (MARINS, 1963, p. 39)

A importância dos livros e dos conhecimentos que eles contêm é reafirmada mais adiante, quando o professor Justino escreve algumas cartas para amigos e editoras, solicitando livros e outros tipos de materiais para que possa “saber mais e ter informações bem certinhas sobre os gafanhotos” (p.40-4), para depois transmiti-los às crianças.

O entusiasmo pela biblioteca não se restringe apenas às personagens-mirins. O narrador não consegue conter-se e procura ressaltar tanto o entusiasmo das crianças quanto a importância da leitura bem como o início, desenvolvimento,

circulação e alguns aspectos considerados importantes na escolha e eleição, pela criança, dos livros escritos e destinados ao público infantil e juvenil brasileiro:

Que beleza! Ali estava um punhado de livros infantis muito bonitos. Com capas vistosas, ilustrações a cores. Livros interessantes, que lhes davam vontade de começarem a ler na mesma hora. Sobre viagens, aventuras, vida de grandes homens, histórias fantásticas [...] (MARINS, 1963, p. 52)

Enfim, pode-se constatar que, em *Gafanhotos em Taquara-Póca* realizam-se os projetos introduzidos na narrativa anterior como a “hortinha” que, além de procurar incentivar as crianças para a realização de tarefas antes destinadas apenas aos adultos, procura despertar e alimentar o interesse das crianças e jovens pelas “coisas da terra”.

Pelo exposto até aqui, é possível perceber que, nas quatro narrativas que compõem o livro *Aventuras em Taquara-Póca*, há uma grande preocupação em despertar as crianças para a importância do contato com a natureza, do convívio em grupo, da luta pelos ideais coletivos, da valorização do mundo rural e da eterna vitória do bem contra o mal.

Personagens

Considerando o papel e/ou a função desempenhada pelas personagens no enredo das quatro narrativas, pode-se assim classificá-las: protagonistas – os três meninos heróis – Dudu, Tiãozinho e Tico-Tico; e o antagonista: o fazendeiro Zé Pedro, que impõe obstáculos à ação dos protagonistas e disputa o mesmo objeto da ação narrativa. Como personagens secundárias, há os adultos: o Vovô, o Sr.

Pacheco, tio Juca, Nhô Chico Tiburcio, Nho Lixandre, Nhá Candoca, o professor Justino, Quinzote, as personagens-mirins, ZequinhaTibúrcio, Butoca e Pintadinha; as personagens fantásticas, como o Curupira e o Anhagá; os animais selvagens, como a Pintada e o Coleira Preta, e os animais domésticos: o burrinho Maracujá, o cachorro Micuim e o macaquinho Perereca.

Em relação à caracterização dessas personagens, é possível considerá-las, como planas, pois são pouco complexas com o mínimo de atributos possíveis, facilmente identificadas como tipos, com características invariáveis sejam elas morais, sociais ou econômicas; não sofrem transformações, pois as qualidades que possuem já lhes são inerentes. Pode-se considerar, ainda, que a caracterização é feita segundo modelos da tradição cultural do escritor (códigos sociais e culturais da época do escritor e sua “visão de mundo”, seu modo de ver, ler e pensar a realidade), uma vez que se trata de narrativas econômicas, cujo núcleo não são as personagens, mas a temática e o espaço, e que, portanto, exigem uma forma simples e direta de construção e/ou caracterização das personagens, sem ênfase nesse ou naquele traço físico, social ou psicológico, sem modificações significativas no sistema de atribuições, com comportamentos previsíveis.

Menino da cidade com instrução escolar, sem conhecimento do mundo rural, Dudu apresenta uma certa fragilidade e é bem educado; seus pensamentos e ações remetem a uma concepção de educação segundo a qual as crianças devem respeitar os adultos e não questionar sobre assuntos que não dizem respeito a elas e que, à época de produção do livro em questão, faziam-se presentes na produção literária brasileira para crianças e jovens que, por sua vez, tinham como público e

lugar privilegiado de circulação o ambiente escolar, confirmando, portanto, o que se extraiu das leituras das obras sobre o gênero, sintetizadas no capítulo 1 desta Tese. Como exemplos, podem-se observar as concepção de criança e de educação veiculada naquela época, nas citações seguintes

Por que teriam partido assim de repente? Aquilo deveria ser uma das tais coisas que criança não pode saber, de que a mamãe falava sempre ... — Papai, por que o tio Juca não quis ir morar na cidade como nós? — O que são colonos?... (MARINS (*Nas Terras do Rei Café*) 1963, p.10)

— Então eles precisam ser plantados e colhidos em tempo certo? perguntava Dudu, que, como menino de cidade, nada entendia daquilo (MARINS (*Os segredos de Taquara-Póca*), 1963, p. 9).

Prestando atenção a tôdas as explicações do Vovô, vendo a paisagem verde-clara, que se estendia a seus olhos, através do caminho, e ouvindo o chiar gostoso do carro de bois, Dudu nem percebeu que já estavam chegando à vila (MARINS (*O Coleira Preta*) 1963, p.27)

— Então Dudu, onde estão as formigas de correição?

— Sei, Vovô. Veja ali. Elas estão fazendo uma fileira. Vêm saindo daquele buraco ali.

Vovô e tio Juca continuavam a rir e então explicaram:

— Essas formigas são saúvas!

— Saúvas? repetiu Dudu, demonstrando completa ignorância... (MARINS (*Gafanhotos em Taquara-Póca*) 1963, p. 31)

Legítimo representante do espaço urbano, Dudu tem conhecimentos adquiridos no ambiente escolar, diferentes daqueles obtidos pelas outras crianças em contato direto com o ambiente rural.

Dudu, que já tinha estudado bem geografia, respondeu que era uma região alagadiça situada principalmente na Bolívia e Paraguai, países êstes vizinhos do Brasil.

O professor elogiou os conhecimentos do pequeno (MARINS (*Gafanhotos em Taquara-Póca*) 1963, p. 43)

Dentre os conhecimentos escolares de Dudu, destaca-se o uso da variante culta da língua que não só contribui para a construção caricatural da criança urbana, mas também das outras personagens-mirins, uma vez que é tomado tanto pelo narrador quanto pelas personagens, crianças ou adultos, como ponto de comparação entre o certo e o errado e entre os dois ambientes: o rural e o urbano: “— Veja se pronuncia as palavras direito! Onde já se viu falar errado perto do Dudu” (MARINS (*Nas Terras do Rei Café*) 1963, p. 21).

Tiãozinho — menino do interior com uma certa instrução, uma vez que é filho de um dos herdeiros do sítio — possui conhecimento do mundo rural, e é mais rude que Dudu:

— Vamos subir para a mesa? Bradou Tiãozinho [...] Dudu não viu a mesa [...] Tiãozinho ficou muito admirado de o primo não conhecer coisas tão simples [...] — Olhe lá a casa do Vovô! Para baixo fica a colônia [...] — Ali é o terreiro para secar o café [...] (MARINS (*Nas Terras do Rei Café*) 1963, p. 14).

A tensão entre o conhecimento do ambiente rural e do ambiente urbano evidencia-se nas reações de estranhamento apresentadas pelas personagens: Dudu fica maravilhado com o ambiente que conhece apenas pelas fotografias dos livros, e Tiãozinho espanta-se com o fato de o primo da cidade desconhecer “coisas”, objetos e costumes tão simples e corriqueiros para o homem rural. Tiãozinho representa, todavia, entre as personagens-mirins, o elo entre os conhecimentos do mundo rural e urbano. Embora seja mais rude que Dudu, conhece e utiliza uma variante lingüística próxima à do primo, o que lhe confere uma certa superioridade em relação a Tico-Tico, que usa uma outra variante lingüística. Essa superioridade

evidencia-se nas correções à fala de Tico-Tico, e as frases têm sempre, como ponto de medida, a variante utilizada por Dudu.

Por meio da fala de Tiãozinho, Marins parece representar uma prática institucional da “leitura” e da literatura infantil e juvenil que procura construir um patrimônio de obras e textos, imprimindo uma direção utilitária e instrumental à formação do leitor. Procura esculpir um sujeito douto e culto, e ao fundo dessa cena situa um mundo de deveres em que se sobressaem oposições como “colonizador/colonizado”, “conhecimento/ignorância”, erigido em nome do “progresso” do leitor, geralmente em idade escolar: a lógica lingüística sugere uma organização dos sujeitos num mercado de saber — a escola — e não num referencial legitimador de identidades culturais, comum nos textos destinados às crianças e jovens brasileiros por longas décadas da trajetória histórica desse gênero. Talvez esse seja o caráter formativo da literatura infantil e juvenil daquele período, salientado tanto no discurso do escritor Francisco Marins (1949) quanto no discurso de Lourenço Filho (1943) ao se referirem ao gênero, conforme apontado nos capítulos 1 e 2 desta tese.

Tiãozinho é responsável pela apresentação do espaço rural ao primo Dudu, explicando-lhe detalhes e revelando conhecimentos específicos, que somente a vivência cotidiana poderia ensinar. Transita *entre* e comunica-se *com* os dois mundos sem dificuldades. Tiãozinho representa, pois, o “caipira escolarizado”, que, mesmo considerando as limitações impostas pelo ambiente rural, tem consciência de que, dependendo do lugar e de com quem se fala, faz-se necessário escolher a forma mais adequada de utilização da língua:

— Que percurano nada! Pro-cu-ran-do ... Arre! Faz uma semana que o estou ensinando a falar as coisas certo e êste cabeça dura não aprende! [...] Veja se pronuncia as palavras direito! Onde se viu falar errado perto do Dudu (MARINS (*Nas Terras do Rei Café*) 1963, p18-19)

Importa destacar que, a despeito das críticas que a obra de Marins tem recebido — seja por conter princípios de “educação moral e cívica”, seja por apresentar uma “concepção preconceituosa” sobre o uso da norma culta (valores vigentes à época e a ela compatíveis) —, o autor já detinha — e o discurso de Tiãozinho revela isso — as concepções de competência comunicativa e de situacionalidade que, somente algumas décadas mais tarde, seriam divulgadas em nosso país, a partir de estudos e pesquisas desenvolvidas com base na sociolingüística, especialmente.

Tico-Tico é filho da cozinheira do sítio, é gago e usa uma variante lingüística diferente da variante culta da língua o quê, muitas vezes, envergonha seus companheiros (e o narrador):

um garoto, um pouco menor que o Tião, todo cheio de sardas, cabelo em parte raspado, mas com topete comprido [...] — Eu ... eu ... ta ... ta ... va per ... percurano ca ... ca ... vaco! ... o Tico perdeu a timidez e ficou prosa. Apenas a gagueira o atrapalhava um pouco. E depois falava quase todas as palavras erradas e o Tião não perdia oportunidade para corrigi-lo ... Tico é que não quis entrar n'água. De cima do barranco molhou a ponta dos dedos e passou nos olhos, enxugando-os logo com as mangas da camisa [...] — Veja se pronuncia as palavras direito! Onde se viu falar errado perto do Dudu! [...] — Isso é para nós uma grande satisfação, pois nós somos amigos do café, disse Tico-Tico.

Mas disse isto tudo, com muitos erros, como de costume.

Dudu ficou vermelho de vergonha, ao ouvir o companheiro falando tão mal na presença do Rei (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p. 17; 59)

Encontram-se, nesse fragmento, vozes diferentes que se interenunciam, que se homologam e se infirmam umas às outras, misturando-se ou “eus”,

construindo-se um texto polifônico: o “eu” do autor — que “fala a palavra” da época em que escreve — dialoga com o “eu” de seus personagens e de seu narrador. As personagens representam diferentes vozes, não unificadas por uma verdade englobante, de ordem ideológica (a “filosofia” do autor) ou psicológica (a personalidade do autor), manifestando-se, pois, diferentes correlações entre enunciações:

O autor se realiza e realiza o seu ponto de vista não só no narrador, no seu discurso e na sua linguagem [...], mas também no objeto de narração e também realiza o ponto de vista do narrador, e [...] sobre o próprio narrador. Percebemos nitidamente cada momento da narração em dois planos: o plano do narrador, na sua perspectiva expressiva e semântico-objetual, e no plano do autor que fala de modo refratado nessa narração e através dela [...] (BAKHTIN, 1993, p. 118-9)

O trio formado pelas personagens-mirins apresenta-se, portanto, como certa representação do perfil cultural da época, do povo e da literatura infantil e juvenil brasileira das décadas de 1940 e 1950. Essa representação manifesta-se também na caracterização das personagens adultas e refere-se não apenas ao presente da narração (as décadas de 1940 e 1950), mas também às décadas que lhe são anteriores, rememoradas pelas personagens, que podem ser interpretadas como a própria história do processo de constituição da literatura infantil e juvenil brasileira, que, segundo a maioria dos estudiosos e pesquisadores do gênero, tem seu início marcado pelas narrativas orais, influenciadas pelas credices e lendas folclóricas, indígenas e/ou africanas, narradas pelos escravos.

As demais personagens crianças que vão aparecendo entre uma narrativa e outra, classificam-se como personagens secundárias, uma vez que são introduzidas nas narrativas para aumentar ora o número de alunos que freqüentam

a escola do sítio — *O Coleira Preta* — ora para completarem e diretoria do Clubinho e exercerem as tarefas propostas nos projetos elaborados pelo professor e pelas alunos — *O Coleira Preta e Gafanhotos em Taquara-Póca*. São moradores do sítio e possuem grau de parentesco com alguma das personagens adultas presentes nas narrativas. Pintadinha é filha de Terêncio, um colono do sítio e o único que possui uma horta, Butoca é neto de nhô Lixandre e Zequinha Tibúrcio é irmão de Chico Tibúrcio. Suas características assemelham-se às de Tiãozinho, crianças que cresceram no ambiente rural e lá brincam e auxiliam os adultos, concretizando pequenas e leves tarefas. Participam das duas últimas narrativas — *O Coleira Preta e Gafanhotos em Taquara-Póca* — e têm cargos na diretoria do clubinho: Pintadinha é a bibliotecária, Butoca é o diretor esportivo e Zequinha Tibúrcio, o tesoureiro.

Quanto às personagens adultas, o narrador, valendo-se de adjetivos que as caracterizam tanto em seus aspectos físicos quanto em seus comportamentos e ações, apresenta-as ao leitor como personagens secundárias e que completam o rol de personagens que representam os moradores do sítio Taquara-Póca. Observa-se que essa caracterização é feita de forma bastante objetiva e direta, deixando clara para o leitor a divisão entre o *bem* e o *mal*: as personagens boas e, portanto, representantes do bem, recebem recompensas por suas atitudes; as más, representando o mal, são castigadas por suas ações.

Zé Pedro, homem barbudo, construído como rude e impiedoso, é o antagonista, o credor do Vovô. A descrição física de Zé Pedro e as informações sobre seu comportamento e suas companhias — oferecidas ora pelo narrador

mediante uso do discurso indireto, ora por outras personagens, mediante uso do discurso direto, ou até pelo indireto livre — são breves e objetivas, revelando seu caráter e classificando-o como homem mau e sem escrúpulos:

[...] viu, sentados ao redor da mesa, o papai, o Vovô, e o tio Juca, conversando com um homem magro e alto, que tinha uma barba comprida, muito preta [...] Zé Pedro vive rodeado de homens ruins. Vovô diz que são capangas dele [...] uns caboclos bem armados e cara ruim, que fazem tudo o que Zé Pedro manda [...] não presta [...] Mas Zé Pedro merecia sair correndo daqui. É um homem muito ruim. O Vovô sempre diz que ele ficou rico à custa de lograr os outros. E não tem dó de ninguém [...] (MARINS (*Nas Terras do Rei Café*) 1963, p.34-7)

Mas o Vovô, que bem o conhecia, de muitos anos dizia:

— A gente precisa ter cuidado com êsse homem [Zé Pedro]. Ele está muito quieto. Talvez planeje *alguma*. E êsse *alguma* queria dizer coisas muito graves [...] O fogo era obra de Zé Pedro, para destruir Taquara_Póça [explicação do narrador] [...] Aquele homem é capaz de tudo [fala de Nhá Candoca] [...] ((MARINS (*O Coleira Preta*) 1963, p. 30; 38).

A má sorte estava reservada para Zé Pedro, poucos quilômetros além. Agora ele pedia socorro. E ninguém queria auxiliá-lo, pois Zé Pedro era homem que não merecia confiança. Tinha passado a vida toda a fazer mal aos outros [...] [narrador] — Zé Pedro não merece a nossa ajuda! Dizia o tio Juca para Quinzote [...] — Minha opinião também é essa, confirmava o recém-chegado [...] — Depois de tudo que ele fez para nós [...] acrescentava Tiãozinho [...] — Não devemos ajudar êsse homem que só fez o mal para todos! afirmava Chico [...] (MARINS (*Gafanhotos em Taquara-Póça*) 1963, p. 65-6)

Mas na narrativa que encerra o livro *Aventuras em Taquara-Póça* — *Gafanhotos em Taquara-Póça* —, o vilão regenera-se, completando, portanto, o ciclo: a situação de equilíbrio inicial apresentada em *Nas Terras do Rei Café* é quebrada pela decadência da cafeicultura e pelas complicações decorrentes das dívidas com Zé Pedro, o antagonista e vilão das histórias. Após o pagamento das

dívidas, a situação de equilíbrio volta a reinar no sítio, afastando a presença de Zé Pedro da história seguinte: *Os segredos de Taquara-Póca*. Em *O Coleira Preta*, Zé Pedro volta à cena como suspeito de atear fogo no mato próximo ao cafezal do Vovô, expondo o sítio Taquara-Póca novamente ao perigo da falência. Na quarta e última história, *Gafanhotos em Taquara-Póca*, Zé Pedro sofre um castigo decisivo: a devastação quase total de sua fazenda, pela visita dos gafanhotos. Movido pela bondade nata do homem de bem, Vovô resolve ajudá-lo, após conseguir a adesão de outros personagens que, comovidas pela história argumentativa narrada por Vovô, ajudam a espantar os gafanhotos da fazenda de Zé Pedro, salvando-o da miséria completa. Comovido pela atitude dos vizinhos que sempre perseguira, Zé Pedro “estendeu a mão para o Vovô que o abraçou. E todos viram que lágrimas caíram de seus olhos...” (MARINS (*Gafanhotos em Taquara-Póca*) 1963, p. 74)

Vovô representa o bem e o ponto de equilíbrio da narrativa. Salienta-se, nessa personagem, a importância dos conhecimentos adquiridos pela experiência de vida. Vovô é bom, não possui preconceito de cor, é conselheiro e justo, acredita na força de vontade dos homens “bons” e no trabalho duro e honesto como forma de vencer os obstáculos da vida:

[...] era amigo dos pretos. Todos gostavam dele [...] — Uma parte desse ouro é do nhô Lixandre [...] esse ouro, continuou o Vovô, dá para a gente pagar todas as dívidas. Para recomeçar vida nova bastará o nosso trabalho constante. E graças a Deus, ainda temos saúde e boa vontade. Por isso havemos de vencer! (MARINS (*Nas terras do Rei Cafê*) 1963, p.87; 104).

[...] Uma coisa, no entanto, andava preocupando o bom velhinho. Era a fome dos bichos do mato [...]

— Tudo aqui é nosso, como antigamente, dizia o Vovô. Mas precisamos trabalhar e trabalhar muito ainda [...] Só o nosso esforço será capaz de arrancar, dessas terras cansadas, tudo o que precisamos para viver modestamente, mas com abundância (MARINS (*Os segredos de Taquara-Póca*) 1963, p. 8)

Observa-se que até a terceira narrativa — *O Coleira Preta* —, o Vovô nunca fora chamado pelo nome; era caracterizado, afetivamente, pelas crianças e pelas demais personagens, apenas pelo grau de parentesco. No capítulo denominado “Desilusão”, em *O Coleira Preta*, aparece, pela primeira vez, o nome do Vovô, no momento em que Zé Pedro o cumprimenta:

Era Zé Pedro, com seu enorme chapéu de abas largas e sua barba preta, carregando suas malas.

Apesar da velha rivalidade existente entre êle e o Vovô, este que não guardava ódio de ninguém, cumprimentou-o.

Zé Pedro respondeu, com sua voz grossa que parecia trovão...

— Esperando alguém, nhô Pacheco? Perguntou Zé Pedro. (MARINS (*O coleira preta*) 1963, p. 28-9)

O fato de Zé Pedro chamar o Vovô pelo sobrenome sugere duas leituras: o costume da época em chamar pelo último nome em sinal de respeito, embora a Zé Pedro não se tenha reservado nenhuma característica de respeito ao próximo; e a outra, que, direta ou indiretamente, confirma a anterior: Zé Pedro não mantinha nenhum grau de parentesco com o Vovô e tampouco qualquer espécie de afetividade.

O respeito pelo anfitrião e/ou patriarca da família e o próprio reconhecimento de sua identidade, de seu papel de sujeito, marcados pelo tratamento pelo nome, aparece um pouco mais adiante com a chegada do professor Justino, que, parando na porteira procura pelo patriarca: “parou na

porteira. Cumprimentou os pequenos. Perguntou pelo Sr. Sebastião Pacheco” (MARINS(*O Coleira Preta*) 1963, p.40). Tal referência justifica-se, também, pelo fato de ser um professor, o que sugere a utilização de uma outra variante da língua, a variante culta, fato constatado pela substituição do pronome de tratamento de “nhô” (uso coloquial, variante rural) para “senhor” (variante culta, urbana).

Tio Juca, pai de Tiãozinho, também representa o *bem*. É um típico lavrador, homem do campo que não se acostuma com a vida urbana. O Sr. Pacheco, pai de Dudu, é quem descreve o irmão — tio Juca — para Dudu, conforme se observa no diálogo entre o Sr. Pacheco³ e Dudu:

para êle não existe coisa melhor no mundo do que o sítio de seu avô [...] prefere trabalhar nas terras, levantar-se cedinho [...] ajuda a carpir, a plantar, a colher [...] — não gosta da cidade como o senhor? — Não. Prefere trabalhar nas terras [...] bater o sino para os colonos [...] (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p. 10)

E na voz do narrador também em *Nas terras do Rei Café*):

[...] E o tio Juca ia pensando que tudo aquilo êle ajudara a plantar e vira crescer, ano a ano [...] O senhor Pacheco compreendeu que o irmão estava pensando que aquêle não era um passeio, mas talvez um adeus a *Taquara-Póca*. (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p. 40)

Contrastando com a simplicidade do irmão, o Sr. Pacheco é um homem culto, urbano, conhecedor das leis e dos direitos dos homens. Embora distante do meio rural, conhece bem o ambiente e a vida do campo, pois fora criado nesse ambiente. Assim como Tiãozinho, o Sr. Pacheco é o mediador entre os

conhecimentos rurais e urbanos. É pela voz dessa personagem que se dá, além da transmissão dos valores sociais da época, a imposição de um discurso de valorização do homem e do ambiente rural:

Mas não é só com um diploma que um homem pode ganhar a vida e ser feliz. O mais humilde homem do campo, com seu trabalho honesto e constante pode tornar-se abastado e feliz, colhendo, assim, o produto do seu esforço [...] *Taquara-Póca* é um sítio muito bonito e lá você conhecerá os nossos homens do campo, simples, sem luxo, mas muito bondosos. Os trabalhos da lavoura são interessantes. O Brasil é um país agrícola. Todos deveriam conhecer bem o nosso interior. É da terra que saem quase todas as coisas de que nós, na cidade, precisamos para viver [...] — Dudu, Zé Pedro está no seu direito. Eu lhe explico [...] O que a justiça decide, meu filho, a gente precisa aceitar [...] Além disso, no ano passado, a geada prejudicou grande parte do cafézal. A geada é um terrível inimigo do homem do fazendeiro [...] — Para colher, continuou o papai, o homem pega no galho, rente ao tronco, e escorrega a mão para a ponta. Todo o café cai no chão, donde é depois ajuntado. Esse é o processo que nós chamamos derriçar [...] com Dudu não soubesse o que era jacá, o papai explicou [...] continuou o pai, o café vai para a cidade, onde é beneficiado, isto é, retirado de sua casquinha. Assim como você o está vendo, bem maduro, chama-se “cereja”, quando seco, “em côco” (MARINS (*Nas Terras do Rei Café*) 1963, p.10; 40)

Nhô Chico Tibúrcio é o autêntico caboclo do interior paulista. Nascido e criado no meio rural, conhece os perigos e as belezas do campo. É amigo das crianças e o narrador de algumas histórias que se vão construindo em torno da história principal, e que, têm o objetivo de informar o leitor sobre a vida do campo, os costumes e credices do povo do interior paulista daquela época. Trabalhador honesto e admirador da família dos patrões, Chico Tiburcio é um dos adultos responsáveis pela descoberta do tesouro que resolve os problemas do sítio, em *Nas Terras do Rei Café*, companheiro das crianças nos passeios pela mata em busca de jabuticabas em *Os segredos de Taquara-Póca*. É a personagem cujas

³ Observa-se que a personagem Nhô Pacheco, pai de Dudu, tem o mesmo nome do Vovô. Assim,

atitudes geram a organização do conflito principal da narrativa, tanto em *Os segredos de Taquara-Póca* quanto em *O Coleira Preta*.

A descrição de Chico Tibúrcio aponta para um caboclo simples, forte, ágil que, como a maioria dos sertanejos da época, acreditava em histórias de assombrações e era extremamente supersticioso:

caboclo forte e queimado de sol, que falava gritado [...] lidava com as madeiras velhas do engenho [...] gostava de uma prosa, como ninguém [...] havia nascido ali, e conhecia tudo como a palma de sua mão [...] por último, declarou que o seu maior desejo era algum dia ser nomeado administrador do sítio [...] era tão bom e amigo [...] (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p. 15; 103)

Nhô Chico, que era o homem mais medroso do mundo, e muito supersticioso, pois acreditava cegamente em histórias de assombrações e almas do outro mundo, quando viu o boneco no ar, balançando-se com o vento, e ouviu aqueles ruídos aterradores, largou a espingarda, deu um pulo ao chão e disparou numa carreira pelo meio do milharal, como nunca fizera na vida (MARINS (*Os segredos de Taquara-Póca*) 1963, p.27)

Outra personagem responsável pela narração de histórias sobre a escravidão brasileira e pelas crendices e sofrimentos de seu povo escravo é o preto velho, ex-escravo da fazenda do Vovô, Nhô Lixandre: “preto velho ... contador de histórias [...] quase nunca sai do rancho [...] ex-escravo da fazenda [...] muito calmo [...] conhecedor do segredo do tesouro [...]” (MARINS(*Nas terras do Rei Café*) 1963, p.42; 96). Pela voz das crianças, o narrador fornece ao leitor as características de Nhô Lixandre e anuncia-o como o contador de histórias. Tem-se aí a apresentação dos contadores de histórias do início da literatura infantil

quando me referir ao pai de Dudu, estarei usando Sr Pacheco.e não Nhô Pacheco, como se referiu ao Vvô, a personagem Zé Pedro.

brasileira e, por meio do comentário das crianças, a saudade daqueles tempos quando se ouviam, dos mais velhos, dos contadores, fabulosas histórias:

— Ali é a casa de Nhô Lixandre [...] E sabe cada história do tempo antigo, que é uma beleza! — E êle conta pra gente? — Conta sim [...] — Nhô Lixandre, nós estamos aqui para ouvir o senhor contar uma história [...] — Qual, já estou esquecido, faz tempo que não conto nenhuma [...] — É sobre a flor roxa do samambaial [...] Nhô Lixandre pigarreou um pouco, foi até a cozinha acender o pito, depois contou que essa flor roxa aparecia no samambaial cerrado, às sextas-feiras, bem à meia-noite. Abria num instante e logo desaparecia. Era muito difícil alguém conseguir apanhá-la, pois o diabo vivia também atrás dela. A pessoa que pegasse a flor roxa, precisava sair correndo porque ouvia na mesma hora um grande estouro e sentia um cheiro horrível que até tonteava [...] (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p. 27-45)

A caracterização das personagens Chico Tibúrcio e Nhô Lixandre Assim como Chico Tibúrcio e nhô Lixandre, remete a uma outra personagem, Nhô Lau, de *Saudade*, de Thales de Andrade, pois é simples, trabalhador, homem do meio rural e contador de causos. Aliás essa semelhança é reafirmada pelo caráter intertextual criado com a narração da história dos macacos, citada abaixo. É pela voz de nhô Lixandre que o narrador reconta a história narrada por nhô Lau, personagem de *Saudade* (1919), de Thales de Andrade⁴

— Deus me livre! Desde um dia, nunca mais cacei macacos.
[...]

— Era uma manhã assim quentinha como esta de hoje. Saí de casa com a espingarda carregada, o cachorrinho cotó ao lado e tomei o caminho da roça.

Atravessei o campo, passei a porteira e, logo que entrei na roça, vi que os bichos andavam por ali. Cheguei devagarinho, sondando. Num saguaraji copado havia uns trinta, pelo menos. Guinchavam e saltavam de galho em

⁴ — Sabe, patrão, disse êle, macaco não se mata. Eu pelo menos, desde que me aconteceu uma, larguei de querer liquidar com essa raça de bichos. Foi assim: Um dia, no meio de um mato virgem, vi um bando de macacos numa árvore. Apontei a espingarda para uma, que carregava um macaquinho. Assim matava dois de um golpe. Já ia fazer fogo, mas não tive coragem. A macaca entregou o macaquinho para uma companheira e disse: “Ai, comadre Venância. Pegue o meu filho ligeiro, por misericórdia, tome conta dele que já me vão matar!” (ANDRADE, 1919, p. 43)

galho. Fui me aproximando, pé ante pé, e dei um tiro. Um dos macacos caiu ao chão. Carreguei depressa e apontei para um galho pendido, bem próximo de mim. Nisso vi, com espanto, uma coisa que até hoje me deixa arrepiado.

[...]

— É que na hora que ia dar o tiro, a macaca para qual eu apontava arregalou os olhinhos e, segurando nas mãos um macaquinho, mostrava-o no ar, tremendo de medo. Queria dizer, talvez, que não a matasse, porque tinha um macaquinho para criar.

Aquilo me cortou o coração. Baixei o cano da espingarda e voltei para casa, amolado. Nunca mais fui caçar macacos. (MARINS (*Os segredos de Taquara-Póca*) 1963, p 25)

Observa-se, ainda, em relação a essa personagem que as crendices aprendidas e cultivadas por seu povo continuam vivas nas atitudes e ações do preto velho. Em atitude de consideração aos patrões, amor e respeito pela natureza e pelo trabalho do homem do campo, nhô Lixandre faz e cumpre uma promessa, e é no discurso do negro sobre as promessas, que o narrador registra os costumes de um povo e de uma época:

— Estou cumprindo uma promessa.

[...]

— Pois naquele dia eu fiz uma promessa. Pedi a Deus que, se o vento mudasse, e não se queimasse o café do sítio, eu fazia o sacrifício de levar, durante dois meses, um corote d'água da minha casa até o cruzeiro do campo.

[...]

— Quando há muita seca, e as plantas estão morrendo, é costume no sertão pedir-se chuva por meio de promessa, fazendo-se o sacrifício de levar água, para molhar o pé do cruzeiro mais próximo. Assim, também, quando há queimada, para que o fogo pare, costumam alguns oferecer o sacrifício de molhar o cruzeiro durante muito tempo (MARINS (*O Coleira Preta*) 1963, p. 117).

Com a chegada do professor Justino, em *O Coleira Preta*, cria-se uma tensão maior entre os conhecimentos populares, as crendices dos moradores do local, no âmbito do senso comum, e os conhecimentos sistematizados advindos da

escolarização e formação de caráter científico, do professor. Observa-se a presença da intertextualidade na descrição de Justino: o professor para o sítio precisaria ser alguém que tivesse nascido e se criado no meio rural; é o discurso que se vai construindo *Nas terras do Rei Café* e em *Os segredos de Taquara-Póca* e concretiza-se em *O Coleira Preta*:

[] O Vovô estava preocupado. O professor gostaria dali? ... Por isso êle sempre dizia que um bom professor para a roça deveria sair dela mesmo, formar-se e depois voltar para ensinar a sua gente [...] (MARINS (*O Coleira Preta*) 1963, p. 19)

O cavaleiro ia se aproximando, num cavalo escuro. Era um moço alto, sem chapéu, fisionomia sorridente, cabelos lisos saltando para cima e para baixo ao trote do animal [...] (MARINS (*O Coleira Preta*) 1963, p. 39)

Sou Justino, o professor. Não pude vir antes o senhor me desculpe [...] (MARINS (*O Coleira Preta*) 1963, p. 40)

Justino era um rapaz alegre e inteligente. Havia sido criado no interior e conhecia muito bem os problemas da terra. E queria ajudá-la (MARINS (*O Coleira Preta*) 1963, p. 57)

A construção da personagem Justino é muito interessante, pois pesa sobre essa personagem a responsabilidade de mudar o conceito de escola e de professor produzidos pelas personagens mais antigas, moradoras do sítio. O professor é persistente, não desanima com a ausência das crianças na escola. Sai de porta em porta, “arrebanhando-as”, e, com muita criatividade, consegue dar início às aulas com a criação do clubinho, onde “gente grande não entra” (p. 57). Introduz-se, desse modo, pelo pensamento, ações e atitudes de Justino, uma concepção de educação, escola e de professor diferente daquela construída pelos antigos moradores: a educação para/pelo trabalho, a construção do conhecimento por meio de realização de projetos.

Há, ainda, nas histórias que compõem o livro *Aventuras em Taquara-Póca* duas únicas personagens femininas: Nhá Candoca e Pintadinha. A primeira é a cozinheira e mãe de Tico-Tico, e a segunda, bibliotecária. As referências que se fazem a Nhá Candoca estão sempre ligadas aos afazeres domésticos e ao papel de mãe, traduzindo as concepções da época sobre os papéis da mulher:

Nhá Candoca, mãe de Tico, sabia preparar pratos muito gostosos [...] preparou uns bolinhos de mandioca [...] Nhá Candoca entrou na sala chamando para o jantar [...] Nhá Candoca correu buscar água com açúcar para o pequeno se acalmar [...] (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p.18;101)

Nhá Candoca é que lhe tirava a vontade de fazer diabruras. Bastava a menor suspeita para que ela gritasse:
— Meu filho!
Ele já sabia. Era um jacá cheinho de espigas de milho para descascar. E o pior é que nhá Candoca não deixava que ninguém o ajudasse (MARINS (*Os segredos de Taquara-Póca*) 1963, p. 9)

Quanto a Pintadinha, é filha de um colono e tem esse apelido por ter o rosto coberto de sardas como o de Tico. Por seus dotes femininos e esperteza, foi logo designada para ser a bibliotecária do clubinho:

uma bibliotecária, isto é, uma menina para organizar a nossa pequena biblioteca” [...] uma garotinha viva da colônia. Era tôda sardenta e pintada como o Tico [...] No começo, Chico Tibúrcio, que gostava de pôr apelido nos outros, começou a chamá-la pôr Pintadinha. Depois para facilidade — até de Pintinha. O apelido pegou. A pequena gostava do novo nome (MARINS (*O Coleira Preta*) 1963, p. 59; 64).

Como bibliotecária, Pintadinha surpreende, pois o fato de ser mulher não a impede de se destacar. A escolha de uma mulher para a tarefa traz para o diálogo com o texto de Marins a história, que identificou a presença feminina nas primeiras iniciativas de criação de uma biblioteca infantil brasileira, como Alexina

de Magalhães Pinto que, em 1917, publicou um “Esboço Provisório de uma Biblioteca Infantil”, e que, segundo Coelho (1995) “é a primeira relação brasileira de livros recreativos divididos por faixa etária” (p. 29), e Cecília Meireles, que....

[...] um cômodo que estava fechado há tempo, agora bem arrumadinho, encontraram uma estante bem envernizada, com prateleiras cheias de livros [...] Que beleza! Ali estava um punhado de livros infantis muito bonitos. Com capas vistosas, ilustrações a cores. Livros interessantes, que lhes davam vontade de começarem a ler na mesma hora. Sobre viagens, aventuras, vida de grandes homens, histórias fantásticas [...] (MARINS (*Gafanhotos em Taquara-Póca*) 1963, p. 51-52)

Assim, a concepção do escritor parece acompanhar uma tradição segundo a qual a criança leitora precisa de um herói, como um exemplo de conduta humana. Durante os processos de formação da personalidade e adaptação social, o herói contribuiria para que a criança se sentisse capaz de ir além de suas possibilidades humanas, uma vez que lhe asseguraria, por intermédio do imaginário, a auto-realização, como no jogo de faz-de-conta.

Marins parece investir na formação do adulto exemplar ao construir seus heróis-mirins também exemplares e poderosos: realizam *mais e melhor* do que os adultos. Essa tendência parece ser nítida na época, em uma sociedade governada por uma ideologia totalitária e patriarcal.

Esse fato remete o leitor novamente a *Saudade* (1919), de Thales de Andrade, no qual o contexto social é salientado com todos os ideais patriarcais da época, em que se idealiza a vida rural, sobressaindo-se uma crítica velada à política agrícola do período e uma preocupação com os incrementos da agricultura. Tanto a história contida em *Saudade*, quanto as quatro narrativas de *Aventuras em Taquara-Póca* parecem ter como objetivo o despertar das crianças

para as questões relativas ao impasse: o meio rural e a lavoura *versus* a industrialização, apontando para uma interpretação romântica da realidade: “felicidade natural *versus* artificialismo urbano” (COELHO, 1995, p. 50-2). A intertextualidade revela-se aqui como uma prática de absorção (e, obviamente, de transformação), cruzando-se a voz do escritor-autor com a do contexto cultural que lhe é contemporâneo ou anterior.

Há, ainda, as personagens alegóricas da segunda parte de *Nas terras do Rei Café*, como o Rei Café, as Brocas, as Ugandas, que correspondem ao mundo imaginário, de sonhos e devaneios de Dudu, funcionando como a fórmula mágica que aguça a fantasia do leitor.

Em *Os segredos de Taquara-Póca*, as personagens do mundo fantástico são representadas pelos elementos do folclore indígena brasileiro: o Curupira que, durante quase toda a história, transforma-se em narrador, salientando problemas relacionados à destruição da natureza pelo homem e descrevendo as belezas naturais, não apenas da mata do sítio, mas das matas brasileiras. A mata do sítio é apenas um ponto de referência para o discurso panfletário dessa personagem; e o Anhangá, que serve de mediador entre o Curupira e os meninos e os animais rebeldes da floresta.

O processo de antropomorfização dos animais da mata passa a fazer parte das narrativas a partir, de *Os segredos de Taquara-Póca* e remete o leitor para um outro sítio: *O sítio do Pica-pau-amarelo*, de Monteiro Lobato, onde os animais são falantes e envolvem-se com as demais personagens. No caso do sítio Taquara-Póca, esse envolvimento apresenta-se em tramas carregadas de ensinamentos,

aventuras e atitudes que culminam com o triunfo do bem sobre o mal. Aliás, não só os animais selvagens, mas também o rol de animais domésticos, como, por exemplo, o burro e o porco, lembram a obra de Lobato.

Para Bettelheim (1984, p. 217), “a única finalidade para a existência desses animais, no que se refere a essas histórias, consiste em ensinar uma lição às crianças ou diverti-las por meio de puras tolices”. Esse recurso sugere, portanto, uma estratégia do escritor para a aproximação com o público infantil e juvenil, se considerado o fato de as crianças possuírem uma certa intimidade com os animais e se identificarem com eles. Há de se observar, que, entre os adultos, os animais também despertam uma certa reação de simpatia, como, por exemplo, nos mitos e fábulas.

Segundo Salem (1978), a presença de animais antropomorfizados em textos escritos especialmente para o público infantil parece não exigir do escritor grandes talentos estilísticos e literários, pois supõe a observação e compreensão das relações fantásticas e/ou mágicas entre animais e seres humanos e, no caso específico desse tipo de textos, entre os animais e as crianças (SALEM, 1978, p 77; 85). Daí, advém, segundo Salem, o sucesso das histórias nas quais se fazem presentes tais animais, mesmo que essas histórias não apresentem grandes atributos literários.

Held (1980, p. 106) salienta que, “frente ao mundo adulto que normatiza, onde todos se erigem em juiz, a criança encontra, no conto de animais, refúgio, desforra, pausa recreativa e compensadora que permitirá melhor enfrentar esse universo de regras”. Considerando o período da primeira publicação das histórias

que compõem *Aventuras em Taquara-Póca*, a concepção de literatura infantil que circulava e os aspectos sociais e políticos de um período pós guerra, onde censura e grito de liberdade coexistiam, a leitura que se pode fazer talvez seja a de que: dados os diferentes aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos, o escritor terá optado por um recurso já utilizado na tradição literária desde a antiguidade, para não apenas exprimir a contrafação do mundo adulto e suas imposições, mas também para manifestar o desejo de restrições à autonomia, à organização e subversão à ordem, vigente no país naquele momento histórico, político e social. Aliás, há de se lembrar o público a que se destinam os textos de literatura infantil e juvenil analisados e o ambiente de circulação previsto: a escola.

Observa-se, ainda, que, em *Nas terras do Rei Cefé*, a poderosa “majestade” é o Rei Café; em *Os segredos de Taquara-Póca* as “majestades” são as árvores centenárias, como, o cedro, a copaíba e o “Rei dos Reis” (p. 64): o jequitibá. Em *O Coleira Preta*, o macaco é apresentado como um verdadeiro rei entre seus pares, dividindo forças com a Pintada, a rainha da mata; em *Gafanhotos em Taquara-Póca*, o tratamento majestoso fica para Justino, o professor: somente ele poderá ajudar as crianças a evitar a destruição da lavoura pela nuvem de gafanhotos.

Salienta-se que, no decorrer das histórias, as “majestades” que se situam do lado do bem ou que representam um bem social e econômico ou um bem da natureza permanecem, ao final da história, como “majestades”. Aqueles que se situam do lado do mal e/ou passam a representar o mal deixam de merecer esse tratamento. Assim, o Rei Café e as árvores — o cedro, a copaíba e o jequitibá —

bem como o professor Justino continuam seu reinado, enquanto o Coleira Preta e a Pintada são pegos e castigados.

O espaço

A primeira narrativa — *Nas terras do Rei Café* — inicia-se no espaço urbano com a partida de Dudu para o sítio, espaço rural onde se desenvolve a trama das quatro narrativas. Considerando que o escritor busca uma seqüência nas narrativas posteriores, pode-se observar que, o mundo rural apresentado nas quatro histórias, embora tenha seus encantos, não se restringe a ser somente um lugar paradisíaco, imerso numa calma de contos de fadas, apenas perpassado pela brisa de algum drama que possa vir a ser resolvido por uma “mágica” ou poder sobre-humano.

Em outras palavras: embora pareça haver a intenção de apresentar o mundo rural como um lugar paradisíaco por meio de explícita busca de valorização desse mundo, variando apenas a ambientação — no engenho velho, no cafezal, na mata e/ou floresta, e em maior parte na sede do sítio, na casa grande e na casa do nhô Lixandre, na escola e sede do clubinho, na vila e na fazenda de Zé Pedro —, o espaço rural em decadência, a preservação da natureza e a luta do homem do campo contra os fenômenos naturais são o foco das histórias, pois a falência do sítio e os conhecimentos arcaicos do homem sobre os implementos agrícolas se constituem no conflito que gera as ações das personagens-mirins em *Aventuras em Taquara-Póca*:

O Brasil é um país agrícola. Todos deveriam conhecer bem o nosso interior. É da terra que saem quase tôdas as coisas de que nós, na cidade, precisamos para viver [...]. Ali estavam as peças do antigo engenho de açúcar, com suas moendas, que serviam, em outros tempos, para moer a cana tirando-lhes o caldo [...] Logo pela manhã, saíram para um passeio ao cafezal. Dudu foi montado num cavalo baio, muito manso. Tici-Tico e Tião, no Maracujá. Atrás, também a cavalo, vinham o sr. Pacheco e o tio Juca [...] a noite, os três foram dormir num quarto dos fundos da casa [...] Dudu ficou só e começou a andar pelo corredor, em direção da sala grande [...] era o tio Juca que falava do outro quarto [...] Nhô Lixandre demorou para abrir a porta da frente [...] O que é nhô Lixandre? [...] O senhor também foi escravo? [...] Não hoje não adianta mais, vamos voltar [...] (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p.12; 96).

Depois de alguns minutos notaram que já estavam no meio do mato. As árvores tinham troncos grossos e a ramagem espessa quase não deixava passar a luz. Parecia que a noite ia descendo sobre eles [...] (MARINS (*Os segredos de Taquara-Póca*) 1963, p. 34).

[...] Como era gostoso atravessar o campo àquela hora, ouvindo a cantiga do carro de bois e a estridulação das cigarras! Ao longe aparecia a casa do Vovô e a colônia [...] As casas baixinhas pintadas de branco, vistas do alto da encosta, por onde eles iam descendo, davam à vila a forma de um presépio, trepado no morro (MARINS (*O Coleira Preta*) 1963, p. 14; 27).

[...] O governo também precisa ajudar. Nós, aqui no Brasil, ainda não temos muita prática para lutar contra os gafanhotos ... Poucos têm aparelhos e prática para combater os insetos[...] Explicou, ainda, aos pequenos, que as saúvas causam grandes estragos às plantas e, se não forem combatidas, aumentam de modo assustador. Em algumas regiões do país são tantos os formigueiros que ninguém consegue fazer plantação ... — Eu vi lá na cidade uma tabuleta onde estava escrito: “Ou o Brasil mata a saúva ou a saúva mata o Brasil” (MARINS (*Gafanhotos em Taquara-Póca*) 1963, p.23;35)

Fato interessante é que, o espaço rural, continua sendo o foco, mesmo quando se transpõe o mundo real para o fantástico: por meio do sonho de Dudu, em *Nas terras do Rei Café*; por meio do sonho dos três garotos, em *Os segredos de Taquara-Póca*; por meio do sonho de Dudu, em *O Coleira Preta*, e por meio do sonho de Tiãozinho em *Gafanhotos em Taquara-Póca*. Ocorre, todavia, uma inversão, em especial em *Nas terras do Rei Café*: no imaginário, o espaço rural

não está em decadência, mas em pleno auge e esplendor, organizado de forma a evitar qualquer problema que lhe pudesse afetar o brilho e a riqueza e levá-lo à decadência do espaço do mundo real:

Em frente ao portão de entrada dois guardas muito bem vestidos cruzaram suas lanças, impedindo a entrada da multidão...Em um dos cantos, estavam guardas mal-encarados que olharam para êles e cochicharam ... — São espíões das *Brocas!* — Ou da *Geada!* — Precisamos liquidá-los! (MARINS (*Nas Terras do Rei Café*) 1963, p.57).

A descrição do Rei Café é carregada de elementos e recursos expressivos que não só o assemelham ao grão do café maduro, como também reforçam o momento áureo do café no Brasil. Há, portanto, por intermédio do sonho de Dudu, uma retrospectiva aos “anos dourados” da cultura cafeeira em nosso país:

um homem enorme, que trazia aos ombros um manto muito bonito, de côr verde bem viva, no qual brilhavam rubis côr de sangue, Na cabeça, trazia uma coroa amarela reluzente [...] (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p.57).

A descrição luxuosa do local também contribui para realçar o ambiente de riqueza:

[...] Ao fim do corredor, saíram numa sala muito bem iluminada, tôda cheia de tapêtes de côres vivas e paredes pintadas [...] dos lados enxergavam palacetes, com enormes escadarias de mármore escuro [...] (MARINS, 1963, *Nas terras do Rei Café*, p. 57; 61).

No espaço fantástico, onde vive o Rei Café, também há vizinhos, mas eles convivem em “perfeita harmonia. Nenhum intervém no domínio do outro e todos procuram auxiliar-se quando é preciso” (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p.61), como fora, um dia, o convívio dos vizinhos de Vovô, conforme narrou Nhô

Chico Tibúrcio. Observa-se que o narrador não se compromete com essas informações, tanto que delega a competência de narrar a Chico Tibúrcio. Esse fato repete-se nas narrativas posteriores, nas quais não só nhô Chico Tibúrcio, nhô Lixandre e o Curupira assumem o papel de narrador, mas também o professor Justino que traz para o texto, em *Gafanhotos em Taquara-Póca*, informações de caráter científico e/ou de viagens pelo Brasil, como recurso argumentativo na construção da trama narrativa.

Já em *Os segredos de Taquara-Póca*, na descrição do espaço imaginário do sonho, o mundo rural perfeito, com suas árvores frondosas, sofre com a interferência dos fenômenos naturais e humanos. É durante o sono que os três ouvem o Curupira narrar sobre os reis das florestas brasileiras e do mundo. Enumera-se a grandeza das árvores, apresentando-as pelos nomes e salientando suas características. Mas salienta-se, também, a destruição:

Existiu uma árvore na Ilha de Tenerife, que atingiu mais de cinco mil anos [...] Sobreviveu a tôda a história da humanidade . Viu homens construírem cidades. Viu também civilizações desaparecerem. Continuava de pé, com seu tronco gigante, que só podia ser abraçado por dez homens, dando-se as mãos uns aos outros [...]. Um furacão a destruiu, há pouco tempo [...] Quando o fogo passa por aqui destrói tudo. Coitada da minha floresta! Não vai ficar uma árvore em pé. Nenhum ninho! Nenhuma flor! Nada! Tudo vai virar cinza e carvão! [...] o Monstro [o trem = o progresso] é horrível. Devora também minha floresta, mas lentamente. Todos os dias um pouco. Vai fazendo um deserto, do mesmo modo que o fogo [...] —Não tem lugar certo, mas todos os dias dá um passeio por êstes lados, soltando grandes uivos que estremecem a mata e assustam os animais. É uma desgraça! (MARINS (*Os segredos de Taquara-Póca*) 1963, p. 40; 62)

Dando continuidade a essa tendência de denúncia da interferência do homem na natureza, em *O Coleira Preta* o espaço do sonho de Dudu aponta os

problemas causados ao ambiente pelas queimadas e pelas caçadas aos animais. Salienta-se, como consequência das queimadas, a migração dos animais da floresta para o espaço do homem — a roça e a sede do sítio — à procura de alimentos, uma vez que foram atingidos em seu habitat, como se observa na conversa entre os meninos e o Curupira:

— Você está triste porque a floresta se queimou, não é? [...] os bichos também devem estar zangados. Cada dia vão ficando com menos lugar para se esconder.

— É isso mesmo ! A bicharada está em desespero . A floresta vai desaparecendo. Chico Tiburcio matou muitos bichos. Depois veio o fofo [...] (MARINS (*O Coleira Preta*) 1963, p. 43).

O sonho de Tiãozinho, em *Gafanhotos em Taquara-Póca*, denuncia a falta de instrumentos agrícolas apropriados e o despreparo do lavrador para o combater as pragas que atacam a lavoura, como os gafanhotos:

O menino olhou, então, para cima, e viu uma nuvem de gafanhotos que passava sôbre o sítio a pouca altura ... Não se conteve mais. Saiu gritando pelo terreiro a chamar o pessoal. Felizmente, todos já estavam no curral da Boa Vista, mas pareciam sem coragem de combater os gafanhotos. A surpresa deixava a todos parados no lugar.

Ao mesmo tempo, muitos dos insetos iam descendo sôbre o campo, sôbre o pomar e, mais para a frente, na roça e na mata [...] Ninguém sabia o que fazer [...] — Vamos pegar as tochas de fogo, as enxadas, as pás, para matar esses bichos! [...] Era impossível lutar contra tantos insetos [...] ao chegar ao fim da capoeira, olhou para a baixada e quase não reconheceu o antigo jogar. Tudo estava limpinho! Nem uma folha verde. Parecia que o fogo havia passado por ali. Os gafanhotos acabaram com tudo [...] (MARINS (*Gafanhotos em Taquara-Póca*) 1963, p. 49-50)

Há, nas histórias de *Aventuras em Taquara Poça*, quatro tipos de espaço: o espaço real/social, o fantástico, o de referência e o onírico. É no espaço onírico que as personagens-mirins ouvem os ensinamentos sobre o espaço rural e fazem referências ao espaço urbano, bem como permitem que seus medos, angústias,

ansiedades e imaginação se mostrem e contribuam na construção de argumentos, ações e atitudes que, ao mesmo tempo em que constituem a trama narrativa e o conflito principal das histórias, encaminham para a solução desse conflito.

Assim, pode-se constatar que o espaço articula-se às demais categorias da narrativa: há o espaço social, vinculado à crise econômica da cafeicultura e à política agrícola do país; os espaços físicos, marcados pela oposição urbano/rural, apontando para a tensão causada pelo período de industrialização do país; os espaços de referência, remetendo o leitor geralmente a fatos e períodos da história do Brasil, e os espaços oníricos, o lugar da revelação, as paisagens do desejo.

Encontram-se, portanto, nas vozes dos diferentes narrador e das personagens, conceitos filosóficos, antropológicos, sociais, religiosos, educacionais característicos da época em que se desenvolvem o tempo da narrativa e da época em que se produz/conta a narrativa, que representam a atmosfera psicológica vivida pelas personagens, seja por contraste, seja por similaridade.

Tomando como referencial o espaço em *Aventuras em Taquara-Póca*, e as relações que ele estabelece com os demais elementos da narrativa, pode-se inferir que as quatro narrativas, como já se observou nessa tese, representam um período de transição da literatura infantil e juvenil brasileira, pois, conforme salientam Zilberman e Lajolo (1986):

As segmentações da cultura brasileira, até o final dos anos 50, são importantes para a compreensão dos caminhos percorridos pela literatura infantil coletânea, que se repartiu: manteve algum vínculo com o nacionalismo anterior, pois o modelo educativo continuava a vigorar na escola, ainda sua principal aliada; mas tentou contornar os perigos da

vulgarização ou da associação ao popular, indesejável porque resíduo do atraso a ser esquecido.

É paradoxal que, fazendo a profissão de fé da camada dominante e desejando-se porta-voz dos anseios de qualidade, os autores não fogem a um lugar-comum: a representação do mundo rural, localizando as ações narradas sobretudo em sítios do Vale do Paraíba, região outrora destinada à cultura há muito decadente do café. (ZILBERMAN E LAJOLO, 1986, p.126)

Ainda segundo Zilberman e Lajolo (1986),

A nova conotação do espaço sugere seu relacionamento com a cultura da época. Não pode mais representar o Brasil, que é agora urbano e se deseja progressista. Mas não deixa de estabelecer vínculos com a tradição, sobretudo quando esta é encarada pelos grupos que, formados durante o apogeu da economia rural, mantinham alguma hegemonia política e constituíam os antepassados da classe que dominava a vida cultural. As crianças que vêm da cidade para o campo voltam para suas raízes, ao mesmo tempo regenerando-as e insuflando-lhes a vitalidade de que vinham carecendo. (p. 127)

Em *Aventuras em Taquara-Póca*, a personagem-mirim urbana, Dudu, desconhece o espaço rural. Encanta-se com as belezas naturais e vive grandes aventuras no espaço em que outrora viveu seu pai. Dudu não retorna à cidade; permanece no meio rural, que, agora, pode oferecer os conhecimentos sistematizados pela escola sem que ele perca a oportunidade dos prazeres provocados pelo contato com a exuberante natureza, contrariando, em parte, as observações de Zilberman e Lajolo (1986):

Comparando o espaço representado nesta e na literatura infantil da fase anterior, consta-se que ele não mudou, mas adquiriu novo significado. Deixou de ter sentido simbólico de projeção de uma imagem do Brasil (de progresso, para Monteiro Lobato; de primitividade, para Viriato Corrêa), para se converter em cenário de ação. Seus frequentadores não se identificam com ele, pois o visitam em épocas especiais: normalmente os heróis vivem e estudam na cidade; o deslocamento para o campo é temporário, e o espaço rural passa a se confundir com lugar de lazer. (p. 127)

Realmente, na primeira narrativa, *Nas terras do Rei Café*, Dudu não se identifica com o espaço rural e, durante toda a narrativa, Tiãozinho, Tico, Chico Tibúrcio, nhô Lixandre, tio Juca e o Vovô apresentam-lhe esse espaço. No entanto, nas narrativas seguintes, Dudu vai-se familiarizando com esse novo espaço, passando a identificar-se com ele, uma vez que o garoto não quer voltar para o espaço urbano e o narrador procura resolver esse impasse trazendo para o sítio o que prende Dudu à cidade: a escola.

Por outro lado, talvez a permanência de Dudu no meio rural se justifique pelo fato de os livros de Francisco Marins terem sido publicados em séries e as personagens transitarem de um livro para outro. Considerando esse aspecto, se Dudu retorna à cidade bloqueia-se a continuidade das aventuras vivenciadas pelo trio no Sítio Taquara-Póca, prejudicando, desse modo, a seqüência narrativa proposta nas quatro histórias que compõem a série Taquara-Póca.

O tempo

Em *Aventuras em Taquara-Póca*, o tempo da narrativa parece ser trabalhado com o objetivo de facilitar a leitura e a compreensão do conteúdo narrado, pois a organização temporal dos fatos e ações das personagens obedecem a uma certa linearidade. As indicações que conferem a narrativa essa linearidade temporal são marcadas pelas expressões: “amanhã”, “no dia seguinte, bem cedinho”, “daqui a três horas”, “mais uma hora puxada”, “amanhã cedo”, “boa tarde”, “foram para casa jantar”, “à noite”, “manhã no sítio”, “hora do almoço”,

“hora do jantar”, “hora de dormir”, “o almoço está esfriando”, “somente à tarde”, “noite tão preta”, “logo pela manhã”, “hora de voltar pra casa”, “bom dia”, “a tarde os três foram para o pomar”, “chegaram ao terreiro”, hoje é sexta-feira”, “chegaram ao engenho velho”, “as horas correram lentas”, “o relógio da sala bateu onze horas”, “já está quase na hora”, “ao anoitecer”, “a tropa partiu”, “até amanhã”, “o sol está entrando pela janela”, “três horas mais tarde” e “aquela noite”, assinalando a seqüência cronológica de apresentação dos fatos, que vão tecendo a narrativa das quatro histórias.

Desse modo, pode-se inferir que as ações ocorrem em um período curto de tempo, talvez pouco mais de uma semana. Em síntese: o tempo das aventuras é cronológico, acompanhando a ordem natural, linear, dos acontecimentos narrados. Não há complexidade no encadeamento das ações, podendo ser mensurado em horas e dias, por meio da alternância dos dias e noites.

Há, entretanto, alguns momentos em que o tempo da memória se faz presente, por meio das lembranças das personagens mais velhas que assumem o papel de narradoras, produzindo-se as analepses internas que, segundo Genette

têm a função de completar, esclarecer o leitor sobre este ou aquele antecedente [...] servem para recuperar a totalidade do antecedente narrativo, constituem, geralmente, uma parte importante da narrativa, às vezes, até mesmo o seu essencial, tornando a narrativa primeira figura de desfecho antecipado. (GENETTE, sd., p 61)

Parece ser o que acontece: na segunda parte da narrativa de *Nas terras do Rei Café*, onde o narrador antropomorfiza o café, transformando-o em um rei, que, como tal, narra a história dos tempos dourados dessa cultura e sua decadência; nas histórias de nhô Lixandre a respeito dos escravos, dos sofrimentos desse povo e

do tesouro por eles enterrado; no discurso do Curupira sobre a fauna e a flora, em *Os segredos de Taquara-Póca* e em *O Coleira Preta*; na fala de Chico Tibúrcio, nas quatro narrativas; e, no discurso do professor Justino, em especial em *Gafanhotos em Taquara-Póca*, onde Justino rememora suas viagens pelo Brasil, narrando episódios como o da invasão das formigas.

Observa-se, ainda, que o tempo da memória ocorre nas narrativas paralelas que se vão incorporando à principal e, na maioria das vezes, é apresentado rapidamente, talvez em horas, introduzidas e desenvolvidas, geralmente, em uma ou duas páginas — a história de Chico Tibúrcio sobre o veneno para cobras, em *Nas terras do Rei Café*; “Histórias de nhô Lixandre”, em *Os segredos de Taquara-Póca* e “Na escolinha”, em *O Coleira Preta* — ou percorrem todo o capítulo ou parte da narrativa, como, por exemplo: o sonho de Dudu, no qual o Rei Café narra a história das origens do café e da cultura desse grão no Brasil, em *Nas terras do Rei Café*; o discurso do Curupira em *Os segredos de Taquara-Póca* e em *O Coleira Preta*; e discurso do professor sobre as formigas guerreiras que atacaram uma vila às margens do Rio Xingu, em Mato Grosso, em *Gafanhotos em Taquara-Póca*.

Esse recurso não prejudica, no entanto, a linearidade temporal das narrativas principais, pois se organiza por meio de uma linguagem objetiva, que confere ao texto uma dinamicidade e rapidez que o leitor acompanha sem dificuldades.

O foco narrativo



Elemento determinante na elaboração da matéria literária, o foco narrativo corresponde ao ponto privilegiado, por meio do qual flui a narração. Em *Aventuras em Taquara-Póca* temos um narrador em terceira pessoa, às vezes adotando um ponto de vista externo, fingindo-se neutro.

O narrador vê os acontecimentos, os objetos e as personagens como pertencentes ao passado. Sua narrativa é marcada pela visão de quem já conhece de antemão a história, é um “eu” que tudo segue, tudo sabe e tudo comenta e analisa, que tem a liberdade de narrar à vontade colocando-se “por trás” (para empregar o rótulo e o conceito de Jean Pouillon (1974)) um ponto de vista todo-poderoso, além dos limites do tempo e do espaço

Tião também falara em tom de brincadeira, porque em primeiro lugar era muito amigo do Tico e depois sabia que êle era um peralta terrível [...] Dudu até fez “bigode” com a espuma, ao beber [...] Ali estavam as peças do antigo engenho de açúcar, com suas moendas, que serviam, em outros tempos, para moer a cana, tirando-lhe o caldo. Mais adiante as gamelas, as bicas, os tachos... Tudo agora já inutilizado pelo tempo [...] Só então os três se lembraram de que ainda não haviam comido os bolinhos que a mamãe do Tico havia preparado para o passeio. E deviam estar tão gostosos! Também com aquele desastre da cobra!... (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p. 18/ 31).

A voz narrativa pode tecer comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, utilizando como meio de informação predominante as palavras, pensamentos e percepções das personagens. Por meio do uso do discurso direto, o narrador transfere para as personagens a responsabilidade pela narração de fatos históricos, criando, desse modo, maior “impressão de verdade”. Introduz-

se, assim, o que, Genette (sd.) denomina de “narrativas de encaixe”, nas quais algumas personagens assumem o papel de narradores.

Tal fato ocorre, particularmente, nos momentos em que Nhô Chico Tibúrcio, por exemplo, assume o papel de narrador, em *Nas terras do Rei Café*, contando a história do engenho de açúcar; a narração ocupa seis páginas do livro, divididas em dois pequenos capítulos (MARINS (*Nas terras do Rei Café*), 1963,p.24; 30).

A mesma personagem é quem narra pela primeira vez a lenda da “flor roxa do samambaial” (MARINS (*Nas Terras do Rei Café*) 1963, p.31) e descobre a que “norte” se referia Nhô Bento, ao contar o segredo do tesouro para Nhô Lixandre (MARINS (*Nas Terras do Rei Café*) 1963, p.100). As referências aos cuidados tomados por Vovô em relação às mordidas de cobras também ficam sob a responsabilidade de Nhô Chico Tibúrcio, que elogia a iniciativa do patrão em enviar as cobras capturadas para o Instituto Butantã em São Paulo (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p.30).

O narrador narra em terceira pessoa, mas é um eu interno à narrativa que vive os acontecimentos ali descritos/narrados. O autor-narrador apela para o testemunho dessa personagem, pois quer garantir o estatuto de verdade ou fazer que o objeto da narração pareça verdade.

O escritor Marins posta-se como historiador: vai às “fontes”, aos testemunhos e integra-os ao seu discurso, manipulando o tempo: o relato no presente, os *flash-back*, a narrativa em ziguezague (retrocede ao passado das personagens); misturam-se o passado do relato e o presente do discurso, criando

uma espécie de tempo mítico. O discurso da história surge como a lição de um preceptor.

Nhô Lixandre narra a história de seus antepassados, os negros escravos, e da escravidão no Brasil. Fala sobre os castigos e as maldades dos senhores de escravos, excetuando o Vovô, que sempre fora muito bom. Conta a lenda da “flor roxa do samambaial” e a descoberta casual do ouro, por Nhô Bento, que passou a garimpá-lo, juntando um verdadeiro tesouro com a finalidade de comprar a liberdade dos negros. Descoberto pelo capataz, Nhô Bento contou sobre o ouro, mas havia escondido grande parte dele em um buraco perto da figueira. O tesouro poderia estar ainda enterrado e salvar o sítio do Vovô das garras de Zé Pedro. Renascem as esperanças dos meninos e de nhô Lixandre e nhô Chico Tibúrcio em salvar o sítio (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p. 89; 95)

Os tempos do apogeu do café são apresentados pelas personagens alegóricas: o Rei Café, as Uganás e as Brocas, antropomorfizadas, pertencentes ao mundo fantástico, maravilhoso e inverossímil do sonho de Dudu. No entanto, embora a história do café e sua importância para a economia brasileira sejam narradas essencialmente por essas personagens alegóricas durante toda a narrativa, o auge e a decadência do café são rememorados pelos adultos e narrados às crianças.

O choque de culturas entre o espaço urbano e o rural, já apontado, é representado pelo carro de boi e o trem da Estrada de Ferro Sorocabana. O Sr. Pacheco, tio Juca, Vovô, Nhô Chico Tibúrcio e Nhô Lixandre narram cada qual uma parte da história desses dois meios de transporte, salientando a importância

de ambos para o meio rural e, em especial, para o escoamento da produção cafeeira.

As reflexões ata aqui expostas levaram-me a retomar alguns aspectos das narrativas que compõe *Aventuras em Taquara-Póca*, com o objetivo de buscar uma maior compreensão do papel exercido pelos narradores nessas narrativas. Dividindo-se em três partes, *Nas terras do Rei Café* apresenta, na primeira parte: os personagens urbanos e rurais; a mudança de Dudu do espaço urbano para o rural, gerador do conflito e lugar onde se desenrolarão as ações das personagens; o choque entre a cultura urbana e a rural (o homem urbano dotado de conhecimentos adquiridos em ambiente escolar *versus* o homem do campo dotado de conhecimentos práticos da “lida” cotidiana na lavoura do café), entrelaçando-se com a rapidez do progresso urbano da época, representado pelo trem e estrada de ferro, contrapondo-se à lentidão do campo, retratada pelo carro de bois e o cavalo, únicos meios de transportes do mundo rural da época, além do ritmo da linguagem, “aquele modo demorado de conversar”. (p.14)

A primeira parte da narrativa tem, portanto, a função de apresentar: as personagens; o novo espaço e cenário de futuras aventuras; os perigos do campo; o ambiente familiar e rural com sua população típica; o burrinho Maracujá e o cachorro Micuim; e referências históricas ao Brasil rural, com o velho engenho de açúcar, sintetizando uma situação de estabilidade inicial que, gradativamente, vai-se alterando e anunciando a instabilidade e o estabelecimento do conflito. Isso ocorre por meio do discurso do narrador sobre as personagens, e estas vão tecendo comentários, entremeados nos diálogos, sugerindo pistas não apenas do conflito

(conforme aponta a primeira citação a seguir), mas de como se construirá a narrativa dos fatos vivenciados pelas crianças em busca de soluções para os problemas do sítio (conforme apontam a segunda e terceira citações a seguir):

— Naquele tempo, o açúcar era muito difícil. Não havia trem de ferro passando pelo sertão. As mercadorias vinham das cidades transportadas por tropas de burros. Isso levava muito tempo. Seu avô fabricava o açúcar. O que sobrava do gasto ele cedia aos vizinhos, em troca de outras coisas de que precisava. Naquele tempo, os vizinhos eram mais amigos uns dos outros e procuravam se auxiliar nas necessidades (MARINS, 1963, *Nas terras do Rei Café*, p. 26)

— Os homens daqui do sítio falam que no samambaial nasce uma flor roxa, muito bonita, tôda Sexta-feira `meia noite. É difícil pegar essa flor, mas quem conseguir fica livre de picada de cobra para o resto da vida. Outros dizem que ela faz os homens virarem valentões, pois podem brigar à vontade, que nem chumbo, nem faca pega mais nêles. Todos os caboclos que desejam ficar valentes andam procurando essa flor (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p.31)

[...] quando o tio Juca veio perguntar se Chico passava melhor e ao mesmo tempo chamar os pequenos para o jantar.

— Amanhã você vai conhecer o rei [...]

Dudu já andava implicado com aquela história de *rei* e, à mesa, pediu baixinho ao Tião que a explicasse logo.

[...] — É ao café, que papai chama de rei. Diz que ele é também o rei do Brasil (MARINS (*Nas terras do Rei Café*) 1963, p.33).

Assim, para primeira citação, o narrador, valendo-se da fala de Chico Tibúrcio, sugere que os tempos agora são outros, que existem problemas sérios e que os vizinhos não têm mais o mesmo comportamento, anunciando, desse modo, a falência do sítio e o comportamento do vizinho, o antagonista Zé Pedro. Na segunda citação, observa-se o adiantamento da primeira tentativa de solução para o enfrentamento do vilão, pelas crianças, ao se narrar a lenda da flor roxa do samambaial. Na terceira citação, o narrador sugere o encontro dos dois mundos, o

real e o fantástico, por meio do sonho de Dudu, que entrelaça realidade e fantasia, uma vez que, no mundo maravilhoso, transfiguram-se as personagens do mundo real, tem-se a antropomorfização dos seres inanimados e o café se torna rei que, como tal, detém conhecimentos específicos do seu reino. No entanto, esses conhecimentos advêm do mundo real, da história do café e sua cultura no Brasil, produzindo-se o diálogo entre os mundos, o ficcional e o da história.

Na segunda parte de *Nas terras do Rei Café*, a história se desenvolve no mundo do sonho de Dudu. O narrador novamente se vale dos diálogos das personagens humanas e das antropomorfizadas, com o objetivo de dar maior verossimilhança aos fatos que geram o conflito e contribuem para o agravamento da situação até alcançar o conflito central da narrativa: a perda do sítio do vovô para Zé Pedro, o credor. Esse mundo de sonho constrói-se por meio do fantástico e do maravilhoso, representado por “uns homens estranhos, muito grandes, vestidos com enormes capas verdes e com um chapéu em forma de cuia, bem vermelhinho” (MARINS, 1963, p.55), pela transfiguração por que passam as crianças e o Maracujá: “uma cabeça muito grande [...] o pescoço fininho [...] e o corpo pequenino” (MARINS, 1963, p.56) e a transformação do café em rei: “— Sua Majestade *Coffea Arabica*, Rei do Café” (MARINS, 1963, p.57), que assume o papel de narrador, oferecendo às crianças informações sobre a origem da cultura cafeeira, interrompidas, muitas vezes, por perguntas ou pequenos comentários das crianças, que estabelecem a ligação entre o mundo real (a situação decadente do sítio de café e a procura de solução) e o fantástico (a situação inusitada que as crianças vivenciam naquele momento).

Assim, a segunda parte tem a função de instaurar, definitivamente, o conflito na narrativa e anunciar a busca de solução pelas crianças, estruturada na terceira parte da narrativa, na qual as crianças saem à procura do tesouro enterrado pelos escravos, conforme informações de Nhô Lixandre, que também assume a voz narrativa, narrando fatos da história da escravidão no Brasil e sugerindo, desse modo, pistas mais aceitáveis para a época e para a situação econômica do sítio, conflito central da narrativa. Encontrado o tesouro, após seguirem às avessas o “mapa” descrito por Nhô Lixandre, a paz e a felicidade voltam a reinar no sítio Taquara-Póca, ficando o Vovô livre da dívida com o antagonista Zé Pedro.

A narrativa seguinte, *Os segredos de Taquara-Póca*, inicia-se no ponto em que termina a anterior: a situação de equilíbrio é retomada com a descoberta do tesouro. Assim como a história anterior, o ambiente é o sítio, mas agora com ênfase na mata e nos animais que a habitam. O espaço aqui é mais primitivo do que o do sítio e a voz narrativa reinante pertence ao mundo fantástico e/ou mítico, produzido pelo autor. A figura folclórica do Curupira assume o discurso panfletário em prol da preservação da natureza, salientando os perigos das queimadas e suas conseqüências, em especial à vegetação nativa e aos animais que dela necessitam para viver.

Como Chico Tibúrcio, Nhô Lixandre é um eu interno à narrativa e vive os fatos narrados, mas essa voz narrativa pertence a um universo diferente: o universo mítico que sugere, talvez, uma fuga da realidade social e política da época — o processo de industrialização do país em período pós guerra. Ceder a voz a uma personagem lendária pode significar um não comprometimento com as

palavras do outro, ou representar o receio de censura característico da época. Como já foi apontado anteriormente, *Os segredos de Taquara-Póca* parece ser uma narrativa “intermediária” que exerce a função de anunciar a narrativa posterior — *O Coleira Preta* —, onde a voz narrativa predominante também é a do Curupira. Em ambas, prevalece o apelo à coletividade, à união.

Há, ainda, nessas duas narrativas, a antropomorfização dos animais da floresta que reivindicam direitos, possuem o seu próprio estatuto, agem e pensam como os homens. Apresentam virtudes e vícios e assumem uma posição revolucionária. A leitura das atitudes e ações dessas personagens remete o leitor ao diálogo com o período histórico social brasileiro do final da década de 1940 e início de 1950, marcado pelo fim do Estado Novo (1945) — Getúlio Vargas é deposto e toma posse o General Eurico Gaspar Dutra — e, conseqüentemente, pelo golpe militar e “Redemocratização” do país, uma vez que a organização e a guerra dos animais — conflito principal de *O Coleira Preta* — analogicamente podem sugerir a tomada do poder pelos militares, em 1945, e a posse do General Eurico Gaspar Dutra, em 1946. Como se verá no próximo capítulo, esses fatos constituem o conflito principal de um outro livro de Marins, *O Sótão da múmia*, onde o escritor, já distanciado dos fatos, narra o comportamento e as atitudes dos estudantes e do povo no período em que Getúlio Vargas é deposto. Em *Os segredos de Taquara-Póca*, tudo isso é vivenciado no espaço fantástico, dentro do qual se cria um outro espaço, o onírico, mas sempre mediado pela voz narrativa do Curupira (afinal, a um ser imaginário torna-se mais difícil impor a censura,

embora o discurso apenas sugira uma crítica à conjectura política e social da época, mas sempre longe do espaço real/social.

Já em *Gafanhotos em taquara-Póca*, a voz narrativa do professor Justino procura estabelecer o equilíbrio entre o espaço social e o onírico de Tiãozinho, pois tanto neste como naquele espaço sente-se a presença de um discurso fortemente marcado pela tensão entre o espaço rural e o urbano, o que também remete a fatos históricos ocorridos na década de 1950 no Brasil, assinalado pelo êxodo rural, com a chegada de novas indústrias ao país. Assim, a voz narrativa de Justino relembra um outro período e um outro espaço, ao mesmo tempo em que se une ao sonho de Tiãozinho, para infundir, sutilmente, uma crítica à política agrícola do país e, em especial, daquela região onde se localiza o sítio, que, conforme sugere o texto, continua atrasada como nas regiões mais distantes do Brasil.



CAPÍTULO 5***O sótão da múmia***

Publicado em 1998, pela Editora Saraiva, na coleção Jabuti e ilustrado por Sergio Palmiro, esse livro tem 86 páginas, com 13 ilustrações em preto e branco, e narra uma história que, embora transcorra em um curto espaço de tempo, refere-se ao período histórico que remete ao início da década de 1940 até agosto de 1954, com o histórico suicídio de Getúlio Vargas.

Na capa, em fundo rosa, predomina uma mistura de tons e imagens que definem o momento de conflito e tensão vivenciado pelos brasileiros e indicam o conteúdo da narrativa, apontando para a retomada do tom histórico e documental característico da produção desse escritor. Em primeiro plano, tem-se um índio, figura primitiva, que representa os primeiros habitantes do Brasil que, com sua sabedoria retiravam da natureza os remédios para seus males; tem-se também a natureza, elemento sempre presente na produção de Marins e que, na narrativa desse livro é apresentada não só como elemento belo e exuberante, mas necessário, sob o ponto de vista do escritor, para a sobrevivência humana, em especial, a urbanizada. Aparece, ainda na capa desse livro: um Jippe — o meio de transporte urbano que apresenta-se como elemento de substituição ao cavalo e ao burrinho Maracujá do meio rural —, o sobrado, sede das experiências científicas de Wladimir Gregory em busca da cura para a malária, do mistério que envolve o sótão e a múmia, do espaço rural “minimizado” e representado pela quantidade de plantas, pelos animais selvagens que o cientista cria, pelos pássaros que constantemente o visitam e pela presença de Embira, místico — cafuzo — que mora no sobrado.

Tem-se aí a representação dos conteúdos e temáticas já abordados por esse escritor em sua trajetória histórica: a formação do povo brasileiro, fatos da história do Brasil (nesse caso, Governo de Getúlio Vargas e a retomada da história das bandeiras) e o espaço rural contrapondo-se ao urbano, o qual predomina na história desse livro.

5.1 A história

O sótão da múmia narra as peripécias vividas por uma turma de amigos: a “Turma do Toniper” composta pelos jovens — Táuria (o líder), Libuno, Nica, Maurim e o professor Toniper, que, no período da Ditadura Vargas, envolvem-se com a polícia ditatorial para libertar os amigos, professor Toniper e o cientista Wladimir Gregory, acusados de serem comunistas.

A história se desenvolve em torno do mistério do sumiço dessas duas personagens e da busca de seus paradeiros, pelos membros da turma. Entremeadas à narrativa principal vão-se construindo outras narrativas — característica marcante na obra de Marins — que têm como objetivo narrar os fatos ocorridos durante o período da ditadura, como, por exemplo, o Manifesto Mineiros, de 1943, no qual os intelectuais reivindicavam “eleições livres” e liberdade de expressão, ocorrido em 1943: “A ‘juventude livre’ iria fazer protesto monstro contra o governo e divulgar o chamado “Manifesto dos Escritores”, documento importantíssimo, só comentado à boca pequena, em círculos restritos” (p. 46).



O capítulo intitulado “A passeata do silencio” remete ao ano de 1943, e ao mesmo manifesto, quando a União Nacional Estudantil — UNE —, de São Paulo, organizou uma passeata contra o governo de Getúlio Vargas, que foi dissolvida, violentamente pela polícia.

— Abaixo Getúlio! — ouviu-se um grito surgido do povo. Houve tumulto e confronto, e os policiais, empunhando cassetetes e distribuindo socos e pontapés, agrediam os manifestantes que tentavam defender o orador. Com a confusão, impossível mais alguém falar. A uma ordem de Toniper, os presentes colocaram lenços à boca e dali partiram, formando enorme cortejo rumo à Rua São Bento e ao Largo São Francisco.

Era o início de uma passeata silenciosa, pois os “amordaçados” queriam mostrar, com tal gesto, estarem impedidos de falar ou protestar contra a ditadura

Então, uma terrível surpresa. Quando frontearam a Faculdade de Direito, a cavalaria do delegado Coriano, ali postada, partiu sobre a turba, brandindo cassetetes, rifles e sabres longos [...] Nesse momento, Toniper, Maurin e Nica sentiram um cheiro forte de gás lacrimogêneo e, simultaneamente, ouviram o barulho de tiros: os soldados descarregavam armas de fogo sobre a multidão [...] Pessoas caíram feridas, enquanto outras deitavam-se para fugir das balas. Correria, pânico geral e rapidamente todo o Largo se esvaziou [...] (MARINS, 1998, p. 49; 51)

Há uma mistura de fatos verídicos e ficcionais; o narrador traz para a história fatos reais como a violência da ditadura e a expedição geológico-geográfica de Luiz Cruls, que, no século XIX determinou as coordenadas para situar a futura capital, do país, Brasília. Esses fatos constituem os argumentos essenciais na construção da narrativa, ao mesmo tempo que salientam a atitude de Embira, no ritual com a cabeça da múmia — na parte intitulada “Cerimônia no Galpão” —, apontando a mistura de credices do povo índio e dos negros e trazendo para o texto o universo fantástico.

Esse universo fantástico é retomado, mais adiante, no capítulo “Magia na noite de Luar”, quando o cientista relembra a história inusitada da filha do pajé de uma tribo, uma espécie de lenda indígena que envolve a magia e credices dos índios e encontra-se diretamente ligada à expedição realizada pelos bandeirantes para marca o local da futura capital do país, conforme narrado à página 41: “— É o professor Gregory participou, quando jovem, da Comissão Cruls e já conhecia a segunda parte das ‘Andanças’, no qual seus autores-aventureiros também indicavam o lugar apropriado para futura capital” .

Retoma, assim, a já narrada expedição de Langsdorff, patrocinada pelo Czar Alexandre I da Rússia, que percorreu os sertões do Brasil durante vários anos, com objetivos científicos, a qual já integrou a trama principal dos livros *Expedição aos Martírios*, *Volta à serra misteriosa* e *O bugre-de-chapéu-de-anta*, cujos conteúdos, por sua vez, são retomados em *O mistério dos morros dourados*, *A montanha de duas cabeças* e *Em busca do diamante perdido*.

[...] É incrível! Todo o material arrecado pelos viajantes da expedição Langsdorff, patrocinada pelo Czar Alexandre I, que havia sido empacotado e remetido para a Rússia, ficou esquecido no jardim botânico de Leningrado. (MARINS, 1998, p. 60)

O fato ficcional é que professor Wladimir Gregory, lendo o diário de Langsdorff, fica sabendo que um pajé cura doentes de malária, utilizando uma determinada planta. Esse fato é narrado no “Manuscrito Andanças”, de Tonico e Perova, em que Tonico conta as proezas do pajé na cura da malária, acrescentando que a pessoa curada pelo pajé era uma mulher que viveu até um parto mortal e

depois foi mumificada. O cientista, então, encontra, no sótão de sua casa, a múmia que fora trazida por seu tataravô, membro da expedição de Luiz Riedel, que realmente existiu e que segundo Marins foi fundador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (Revista *Kahunga*, Ano XXVIII, nº 90, jun. de 1998, p. 109-11). A partir da leitura do diário de Langsdorff e do “Manuscrito Andanças”, o professor Gregory procura descobrir a origem da planta utilizada pelo pajé, com o objetivo de desenvolver um remédio para a cura da malária. E é justamente a busca de informações, na Rússia, sobre essa planta e a possibilidade de existência de sementes para o cultivo e realização de experiências que geram toda a narrativa de *O sótão da múmia*.

Utilizando como pano de fundo a história da múmia, que dá à narrativa um ritmo de mistério e aventura, discute-se o período da Ditadura Vargas, O Estado Novo e seu contexto sócio-histórico, as perseguições políticas, a repressão e a falta de democracia/liberdade em nosso país.

Nesse contexto, a escola denominada sugestivamente de “O futuro já começou”, desempenha um papel importante no enredo, já que é nesse local que inicialmente os jovens, reunidos e “comandados” pelo professor Toniper, contrariando os programas educacionais vigentes à época, discutem informalmente vários temas.

Os dois mais [sic] Maurin e Nica muito apreciavam freqüentar as reuniões de Toniper na Escola, cujas diretrizes contrariavam os programas educacionais vigentes, julgados pelo seu Conselho Incentivador como ultrapassados. “Decálogo”, afixado em letras garrafais à entrada da escola, indicava os objetivos básicos e as normas a serem seguidas: Deus; O Ser Humano; A Natureza; O Governo; Direitos

Humanos e Cidadania; Educação e Cultura; A Língua Nacional: Ciência e Tecnologia: O Progresso e o Social; O Amor.

Como desdobramento, de forma independente e por processo didático julgado mais adequado por Toniper, vários temas eram apresentados aos jovens e discutidos em reuniões absolutamente informais: “Educar para não desaparecer!”, “O homem que lê vale mais!”, “Sem lideranças somos cegos!”, “Política, não politicagem!”, “História contemporânea: erros e desacertos”, “Jovens frouxos — velhos capengas!”, “Salvemos a natureza para sobrevivermos!” (MARINS, 1998, p. 8-9)

A escola assim caracterizada pelo narrador configura-se como instrumento capaz de transformar a realidade social e combater o conformismo nacional, buscando convencer a sociedade de que qualquer regime antidemocrático, como a ditadura da época, causa enormes danos à juventude e à sociedade.

A escola deseja, a seu modo e até de forma extravagante e inusitada, apontar erros, combater o conformismo nacional, encarar o futuro, convencida de que o regime ditatorial causava enormes danos à juventude e à sociedade, mas que ainda havia tempo para renascer das cinzas. (MARINS, 1998, p. 9)

Por outro lado, o narrador também caracteriza a escola como repressora das ideais democráticos, já que há a figura de um bedel, representante do Estado, que espiona as personagens, tentando controlar as ações dos cidadãos através da escola. Para solucionar essa interferência as reuniões dos jovens são transferidas para um local isolado, onde podem “tramar contra o governo” (p. 9) à vontade, retratando o período de transição vivenciado pela sociedade da época.

Desse modo, a narrativa parece sugerir que os jovens, através da educação, da escola, da consciência política, podem modificar sua realidade social.

A concepção do autor sobre o papel e a função da educação e da escola parece passar por um processo de reestruturação em relação ao livro anterior —

Aventuras em Taquara-Póca —, pois a concepção que agora se faz presente, volta-se para a formação do cidadão, do aluno crítico, consciente do seu papel na sociedade. Esse fato, por um lado, parece ir ao encontro das observações de Mello (1987) a respeito da produção infantil e juvenil de Francisco Marins. Segundo Mello, a literatura infantil e juvenil de Francisco Marins busca atender aos objetivos e propostas educacionais da época de sua produção. Considerando que, embora a narrativa se desenvolva nas décadas de 1940 e 1950, o livro foi escrito em 1998, essa observação de Mello parece se confirmar, uma vez que, 1998 introduzia-se, nas escolas brasileiras, uma nova proposta educacional, voltada para a formação do cidadão crítico e consciente do seu papel na sociedade, que se expressam na Lei de Diretrizes e Bases da Educação — Lei nº 9.394 — promulgada em 20 de dezembro de 1996.

Personagens

Quanto ao papel que desempenham no enredo, as personagens podem ser classificadas em principais e secundárias. As personagens principais se subdividem em: protagonistas — os jovens da “Turma do Toniper”: Táuria, Libuno, Nica e Maurim, o professor Toniper e o cientista Wladimir Gregory. Observa-se que, embora o professor Toniper seja líder da turma, “chefe”, como os jovens o denominam, e Táuria se sobressaia com seu espírito de liderança, uma vez que, as idéias e as iniciativas sempre partem dessa personagem, os cinco jovens da “Turma do Toniper” representam os protagonistas, configurando-se,

assim, uma das características marcantes na obra de desse escritor: o apelo ao coletivo e à união entre as personagens e os homens em busca de um ideal.

Apesar de Milhafre, o agente disfarçado da polícia ditatorial e bedel da escola, representar o antagonista direto, que atrapalha as ações e espiona a turma, pode-se considerar que o antagonista, de fato é a própria situação política da época, que ele representa, a Ditadura Vargas. Pode-se constatar isso logo no início da narrativa quando o narrador o descreve:

[...] Retornaram à escola e toparam com Milhafre no portão:
 — Não tem mais ninguém por aqui! Vão andando! — rosnou.
 — Esse cara é mesmo do contra! — reclamou Libuno
 — Isso não é modo de tratar a gente! — confirmou Maurin.
 — Seu nome já diz tudo: ave de rapina...
 — [...] carapinhé, gavião...
 — [...] carcará!
 — Merecia um apelido pior... Urubu!
 — É muito estranho... Ele nem nos perguntou por que procuramos Toniper — Táuria comentou.
 — É verdade...
 — Mas não é muita coincidência os dois casos de desaparecimento no mesmo dia? — lembrou Nica.
 — Ainda não sabemos o que aconteceu a nenhum deles... — Maurin estava preocupada.
 — Mas o motivo deve ser o mesmo. E, por trás, deve estar a polícia da ditadura! Disse Libuno. (MARINS, 1998, p. 13-4)

As demais personagens podem ser classificadas como secundárias, uma vez que apenas auxiliam os protagonistas em suas ações. São personagens secundárias: Dr Troncoso, advogado e pai de Maurim, que auxilia a turma nas questões jurídicas; professor Eufrázio, mestre em história e Língua portuguesa, que conta a história da expedição de Langsdorff e é o responsável pela introdução do diálogo entre esse livro e os demais livros, uma vez que traz para *O sótão da*

múmia, por meio de lembranças que narra, fatos desenvolvidos em outras narrativas do escritor, como, por exemplo, *Expedição aos Martírios* (1952), *Volta à serra misteriosa* (1956) e *O Bugre-do-chapéu-de-anta* (1958, que se referem a essa expedição; Dr Pacheco, médico; Professor Ferri, especialista em botânica, e, Marconix, diretor da escola.

Quanto às suas características, as personagens protagonistas podem ser classificadas como “redondas” pois, além de suas características físicas, são também apresentadas características psicológicas, morais e sociais e essas personagens assumem uma postura ideológica “de esquerda”, frente à situação vivida na época.

As demais personagens têm características típicas: o professor, o doutor, o diretor, o advogado, o caseiro — Ferri, Dr Troncoso, Marconix, Dr Pacheco, Eufrázio, Embira — podendo, assim, ser caracterizadas como “planas”.

Merece destaque, entre as personagens secundárias, o cafuzo Embira, também tratado pelas outras personagens de “caboclo” — uma referência às personagens rurais — que parece ter sido criada com o objetivo de trazer à tona a formação do povo brasileiro que possui em suas raízes os índios e os negros, além do aspecto histórico desses povos ligados às suas lutas pela liberdade. Como se sabe, no período do descobrimento do Brasil, os índios lutaram ferozmente e não se deixaram escravizar pelo europeu branco que aqui aportara mais tarde; e os negros escravos, apesar dos castigos e sofrimento, nunca deixaram de tentar a fuga como um manifesto de busca de liberdade. A presença desse cafuzo,

portanto, pode ter a função simbólica de convocar os jovens e o povo brasileiro para a luta em prol da liberdade coibida pela ditadura de Vargas.

O substantivo comum “embira”, muito utilizado no meio rural, transforma-se em substantivo próprio, porém as raízes semânticas do sentido desse substantivo são conservadas, tanto no sentido conotativo — “persistência”, “teimosia” — quanto no sentido denotativo — cipó utilizado para amarrar —, e apontam para o significado contido em “fibra”. Unindo as duas possibilidades — o sentido conotativo e denotativo — e o significado da palavra “fibra”, pode-se inferir que Embira representa a miscigenação do povo brasileiro e é o elo entre o passado (da história real) e o presente (da história ficcional) que convoca o povo para a busca de liberdade democrática.

Dentre as personagens protagonistas merecem destaque em primeiro plano, Táuria, o líder da turma, e em segundo plano Libuno, únicos cujas características psicológicas e físicas são descritas pelo narrador. A respeito de Táuria já no primeiro capítulo, o narrador informa: “José Vítor, mais conhecido pelo sobrenome, Táuria, de astral positivo e espírito de liderança [...]” (p. 5); o segundo capítulo se inicia com a descrição e comparação entre Táuria e Libuno

A caminho da Escola “O futuro já começou”, Táuria passou em frente da casa de seu amigo Libuno, que o esperava à porta.

Magro, alto, espigado, o rapaz, de espírito alegre, era camarada com os colegas. Tinha interesse por atividades esportivas, principalmente futebol e basquete, e nesta se destacava. Táuria, por sua vez, era de hábitos comedidos, pouco expansivo, mas exercia liderança sobre os membros do grupo. Libuno, nascido na cidade, desejava estudar agronomia e veterinária; tinha forte interesse pela terra e pelos bichos, ao contrário de Táuria, que viera do campo e não deseja para lá voltar. (MARINS, 1998, p. 8)

Durante toda a narrativa, Táuria é o protagonista de maior destaque, pois é dele que partem todas as ações que compõem a trama; dentro dessa perspectiva o narrador caracteriza-o como “modelo” a ser seguido, jovem comprometido com as questões sociais e com a luta para construção de um país democrático.

É interessante também notar o contraponto que o narrador faz entre essas duas personagens: Táuria seria o lado intelectual e Libuno a força física. E a união dos dois seria o ideal desse modelo a ser seguido, conforme aponta se observa na citação acima.

Os demais protagonistas do “núcleo jovem”: Maurim, namorada de Táuria, e Nica, que apesar de agirem e participarem diretamente de todas as aventuras, apenas executam as ações comandadas por Táuria.

O protagonista, Toniper, e o cientista Gregory representam o mundo adulto em que os jovens devem espelhar-se. Gregory representa a ciência que valoriza a natureza e busca nela aliança para resolver os problemas de ordem “sanitária” do país. Toniper representa a consciência política que incentiva e instiga os jovens a posicionar-se frente à situação do país. Percebe-se, pois, que a concepção de literatura infantil e juvenil de Francisco Marins não mudou, continua sendo aquela voltada para os ensinamentos, instrução e deleite, apontada desde o capítulo 2 desta Tese.

Espaço



Em *O sótão da múmia* predomina o espaço urbano, destacando-se alguns locais como a escola e casa do cientista Wladimir Gregory, um sobrado rodeado de plantas, cultivadas pelo cientista, que “possuía em forma de torre, um sótão na parte da frente, com janelinha fixa, envidraçada” (MARINS, 1998, p. 5), localizado em local “isolado e de aspecto soturno” (p.5). A descrição desse espaço, os segredos lendários e os objetos ali guardados são os responsáveis pela introdução do mistério que percorre a narrativa, anunciado no título.

A escola “O futuro já começo”, é um espaço institucional que, como já aponte, se opõe a outras escolas da época, uma vez que, suas “diretrizes contrariam os programas educacionais vigentes, julgados pelo seu Conselho Incentivador como ultrapassados” (MARINS, 1998, p. 9) e na qual atuam professores com ideais considerados, à época, revolucionários.

Com tais características, a escola apresenta-se como espaço próprio para ser a projeção dos conflitos vividos pelas personagens, pois é nesse ambiente que o autor-narrador considera que podem e devem ser ensinados conceitos que levem o jovem a ter uma postura crítica e engajada diante da sociedade em que vive.

No entanto, dadas as imposições da ditadura, representada nesse espaço, pela presença do bedel e espião Milhafre, o espaço da Escola, “O futuro já começou” torna-se perigoso para discussões de questões referentes a manifestações e/ou atos contra as ações ou atitudes do governo, pois “as paredes tinham ouvidos” (MARINS, 1998, p. 29). Diante dessa situação, um outro espaço aparece como “refúgio seguro”, onde “podiam tramar, às escondidas, contra o Governo” (p.22). Tal espaço era chamado, pelos membros da turma, de “o covil

da onça” (p.9) e freqüentado pelos professores Eufrásio e Toniper — “o chefe” da turma, que assim era caracterizado pela polícia ditatorial: “tipo suspeito, perigoso. Escreve para jornais Professor, instiga os alunos. Reúne-se com eles, às ocultas, em um barracão, para conspirar” (p. 14) — e os estudantes da “Turma do Toniper”: Táuria, Libuno, Nica e Maurin.

O espaço urbano onde a narrativa se desenvolve é a cidade de São Paulo. Embora haja apenas uma referência ao nome dessa cidade, essa constatação é possível pelas marcas deixadas no texto: “bairro de Perdizes”; “Presídio da Avenida Tiradentes”; “estrada do Jaraguá”; “Carandiru”; “Juqueri”; “Viaduto do Chá”; “Largo São Francisco”; “Avenida Paulista”; “Avenida São João” (MARINS, 1998, p. 29; 76), entre outras.

Assim como ocorre em *Aventuras em Taquara-Póca* (1963), em *O sótão da múmia* (1998), o espaço situa as ações das personagens; interage com elas e sofre transformações — em especial a Escola — provocadas por essas personagens. Em *O sótão da múmia*, tempo e espaço da narrativa se complementam, pois o espaço urbano representado apresenta-se carregado de problemas de ordem moral, social e política, gerados pelo regime ditatorial de Getúlio Vargas.

Observa-se ainda, que, assim como ocorreu com o escritor Francisco Marins, também Táuria se desloca para a cidade de São Paulo para estudar na Faculdade de Direito, formação que dava *status* na época. Táuria representa, nesse espaço, a liderança dos estudantes e sintetiza o processo de formação de grêmios e

associações estudantis, que já estavam sugeridos em *Aventuras em Taquara-Póca*, com a criação do “clubinho Taquara-Póca”.

Assim, pode-se inferir que o espaço rural de *Aventuras em Taquara-Póca* é substituído pelo espaço urbano em *O sótão da múmia*, mas algumas atitudes, ações e comportamentos são apenas transferidos do espaço rural para o urbano, como ocorre, por exemplo, entre tantos outros, algumas ações da personagem Justino, professor do sítio Taquara-Póca, que são semelhantes a de Toniper, professor da escola “O futuro já começou”. Justino lidera um grupo de crianças na construção do Clubinho Taquara-Póca, transmite às crianças conhecimentos escolares e práticas agrícolas, sempre ressaltando a importância da união — “a união faz a força” (MARINS (*Gafanhotos em Taquara-Póca*) 1963, p. 70) —, para a realização de ideais coletivos. Toniper lidera a turma de jovens em atitudes práticas na luta pela democracia e liberdade política e social, salientando a união dessas personagens em prol de um ideal coletivo: a liberdade democrática.

Considerando o depoimento de Marins, em conversas informais, sobre a influência do livro “Brasil: um país de futuro”, de Stefan Zweig, e contrapondo o título do livro com o nome da escola “O futuro já começou” (MARINS, 1998, p. 9), pode se inferir que, em *Aventuras em Taquara-Póca*, o Brasil apresenta-se como um país de futuro, uma vez que, as personagens adultas depositam, nas crianças, as esperanças de um futuro promissor, que transforme o espaço rural e o contexto histórico social do período. Em *O sótão da múmia*, o futuro já começou, pois não se tem mais um grupo de crianças e sim uma turma de jovens concretizando, no espaço urbano, as “esperanças futuras”, anunciadas no espaço

rural de *Aventuras em Taquara-Póca*. Essa transitoriedade entre o espaço rural e o espaço urbano remete às reflexões de Zilberman (1981), de Yunes (1989) e de Ceccantini (2000) a respeito da transitoriedade do leitor e do gênero, o qual busca acompanhar esse leitor em seu desenvolvimento natural: criança, jovem e adulto, conforme citado às páginas 31 e 32 da Introdução desta Tese.

Tempo

O tempo da narrativa é cronológico. Apesar de não haver referência a datas específicas (apenas no período da Ditadura Vargas), o narrador utiliza expressões como: “Aquele dia”; “à tarde”; “naquela manhã”; “à tardinha”; “no dia imediato”; “na tarde do mesmo dia”; “e foi naquele dia”; “a noite”; “no dia seguinte”; “por volta das cinco horas da tarde”; “Pela manhã do dia seguinte”; “Dias depois”; “Aquele semana”; “Passado alguns dias”; “Naquela noite”; “Tão logo amanheceu”; “No final daquele mês”; “seis meses depois”. Esses recurso de narração do tempo dão ao enredo movimento e dinamicidade.

Até o capítulo 21 “A maçã podre” (MARINS (*O sótão da mímia*) 1998, p. 57) pode-se estabelecer uma contagem de 10 dias, imprimindo um ritmo compassado/dinâmico à narrativa; no mesmo capítulo surgem referências temporais imprecisas “dias depois” (p. 57); “passados alguns dias” (p. 60). No capítulo 24 — “Alguém no cubículo das teias de aranha?” (p. 62) —, retoma-se a sequência temporal podendo-se contar cinco dias. No capítulo 33 — “Dúvidas

sobre a premiação” (p. 75) — utiliza-se a marcação “no final daquele mês”, dando a impressão de que o fatos narrados até então têm a duração de um mês. No capítulo 34 — “Amanhã será um novo dia...” (p. 76) — retoma-se a marcação do tempo possibilitando a contagem de quatro dias. No último capítulo — “Manhã de céu azul” — utiliza-se a expressão “seis meses depois” (p. 85), podendo-se concluir que esse seja o tempo decorrido.

Também, assim como ocorre em *Aventuras em Taquara-Póca*, em *O sótão da múmia* há, em alguns momentos, ocorrências do tempo da memória que se faz presente por meio de lembranças das personagens Toniper e Eufrásio, em especial. Assumindo o papel de narradores, esses personagens produzem o que Genette (s.d.) denomina de “analepses internas” que. Conforme já apontado, em *O sótão da múmia* esse recurso funciona como elo entre a história real e a história ficcional presentes nesse e em outros livros do escritor. É o que se pode observar em *O sótão da múmia* nos capítulos: “Digressões ou evasivas do mestre?”; “As sementes viajaram?”; “Magia na noite de luar”; “A capital da esperança” e “As ‘Andanças’ em forma de livro?”. Assim como em *Aventuras em Taquara-Póca*, a utilização desse recurso em *O sótão da múmia* (1998) não prejudica a linearidade da narrativa, uma vez que as histórias paralelas constituem argumentos para a construção do enredo.

Foco narrativo



Como ocorre em *Aventuras em Taquara-Póca*, também em *O sótão da múmia*, tem-se um autor-narrador em terceira pessoa, às vezes adotando um ponto de vista externo, fingindo-se neutro. Sua narrativa é marcada pela visão de quem viveu o momento narrado e, portanto, conhece de antemão a história, é um “eu” que tudo segue, tudo sabe e tudo comenta e analisa, que tem a liberdade de narrar à vontade, colocando-se “por trás”. Narra em terceira pessoa, mas é um “eu” interno à narrativa, que parece ter vivido os acontecimentos narrados.

Cabe aqui a observação feita na análise do foco narrativo de *Aventuras em Taquara-Póca*. Devido à autonomia do mundo ficcional criado (realidade particular), a narrativa conduz parece intencionar o leitor a conhecer mais profundamente a realidade por ela representada e — como os protagonistas — a desejar transformá-la, seja quanto aos valores morais, seja no que se refere ao plano político e social, ou seja, o período da ditadura do governo de Getúlio Vargas.

Assim, nesse livro, dado o distanciamento temporal do momento da narração em relação ao período histórico-social narrado, o autor-narrador sente-se mais à vontade para representar a realidade da época: a luta dos estudantes e do povo brasileiro contra a ditadura do governo de Getúlio Vargas. Estabelece-se, pois, o diálogo entre o contexto político e o cultural da época, representada fortemente marcado pela influência americana introduzida pelo cinema, artes plásticas, pela literatura, incluindo aí a literatura infantil e juvenil, e o mercado editorial brasileiro, que passa a publicar livros famosos de origem americana, também transformados em filmes:

[...] para irem ao cinema assistir, finalmente, ao filme *E...o vento levou...* assistiram com enorme prazer, ao longo filme sobre a saga da Guerra Americana [...] Eu gostaria de ler o livro, que já vi na vitrina da livraria Teixeira [...] Já está traduzido, então.[...]

— vou mandar essa aquarela ao Orlando Vilas-Boas [...] (MARINS, 1998, p. 76-83).

A presença dessas marcas de tensões e conflitos no período abrem espaço para que se possa inferir que *O sótão da múmia* representa também a realidade vivenciada pelo escritor se se considerem os diferentes pontos de onde partem os discursos de Francisco Marins, em sua trajetória de vida, projetam-se no discurso do narrador e das personagens, marcando e representando o momento de transição do escritor, do contexto social e político e da própria literatura infantil e juvenil brasileira, conforme já aponte anteriormente.

Comparando-se os fatos narrados em *O sótão da múmia* com os referentes à vida do escritor (ver capítulo 2 desta Tese) podem-se observar muitas semelhanças entre eles: a época de “pitangas e Gabirobas” é representada pela prática da produção de textos para jornais, pelos estudantes, e pela chamada, no texto, de autores como Tolstoi e Dostoiévski, sobre os quais, no passado, Marins produziu dois artigos críticos. O período de produção de resenhas críticas e entrevistas para os jornais da cidade de São Paulo é representado pela produção jornalística do professor Toniper. A época de estudante de Direito é representada pela personagem Táuria que nasceu no meio rural, como Marins, e foi para São Paulo estudar. Libuno lembra a infância do escritor e da personagem Tiãozinho, em *Aventuras em Taquara-Póca*, pois “desejava estudar agronomia e veterinária; tinha forte interesse pela terra e pelos bichos” (MARINS, 1998, p. 8). O discurso

do escritor e do editor é representado no capítulo “As ‘Andanças’ em forma de livro?”, uma vez que no capítulo “Andanças”, o narrador salienta que os registros da expedição “deveriam ir para um editor e se transformar em livro” (p. 73), retomando, nesse ponto, toda a produção literária de Marins para crianças e jovens que, conforme depoimento do próprio escritor, sofreu influencia do livro “Brasil: um país de futuro”, no qual a expedição de Langsdorff é descrita e narrada.

Em vista do exposto, pode-se considerar que, *O sótão da múmia*, sintetiza o projeto literário do escritor, a experiência de trazer para o universo literário inquietantes matérias de sua verdade e de certa realidade brasileira.



Capítulo 6

Entrelaçando os fios



A extensa produção literária de Francisco Marins e sua repercussão no mercado editorial brasileiro desde suas primeiras publicações, nos anos de 1940, até 2001, quando publicado *O curandeiro dos olhos em gaze*, permitem observar que a concepção de literatura e de literatura infantil e juvenil que permeia toda a obra desse escritor encontra-se vinculada a um projeto literário em que literatura é entendida não apenas como arte, mas também como “objeto formador” (MARINS, 1949) de que o escritor se vale especialmente para atingir tanto o público a que se destinam os seus livros quanto ao mercado e ao ambiente privilegiado de circulação dos livros: a escola.

Essa preocupação excessiva com os conhecimentos sistematizados pela escola, presente na obra de Marins com a intenção de ensinar às crianças e jovens conteúdos de história, geografia, ciências, ecologia, moral e civismo, entre outros, aos olhos da crítica atual pode ser considerada negativa por seu caráter didático e ideológico.

Considerando os objetivos desta Tese ressalto que, aos “olhos da época” da produção inicial desse escritor, a concepção de literatura infantil e juvenil que norteava a produção literária desse gênero, com exceção de Lobato, ainda propunha que se conservasse, nos textos produzidos por escritores do período, uma concepção que Perrotti (1986) classificaria, mais tarde, como “utilitária”, em relação à literatura infantil e juvenil herdada dos primeiros escritores brasileiros do gênero¹. Parece, portanto, não se tratar de uma concepção que entende a

¹ *Tomam-se*, como exemplos, os livros: *A descoberta do Brasil* (1940) de Viriato Correia; *Saudade*, *A estrela mágica* (1941) e *Como nasceu a cidade maravilhosa* (1944) de Thales de Andrade; *Totó* (1942), *Tão pequenino* (1943) e *O indiozinho* (1944) de Lourenço Filho; *A ilha perdida* (1946) de Maria José Dupré; *O continente* (1946) e *As belas histórias da História do*

literatura infantil e juvenil como texto de caráter formativo, no sentido que lhe atribuem Cândido (1972) e Perrotti (1986), inclusive considerando-se que esse tipo de crítica é posterior à produção inicial de Marins e dos escritores da época.

Assim, retomando as reflexões de Zilberman e Lajolo (1986): “Embora experimentando limites de ordem narrativa, apenas ocasionalmente resolvidos, a literatura infantil nunca deixou de se integrar à sua época e representá-la à sua maneira (p.67)”

Considerando a concepção de literatura infantil e juvenil da época, o público, o mercado, o ambiente de circulação, os ideais educacionais e os aspectos histórico, cultural, econômico, político e social do período de publicação dos quatro livros que compõem *Aventuras em Taquara-Póca* (1963)², a exposição de situações e aventuras e o fato de algumas personagens adultas contarem histórias do passado, assim como a própria organização do livros dão sustentação às narrativas, e configuram o projeto literário do escritor em *Nas terras do Rei Café*, *Os segredos de Taquara-Póca*, *O Coleira Preta* e *Gafanhotos em Taquara-Póca*. Não há como negar, portanto, que percorre todo o livro *Aventuras em Taquara-Póca* um caráter didático, rompido pela introdução da lenda da flor roxa do samambaial e do sonho de Dudu, em *Nas terras do Rei Café*, no qual as

Brasil (1948) de Érico Veríssimo; *Lendas da terra do ouro* (1949) de Lúcia Machado de Almeida; *Que formiga?* (1949) de José Reis; *Você já foi a Bahia* (1950) de Leonardo Arroyo; *O julgamento da horta* (1950) de Terezinha Elvoli; *Quando as taquarais florescem* (1950) de Guiomar Rocha Rinaldi e *Proezas na roça* (1953) de Renato Sêneca Fleuri, para citar apenas alguns

² Conforme observado no capítulo 4 desta Tese, o livro *Aventuras em Taquara-Póca* reúne os quatro primeiros livros publicados por Francisco Marins em 399 páginas, sem numeração linear, uma vez que cada história tem a sua própria numeração de página. Esse fato, no entanto, gera uma certa dificuldade na indicação bibliográfica das citações. Diante dessa dificuldade, optei, nas citações referentes a esse livro, neste capítulo, por indicar apenas o título da história — *Nas terras do Rei Café*; *Os segredos de Taquara-Póca*; *O Coleira Preta* e *Gafanhotos em Taquara-Póca* — e o número da página, pois foram extraídas de MARINS, F. *Aventuras em Taquara-Póca*. São Paulo: Malhoramentos, 1963.

personagens do mundo real são transfiguradas, enquanto as pertencentes ao fantástico e ao imaginário sofrem um processo de antropomorfização. Talvez o sucesso junto ao público esteja ligado a essas características que prendem a atenção e aguçam a curiosidade e a criatividade das crianças.

Essas características, podem justificar, também, o sucesso de *Os segredos de Taquara-Póca*, em que o aspecto didático da história encontra-se na presença de Curupira e é amenizado pela própria presença desse narrador e pela presença de animais falantes e revoltados que movimentam a narrativa e criam uma atmosfera de mistério e fantasia. O mesmo ocorre em *O Coleira Preta*, quando os animais vão-se enfrentar e, assim como faz Emília, de Monteiro Lobato, com seu pó de pir-lim-pim-pim, em *O Coleira Preta* o senhor ‘Casca-dura’ — jabuti — vale-se de pó-de-mico para resolver os momentos tensos que antecedem a guerra entre os animais da floresta e o bando de macacos, liderados pelo Coleira Preta.

Publicados entre os anos de 1940 e 1950, pela editora Melhoramentos, momento em que Lourenço Filho exercia a função de Editor, revisando textos dos escritores da época parece provável que a concepção de literatura infantil e juvenil desse educador tenha exercido certa influência na produção e plano narrativo de Marins nos quatro livros que compõem as histórias de *Aventuras em Taquara-Póca* (1963). Aliás, as concepções do editor e as do escritor em estudo assemelham-se (conforme já apontado nesta tese e que retomo para situar o leitor). Tanto para Lourenço Filho quanto para Francisco Marins, a literatura infantil e juvenil é “expressão de arte” e como tal deve informar, formar, contribuir para a formação da criança e do jovem, preparando-os para o mundo adulto.

Segundo Lourenço Filho (1943), a função capital desse gênero

é a de seguir o *belo*, dentro dos recursos de mentalidade da criança. Fazendo-o sugere o bem, concorre para a formação do gosto artístico; coopera no equilíbrio emocional da criança; dá-lhes horas de sadio entretenimento e de liberação espiritual: faz amar o idioma nacional; desperta o gosto literário, estimulando a criação; e, mais generalizante, sem dúvida, pelo hábito que inculca de boa leitura, prepara o consumidor das belas letras ao homem do futuro (p. 180)

Para Francisco Marins (1949), uma boa literatura infantil deve

oferecer oportunidade para a evasão, para o sonho, que estimule as boas qualidades, que preserve o espírito para o futuro.

Literatura infantil é aquela que se destina às crianças e reveste características peculiares, tais como as de adequação as várias idades e ao grau de conhecimento, tanto pelos seus temas quanto pela sua forma, e procurando deleitar ou instruir, ou educar, ou alcançar ao mesmo tempo todas estas finalidades, consegue fazê-lo dentro das justas proporções, compatíveis com a mentalidade infantil e realiza, assim obra de estímulo dessa mentalidade em desenvolvimento, bem como o ideal de beleza comum às obras de arte (p. 2)

Os ideais de educação de Lourenço Filho e sua concepção de literatura infantil e juvenil parecem influenciar os escritores das décadas de 1940 a 1960, conforme sugere o próprio Francisco Marins (1972),

Lourenço Filho compreendeu a literatura infantil como expressão de arte capaz de suscitar os sentimentos do belo, adequada a grupos etários diferenciados, veículo de informação, repositório do conhecimento e ensinância. Mas advertiu: “erro é supor que o que agradou a adultos possa agradar sempre a criança”, Deve ela “suscitar” o bom gosto, o senso de medida, o incentivo de mais altos níveis de aspiração: há de concorrer para o aperfeiçoamento do uso da linguagem e o equilíbrio sentimental.

Assim nas recomendações do mestre desaparecido, o livro infantil deve ser lição de boa linguagem: clara, digna, adequada as idades [...] usará apenas vocabulário comum [...] sem “apelo ao plebeísmo, infantilismo [...] formas deturpadas[...] nem sacanas e ironias que só o adulto compreende e, se a criança as percebe, isso se dará com prejuízo [...]”

Infelizmente esses ensinamentos parecem não ter sido devidamente apreendidos e incorporados à massa de obras supostamente infantis, que invade os lares e a escola. (p.34-5)

Essa busca por uma variante culta da língua parece ser fundamental em *Aventuras em Taquara-Póca*, entretanto o uso dessa variante e a preocupação em ressaltá-la não impede o uso de palavras ou expressões regionais, próprias daqueles que vivem no meio rural. O registro dessas palavras ou expressões dá-se não só pela fala das personagens pertencentes ao espaço rural, como também na fala do narrador, aproximando-o ainda mais do universo narrado, como ocorre, por exemplo, em *Os segredos em Taquara-Póca*: “O caboclo olhou em redor e, tirando uma faquinha da cinta, cortou um cipó que pendia duma caneleira. **Cochou-o** bem, provando sua resistência [...] com essa **peia** [...] um jacazinho com uma **embira** comprida [...]” (p. 17-18) e em *O Coleira Preta* “[...] eu gosto mais daqui! **aparteou** Dudu [...] Levava na cabeça um **corote** [...]” (p. 17; 116) — (grifos meus).

Há, também, *Aventuras em Taquara-Póca* algumas características que marcam a presença da linguagem oral, assegurando a proximidade da escrita para transcrever o falar e os costumes da região, como, por exemplo, a simultaneidade do discurso oral, indicada pelo uso de reticências e repetições de palavras, como se observa nos diálogos entre as personagens em: “ — Será que... êle não comeu erva? [...] — É... é... bom! [...] — É... isso mesmo... não vamos agora amolar o Anhangá” (*Os segredos de Taquara-Póca*, p. 31; 48) e “ — Eu... eu... só ouvi o barulho e... vim até aqui!” (*O Coleira Preta*, p. 25).

As reticências também são utilizadas para marcar o mistério e o suspense, sugerindo a possibilidade de imaginação, como, por exemplo, na fala de Chico Tibúrcio em *O Coleira Preta*: “— Eu vi...eu vi... assombração lá no mato! Há... muito tempo...que...que estou dizendo. Este sítio está cheio de coisas...” (p. 40). E na admiração das personagens-mirins em *Gafanhotos em Taquara-Póca* “— Mas... mas... como... você pôde... arranjar isso tudo...!” (p. 52).

Ainda como marcas de anúncio do mistério e do suspense, tem-se o uso de palavras indicadoras de dúvida, como, por exemplo, “talvez”, e/ou expressões que, literalmente anunciam os mistérios e criam o suspense, como os títulos de partes e de capítulos das histórias: “A incrível aventura”, título da segunda parte de *Nas terras do Rei Café* (p. 44), “O mistério”, título de capítulo de *Nas terras do Rei Café* (p.49), “Os segredos de Taquara-Póca”, título da segunda história de *Aventuras em Taquara-Póca*, “Maracujá desapareceu”, título de capítulo de *Os segredos de Taquar-Póca* (p. 31), “O monstro”, título de capítulo de *Os segredos de Taquara-Póca*, (p. 56) e “Chico Tibúrcio vê fantasmas”, título de capítulo de *Os segredos de Taquara-Póca* (p. 76).

Tal fato pode ser percebido também no interior desses capítulos, como ocorre em *Os segredos de Taquara-Póca*: “— Escutem uma coisa! Estão ouvindo? [...] Ficaram arrepiados e temerosos [...] E sonharam [...]” (p. 35; 61) e em *O Coleira Preta* “[...] De repente, eles viram [...] — Psiu! Que será isso?! [...] — Cuidado! [...] — Vamos [...] vamos [...] vamos” (, p. 88; 109)

Retomando a questão da preocupação com o uso da variante culta da língua, o leitor pode constatar esse uso mediante observação da utilização, nas

histórias, de verbos no pretérito mais-que-perfeito e das colocações pronominais, sugerindo, considerando-se a presença da oralidade, um narrador erudito que possui o conhecimento das variantes coloquial/regional e culta da língua, como, por exemplo, em *Os segredos de Taquara-Póca*: “Depois do que acontecera era como se eles [...] e disparou numa carreira pelo meio do milharal como nunca fizera na vida [...]” (p.76-77). E em *O Coleira Preta*: “ [...] Tio Juca ficou satisfeito e, deitado de bruços sobre o milho, estendeu a mão até tocar o focinho da vaca, dando-lhe pancadinhas amigas [...] procurou [...] espigas menores, e lhas deu [...] Afinal o pobre bicho errara como tantos outros [...]” (p. 108).

O apelo ao coletivo e à união entre as personagens e os homens que se encontra explícito nos textos, também pode ser percebido no uso dos substantivos coletivos, especialmente em *Os segredos de Taquara-Póca* e em *O Coleira Preta*, na fala dos animais antropomorfizados, como, por exemplo, “bando”, “tropa”, “vara”, “enxu”, enxame, entre outros. Esse apelo também é marcado pelo uso da 1ª pessoa do plural, tanto nas falas das personagens-mirins quanto nas dos animais e seres míticos, quando se referem a reflexões em torno das ações dos homens e/ou atitudes e ações, consideradas indesejáveis:

- É ... mas de pouco em pouco vamos ficando sem lugar para viver [...]
- Muitos dos nossos morreram! [...]
- Vocês duvidam? Com pequeninas iniciativas às vezes conseguimos grandes resultados[...]
- Todos nós devemos ajudar, explicava Tiãozinho, Em pouco tempo vamos ter uma horta bem grande [...] ((*O Coleira Preta*, p. 47; 65)

Ainda em relação à linguagem, observa-se o uso afetivo de diminutivos, talvez pelo fato de as histórias terem como público alvo as crianças: “escolinha”,

“casinha”, “macaquinho”, “tabuinhas”, “discursinho”, entre outros (MARINS, 1963)

Destacam-se, ainda, as onomatopéias: “trec, tretec, tec, tretec, tec. [...]” (*Nas terras do Rei Café*, p. 12); “[...] Tan...tan..tan..” (*Os segredos de Taquara-Póca*, p. 35); “cã...cã...cã [...] Fiuuuuuuuuuuuuu...toc...toc...toc [...] dlin...din..dlin din-din...din [...]” (*O Coleira Preta*, p. 9; 109) “.tschimpuuuuuummmmm [...] tam...puuum...tam...puuumm...tam...puuumm [...] tou...fraco...tou...fraco...tou fraco”. (*Gafanhotos em Taquara-Póca*, p. 47; 61)

Pode-se inferir que, em *Aventuras em Taquara-Póca*, Francisco Marins põe em discussão e dá a conhecer a decadência das fazendas de café, o êxodo rural e a precária política agrícola, temas atuais para a época em questão, por meio das aventuras vivenciadas pelas três personagens-mirins, contadas por um autor-narrador que conhece profundamente a questão e se coloca como cúmplice do sofrimento do homem do campo e da busca de soluções, pelas crianças, valendo-se de uma linguagem expressiva, artística e de acordo com a variante culta da língua.

Partindo da realidade histórica das décadas de 1920 a 1940, para criar uma realidade ficcional que se aproximasse o máximo possível daquela que o inspirou, o escritor procura expressar sua visão de mundo, sua forma de conceber a realidade e representá-la no universo ficcional, sem perder de vista os ideais educacionais e os padrões literários desse gênero à época, com o objetivo de inserir-se no mercado editorial específico e contribuir para a formação das

crianças e jovens brasileiros, descortinando-lhes, com beleza e estilo, segundo a concepção de literatura infantil e juvenil do escritor, a história do Brasil rural.

A descrição desse espaço e da vida cotidiana de seus habitantes parece não ter apenas o objetivo de insistir na promoção do espaço rural e na agricultura enquanto solução para o desenvolvimento do país, mas também de crítica — ainda que relativa e velada —, à ausência de uma política agrícola no governo de Vargas que, embora se preocupasse em não se indispor com os setores tradicionais, como, por exemplo, os agricultores do café, dava especial atenção ao processo de industrialização do país, fenômeno que Skidmore (1975) denomina de “desenvolvimento-nacionalista” (p. 123).

Essas considerações se confirmam, com a publicação de *O sótão da Múmia* em 1998. Distanciado do tumultuado período histórico-sociai a que remete a história — década de 1940 e meados da década de 1950 —, Marins parece aprofundar um pouco mais suas críticas a esse período, valendo-se de uma espécie de apelo coletivo à consciência política e social que alguns representantes de instituições sociais, como a escola, classe estudantil e alguns professores, vinham reivindicando.

Esse apelo coletivo, por sua vez, aponta para uma certa adequação das concepções do escritor a respeito do papel, da função da escola e da educação como único meio e/ou caminho possível para que o jovem adquira a consciência política e social, dispondo-se a lutar pela democracia, liberdade e justiça social. Chamo a atenção do leitor para o fato de Francisco Marins ter escrito *O sótão da Múmia* 53 anos após ter vivenciado o período em que se passa a ação narrada

desse livro. Constata-se, assim, em *O sótão da múmia* a tendência de Francisco Marins em buscar a adaptação de seus objetivos e propósitos aos da escola, principal ambiente de circulação da literatura infantil e juvenil, no Brasil, conforme aponta Mello (1987).

Assim, parece permanecer, em *O sótão da múmia*, as concepções sobre educação e o papel da escola na formação do indivíduo, a concepção de literatura infantil e juvenil desse escritor presentes no início de sua produção literária do gênero.

Essa “permanência conceitual” encontra ecos nas palavras de Marins, proferidas em 1949 e em 1955, citadas no capítulo 2 desta Tese, nas quais o pensamento de que literatura infantil e juvenil procura “deleitar ou instruir, ou educar ou alcançar ao mesmo tempo todas essas finalidades” (MARINS, 1955, p. 5) e aponta para o diálogo entre a produção infantil e juvenil de Marins e a produção desse gênero, no Brasil, conforme se vem destacando no decorrer desta Tese.

Há de se observar também que, no período em questão, as influências, do cinema e da literatura estrangeira e brasileira também estabelecem um diálogo com os textos então escritos para crianças e jovens. Chama a atenção, por exemplo, a denominação do sobrado em *O sótão da Múmia*: “Morada dos ventos uivantes” (p. 5) denominação do casarão no passado, devido a seu “aspecto soturno” (p. 9). Essa denominação convida o pesquisador a refletir sobre a influencia de alguns livros como *O morro dos Ventos Uivantes*, que depois de

transformados em filme, acentuam a influência americana no contexto social e cultural da época.

Observa-se, no entanto, que esse “convite” ao pesquisador parece ter como objetivo, em *O sótão da Mímia*, salientar a resistência dos intelectuais da época à imposição de uma cultura importada, uma vez que, o narrador evoca expressões como “Educar para não desaparecer”; “O homem que lê vale mais!”; “Sem liderança somos cegos”; “Política, não politicagem!”; História contemporânea: erros e desacertos”; “Jovens frouxos — velhos capengas”; “Salvemos a natureza para sobrevivermos!”. (MARINS, 1998, p. 9). Ao mesmo tempo, parecem demonstrar uma certa simpatia pelos produtos culturais importados e apresentados no cinema, conforme infere-se nos dois últimos capítulos de *O sótão da mímia*.

Outro aspecto relevante observado tanto na voz do narrador quanto na voz das personagens é a permanência da preocupação em salientar a importância dos livros e da escrita enquanto formas de registros e de transmissão da cultura de um povo, que, nesse livro, sugere também um certo temor ao desaparecimento da prática de leitura, diante das “inovações” da época: a imagem e o som e da influência americana sobre a cultura brasileira.

Nesta década de 40 devemos reconhecer que a imagem e o som se sobrepõem a tudo — afirmava o diretor Marconix —, e o comunicador cada vez mais tem de se valer das novas conquistas da ciência [...] Para o professor Eufrázio, o conhecimento devia ter como base a palavra escrita, a linguagem, embora os aparelhos pudessem ajudar desde que não se desprezasse o veículo básico da transmissão cultura: o livro [...] Este é o meu paraíso — dizia sempre mestre Eufrázio — não existe nada mais agradável do que estar em companhia desses amigos — e apontava para os livros, enfileirados nas prateleiras (p. 10;25)

Em relação à linguagem, prevalece o uso da variante culta da língua e as expressões regionais são substituídas pela introdução, na fala de algumas personagens, em especial, na dos jovens, de expressões de uso popular e algumas gírias: “arranhou a garganta”, “Eu não parecia dizer coisa-com-coisa”, “alguém de olho vivo e orelhas em pé”, “fisgou a isca”, “não adianta chiar”, “mas não é moleza, não”, “embola o meio de campo”, “besta quadrada” (p. 25/40).

Assim como em *Aventuras em Taquara-Póca*, em *O sótão da múmia*, as marcas da variante culta da língua encontram-se no uso dos verbos no pretérito mais-que-perfeito, na colocação pronominal e na preocupação do narrador em salientar o uso da variante culta pelo professor Eufrázio, ressaltando-lhe a erudição: “as frases do professor Eufrázio eram sonoras e ditas em um português muito bonito, no qual, às vezes, intercalava palavras latinas” (p. 27). Essa preocupação em realçar o uso da variante culta vincula-se à concepção de literatura infantil e juvenil do escritor e de sua época, sugerindo a busca da nacionalidade, da identidade cultural do povo brasileiro que parecia estar sendo ameaçada pela forte influência da cultura americana.

Ainda como resistência a essa influência e busca da nacionalidade e do homem, a literatura regionalista introduz o que, em meados de 1950, passou a ser classificado História da literatura e Crítica Literária, como 2º fase do regionalismo brasileiro. Dentre os escritores do final de 1940 e início da década de 1950, tem-se Hernani Donato — companheiro de infância e amigo pessoal de Francisco Marins — que escreveu *Chão Bruto* (1950) e *Filhos do destino* (1951) nos quais, como outros livros do período, enfatiza-se o caráter documental e histórico da narrativa.

Essa característica apresenta-se fortemente marcada também na obra de Marins. Tanto a literatura “para adultos” quanto a infantil e juvenil desse escritor apresentam, como principal característica, o caráter documental e histórico, conforme apontou a análise dos elementos da configuração textual nesta Tese.

Esse caráter documental e histórico presente na produção literária de Francisco Marins manifesta-se como uma “verdade histórica” explicitada no “eu” do “autor-narrador” que constrói seu discurso de acordo com as concepções de literatura, literatura infantil e juvenil, cultura, educação e escola do período em questão, chamando para esse diálogo “eus” de suas personagens e de seus narradores, representando também uma consciência possível da época e realizando, de acordo com Bakhtin (1963, p. 118-9) “o seu ponto de vista não só no narrador, no seu discurso, na sua linguagem [...], mas também no objeto de narração”.

O internunciar dessas diferentes vozes que se cruzam e se confirmam umas às outras remete às discussões de Kayser (1970, p. 498-510) e Booth (p. 511-24) sobre as diferenças no uso da primeira e da terceira pessoa em textos literários. Segundo esses autores, não existe diferença fundamental entre os textos em primeira ou em terceira pessoa, uma vez que tanto num como noutro caso, há um narrador que se caracteriza como uma espécie de “máscara do autor”, mas um sempre autor, segundo Booth (1970, p. 522), criado e caracterizado a partir do texto, pela escrita: um autor-implícito.

Trazendo as reflexões de Booth e Kayser a respeito do “autor-implícito” para a análise dos elementos da configuração textual da produção de Francisco



Marins e o diálogo que essa produção estabelece com as questões sociais, políticas, econômicas e culturais da época de sua produção e com as instituições sociais como a escola, pode-se inferir que o “autor-implícito” participa ativamente da construção de sentidos nessa produção imprimindo aos textos um grau maior de verossimilhança.

Mas a projeção do “autor-implícito” na narrativa, parece não se dar apenas a partir do momento em que Francisco Marins escreve e publica seu primeiro livro — *Nas Terras do Rei Café* —; essa projeção vai-se construindo ao longo dos anos, desde os seus primeiros escritos publicados em revistas e jornais, cujos conteúdos e temáticas vão sendo retomados, reescritos, recontados, conferindo à produção desse escritor uma espécie de “interdiscursividade” entre os livros para crianças e para jovens e adultos, e destes todos com a certa realidade da época representada.

Parece configurar-se, no conjunto, um autor-narrador que, ao comunicar-se com e por meio de personagens fictícios, confunde, com sagacidade, os planos da ficção e da história. A história real não se lê, ali, diretamente, como num manual escolar, mas o leitor pode captá-la ou inferi-la nas histórias ficcionais narradas, porque seu autor nunca desaparece por completo nos meandros de sua escritura: antes parece que as ações são narradas a partir da experiência do autor-narrador. Esses dados revelam-se nas personagens escolhidas para povoar um mundo ficcional, na organização do espaço em que se movem esses personagens, na configuração do tempo em que transcorrem os eventos e nos discursos que se entrelaçam no texto.

Esse aspecto interdiscursivo da obra de Marins, que denominei de “caráter intertextual” remete à reflexões de Candido (2000), que apontam para a escolha de um método de análise literária que aborde tanto os elementos históricos quanto os elementos estéticos, buscando a coesão interna e externa da obra e mostrando, segundo Candido, “como certos elementos de formação nacional (dado histórico-social) levam o escritor a escolher e tratar de maneira determinada alguns temas literários (dado estético)” (p. 16), já que a concretização do discurso se dá no texto escrito e nas suas relações com as condições de produção e de recepção desses textos, que, no caso dos textos de Francisco Marins, produzem os sentidos e marcam a importância desse escritor na trajetória histórica da literatura infantil e juvenil.

Assim, embora muitas vezes criticada por seu caráter didático e utilitário, *Aventuras em Taquara-Póca* e *O sótão da múmia* podem ser considerados como uma síntese da trajetória literária de Francisco Marins, posto que sintetizam suas técnicas de composição e seu projeto literário.

Análise dos livros do *corpus* permite observar que, além dos aspectos relativos à permanência de sua produção infantil e juvenil no mercado editorial e ao número de edições e tiragens, a importância dessa produção para a história, literatura infantil e juvenil brasileira liga-se ao fato de representar um momento de transição desse gênero entre as características do período anterior e daquele que, naquela época, apresentava-se como o “novo”, o “moderno”, intercalado pela “explosão-criativa” do “furacão” Lobato, representando e reafirmando, como já apontei, o projeto literário de Francisco Marins: a sua experiência em trazer para o

universo literário inquietantes matérias de sua verdade e de certa realidade brasileira, marcada pelas tensões conflitantes do momento de transição desse gênero, da literatura, da sociedade brasileira nos aspectos social, econômico, político e cultural e da humanidade, após a segunda guerra mundial.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou
o povo sumiu
a noite espionou...

(Carlos Drummond de Andrade)

E agora, Claudete? Será que conseguiu alcançar os objetivos e realizar seu projeto a respeito da literatura infantil e juvenil de Francisco Marins? Talvez?! Eagleton (1997, p. 5) observa que “o discurso literário torna estranha, aliena a fala comum; ao fazê-lo, porém, paradoxalmente nos leva a vivenciar a experiência de maneira mais íntima, mais intensa”.

Embora nesta Tese não se tenha um discurso literário, procurei, com certeza, vivenciar com intensidade o seu processo de produção; no entanto, ao chegar ao final, percebo que alguns aspectos foram apenas tangenciados e que há muito o que discutir tanto a respeito da produção literária de Francisco Marins quanto em relação à literatura infantil e juvenil brasileira, produzida no período de 1945 a 1960.

Mas o processo recuperação, seleção, organização e análise do material a respeito da vida e obra de Francisco Marins implicou opções, e estas, talvez, tenham deixado inexploradas, ao longo de quatro anos de caminhada, dados relevantes. Tais dados teriam sido importantes para as discussões propostas nesta Tese? Teriam contribuído para compreensão, análise e interpretação do *corpus* explorado? Esse seria o momento de trazê-los para a discussão? Talvez! Como descobrir o “como poderia ter sido” um caminho não percorrido? Em um outro momento, quem sabe, poderei explorá-los, enriquecendo o então já “dito” ou

deixá-los adormecidos na memória, mas marcados como “pistas” para outros pesquisadores. Afinal, conforme apontado na Introdução, há sempre uma história de vida e uma trajetória acadêmico-profissional pulsando latentes e que acompanham a construção de um texto que, ao longo dos anos, vai-se compondo com a própria vida.

Apesar das dúvidas, espero com esta Tese ter contribuído para a compreensão da história, teoria e crítica da literatura infantil brasileira, mediante análise da configuração textual dos livros eleitos como *corpus*, e ter aberto, com as discussões proposta, novos caminhos, para novas pesquisas sobre esse escritor e sua produção literária. Espero, enfim, ter contribuído para a compreensão do diálogo estabelecido entre literatura infantil e juvenil e escola, ensino, leitura e cultura no Brasil, por meio da análise de *Aventuras em Taquara-Póca* e *O sótão da Múmia*, seguindo as “pistas” deixadas por Francisco Marins, nas quais parece ficar claro que o escritor, partindo do particular (sua história de vida) e do coletivo (a realidade social, política, econômica e cultural da época) dá a conhecer a (cons)ciência possível que tem sobre os conflitos e tensões de seu tempo, revelando também a de outros indivíduos do mesmo período.

Para concluir, saliento que estas considerações não se concretizam como “fim”, mas tentam representar uma certa compreensão de etapa vencida em um momento difícil, sombrio e triste de minha vida.

E como cantou Varela,

Minha alma é como o rochedo
Donde o abutre e o corvo tredo
Motejam dos vendavais;

Cobertos de atrós matizes,
Lavrado de cicatrizes,
Do raio, nos temporais!

Mas com Fernando Pessoa concluo

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala aos ventos e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.

Deixo aqui registrada, portanto, a minha modesta contribuição à produção de uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil e juvenil brasileira e uma das primeiras questões que esta contribuição me permite formular: no início desse novo milênio, marcado pela globalização de informações e pela violência entre os povos, que tipo de literatura infantil podemos e queremos oferecer às nossas crianças e jovens?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEITUNO, J. Escritor de Botucatu é candidato à imortalidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo/SP, 29 de janeiro de 1989.

AGUIAR e SILVA, V. M. *Teoria da Literatura*. 8.ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

ARROYO, L. Francisco Marins e a Infância. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa/PR, 06 de dez. 1966.

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. 8.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1968

AUERBACH, E. *Mimeses*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

AZEVEDO, F. A literatura infantil numa perspectiva sociológica. In *Sociologia* (Escola de Sociologia e Política) Vol. XIV, março de 1952, nº 1, p. 43-63

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

BETTELHEINI, Bruno. *Psicanálise da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BOOTH, Wayne C. *Distance et point de vue*. Poétique. Paris: Seuil, 1970.

BORDINI, M.G. (Org) *Guia de leitura para alunos de 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP/MEC; Porto Alegre: CPL/PUCRS, 1989.

BORDINI, M. da G. ; AGUIAR, V. T. de. *A formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado das Letras, 1993 (série novas perspectivas).

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDIDO, A. Estímulos da criação literária. In: _____. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. 3. ed. Revista. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 41-70.

_____. O escritor e o público. In: _____. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. 3. ed. Revista. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 73-88.

_____. A literatura e a formação do homem. *Revista Ciência e Cultura*, 24 (9), p. 803-9, set., 1972.

_____. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975. v. 1.

_____. A Revolução de 1930 e a cultura. In: _____. *A Educação pela Noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 181-98.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-63.

CANDIDO, A. *O discurso e a cidade*. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.



CARVALHO, B. V. de. *Compêndio de Literatura Infantil*: para o 3º ano Normal – De acordo com o Programa Oficial. 2.ed. ampliada. São Paulo: Edições Leia, 1961; 3. ed ampliada. São Paulo: IBEP, s.d.

CECCANTINI, J. L. C. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978 – 1997)*. 680 p. Tese (Doutorado em Letras – área de Literaturas de Língua Portuguesa) UNESP – Assis 2.v – v.1 tese 461 p. e v.2 Anexos 219 p., 2000 a.

COELHO, Nelly Novais. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1984

_____. *Literatura Infantil: teoria – análise – didática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Edusp, 1995.

DELAMARE. (Pseudônimo). O conto Inacabado. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, s.d.

DONATO, H. *100 de Melhoramentos*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ELLIS, M. O café no romance brasileiro. Suplemento Cultural de o *Estado de S. Paulo*, São Paulo/SP 02 de abril de 1978.

ESPOSTO, D. Francisco Marins: O escritor que faz a história de Botucatu, *Vitrini*, Botucatu/SP, nº 4 (31): 20-4, fev. 1995.

FRANFERMAR. (Pseudônimo). Lembrando. *O Ginasiano*, set. 1937. s.l.

_____. O Renegado. *O Ginasiano*, nov. 1937. s.l.

F. POMPEO. (Pseudônimo). Capricho do Caboclo. *O Ginasiano*, jun. 1938. s.l.

FRANCISCO Marins fala sobre literatura infantil. *Imprensa Católica*, São Paulo/SP, 1955

FRANCISCO Marins: retiro cultural. *Revista Actual* Botucatu/SP, ano 1, nº 1, 1988.

FRANCISCO Marins: Páginas datilografadas com cópias de críticas sobre os livros: *Nas terras do Rei Café*; *Os segredos de Taquara-Póca*; *O Coleira-Preta*; *Gafanhotos em Taquara-Póca*; *Viagem ao Mundo Desconhecido* e *Expedição aos Martiros*, Botucatu/SP, s.d.

FERREIRA, A.B. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 15ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GERALDI, J. W. (Org.) *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984.

_____. *Portos de passagem*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (Texto e linguagem).



_____. Trouxeste a chave? In: MAGNANI, M. R.M. *Em Sobressaltos: formação de professora*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1993.

GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral. Lisboa: Martins, Veg-Universidade, s.d.

GÓES, L. P. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984 (manual de estudos).

_____. *A aventura da Literatura para criança: formas de avaliação da literatura infantil e juvenil através da obra de Francisco Marins*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

HELD, Jacqueline. *O imaginário do poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.

IVOLELA, H A lembrança dos tempos de criança. *O Estado de S. Paulo*, s.d.

KAISER, Wolfgang. *Qui raconte le roman?*. Poétique. Paris: Seuil, 1970.

LAJOLO, M. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história e Histórias*. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1984.

LIVRO de Marins vai virar filme. *Folha Regional*, Botucatu, 08 de fevereiro de 1990.

LOURENÇO FILHO, M. B Como aperfeiçoar a literatura infantil. In *Revista Brasileira (ABL)*, nº 3, v.7, 1943, p. 146-69.

_____. Um romance paulista: "Clarão na serra", Suplemento literário, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 de maio de 1962.

_____. Oração do Acadêmico Lourenço Filho na Recepção do Acadêmico Francisco Marins. *Revista da Academia Paulista de Letras*, 25 de março de 1966.

MAGALHÃES, L. C. História Infantil e Pedagogia. In: ZILBERMAN, R. e MAGALHÃES, L. C. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*. São Paulo: Ática, 1982, p. 51-60.

MAGNANI, M.R.M. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *Em sobressaltos: formação de professora*. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996 (digitado)

_____. Leitura e cultura: considerações sobre a produção didática de Lourenço Filho. In: MONARCHA, C. (Org). *Centenário de Lourenço Filho: 1897 – 1997*. Londrina: UEL; Marília: UNESP; Rio de Janeiro: ABE, 1997, p. 145-57.



_____. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. In. *Miscelânea*: FCT/UNESP, Assis, SP: Arte e Ciência, 1998.

MARINS, Francisco. Depoimento da atual geração acadêmica. *Arcádia*, outubro, 1944, p 57-60. s.l.

_____. Paulo Eiró – Poeta Esquecido. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 09 de abr., 1939. s.d.t.

_____. Campeonato Aberto do Interior. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 01 de out., 1939. s.d.t.

_____. O Campeonato aberto do interior e a exposição feira. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 08 de out., 1939. s.d.t.

_____. Campeonato aberto do interior. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 11 de out., 1939. s.d.t.

_____. Campeonato aberto do interior. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 18 de out., 1939. s.d.t.

_____. Fazenda. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 18 de out., 1939. s.d.t.

_____. Campeonato aberto do interior. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 20 de out., 1939. s.d.t.

_____. O bexinguento. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 25 de out., 1939. s.d.t.

_____. Exposição feira de campinas – visão lateral e ligeira. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 29 de out., 1939. s.d.t.

_____. Ritinha. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 01 de nov., 1939. s.d.t.

_____. Ritinha. *O Malho*, 21 de dez. de 1939. s.l.

_____. Chamada para o exército. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 08 de nov., 1939. s.d.t.

_____. Valentão. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 22 de nov., 1939. s.d.t.

_____. Moleque de estrada. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 29 de nov., 1939. s.d.t.

_____. Bacharelados de 39. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 10 de dez., 1939. s.d.t.

_____. O Drama das calçadas. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 13 de dez., 1939. s.d.t.

_____. A desvantagem do “Programa Gentilezas”. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 15 de dez., 1939. s.d.t.

_____. Bacharelado. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 17 de dez., 1939. s.d.t.

_____. Serra de Botucatu. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 20 de dez., 1939. s.d.t.

_____. Baby Barioni. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 22 de dez., 1939. s.d.t.

_____. Presépio de Vila. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 24 de dez., 1939. s.d.t.

- _____. Bacharelados - normalistas. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 05 de jan., 1940. s.d.t.
- _____. U'a Mensagem aos Bacharelados de 1940. *O Estudante*, dez., 1940. s.l.
- _____. Lobato e o Petróleo. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 14 de jan., 1940. s.d.t.
- _____. Paraguassu. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 de jul., 1940. s.d.t.
- _____. Paraguassu. *A Comarca*, 14 de jul., 1940. s.l.
- _____. Museu Euclides da Cunha. *Revista Nous*, set., 1940. s.l.
- _____. Literatura Nova. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 13 de out., 1940. s.d.t.
- _____. Estádio Municipal de Pacaembu. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1940. s.d.t.
- _____. Destino. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1940.
- _____. Pitangas e Gabirobas. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1940. s.d.t.
- _____. Noite de São João – Pitangas e Gabirobas. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP. s.d.t.
- _____. A grande Conquista. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1940. s.d.t.
- _____. Cangaço e seca. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1940. s.d.t.
- _____. Impressões que ficam. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1940. s.d.t.
- _____. O drama pungente. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1940. s.d.t.
- _____. Os Livros que “apanham”. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP. Ano VII, nº 909, 1940
- _____. Foi poeta, sonhou e amou na vida. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1940. s.d.t.
- _____. Com os nossos. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1940. s.d.t.
- _____. São Paulo de ontem e hoje. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 24 de jan. 1941.
- _____. A Melhor Propaganda. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 18 de jul. de 1941.
- _____. Machado de Assis, escritor pouco lido e muito falado. *Folha da Manhã*, São Paulo/SP, 27 de abr., 1941.
- _____. O “Bandeireiro” – símbolo do espírito religioso do homem rude. *Revista Planalto*, Rio de Janeiro/RJ, 01 de out. 1941.
- _____. As construções navais brasileiras. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1941. s.d.t.
- _____. Brasil – um país do futuro. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1941. s.d.t.
- _____. Um livro sobre o Brasil. *Revista Arcadas*, p. 2, 05 de maio, 1941. s.l.

- _____. Bentinho – foi procurar emprego na capital. *Revista Planalto*, Rio de Janeiro/RJ, 01 de jan. 1942. s.d.t.
- _____. Segunda feira 4 – página de diário. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 13 de mar. 1942. s.d.t.
- _____. Segunda-Feira 4 – Página de Diário. *O Malho*, s.d.
- _____. Moleque de estrada. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 05 de ago. 1942. s.d.
- _____. Quando a tormenta passar. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 30 de out. 1942.
- _____. Sob a paz do simples: à memória de Máximo Dias. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 08 de dez. 1942.
- _____. Trecho de novela inacabada. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 1942. s.d.t.
- _____. A literatura do café. *Diário de Notícia*, Ribeirão Preto/SP, 28 de fev., 1943. s.d.t.
- _____. José Lins do Rego e o sentido de uma obra. *Revista Nous*, s.d.
- _____. O momento que passa: o drama pungente do “Aleijadinho”. *Revista Ilustração*, 20 de maio, 1943. s.l.
- _____. Cangaço e Seca. *Revista Nous*, s.d.
- _____. Dois nomes símbolos: Dostoiévski e Tolstói. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, abr., 1943. s.d.t.
- _____. A Muralha chinesa. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, abr. de 1943. s.d.t.
- _____. Uma entrevista com Carlos Burlamaqui Kopke. *Revista Ilustração*, 03 de jun., 1943. s.l.
- _____. Trinta e cinco anos na imprensa diária. *Revista Ilustração*, v. 16, 10 de jun., 1943, p. 9. s.l.
- _____. A mensagem renovadora de Graça Aranha. *Folha de Botucatu*, Botucatu, ago. de 1943. s.d.t.
- _____. O Romance de Dostoiévski. *Revista A Balança*, jul., 1943. s.l.
- _____. Tonico não volta mais. *Revista XI de Agosto*, 1943. s.l.
- _____. Mulita. *Revista Arcádia*, s. d. , 1944. s.l.
- _____. O Sertanismo Brasileiro: I Compreensão do sertanismo brasileiro. *Revista Arcádia*, s. d. , 1944. s.l.
- _____. O Sertanismo Brasileiro: II O Conto. *Revista Arcádia*, ago., 1944, p. 47-50. s.l.
- _____. O Sertanismo Brasileiro: III O Romance. *Revista Arcádia*, s. d. , 1944. s.l.
- _____. Constâncio C. Vigil e o Sentido de uma obra. *Volante – C.M.S.P.*, nov., 1944. s.l.

- _____. Manifesto aos estudantes de Direito. *Volante*, 1944. s.l.
- _____. *Os sertões, de Euclides*: três estudos (sobre o tema euclidiano), s.d.
- _____. Euclides de volta a São José do Rio Pardo. s.d.
- _____. *Aventuras em Taquara-Póca*. Ilustrações de Augustus e Oswaldo Storni. 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963.
- _____. *Nas terras do Rei do Café* (1945). Ilustrações de Augustus e Oswaldo Storni. São Paulo: Melhoramentos, 1945.
- _____. *Os segredos de Taquara-Póca* (1947). Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo: Melhoramentos, 1947.
- _____. Palestra Proferida na Câmara Brasileira do Livro, s.l. 1949. s.d.
- _____. *O coleira-preta* (1949). Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo: Melhoramentos, 1949.
- _____. A extraordinária importância da Literatura Infantil em nossos dias. Palestra Proferida na Biblioteca Infantil Municipal, s.d. , em 13 de out. de 1949 (original datilografado).
- _____. *Gafanhotos em Taquara-Póca* (1950). 8.ed. Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo: Melhoramentos, 1950.
- _____. *Expedição aos Martírios*. São Paulo: Melhoramentos, 1952 (série Roteiro dos Martírios)
- _____. *A aldeia sagrada*. São Paulo: Melhoramentos, 1953. (Série Taquara-Póca)
- _____. *Território de bravos*. São Paulo: Melhoramentos, 1954. (série Taquara-Póca)
- _____. Palestra Proferida na Câmara Brasileira do Livro, s.d. , em out. de 1955 (original datilografado)
- _____. *Volta à serra misteriosa*. São Paulo: Melhoramentos, 1956 (série Roteiro dos Martírios)
- _____. *O Bugre-do-chapéu-de-anta*. São Paulo: Melhoramentos, 1958 (série Roteiro dos Martírios)
- _____. Literatura infanto-juvenil. Palestra em São Paulo, em 18 de mai. De 1961. s.l.
- _____. *Clarão na serra*. São Paulo: Melhoramentos, 1962 (série Panorama da literatura brasileira)
- _____. *Grotão do café amarelo*. São Paulo: Melhoramentos, 1963 (série Panorama da literatura brasileira)
- _____. *E a porteira bateu*. São Paulo: Melhoramentos, 1968 (série Panorama da literatura brasileira)
- _____. Entrevista concedida aos alunos da 4ª série ginásial do Colégio Estadual "Professor Fidelino de Figueiredo", Botucatu, 1997.



- _____. *Viagem ao mundo desconhecido: a fabulosa aventura de Fernão de Magalhães*. São Paulo: Melhoramentos, 1980 (série Comunicação)
- _____. *Verde era o coração da montanha*. São Paulo: Melhoramentos, 1981 (série Francisco Marins)
- _____. *O mistério dos morros dourados*. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. *Atalho sem fim*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *A Guerra de Canudos*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. Lourenço Filho e a arte de ensinar. *O Estado*, São Paulo, 03 out. 1987.
- _____. *A montanha de duas cabeças*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *O favo de mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990 (série Elo)
- _____. *A fogueira verde* (no prelo)
- _____. *Em busca do diamante*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. Entrevista concedida a Ana Maria Costa Santos Menin em 02 de abril de 1997.
- _____. In: _____. *Favo de mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p.43-50.
- _____. Noite de geada grande. In: _____. *Favo de mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p. 51-64.
- _____. Ritinha. In: _____. *Favo de mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p. 65-72.
- _____. A picada da cobra. In: _____. *Favo de mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p.73-82.
- _____. A literatura Infantil na formação do hábito de ler. Palestra Proferida em São Paulo, abr, de 1976. s.d.t.
- _____. Discursos de Hernani Donato e Francisco Marins. Separata da *Revista da Academia Paulista de Letras*, nº 80, ano XXIX, dez. 1972. p. 29-45. s.l.
- _____. Literatura infantil e Lourenço Filho. In. MONARCHA, C. (Org). *Centenário de Lourenço Filho: 1897 – 1997*. Londrina: UEL; Marília: UNESP; Rio de Janeiro: ABE, 1997, p. 77-89.
- _____. Entrevista cedida por Francisco Marins a Ana Maria da Costa Santos. Botucatu/SP, 02 de abr. de 1997.
- _____. *O sótão da múmia* (1998). Ilustrações de Sérgio Palmiro. São Paulo: Saraiva, 1998 (coleção Jabuti).
- _____. Marins recria mundo rural em nova obra. *Correio da Serra*, Botucatu/SP Ano X nº 1679. 7 de outubro de 2001.



MATO GROSSO DO SUL. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares: uma proposta de educação para Mato Grosso do Sul – Habilitação Magistério*. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação, 1994.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1951.

MEL com sabor de fel. *O Estado do Maranhão*, 04 de dezembro de 1990. s.l.

MELLO, Franceli Aparecida da Silva. *Estudo das tendências da obra de Francisco Marins*. 1987. 175 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Ensino da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MENESES, R. Francisco Marins começou a escrever a fim de mostrar as belezas da roça. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 de junho de 1956.

MESSEJANA, Francisco (Pseudônimo). Paulo Setúbal – O Romancista e o Poeta. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 16 dez. 1938. s.d.t.

_____. Monteiro Lobato e o sucesso de seus livros. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 25 dez. 1938, s.d.t.

_____. Djalma Grohmann – um contista imaginoso. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 06 jan. 1939, s.d.t.

_____. Érico Veríssimo – “Olhai os lírios no campo”. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 13 jan. 1939, s.d.t.

_____. Motivos de Estrada. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 24 fev. 1939, s.d.t.

_____. Morcego (roubou o veludo do túmulo para fazer uma fantasia). *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 05 mar. 1939, s.d.t.

_____. Nhô Simão. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 15 mar. 1939, s.d.t.

_____. Machado de Assis I – O momento nacional. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 02 jun. 1939, s.d.t.

_____. Machado de Assis II – Primeiros anos. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 jun. 1939, s.d.t.

_____. Machado de Assis III – Primeiras obras. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 16 jun. 1939, s.d.t.

_____. Machado de Assis IV. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 18 jun. 1939, s.d.t.

_____. Machado de Assis V. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 21 jun. 1939, s.d.t.

_____. Nhô Máximo. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 28 jun. 1939, s.d.t.

_____. Tourada. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 jul. 1939, s.d.t.



- _____. Uma hora com os Carajás. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 13 set. 1939, s.d.t.
- MONARCHA, C. Lourenço Filho e a Biblioteca de Educação. In. — (Org). *Centenário de Lourenço Filho: 1897 – 1997*. Londrina: UEL; Marília: UNESP; Rio de Janeiro: ABE, 1997, p. 27-58.
- MORTATTI, M. R. L. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura: teoria & prática*, n. 36, p. 11-17, dez. 2000
- MOSCOGLIATO, E. Crônica. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu, 01 de maio de 1987. s.d.t.
- NOVAK, H. Botucatu, cidade de escritores, presta homenagem ao romancista Ibiapaba Martins. *Diário Popular*, São Paulo, 25 de novembro de 1983. s.l.
- _____. Volta ao tema rural paulista, *O Diário Popular*, São Paulo/SP, s.d.
- O QUE é fantasia e o que é realidade na obra de Francisco Marins, um ex-jornalista dos idos de 30, em Botucatu, que hoje tem mais de 3 milhões de livros vendidos, *Kalunga*, ano XXVI, nº 90, junho de 1968.
- OLIVEIRA, A. S. De. A literatura através dos tempos. In. *Curso de literatura infantil*. São Paulo: Editora Santos Oliveira, s. d., p. 8-35.
- PEÇA teatral “Taquara-Póca” estréia dia 9. *A cidade*, Botucatu, 28 de abril de 1999.
- PEDRETTI NETO, J. Os segredos de Taquarq-Póca. *Folha de Botucatu*, 1948. s.d.
- PEREIRA, M. Um autor de clássicos infanto-juvenis. *O quatrinho*, Caxias do Sul/RS, 14 de março de 1996.
- PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- PINTO, J. B. *Pontos de Literatura Infantil: para alunos do 3º Ano Normal, para candidatos a concursos vários no magistério secundário, primário e normal*. 4.ed. aumentada e revisada. São Paulo: F.T.D. S.A., 1967.
- POILLON, Jean. O tempo no romance. Tradução de Eloysa de L. Dantas. São Paulo: Cutrix/Edusp, 1974.
- PUIG, H. M. A epopéia em Francisco Marins. *Jornal do Dia*, 12 de junho de 1960. s.l.
- QUARTIM, G. Recado ao meu filho... e o sítio de Taquara-Póca. *Diário da Manhã*, Ribeirão Preto, 14 de dezembro de 1974. s.d.t
- REIS, C. ; LOPES, A. C. M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- ROCCO, M. T. F. *Literatura e ensino: uma problemática*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.
- ROGER, Sale Fairy. *Tales and After: from. Snow whit to E. B. white*. Harveard: Harveard Universty Press, 1978.

ROSENFELD, Anatol. *Texto e contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SALEM, N. *Literatura infantil*. São Paulo: Mestre Jou, 1959.

_____. *História da literatura infantil*. 2.ed. ampliada e reformulada. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SANDRONI, L. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, E. D'angelo (Org). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998, p. 11- 26. (Coleção Leituras do Brasil)

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SOUZA, C. C. *A formação do alfabetizador no CEFAM de Três Lagoas/MS: entre a tarefa de ensinar a aplicar o novo e a mudança nas relações de ensino*. Marília/SP, 1996. 273p. Dissertação (Mestrado em Educação) UNESP.

_____. Francisco Marins: um escritor de longas décadas. *Jornal do Povo*. Três Lagoas/MS. Ano 52, nº 3215. 06 de outubro de 2001, p. 7.

SOUZA, E. G. de.; CAVALCANTE, A. L. de U. (Org) *Edições Brasileiras: Suplemento Especial de Bibliografia de Livros Infantis*. Compilada pelo Centro de Bibliotecnia. Rio de Janeiro, 1968. 160 p. v. 1.

TALES, Andrade de. *Saudade*. 69 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

UMA vida de dedicação à literatura e às crianças, *InVista* (informativo financeiro Sudameris) s.d.t

WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1955.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. 6. ed. São Paulo: Global, 1981.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: História, autores e textos*. 4. ed. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982. (Ensaio 82).

YUNES, E. Brasil: um balance crítico. *Casa de las Américas*, v. 30, nº. 175, 1989, p. 85-86.



BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia de Francisco Marins

(pseudônimos: DELAMARE; F. POMPEO; FRANFERMAR; MESSEJANA)

1.1 Literatura infantil e juvenil

_____. Francisco. *Nas Terras do Rei Café*. São Paulo: Melhoramentos, 1945. (*Série Taquara-Póca*)

Edição	Tiragem	Data
01	6000	out. 1945
02	10000	jun. 1947
03	6000	jul. 1953
04	6000	jun. 1956
05	8000	out. 1958
06	8000	abr. 1961
07	6000	jul. 1963
08	6000	mar. 1965
09	6000	abr. 1967
10	12000	dez. 1967
11	5000	ago. 1968
12	6500	out. 1969
13	8000	nov. 1970
14	6000	dez. 1971
15	6000	fev. 1973
16	6000	ago. 1973
17	6000	out. 1974
18	20000	set. 1975
19	6000	ago. 1977
20	6000	abr. 1978
21	4000	abr. 1979
22	25000	ago. 1980
23	2000	set. 1982
24	8000	dez. 1982

_____. *Nas Terras do Rei Café*. São Paulo: Melhoramentos, 1985. (*Série Comunicação*)

Edição	Tiragem	Data
26	5000	? 1985
27	8000	set. 1987

_____. *Nas terras do rei café*. São Paulo: Melhoramentos, 1996. (*Série Francisco Marins*).

Edição	Tiragem	Data
28	2000	out. 1996
29	3960	dez. 1996
30	1666	jul. 1998

MARINS, Francisco. *Os segredos de Taquara-Póca*. São Paulo: Melhoramentos, 1947. (*Série Taquara-Póca*).

Edição	Tiragem	Data
01	6000	out. 1947
02	6000	mai. 1950
03	6000	out. 1954
04	8000	ago. 1957
05	6000	set. 1959
06	8000	jan. 1962
07	8000	abr. 1964
08	6000	mai. 1967
09	5000	ago. 1968
10	6000	jan. 1969
11	5000	nov. 1970
12	6000	set. 1971
13	6000	jan. 1972
14	6000	jun. 1973
15	5000	abr. 1974
16	5000	set. 1974
17	20000	abr. 1975
18	8000	jul. 1976
19	8000	nov. 1977
20	4000	mar. 1980

_____. *Os segredos de Taquara-Póca*. São Paulo: Melhoramentos, 1981. (*Série Comunicação*).

Edição	Tiragem	Data
21	20000	set. 1981
22	5000	set. 1983
23	2500	jan. 1984
24	3000	set. 1984
25	35000	dez. 1985
26	3000	set. 1985

_____. *Os segredos de Taquara-Póca*. São Paulo: Melhoramentos, 1987. (*Série Francisco Marins*)

Edição	Tiragem	Data
27	8000	set. 1987
28	3079	out. 1997
29	1727	jul. 1998

_____. *Os Segredos de Taquara-Póca*. São Paulo: Fundação para o livro dos cegos no Brasil/Imprensa Braille, 1959.

_____. *O Coleira-Preta*. São Paulo: Melhoramentos, 1948. (*Série Taquara-Póca*)

Edição	Tiragem	Data
01	6000	out. 1949
02	6000	out. 1953
03	6000	jun. 1956
04	8000	out. 1958
05	8000	mar. 1961
06	8000	jan. 1964
07	6000	abr. 1967
08	5000	ago. 1968
09	5500	out. 1969
10	5000	mar. 1972
11	6000	abr. 1973
12	6000	mar. 1975
13	6000	dez. 1976
14	6000	set. 1978

_____. *O Coleira-Preta*. São Paulo: Melhoramentos, 1986. (*Série Comunicação*)

Edição	Tiragem	Data
15	6000	jan. 1986

_____. *O Coleira-Preta*. São Paulo: Melhoramentos, 1988. (*Série Francisco Marins*)

Edição	Tiragem	Data
16	5000	ago. 1988

_____. *Gafanhotos em Taquara-Póca*. São Paulo: Melhoramentos, 1950. (*Série Taquara-Póca*)

Edição	Tiragem	Data
01	6000	ago. 1950
02	6000	out. 1954
03	8000	out. 1957
04	5000	set. 1960
05	6000	dez. 1962
06	6000	fev. 1965
07	6000	out. 1967
08	5000	ago. 1968
09	6000	jun. 1971
10	6000	abr. 1973
11	6000	mar. 1975
12	5000	jul. 1977
13	4000	abr. 1979

_____. *Gafanhotos em Taquara-Póca*. São Paulo: Melhoramentos, 1986. (*Série Comunicação*)

Edição	Tiragem	Data
14	6000	jan. 1986

15	8000	out. 1987
----	------	-----------

_____. *Viagem ao mundo desconhecido*. São Paulo: Melhoramentos, 1950. (*Série Taquara-Póca*)

Edição	Tiragem	Data
01	6000	ago. 1951
02	6000	ago. 1953
03	6000	set. 1955
04	8000	out. 1957
05	6000	fev. 1960
06	8000	nov. 1961
07	10000	abr. 1964
08	6000	fev. 1967
09	6000	ago. 1967
10	10000	dez. 1967
11	5000	ago. 1968
12	6000	out. 1969
13	6000	nov. 1970
14	5000	mai. 1972
15	6000	abr. 1973
16	5000	jun. 1974
17	6000	jul. 1975
18	6000	dez. 1976
19	6000	jun. 1978

_____. *Viagem ao mundo desconhecido: a fabulosa aventura de Fernão de Magalhães*. São Paulo: Melhoramentos, 1980. (*Série Comunicação*).

Edição	Tiragem	Data
20	25000	ago. 1980
21	3000	fev. 1984
22	5000	abr. 1985
23	6000	jan. 1988

_____. *Expedição aos Martírios*. São Paulo: Melhoramentos, 1952. (*Série Roteiro dos Martírios*)

Edição	Tiragem	Data
01	6000	jul. 1952
02	6300	ago. 1955
03	8000	set. 1957
04	6000	jul. 1960
05	6000	jun. 1963
06	6000	mai. 1965

07	6000	abr. 1967
08	11000	ago. 1968
09	5000	out. 1970
10	6000	dez. 1971

_____. *Expedição aos Martírios*. São Paulo: Melhoramentos, 1972. (*Série Taquara-Póca*)

Edição	Tiragem	Data
11	5000	abr. 1972
12	6000	set. 1974
13	6000	mai. 1976
14	16000	ago. 1977
15	6000	set. 1978

_____. *Expedição aos Martírios*. São Paulo: Melhoramentos, 1980. (*Série Nova Aventura de Ler*)

Edição	Tiragem	Data
16	10000	dez. 1980

_____. *Expedição aos Martírios*. São Paulo: Melhoramentos, 1982. (*Série Comunicação*)

Edição	Tiragem	Data
17	8000	out. 1982
18	8000	abr. 1983
19	8000	? 1987

_____. *A aldeia sagrada*. São Paulo: Melhoramentos, 1953. (*Série Taquara-Póca*)

Edição	Tiragem	Data
01	6000	jul. 1953
02	6000	ago. 1955
03	8000	nov. 1957
04	6000	jul. 1960
05	6000	fev. 1963
06	6000	mai. 1965
07	8000	mai. 1966
08	15000	jan. 1968
09	5000	ago. 1968
10	6000	out. 1969
11	6000	out. 1970
12	6000	set. 1971
13	6000	fev. 1973
14	6000	ago. 1973
15	6000	dez. 1974

16	6000	jan. 1976
17	6000	fev. 1977
18	6000	mar. 1978
19	4000	abr. 1979
20	5000	out. 1980
21	4000	set. 1982

_____. *A aldeia sagrada*. São Paulo: Melhoramentos, 1983. (Série Comunicação)

Edição	Tiragem	Data
22	5000	jul. 1983
23	3000	abr. 1984
24	3000	? 1985
25	12000	? 1987

_____. *A aldeia sagrada*. São Paulo: Melhoramentos, 1987. (Série Francisco Marins)

Edição	Tiragem	Data
26	8000	set. 1987

_____. *A aldeia sagrada* - 1º capítulo. *O Jornal da Juventude*, São Paulo/SP, 9 a 15 jul. 1957. n.22, v.1, Suplemento Piá, p.6.

_____. *A aldeia sagrada* - 2º capítulo. *O Jornal da Juventude*, São Paulo/SP, 16 a 22 maio. 1957. n.23, v.1, Suplemento Piá, p.14.

_____. *A aldeia sagrada* - 3º capítulo. *O Jornal da Juventude*, São Paulo/SP, 23 a 29 maio. 1957. n.24, v.1, Suplemento Piá, p.6.

_____. *A aldeia sagrada* - 4º capítulo. *O Jornal da Juventude*, São Paulo/SP, 30 maio a 05 jun. 1957. n.25, v.1, Suplemento Piá, p.11.

_____. *A aldeia sagrada* - 5º capítulo. *O Jornal da Juventude*, São Paulo/SP, 6 a 12 jun. 1957. n.26, v.1, Suplemento Piá, p.3.

_____. *A aldeia sagrada* - 6º capítulo. *O Jornal da Juventude*, São Paulo/SP, 13 a 19 jun. 1957. n.27, v.1, Suplemento Piá, p.11.

_____. *A aldeia sagrada* - 7º capítulo. *O Jornal da Juventude*, São Paulo/SP, 20 a 26 jun. 1957. n.28, v.1, Suplemento Piá, p.3.

_____. *A aldeia sagrada* - 8º capítulo. *O Jornal da Juventude*, São Paulo/SP, 27 de jun. a 03 jul. 1957. n.29, v.1, Suplemento Piá, p.11.

_____. *A aldeia sagrada* - 9º capítulo. *O Jornal da Juventude*, São Paulo/SP, 04 a 10 jul. 1957. n.30, v.1, Suplemento Piá, p.6.

_____. A aldeia sagrada - 10º capítulo. *O Jornal da Juventude*, São Paulo/SP, 11 a 17 jul. 1957. n.31, v.1, Suplemento Piá, p.14.

_____. *Território de Bravos*. São Paulo: Melhoramentos, 1954. (Série Taquara-Póca)

Edição	Tiragem	Data
01	6000	nov. 1954
02	8000	jul. 1956
03	6000	jul. 1959
04	8000	mai. 1961
05	8000	abr. 1964
06	6000	mai. 1966
07	6000	out. 1967
08	5000	ago. 1968
09	6000	out. 1969
10	5000	mar. 1972
11	6000	abr. 1973
12	20000	jun. 1974
13	6000	dez. 1976
14	6000	set. 1978

_____. *Volta a serra misteriosa*. São Paulo: Melhoramentos, 1956 (Série Roteiro dos Martírios)

Edição	Tiragem	Data
01	8000	ago. 1956
02	8000	out. 1958
03	8000	nov. 1961
04	8000	mar. 1964
05	6000	fev. 1967
06	11000	out. 1968
07	3500	jun. 1971
08	2500	abr. 1972
09	6000	jun. 1973
10	6000	out. 1975
11	18000	out. 1977
12	6000	set. 1978
12	6000	mar. 1979

_____. *O Bugre-do-chapéu-de-anta*. São Paulo: Melhoramentos, 1958. (Série Roteiro dos Martírios)

Edição	Tiragem	Data
01	8000	set. 1958
02	6000	set. 1960
03	6000	jul. 1963
04	6000	mai. 1966
05	11000	out. 1968

06	5000	abr. 1972
07	6000	jun. 1973
08	6000	mai. 1975
09	5000	out. 1977
10	4000	abr. 1979

_____. *Aventuras em Taquara-Póca*. Ilustrações de Augustos e Osvaldo Storni. 7ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

01	2000	Dez. 1963
----	------	-----------

_____. *Território de bravos: a vida histórica de Plácido de Castro e a história do Acre*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

_____. *A aldeia sagrada, a dramática história de Canudos*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

_____. *Verde era o coração da montanha*. São Paulo: Melhoramentos, 1981. (Série Francisco Marins)

Edição	Tiragem	Data
01	5000	abr. 1981
02	8000	set. 1987

_____. *O mistério dos morros dourados*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. *A guerra de Canudos*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Gafanhotos*. São Paulo: Melhoramentos, 1988 (Série: Francisco Marins)

Edição	Tiragem	Data
25	5000	ago. 1988

_____. *A montanha de duas cabeças*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *Em busca do diamante*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *O sótão da múmia*. São Paulo: Saraiva, 1998

1.2 Literatura para adultos

MARINS, Francisco. *Clarão na serra*. São Paulo: Melhoramentos, 1962. (Série Panorama da Literatura Brasileira)

Edição	Tiragem	Data
01	5000	abr. 1962

02	5000	dez. 1963
03	5000	mai. 1967
04	5000	out. 1969
05	5000	nov. 1970
06	10000	jan. 1973
07	4000	fev. 1974
08	3000	mai. 1977

_____. *Grotão do café amarelo*. São Paulo: Melhoramentos, 1963. (*Série Panorama da Literatura Brasileira*)

Edição	Tiragem	Data
01	6000	dez. 1963
02	5000	dez. 1964
03	5000	out. 1969

_____. *Grotão do café amarelo*. São Paulo: Melhoramentos, 1973. (*Série Saga do Café*)

Edição	Tiragem	Data
04	3000	abr. 1973

_____. *E a porteira bateu*. São Paulo: Melhoramentos, 1968. (*Série Panorama da Literatura Brasileira*)

Edição	Tiragem	Data
01	6000	jun. 1968
02	5000	out. 1969

_____. *E a porteira bateu*. São Paulo: Melhoramentos, 1973. (*Série Saga do Café*)

Edição	Tiragem	Data
03	3000	abr. 1973

_____. *Atalho sem fim*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *O Favo de Mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. (*Série Elo*)

Edição	Tiragem	Data
01	5000	ago. 1990

_____. *O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

_____. *A fogueira Verde*. (no prelo).

1.3 Traduções e adaptações

ANDERSEN, H. C. *O Patinho Feio*. Tradução por Francisco Marins. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].

DUMAS, A. *O Máscara de Ferro*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

_____. *O Máscara de Ferro*. Adaptação de Francisco Messejana (pseudônimo). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. *O Máscara de Ferro*. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Clássicos da Literatura Juvenil).

_____. *O Conde de Monte Cristo*. Tradução e Adaptação por G. R. Rinaldi e Francisco Marins. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].

_____. *O Visconde Bragelonne*. Adaptação de G. R. Rinaldi e Francisco Marins. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

GERSRACKER. *A Família Robinson*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].

VIGIL, C. C. de. *O Bosque Azul e Trapatos*. São Paulo: Melhoramentos, 1947.

WHEELER, Opal. *Robert Shumann*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].

1.4 Crônicas

MARINS, Francisco. Mulita. In: _____. *Favo de Mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p.43-50.

_____. Noite de Geada Grande. In: _____. *Favo de Mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p. 51-64.

_____. Ritinha. In: _____. *Favo de Mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p. 65-72.

_____. A Picada da Cobra. In: _____. *Favo de Mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p.73-82.

1.5 Outros

MARINS, Francisco. Caderno de Português. 2ª série, nº 86, de março a novembro de 1936 (original manuscrito).

_____. *Homens marcados*. São Paulo: Suplemento Infantil do Diário de São Paulo, 1937. (original datilografado)

_____. Duas palavras sobre a literatura através dos tempos. Botucatu/SP, 20 de out. de 1938 (original datilografado e encadernado em forma de livro).

_____. Planos de aula – apontamentos para aulas. setembro de 1941 (original manuscrito) s.l.

_____. Caderno de Redação. Escola Normal de Botucatu – Curso Fundamental, de março a novembro de 1939 e anotações de estudos desde 1939 até agosto de 1943 (original manuscrito)

_____. Natal na Floresta. Conto Inédito. (original datilografado) s.d.

_____. *Aventuras Nas Terras do Rei Café*. (1ª versão datilografada) s.d.

_____. Trechos extraídos de reportagem feita por Gilberto Mansur para *O Jornal da Tarde*. (Original manuscrito). s.d.t.

_____. Discurso proferido por ocasião do aniversário do Sr. Strobel, maio de 1949 (Original datilografado) s.d.

_____. Palestra proferida na Biblioteca Infantil Municipal, 13 de out. de 1949 (Original datilografado) s.d.

_____. Caderno de apontamentos – rascunhos de *Gafanhotos em Taquara-Póca* e *O Coleira-Preta*. (original manuscrito) s.d.t

_____. *Gafanhotos em Taquara-Póca* – capítulos: Uma cidade de pássaros; pássaros versos insetos; O pássaro que arremeda os outros e Imitadores de passarinhos. (1º original datilografado) s.d.t

_____. Discurso proferido por ocasião da Inauguração da Loja 2 da Companhia Melhoramentos de São Paulo, em 04 de abr. de 1953 (Original datilografado)

_____. Discurso proferido na solenidade de encerramento do I Congresso de Editores e Livreiros do Brasil, em 1953 (Original datilografado). s.d.

_____. Pequeno Discurso divulgado na Radio Cultura por ocasião às comemorações da Semana de Editores e Livreiros Brasileiros, em 19 de nov. de 1953 (Original datilografado).

_____. Discurso pronunciado durante as festividades de inauguração da “Casa Própria” da Câmara Brasileira do Livro, em 14 de ago. de 1954. (Original datilografado)

_____. Palestra Proferida na Câmara Brasileira do Livro, s. d.

_____. Relatório apresentado à reunião sobre as atividades da Câmara Brasileira do Livro, durante o período em que esteve na Presidência, em substituição ao Sr. Edgard Cavalheiro, s.d. (Original datilografado)

_____. II Congresso Brasileiro de Editores e Livreiros do Brasil (programação). São Paulo, 22 de out. de 1954 (Original datilografado)

_____. Discurso pronunciado como representante dos editores brasileiros, na sessão de encerramento do II Congresso Brasileiro de Editores e Livreiros do Brasil. São Paulo, 22 de out. de 1954.

_____. Discurso proferido nas comemorações do dia do Livro. São Paulo. (Original datilografado) s.d.



_____. Discurso proferido nas comemorações do dia do Livro. São Paulo, out. de 1955. (Original datilografado)

_____. Palestra proferida no Centro Botucatuense do Estudante, em out. de 1955 (Original Manuscrito e 1º original datilografado) s.d.

_____. Os Eldorados do Oeste e o Recuo do Meridiano. Palestra proferida durante os Festejos do Centenário da cidade de Botucatu, em 28 de out. de 1955 (Original datilografado)

_____. Discurso pronunciado por Francisco Marins – Presidente da Câmara Brasileira do Livro – no jantar de Confraternização dos Editores e Livreiros, em 22 de nov. de 1955, no Automóvel Clube de São Paulo. (Original datilografado)

_____. Anotações de temas para debates no Encontro de Editores e Livreiros do Brasil, realizado em out. de 1955 (original manuscrito)

_____. Entrevista de Francisco Marins – Presidente da Câmara Brasileira do Livro – sobre a questão ortográfica. São Paulo, 1955. (Rascunho datilografado). S.d.

_____. Como vivem e trabalham os nossos escritores. Entrevista cedida a Raimundo de Meneses e publicada na coluna Vida Social e Doméstica da *Folha da Manhã*, em 10 de jun. de 1956, p. 54-62 (cópia do original datilografado para publicação).

_____. Escrevendo para a Infância. Palestra proferida, em 22 de out. de 1957, durante a realização da I Semana de Literatura Infantil em São Paulo, promovida pelo Instituto de Educação “Caetano de Campos”, ocorrida no período de 21 a 28 de out. de 1957 (Original datilografado)

_____. Caderno de rascunhos de capítulos de livros. 07 de abr. de 1950 a 21 de jul. de 1958 (Original manuscrito) s.l.

_____. Estórias Maravilhosas In: ANDERSEN, H. C. *Estórias Maravilhosas*. Adaptação de Arnaldo de Oliveira Barreto. São Paulo: Melhoramentos, 1965. (Prefácio) (Orientação do Prof. Lourenço Filho).

_____. Palestra proferida em homenagem a Guiomar R. Rinaldi em comemoração aos 80 anos da escritora, 07 de abr. de 1966. (Original datilografado)

_____. Discurso pronunciado em homenagem e saudação à D. Ângelo Rossi em visita ao Jaraguá Clube Campestre, em 06 de nov. de 1966. s.d.

_____. Discurso de Posse da Cadeira nº 33 da Academia Paulista de Letras. *Revista da Academia Paulista de Letras* - recepção do acadêmico Francisco Marins, São Paulo, p. 1-14, mar., 1966.

_____. Palestra proferida como Presidente de Câmara Brasileira do Livro, em 11 de mai. de 1967 (Original datilografado) s.d.

_____. Palestra proferida por ocasião das comemorações ao dia do Livro, em 02 de jul. de 1970. (Original datilografado) s.d.

_____. Entrevista cedida à equipe da 4ª série ginásial do Colégio Estadual Prof. "Fidelino de Figueiredo", sob a orientação do Prof. Arlindo Bouffleur, no 1º semestre de 1971 (Cópia transcrita de gravação em fita cassete – datilografada)

_____. Discurso de Hernâni Donato e Francisco Marins. *Separata da Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, dia dez. 1972. n.80, v.29, p. 29-45.

_____. A Literatura Infantil na Formação do Hábito de Ler. Palestra proferida no 1º Congresso Ibero-Americano de Literatura Infantil ,Buenos Aires, 05 de abr. de 1976 11p. (Original datilografado)

_____. Discurso pronunciado durante a solenidade pública de Integração da Metropolitana no Grupo Caio. Rio de Janeiro. 09 de jan. de 1976 (Original datilografado).

_____. A Literatura Histórica Paulista. Discurso pronunciado durante as comemorações do 4º Centenário da cidade de São Paulo. (Original datilografado) s.d.

_____. Palestra, em 26 de out. de 1978 (Original datilografado) s.d.

_____. O Favo de Mel. 1º Rascunho datilografado, 10 de dez. de 1978.

_____. O Favo de Mel. 2º Rascunho datilografado e assinado pelo autor, dez. de 1978.

_____. As trilhas que partem de *Os Sertões* e de Euclides. *Separata da Revista Acadêmica Paulista de Letras*, São Paulo/SP, v.37, n.97, p.164-74, mar.,1980.

_____. Os sete momentos supremos de Euclides da Cunha, s.d. t.

_____. Um educador brasileiro: Lourenço Filho. *O Estado*, s.d.t.

_____. Sobre Enciclopédias, s.d. t.

_____. Discurso de Posse de Ibiapaba Martins e Resposta de Francisco Marins. *Separata da Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, dia jul. 1984. n.104, v.XLI, p. 27-40.

_____. *Prêmio Lourenço Filho*. São Paulo: Melhoramentos, 1987. p. 11-15. (Discurso proferido durante a solenidade de entrega do "Prêmio Lourenço Filho", no salão Nobre da FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a 03 de setembro de 1987).

_____. Lourenço Filho e a arte de ensinar. *O Estado*, São Paulo/SP, 03 out. 1987,s.d. t.

_____. Literatura Infantil e Lourenço Filho. In: MONARCHA, C. *Centenário de Lourenço Filho – 1897-1997*. Londrina: UEL; Marília: UNESP e Rio de Janeiro: ABE, 1997. p. 77-89.

_____. Entrevista concedida a Ana Maria Costa Santos Menin em 02 de abril de 1997.

_____. Folder da 1ª Semana Cultural de Botucatu. Botucatu/SP, 17 a 23 de novembro de 1991.

_____. Discurso do Acadêmico Francisco Marins na recepção de Célio Debes na Academia Paulista de Letras, em 29 de set. de 1994. São Paulo: Indústria Gráfica Bentivegna Editora Ltda, 1995, p.39-49.

_____. A cultura e a tradição na encruzilhada. (conferência). *Caderno: Programa da I Conferência Distrital da Ação e Visão do Rotary International Distrito 4310* (ministrada em 23/05/97).

_____. A cultura e a tradição na encruzilhada. *Conferência do Rotary International*, 1, 1997, Botucatu. *Anais...* Botucatu, 1997. p. 29-44. (Distrito 4310)

_____. Coisas da Vila. In: ANDRADE FILHO, Z. Pereira. *Coisas da Vila e outras estórias*. Botucatu/SP: A Montanha Edições, [s.d.]. p.7-8. (Prefácio).

_____. Palavras iniciais. In: CARDOSO, Z. L.V. de A. *O romance Paulista no século XX*. São Paulo: Biblioteca Academia Brasileira de Letras, ano. v. 12, p.7-9. (Prefácio).

_____. O Missionário. *Revista Academia Botucatuense de Letras – Jubileu de Prata 1973-1998*. Botucatu/SP: Santana Gráfica Editora. s.d.

_____. Francisco Marins: o escritor da juventude. HOME PAGE: www.franciscomarins.com.br, ago. de 2000.

MESSEJANA, Francisco (Pseudônimo). Paulo Setúbal – O Romancista e o Poeta. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 16 dez.1938, s.d.t.

_____. Monteiro Lobato e o sucesso de seus livros. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 25 dez. 1938, s.d.t.

MESSEJANA, Francisco. Paulo Setubal: O Romancista e o Poeta. Artigo Escrito para a Coluna Letras Botucatuenses da *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP em dezembro de 1938. (Original datilografado)

_____. Monteiro Lobato e o sucesso de seus livros – Letras Nacionais. Artigo escrito para a *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP em 21 de dez. de 1938 (Original datilografado).

_____. Djalma Grohmann: um contista imaginoso. Artigo Escrito para a coluna Letras Botucatuenses da *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP em 27 de dezembro de 1938. (original datilografado)

_____. Djalma Grohmann – um contista imaginoso. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 06 jan. 1939, s.d.t.

_____. Érico Veríssimo – “Olhai os lírios no campo”. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 13 jan. 1939, s.d.t.

_____. Motivos de Estrada. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 24 fev. 1939, s.d.t.

_____. Morcego (roubou o veludo do túmulo para fazer uma fantasia). *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 05 mar. 1939, s.d.t.

_____. Nhô Simão. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 15 mar. 1939, s.d.t.

- _____. Machado de Assis I – O momento nacional. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 02 jun. 1939, s.d.t.
- _____. Machado de Assis II – Primeiros anos. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 jun. 1939, s.d.t.
- _____. Machado de Assis III – Primeiras obras. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 16 jun. 1939, s.d.t.
- _____. Machado de Assis IV. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 18 jun. 1939, s.d.t.
- _____. Machado de Assis V. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 21 jun. 1939, s.d.t.
- _____. Nhô Máximo. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 28 jun. 1939, s.d.t.
- _____. Tourada. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 jul. 1939, s.d.t.
- _____. Uma hora com os Carajás. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 13 set. 1939, s.d.t.

2 Bibliografia. Sobre Francisco Marins

2.1 Livros

GOES, L. P. *As aventuras da literatura para crianças: formas de avaliação da literatura infantil e juvenil através da obra de Francisco Marins*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

2.2 Teses acadêmicas

MELLO, Franceli Aparecida da Silva. *Estudo das tendências da obra de Francisco Marins*. 1987. 175 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Ensino da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

2.3 Artigos em coletâneas

SOBRE as raízes das narrativas infanto-juvenis e dos romances (extrato de uma entrevista-depoimento) In: MARINS, Francisco. *O favo de mel*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p. 7-11.

2.4 Artigos em periódicos

A HISTÓRIA de quem fez história. *A Cidade. Zomm*, p. 7, s.d. t.,

UMA vida de dedicação à literatura e crianças. Ponto de Vista, *INVESTA* Informativo financeiro SUDAMERIS (Entrevista), s.d.t.

ALCÂNTARA, Lúcio. Os 97 anos da Companhia Melhoramentos de São Paulo na entrega do Prêmio Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1987, p. 3-5 (Discurso pronunciado no Congresso



Nacional pelo deputado Lúcio Alcântara, por ocasião dos 97 anos de fundação da Companhia Melhoramentos de São Paulo e entrega do Prêmio Lourenço Filho.)

ALMEIDA, Lúcia Machado. Divagações sobre literatura infantil. *Boletim Informativo do Livro Infantil*, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Seção Brasileira IBBY, Rio de Janeiro, n. 42, p.14-19., 1978.

DONATO, Hernâni. Café, personagem-guia de um romance sem fim. *Revista Pau Brasil*, São Paulo, n.12, v.2, p.20-5, mai./jun., 1982.

ELLIS, Myrian. O café — a História na literatura. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DE SÃO PAULO, 2, 1975, Araraquara/SP. *Anais...* Araraquara/SP: UNESP, 1975. p. 75-116.

ESPOSTO, David. Francisco Marins: o escritor que faz e registra a História de Botucatu. *Revista Vitrine*, Botucatu/SP, v.4, n.(31), p. 20-4, fev. 1995.

FERRAZ, J. de Sousa. Utopias? Parece que não... *Letras da Província*, n.86-235/236, v.39, P? ,mar./jun., 1987. s.l.

FONTOURA, João Neves da; FRAGA, Clementino e ATHAYDE, Austregésilo de. Parecer sobre o Prêmio Carlos de Laet de 1954. São Paulo, Academia Brasileira de Letras, s.d.t

FRANCISCO Marins divulga cultura brasileira no exterior. *Cuesta*, n.2, v.1, p. 29. s.l.

FRANCISCO Marins. Entrevista publicada na sessão Depoimento da Atual Geração Acadêmica. *Arcádia*, São Paulo/SP, p. 57-60, out. 1944.

FRANCISCO Marins fala sobre literatura infantil. *Imprensa Católica*, Ago/Set., 1955. s.l.

FRANCISCO Marins: Roteiro Cultural. *Revista Actual*, Botucatu/SP, n. 1, v.1, p.19, jun., 1988.

GIACOMO, Arnaldo Magalhães. Clarão na Serra: Romance de Francisco Marins. São Paulo, out. de 1961
(Original datilografado).

GROTÃO do Café Amarelo de Francisco Marins. Edições Melhoramentos: Notícias do Departamento de Propaganda, nº 41, São Paulo: Melhoramentos, s.d. t.

GROTÃO do Café Amarelo Novo Romance de Francisco Marins. Edições Melhoramentos: Notícias do Departamento de Propaganda, nº 54, São Paulo: Melhoramentos, s.d.t.

GUIA de leitura para professores de 1º grau. São Paulo: Melhoramentos, 1980. p.16.

KYRILLOS, Elza de Moraes Barros. A Literatura Infantil na Formação Moral da Criança. In: CONGRESSO PAULISTA DE ESCRITORES, 3, [s.d.], São Paulo, *Anais...* São Paulo: Sociedade Paulista de Escritores, [s.d.].

LOURENÇO FILHO, M. B. Um Romance Paulista: *Clarão da Serra*. São Paulo, 16 de out. de 1961
(Original datilografado).

_____. Um Romance Paulista: *Clarão da Serra*. São Paulo, març. de 1962 (Original datilografado).

_____. Parecer de Lourenço Filho sobre *Grotão do Café Amarelo*. São Paulo/SP, s.d.

_____. Parecer de Lourenço Filho sobre *Grotão do Café Amarelo*. São Paulo/SP, 25 de ago. de 1963.

_____. Parecer de Lourenço Filho sobre *Grotão do Café Amarelo*. São Paulo/SP, 27 de set. de 1963.

LOURENÇO FILHO, M. B. Recepção do Acadêmico Francisco Marins. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo/SP, p.15-32, mar., 1966. (Recepção do Acadêmico Francisco Marins) s.d.

_____. Linguagem Num Romance Paulista. *Revista ALFA*, Marília/SP, p.75-82, mês. 1963-4. s.l.

MELHORAMENTOS: uma homenagem aos escritores – Prêmio Lourenço Filho. *Revista Celulose e Papel*, n.12, v.3, páginas, set./out., 1987. s.l.

NUNES, Carlos Alberto. Bibliografia das 40 Cadeiras. 71 Anos da Academia Paulista de Letras: 1909-1980. Anuário – *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo/SP, p.161-4, mês, 1980. s.d.

O QUE é fantasia e o que é realidade na obra de Francisco Marins, um ex-jornalista dos idos de 30, em Botucatu, que tem hoje mais três milhões de livros vendidos. *Revista Kalunga*, n.90,v.26, página, jun., 1998. s.l

PEREIRA FILHO, Genésio. Resenhas de revistas e jornais. *Imprensa Paulista*, São Paulo, n.36, volume, p.3, ago., 1979.

_____. Homenagem da associação Paulista de Imprensa a Guilherme de Almeida. *Imprensa Paulista*, São Paulo/SP, n. 41, p.7, jul./dez., 1980. s.d.

PINHEIRO, Célio. Perfil de Esperidião. *Boletim do Departamento de Imprensa*, Araçatuba/SP, n. 01, p.1-7, mês, 1969. s.d.

PLOEGER, Alfried Karl. Discurso: Prêmio Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1987, p. 8-10 (Discurso proferido durante a solenidade de entrega do “Prêmio Lourenço Filho”, no salão Nobre da FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a 03 de setembro de 1987)

PRESIDÊNCIA Francisco Marins (de 1979 a 1982). 71 Anos da Academia Paulista de Letras: 1909-1980. Anuário - *Revista da Academia Paulista de Letras*. São Paulo: APL, 1980, p.42- 6.

REEDITADO Clarão na Serra: Romance de Francisco Marins. Edições Melhoramentos: Notícias do Departamento de Propaganda, nº 55, São Paulo: Melhoramentos, s.d.

REVISTA - ZEITSCHRIFT FÜR KULTURAUUSTAUSCH. Edicion Especial en Castellano – Alemanha, marzo de 1977. (Colóquio latinoamericano, 1976. 13 y 14 de septiembre, Sprendlinger.

SAGA do Café: Francisco Marins. Material de divulgação da livraria LTR. São Paulo, 2000.

VERDE era o Coração da Montanha. *Revista Antologia de Contos Pediátricos*, São Paulo, s.d.t.

VIAGEM ao maravilhoso universo do papel e do livro. São Paulo: Melhoramentos, 1965 (Catálogo comemorativo ao grande jubileu da companhia melhoramentos de São Paulo, 1890-1965).

2.5 Referências em capítulos de livros

ARROYO, L. *Literatura Infantil Brasileira*. 8.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1968. p.224-25.

BANDECCHI, Brasil. *História do Brasil - ciclo ginásial*. São Paulo: Editora Didática Irradiante AS., 1969.

_____. *História e Ficção na Poesia e no Romance*. São Paulo: Pannartz, 1985. p. 64-87.

BRAVO-VILLASANTE, Carmem. *Weltgeschichte der kinder-und jugendliteratur*. Berlim: Hermann Schroedel Verlag KG, 1977.

CARVALHO, B. V. *Compêndio de literatura infantil*. 3.ed. amp. São Paulo: IBEP, [s.d.]. p-79-80.

_____. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 4.ed. São Paulo: Global, 1985.

_____. *Literatura infantil: estudos*. São Paulo: Lotus S.^a Editora, [s.d.]. p. 219-20.

CASTAGNOLA, L. *Flores e Vozes de Petrópolis*. Belo Horizonte: Copyright by Editora Vicente, 1982. p. 155-161.

COELHO, N.N. *Panorama histórico da literatura Infantil/Juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1991. p.247-9.

_____. *A Literatura Infantil: teoria - análise - didática*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 84-140.

DONATO, H. *100 anos da Melhoramentos*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p. 114; 141; 150; 151.

ELLIS, Myriam. *O Café: literatura e História*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília, INL, 1987.

FERREIRA, Tarcísio. Segredos de Taquara-Póca: sugestão de leitura. In: FERREIRA, T. *Leitura Orientada: Método de treinamento*. Belo Horizonte/MG: Livraria Atalaia, 1971, p. 169-171.

GOES, L.P. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984, p.166.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 96-107.

LUCCI, E. A., TRIGO, E. C. e TRIGO, E. M. *Descobrimos o mundo de Estudos Sociais e Ciências*. São Paulo: Saraiva, 1985. v. 04, p. 9-11.

LUIZ, E. M. *Direito Administrativo: disciplina, teoria e prática*. São Paulo: Bushatsky, 1977. p. 9-10.



SALEM, Nazira. *História da literatura infantil*. 2.ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970. p.107-110.

SALLES, Miguel. *Ensino Renovado do Português – 2ª série ginasial*. São Paulo: Editora Nacional, 1979. p. 40-4.

SANTOS, Maria Januária V. *História do Brasil: Estudos Sociais - 6ª série – 1º grau*. 7.ed. reform. e ampl. São Paulo: Ática, 1979, p. 93-4.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. *Um Brasil para Crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. 4.ed. São Paulo: Global, 1993. p. 126-140.

ZILBERMAN, R. e MAGALHÃES, L. C. *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.

2.6 Verbetes em dicionários

COELHO, N.N. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil: séculos XIX e XX*. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 349-53.

GODOY, Olavo Pinheiro. *Dicionário dos escritores botucatuenses*. Botucatu/SP: Gráfica e Editora Tipomic, 1999, p. 126-7.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: [s.d.]. 1954. p. 347.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro* De José Aderaldo Castello. 2. ed. rev. aum. e atualizada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 409. (Prefácio de Antônio Cândido Mello e Souza; apresentação da 2 ed.)

2.7 Textos em jornais e outros veículos

A ALDEIA Sagrada. *Título do jornal*, São Paulo/SP, 04 jul., 1954. Suplemento Dominical de *O tempo.s.d.t*

À BOCA pequena. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 abr., 1989. s.d.t.

À BOCA pequena. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 17 set., 1989. s.d.t.

À BOCA pequena. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 03 mar., 1989. s.d.t.

ACADEMIA Brasileira de Letras e a candidatura Francisco Marins (I). *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 28 abr., 1989. s.d.t.

ACADEMIA Brasileira de Letras elegeu ontem o novo imortal. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 abr., 1989. s.d.t.

ACADEMIA homenagem a Marins. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 28 nov. 1981. s.d.t.

ACADEMIA Paulista. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 14 out., 1965. s.d.t.

ACADEMIA Paulista de Letras. *Diário Comércio e Indústria*, 17 out., 1965. s.d.t.

ACADEMIA Paulista de Letras. *Diário Popular*, 14 dez. 1980. p.25. s.l.

ACADEMIA Paulista de Letras recebe com excepcional brilho o imortal Botucatuense. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 30 mar. 1966. s.d.t.

ACADEMIA Paulista. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 14 out. 1966. s.d.t.

ACADÊMICO Francisco Marins. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 24 mar. 1966. s.d.t.

ACEITUNO, Jair. Escritor de Botucatu é candidato à imortalidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 29 jan. 1989. s.d.t.

_____. A Trilha literária do tropeiro Marins. *Cadernos 2 – O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 04 abr. 1989.

ACIOLI JR., Rosalvo. Os Dramas regionais. *Jornal de Alagoas*. 03 fev., 1991. s.l.

A GUERRA de Canudos – Francisco Marins. *Jornal de Letras*, jun., 1987. s.d.t.

A GUERRA de Canudos. *Jornal de Botucatu*. Botucatu/SP, 01 de maio 1987. s.d.t.

A LITERATURA e a cultura brasileiras projetadas no exterior. *Gazeta de Botucatu*. Botucatu/SP, 15 de abr. 1988. s.d.t.

ALMEIDA, Mauro. Falando de Livros: novo acadêmico – Francisco Marins. *Diário de Pernambuco*. 05 de nov. 1965. s.d.t.

ALMEIDA, René Alves de. Batendo Bola. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 set. 1988. s.d.t.

ALVES, Henrique L. Francisco Marins Imortalizado. *A Gazeta Esportiva*, 20 mar. 1966. s.l.

ALVES, Henrique L. O favo de mel. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro/RJ, dez. 1990. s.d.t.

Autor. "A MONTANHIA das Duas Cabeças" é mais um livro de Francisco Marins. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 12 mar. 1988. s.d.t.

ARAÚJO, Manoel dos Reis. História dos Municípios do Estado de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, s.d.t.

ARAUJO, Regina Coeli de. Nas Terras do Rei Café. s.d.t.

ARROYO, Leonardo. Vida Literária: Nas Terras do Rei Café. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 abr. 1961. s.d.t.



- _____. Francisco Marins e a infância. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa/PR., 06 dez. 1966. s.d.t.
- A VERDADE sobre a disputa de Marins à A. B.L. *Jornal de Botucatu*, Botucatu, 26 abr. 1989. s.d.t.
- BIBLIOTECA desenvolve e incentiva projetos culturais no município. *O Imparcial*, Presidente Prudente/SP, 17 maio 1994. s.d.t.
- BOTUCATU novamente no exterior. *Jornal de Botucatu*. Botucatu/SP, 26 mar. 1988. s.d.t.
- BOTUCATUENSE é candidato à imortalidade. *Jornal de Botucatu*, Botucatu, 01 mar. 1989. s.d.t.
- BRANDÃO, Adelino. Francisco Marins na Academia Brasileira. *Jornal de Letras*, dez. 1988. s.l.
- _____. Os clássicos estão de volta. *Jundiaí hoje*, 15 nov. 1981. s.l.
- BRITO, Osvaldo Lopes de. A boa literatura infanto-juvenil. *O Diário*, Ribeirão Preto/SP, 11 nov. 1990. s.d.t.
- CANDIDATO à Academia Brasileira de Letras. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 10 mar. 1989. s.d.t.
- CONCURSO do Conto Inacabado. Rádio Emissora de Botucatu e *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, s.d.
- CONCURSO de contos literários Sudameris – 1986. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 ago. 1987. s.d.t.
- CONCURSO Literário “Francisco Marins”. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 2 nov. 1985. s.d.t.
- CONCURSO Literário sobre Vital Brasil. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 17 maio 1986. s.d.t.
- CONFERÊNCIAS. *Shopping*, 19 maio 1968. s.d.t.
- CONFERÊNCIAS – Dr. Francisco Marins. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 28 out. 1955. s.d.t.
- CONVIVÍUM, de Botucatu, realiza concurso escolar sobre Vital Brasil. *Diário Popular*, 25 maio 1986. s.l.
- CONVIVÍUM: Espaço Cultural Francisco Marins. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 12 jun. 1987. s.d.t.
- CONVIVÍUM: Espaço Cultural Francisco Marins. (Filme-vídeo). Reportagem de Claudete Cameschi de Sousa. Botucatu/SP, 10 de ago. de 2000. 20 min., color., son., VHSC.
- CONVIVÍUM: opção de cultura e pesquisa. *A cidade*, Botucatu/SP, 21 jun. 2000. s.d.t.
- CONVIVÍUM Promoverá Concurso Literário sobre Vital Brasil. *Jornal de Botucatu*. Botucatu/SP, 14 maio 1986. s.d.t.
- CORÇÃO, Gustavo. Problema Social ontem e hoje. *Suplemento literário*, 19 de maio, 1962. s.l.



- CORRÊA JUNIOR. Gafanhotos em Taquara-Póca. *A Gazeta*, São Paulo/SP, s.d.t.
- _____. Viagem ao Mundo Desconhecido. *A Gazeta*, São Paulo/SP, s.d.t.
- CURSOS e conferências. *Shopping*, 19 de maio, 1958. s.d.t.
- DANTAS, Paulo. Expedição aos Martírios. *O Tempo*, s.d.t.
- DELMANTO, Lança Livro. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 13 de ago. de 1988. s.d.t.
- DICAS políticas e outras. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 25 de fev., 1989. s.d.t.
- DONATO, Hernani. Nas Terras do Rei Café. *Correio Paulistano*, s.d.
- D. O. Leitura, São Paulo/SP, 09 de out., 1990. s.d.t.
- DR. MARINS homenageado pela Academia de Botucatu. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 25 nov. 1981. s.d.t.
- EDITORA Ática dará destaque aos Livros de Francisco Marins. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 25 set. 1985. s.d.t.
- EDITORIAL. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 25 fev. 1989. s.d.t.
- EDUCADORES discutem incentivo ao hábito de ler. *Folha Regional - Paratodos*. Botucatu/SP, 13 nov. 1998, p. 6
- ELEITO Novo Membro para Academia Paulista. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 15 out. 1965. s.d.t.
- ELEITO novo membro para a Academia Paulista. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 15 out. 1966. s.d.t.
- ELLIS, Myrian. O café no romance brasileiro. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 02 abr. 1978. s.d.t.
- ENTREVISTA: Escritor Francisco Marins (Filme-vídeo). Entrevista de Lucius de Mello. Botucatu: Rede Globo - TV Modelo - Programa "Modelo Comunidade", 18 de abr. de 2000. 30 30 min. Color. , son., VHS.
- ESCRITOR de Botucatu é candidato à imortalidade. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 03 mar. 1989. s.d.t.
- ESCRITORES serão agraciados hoje na câmara. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 08 ago. 1987. s.d.t.
- ESCRITOR reúne amigos. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, mar. 1966. s.d.t.
- EDITORES e livreiros defendem o livro no V Encontro Nacional. *Folha de S. Paulo - Folha Feminina*, 6º caderno, p.66, s.d.



- É UMA obra que se recomenda com a maior simpatia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.
- EXCELENTE Revista: "Mundo Melhor". *Diário do Povo*, out. de 1958. s.l.
- EXPEDIÇÃO aos Martírios. *Suplemento Literário de A Manhã*, s.d.t.
- EXPEDIÇÃO aos Martírios. *Revista Anhembi*, São Paulo/SP. s.d.t.
- EXPEDIÇÃO aos Martírios é tema cinematográfico. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 fev. 1990. s.d.t.
- EXPEDIÇÃO aos Martírios é tema cinematográfico. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 09 fev. 1990. s.d.t.
- FACULDADE de Letras: Conferência por escritor brasileiro. *Jornal do Comércio*, Recife, 10 set. 1978. s.d.t.
- FADEL, Bahige. Para Francisco Marins. *A gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 29 de nov., 1996. s.d.t.
- FERRAZ, Arnaldo. Marins, o amante da natureza que revolucionou a literatura infantil. *Jornal da Cidade*, Bauru/SP, 22 out. 1989. s.d.t.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. Expedição aos Martírios. *A Gazeta*, São Paulo/SP. s.d.t.
- FILME baseia-se na obra de Marins. *Folha Regional de Botucatu*, Botucatu/SP, 08 fev. 1990. s.d.t.
- FRANCISCO Marins: autor do mês. Secretaria do Estado e Cultura. Prefeitura Municipal de Chavantes. s.d.t.
- FRANCISCO Ferrari Marins. São Manuel, 05 jul. 1996. s.d.t.
- FRANCISCO Marins. *Tribuna de Jundiá*, Jundiá/SP, 24 out. 1965. s.d.t.
- FRANCISCO Marins. *Diário de Natal*, Natal/RN, 11 dez. 1965. s.d.t.
- FRANCISCO Marins. *Última Hora*, 26 de mar., 1966. s.l.
- FRANCISCO Marins a caminho da imortalidade. *O Vigilante*, 04 ago. 1965. s.l.
- FRANCISCO Marins conquista o prêmio Fábio Prado de Literatura Infantil – Consagrado o livro "Volta à serra misteriosa" no concurso promovido pela Sociedade Paulista de Escritores. *Gazeta Comercial*, Juiz de Fora/MG, 27 jun. 1957.
- FRANCISCO Marins e a Academia Brasileira de Letras. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 08 mar. 1989. s.d.t.
- FRANCISCO Marins é incluído em famosa Coleção Européia. *Jornal de Botucatu*. Botucatu/SP, 28 mar. 1987. s.d.t.



- FRANCISCO Marins eleito para Academia Paulista. *Diário Popular*, Pelotas/RS, 28 out. 1965. s.d.t.
- FRANCISCO Marins eleva Botucatu no exterior. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 11 maio 1988. s.d.t.
- FRANCISCO Marins empossado ontem. *Diário da Noite*, 26 mar. 1966. s.l.
- FRANCISCO Marins em Rio Claro no dia 20. *Diário de Rio Claro*, Rio Claro/SP, 18 jun. 1986. s.d.t.
- FRANCISCO Marins hoje na Fundação. *O Comércio do Jahu*, Jahu/SP, 24 out. 1980. s.d.t.
- FRANCISCO Marins Imortalizado. *A Gazeta Esportiva*, 20 mar. 1966. s.l.
- FRANCISCO Marins incluído em Coleção de Clássicos. *Diário Popular*, 03 abr. 1987. s.l.
- FRANCISCO Marins na Academia. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 20 out. 1965. s.d.t.
- FRANCISCO Marins na Academia Brasileira. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 03 mar. 1989. s.d.t.
- FRANCISCO Marins: na Academia Paulista. *À Tarde*, Salvador/BA, 27 nov. 1965. s.d.t.
- FRANCISCO Marins na Academia Paulista de Letras. *A Gazeta*, 19 mar. 1966. s.l.
- FRANCISCO Marins: Novo Acadêmico. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis/RJ, 07 nov. 1965. s.d.t.
- FRANCISCO Marins, novo imortal da Academia Paulista de Letras. *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 27 mar. 1966. s.d.t.
- FRANCISCO Marins o novo Imortal. *O vigilante*, 03 nov. de 1965. s.l.
- FRANCISCO Marins projeta Botucatu no Exterior. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 30 abr. 1988. s.d.t.
- FRANCISCO Marins recomenda adoção de "pacote lingüístico". *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 jun. 1986. s.d.t.
- FRANCISCO Marins será Homenageado. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 17 nov. 1965. s.d.t.
- FRANCISCO Marins tem livros em 11 idiomas. São Manuel, 5 jul. 1996. s.d.t.
- FRANCISCO Marins toma posse na Academia Paulista de Letras. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo/SP, 03 abr. 1966. s.d.t.
- FRANCISCO Marins vem e promoverá palestras. *Cidade de Rio Claro*, Rio Claro/SP, 19 jun. 1986. s.d.t.
- GAFANHOTOS em Taquara-Póca. *Diário Popular*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.
- GAFANHOTOS em Taquara-Póca. *Vanguarda*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.

GALOTTI, Osvaldo. Em Canudos – um país de sangue (notas sobre o último livro de Francisco Marins – A Guerra de Canudos). *Jornal de Botucatu*. Botucatu/SP, 15 jun. 1987.

GICOVATE, Moisés. Canudos – Francisco Marins. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 09 maio 1987. s.d.t.

_____. A Guerra de Canudos Segundo Francisco Marins. *Diário Popular*, 10 maio 1987. s.d.t.

GONÇALVES, Armando. Conheça nossos autores – Francisco Ferrari Marins. s.d.t.

GRUPO Avenida de Empresários. *Jornal Grave*, mar. 1988. n° 2 s.d.t.

GUIMARÃES, Idelfonso. Livros e autores – O Favo de Mel – Francisco Marins. *A Província do Pará*, Belém/PA, 25 nov. 1990. s.d.t.

HOHLFELDT, Antônio. Francisco Marins, o criador de Taquara-Póca. *Correio do Povo*, 18 nov. 1973. s.l.

HOJE, palestra com o escritor Francisco Marins. *Diário de Rio Claro*, Rio Claro/SP, 20 jun. 1986. s.d.t.

HOMENAGENS acadêmicas no Santa Marcelina. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 28 nov. 1981. s.d.t.

HUCKELMANN, Theodoro. No mundo das Letras: Dr. Francisco Marins na Academia Paulista de Letras. *Guia Serrano*, Lages/SC, 06 nov. 1965.

INFANTO-Juvenis. *Suplemento Literário de MG*, Belo Horizonte/MG, 10 jan. 1991. s.d.t.

IVOLELA, Hertz. A lembrança dos tempos de criança. *Suplemento Cultural d'O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, s.d.t.

JÚBILO e Congratulações ao escritor Francisco Marins. *Diário Oficial*, 10 dez. 1965. s.l.

LANÇAMENTO de A Montanha das Duas Cabeças. *Jornal GRAVE – Grupo Avenida de Empresários*, n.º 02, mar., 1988. s.l.

LANÇAMENTO de Livro na Pápirus. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 31 ago. 1988. s.d.t.

LANÇAMENTOS – Favo de Mel. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte/MG, 14 nov. 1990. s.d.t.

LARANJEIRA, J. Os Segredos de Taquara-Póca. *A Semana*. s.d.t.

LAURIA, Márcio José. Quem para suceder Menotti? *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 17 set. 1988. s.d.t.

LENÇÓIS Paulistas e o prestígio à cultura. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 09 jul. 1986. s.d.t.



LEONCIO, J. L. Novo Acadêmico: Francisco Marins. *Correio de Presidente Venceslau*, Presidente Venceslau/SP, 06 nov. 1965. s.d.t.

LIMA, José M. Nas terras do Rei Café. *O Comércio*, s.d.t.

LIVRO de Marins vai virar filme. *Folha Regional de Botucatu*, Botucatu/SP, 08 fev. 1990. s.d.t.

LIVROS e Autores. *A Gazeta São Paulo*, São Paulo/SP, 13 abr. 1965. s.d.t

LIVROS e Autores: Francisco Marins na Academia Paulista de Letras. *Diário de Notícias*, Belo Horizonte/MG, dia out. 1965. s.d.t.

LOURENÇO FILHO, M. B. Um romance paulista: Clarão na Serra. *Suplemento Literário*, 19 de maio, 1962. s.d.t.

LUCA, Nenê de. O Sonho não acabou. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 26 nov. 1988. s.d.t.

LUGAR de Menotti poderá ser de Marins. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 10 set. 1988. s.d.t.

MACHADO, Gilberto Pereira. Viagem ao Mundo Desconhecido. s.d.t.

MAIA, Vasconcelos. Nas Terras do Rei Café. *A Tarde*, Salvador/BA. s.d.t.

MAIS um imortal foi eleito ontem: O escritor Francisco Marins é o novo membro da Academia Paulista de Letras. *Diário da noite*, 15 nov. 1965. s.l

MARBERT. Expedição aos Martírios. *Diário da Noite*. s.d.t

MARIANO, Milton. A hora e a vez. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu, 28 set. 1988. s.d.t.

MARINS e "Gazeta" homenageados. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu, 27 nov. 1981. s.d.t.

MARINS está sendo apoiado por escritores de renome no país. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 08 mar. 1989. s.d.t.

MARINS lembrado para a Academia Brasileira. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 16 set. 1988. s.d.t.

MARINS na Cadeira 33 da Academia Paulista. *A Gazeta*, 28 mar. 1966. s.l.

MARINS na Cadeira 33 da Academia Paulista de Letras. *Última Hora*, 15 out. 1965. s.l.

MARINS na Coleção Delfin. *Jornal de Letras* (1ª página), Rio de Janeiro/RJ, maio 1987.

MARINS não é escolhido pela ABL. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 abr. 1989. s.d.t.

MARINS participa de Bienal. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 09 jul. 1986. s.d.t.

MARINS, patrono de professores. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 28 nov. 1981. s.d.t.



MARINS será empossado dia 25. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 16 mar. 1966. s.d.t.

MARINS toma posse na Academia Paulista de Letras. *Jornal do Comércio*, Marília/SP, 25 mar. 1966. s.d.t.

MEL com sabor de fel. *O Estado do Maranhão*, 04 dez. 1990. s.l.

MENDES, Oscar. Expedição aos Martírios. *O Diário*, Belo Horizonte/MG. s.d.t.

MENESES, Raimundo. Francisco começou a escrever a fim de mostrar as belezas da roça. *Folha da Manhã*, São Paulo/SP, 10 jun. 1956. s.d.t.

MENIN, Ana Maria da Costa Santos. Entrevista cedida por Francisco Marins como contribuição à pesquisa sobre *O Patinho Feio* de Andersen. Botucatu/SP, 02 de abr. de 1997.

MOLITERNO, Carlos. Livros – Favo de Mel. *Gazeta de Alagoas*, 01 fev. 1991. s.l.

MOLON, Moacir P. Livros. *O Pioneiro*, Caxias do Sul/RS, 18 nov. 1990. s.d.t.

_____. Letras tornam – se personagens de aventuras. s.d.

MOSCOGLIATO, Elda. Dr. Francisco Marins. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 11 jun. 1988. s.d.t.

NA ACADEMIA Paulista de Letras. *A Gazeta*, 02 abr. 1966. s.l.

NÃO mais se realizará a homenagem a Francisco Marins. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 22 dez. 1965 s.d.t.

NAS Terras do Rei Café. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP. s.d.t.

NAS Terras do Rei Café. *A Manhã*. s.l.

NAS Terras do Rei Café. *Diário da Bahia*, Salvador/BA. s.d.t.

NASSA, Marlene Caminhoto Francisco Marins. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 22 ago. 1981. s.d.t.

NEPOMUCENO, Assis. Francisco Marins. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 10 fev. 1989. s.d.t.

NOVAK, Henrique. Volta ao tema Rural Paulista. *Diário Popular*. s.l.

_____. Botucatu, cidade de escritores, presta homenagem ao romancista Ibiapaba Martins. *Diário Popular*, São Paulo/SP, 25 nov. 1983. s.d.t.

_____. Botucatu, inaugura, este mês, “Convívium – Espaço Cultural Francisco Marins”. *Diário Popular*, São Paulo/SP, 02 maio 1986. s.d.t.

NOVELLI, Vieira. Marins Imortal. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 30 mar. 1966. s.d.t.

NO VENENO a Cura. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 27 jun. 1986. s.d.t.

- NO VENENO a Cura. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 25 jun. 1986. s.d.t.
- NOVO Acadêmico. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 21 out. 1965. s.d.t.
- NOVO Acadêmico. *Shopping News de São Paulo*, São Paulo/SP, 24 out. 1965. s.d.t.
- NOVO Acadêmico. *Jornal do Comércio*, Recife/PE, 19 dez. 1965. s.d.t.
- NOVO Acadêmico da Academia Paulista de Letras. *Diário Popular*, 02 out. 1965. s.l.
- NOVO Acadêmico: Francisco Marins. *Diário de Jundiaí*, Jundiaí/SP, 23 out. 1965. s.d.t.
- NOVO Acadêmico: Francisco Marins. *Correio Popular*, 23 out. 1965. s.l.
- NOVO Acadêmico: Francisco Marins. *Correio de Marília*, Marília/SP, 27 out. 1965. s.d.t.
- NOVO Imortal. *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 15 out. 1965. s.d.t.
- NOVO Imortal. *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 15 out. 1966. s.d.t.
- NOVO livro de Francisco Marins. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 08 maio 1987. s.d.t.
- NOVO Membro da Academia Paulista de Letras. *Shopping News de São Paulo*. São Paulo/SP, 17 out. 1965. s.d.t.
- O COLEIRA-Preta. *A Época*, São Paulo/SP. s.d.t.
- O COLEIRA-Preta. *A Manhã*. s.l.
- O COLEIRA-Preta. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.
- O COLEIRA-Preta. *A Noite*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.
- O COLEIRA-Preta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.
- O COLEIRA-Preta. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.
- O ESCRITOR do café e das crianças. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 08 jun. 1968. s.d.t.
- O FAVO de Mel. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro/RJ, dia dez. 1990. s.d.t.
- O FAVO de Mel. *Gazeta de Alagoas*, 01 fev. 1991. s.l.
- O NOVO Acadêmico: Francisco Marins. *A Gazeta*, 23 out. 1965. s.l.
- O SONHO, não Acabou. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 03 set. 1988. s.d.t.
- ORIENTAÇÃO do escritor Francisco Marins para a Revista Mundo Melhor. *Diário do Povo*, Botucatu/SP, out. 1958. s.d.t.



- OS SEGREDOS de Taquara-Póca. *A Manhã*. s.d.t.
- OS SEGREDOS de Taquara-Póca. *A Gazeta Juvenil*. s.d.t.
- OS SEGREDOS de Taquara-Póca. *Alterosa*. s.d.t.
- OS SEGREDOS de Taquara-Póca. *Jornal de São Paulo*, São Paulo/SP. s.d.t.
- OS SEGREDOS de Taquara-Póca. *Jornal de Notícias*. s.d.t.
- OS SEGREDOS de Taquara-Póca. *Folha da Manhã*, São Paulo/SP. s.d.t.
- OS SEGREDOS de Taquara-Póca. *A Noite*, São Paulo/SP. s.d.t.
- OS SEGREDOS de Taquara-Póca. *O Norte*, São Mateus/SP. s.d.t.
- OUTRAS notas: Francisco Marins. *O Eco*, Guaratinguetá/SP, 30 out. 1965. s.d.t.
- PAIS Felizes. *Monitor Diocesano*, abr. 1966. s.l.
- PAPIRUS, Reinaugurada. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 09 set. 1988. s.d.t.
- PEDRETTI NETO, José. Nas Terras do Rei Café. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP 2 dez. 1945. s.d.t.
- _____. Os Segredos de Taquara-Póca. *Folha de Botucatu*, Botucatu/SP, 4 mar. 1948. s.d.t.
- _____. O Coleirã-Preta. *Correio Popula.*, Campinas/SP. s.d.t.
- _____. Viagem ao Mundo Desconhecido. *Correio Popular*, São Paulo/SP. s.d.t.
- PEN CENTRE de São Paulo. *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 08 abr. 1982. s.d.t.
- PEREIRA FILHO, Genésio. Nas Terras do Rei Café. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo/SP. s.d.t.
- _____. Os Segredos de Taquara-Póca. *Idade Nova*. s.d.t.
- PEREIRA, J. Os Segredos de Taquara-Póca. *O Dia*. s.d.t.
- PEREIRA, Marisa. Um escritor de clássicos infanto-juvenis. *Pioneiro- Sete dias*, Caxias do Sul. 14 mar. 1996. s.d.t.
- PERFIL de Botucatu. *Diário popular*, 02 maio 1986. s.d.t.
- PINTO, Sebastião A. Tempo de Dante gente de hoje. *Correio de Botucatu*, Botucatu/SP, 16 set. 1971. s.d.t.
- PIRES, Herculano. Mundo dos livros: Exposição Euclidiana. *Diário da noite*, 15 out. 1965. s.d.t.
- PIRES, Ézio. Autor de livro infanto-juvenil entra para Academia de Letras (SP). *Correio Braziliense*, Brasília/DF, 02 dez. 1965. s.d.t.



- POSSE de Acadêmico. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 20 mar. 1966. s.d.t.
- POSSE de Francisco Marins na Academia Paulista de Letras. *Diário Popular*, 20 mar. 1966. s.l.
- POSSE de Francisco Marins na Academia Paulista de Letras. *Diário Popular de São Paulo*, São Paulo/SP, 23 mar. 1966. s.d.t.
- POSSE de Francisco Marins na Academia Paulista de Letras. *Diário Popular de São Paulo*, São Paulo/SP, 24 mar. 1966. s.d.t.
- POSSE de Maria Amélia. *Sessão da Academia de Letras do Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 2 out. 1985. s.d.t.
- POSSE na Academia. *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 15 mar. 1966. s.d.t.
- POSSE na Academia. *Diário de São Paulo*, São Paulo/SP, 20 mar. 1966. s.d.t.
- POSSE na Academia. *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 20 mar. 1966. s.d.t.
- POSSE na Academia Paulista de Letras. *O Belenense*, Belém/PA, 18 mar. 1966. s.d.t.
- POSSE na Academia Paulista de Letras. *A Gazeta*, 19 mar. 1966. s.l.
- POSSE na Academia Paulista de Letras. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1966. s.d.t.
- POSSE na Academia Paulista de Letras. *A Gazeta*, 25 mar. 1966. s.l.
- POSSE na Academia Paulista de Letras. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 mar. 1966. s.d.t.
- PRÊMIO Fábio Prado de Literatura Infantil. *Folha de Botucatu*, Botucatu, 05 jun. 1957. s.d.t.
- PRÊMIO "FÁBIO PRADO" de 1956. *A Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 12 jan. 1957. s.d.t.
- PROJETO escritor da cidade. *O imparcial*, Presidente Prudente, 15 maio 1994. s.d.t.
- PUIG, Henrique Munaiz. A epopéia em Francisco Marins. *Jornal do Dia*, 12 jun. 1960. s.l.
- QUARTIM, Geraldo. Recado ao meu filho... E o Sítio de Taquara-Póca. *Diário da Manhã*, Ribeirão Preto/SP, 14 dez. 1974. s.d.t.
- QUEM para suceder Menotti? *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 17 set. 1988. s.d.t.
- QUINTEIRO, Claudia. Marins recria mundo rural em nova obra. *Correio da Serra*, Botucatu/SP Ano X nº 1679. 7 de outubro de 2001.
- RECEPÇÃO ao novo imortal. *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 10 abr. 1966. s.d.t.
- REFORMA da Academia Paulista de Letras. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 26 nov. 1965. s.d.t.



SAND, Elos. Expedição aos Martírios. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP. s.d.t.

SCHNEIDER, Otto. Expedição aos Martírios. *O Jornal*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.

SESI comemora dia do Patrono com atividades. *A Cidade*, 19 out. 1994. s.l.

SESSÃO Solene da Câmara foi prestigiada por grande público.s.d., São Manuel, 5 de jul., 1996. s.d.t.

SOUZA, Claudete C. Francisco Marins: um escritor de longas décadas. *Jornal do Povo*. Três Lagoas/MS. Ano 52, nº 3215. 06 de outubro de 2001, p. 7.

SUCESSO, no Lançamento do Livro de Armando Delmanto. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 10 set. 1988. s.d.t.

THALES, de Andrade: o iniciador da literatura infantil no Brasil. s.d.t

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Expedição aos Martírios. *Folha da Manhã*. s.l.

TOMA Posse novo Imortal de São Paulo na Cadeira de Altino Arantes. *Informador Comercial*, Minas Gerais, 04 nov. 1965. s.d.t.

ÚLTIMOS Lançamentos. *Leia*, dez. 1990. s.d.t.

UM BOTUCATUENSE na Academia Brasileira de Letras. *Folha de Botucatu*, Botucatu. s.d.t.

UM ESCRITOR que queria apenas ser agricultor – Francisco Marins. *Diário do Paraná*, Curitiba/PR. 08 dez. 1968. s.d.t.

UM PACOTE lingüístico'. *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 07 jun. 1986. s.d.t.

UM primoroso volume. *O Tico-Tico*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.

UMA Bela História. *O Globo*, São Paulo/SP. s.d.t.

UMA PENA! Acabou tão depressa! – impressão de um pequeno leitor, publicada na imprensa. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.

UNIFAC reinaugura biblioteca "Francisco Marins". *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 31 mar. 2000. s.d.t.

UNIFAC amplia biblioteca e aguarda aprovação de Centro Universitário. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 31 mar. 2000. s.d.t.

VIAGEM ao Mundo desconhecido. *A Manhã*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.

VIAGEM ao Mundo desconhecido. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.

VIAGEM ao Mundo Desconhecido. *Sombra*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.



VIAGEM ao Mundo Desconhecido. *A Noite*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.

VIAGEM ao Mundo Desconhecido. *A Manhã*, Rio de Janeiro/RJ. s.d.t.

VIDA Literária. *Jornal do Comércio*, Recife/PE, 10 set. 1978. s.d.t.

VILLELA, Adauto Mário. Francisco Marins: Novo Acadêmico. *Folha do Povo*. Botucatu/SP, 05 jan. 1966. s.d.t.

ZERBO, Cláudio. Livros e lançamentos. *Jornal A Cidade*, Rio Claro/SP, 04 nov. 1990. s.d.t.

11ª BIENAL Internacional do Livro. *Jornal da Tarde*, 30 ago. 1990. s.l.

11ª BIENAL Internacional do Livro. *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 30 ago. 1990. s.d.t.

I CONCURSO literário "Francisco Marins". *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 02 nov. 1985. s.d.t.

2.8 Correspondência passiva.

ACADEMIA, Brasileira de Letras. [Telegrama] 08 de jun. 1954, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Comunicando data de entrega do Prêmio Carlos Laet. São Paulo.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. [Carta] 23 jan. 1946, Belo Horizonte/MG [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando a publicação de "Nas Terras do Rei Café".

AMARO. [Carta] 12 jun. 1957, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando pelo recebimento do Prêmio Fábio Prado.

AMAZOLINO. [Carta] 12 jun. 1962. [s.l.] [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Acusando recebimento do romance *Clarão na Serra*.

AMBROSIN, Nilza Maria Bronzato. [Carta] 19 nov. 1984, São Miguel [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Agradecendo visita e participação nas comemorações da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca. (Remetente — Bibliotecaria da Biblioteca Municipal Dr. Francisco Câmara).

ARAUJO. [Carta] 20 jul. 1962, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando a publicação e o conteúdo do romance *Clarão na Serra*.

ARAUJO OLIVEIRA, Fausto de (Coordenador de cultura). [Carta] 22 set. 1989. Itatiba [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Agradecimento pela palestra proferida por Francisco Marins em 11 de agosto de 1989, na sede do Itatiba Esporte Clube.

BARRETO FILHO, Oscar. [Telegrama] 06 ago. 1954, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando pelo recebimento do Prêmio Carlos Laet.

BELIAN, Walter. [Carta] 20 març. 1963, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Acusando o recebimento do livro *Clarão na Serra*. São Paulo.

CAMINHA. [Telegrama] 16 jun. 1954, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando pelo Prêmio Carlos Laet.

CARDIM, Elmano. [Carta] 30 dez. 1953, Rio de Janeiro/RJ [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Explicativa do enquadramento do livro "A Aldeia Sagrada" no item crônica, viagens e quaisquer outros escritos para concorrer ao Prêmio Carlos Laet. (Remetente — 1º secretário)

CANTO GILDA. [Telegrama] 18 jun. 1954, Botucatu/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando pelo Prêmio Carlos Laet. Botucatu.

DIOCESE de Botucatu. [Carta] 08 jun. 1957, Botucatu/SP [para] Francisco Marins, Botucatu. Parabenizando pelo Prêmio Fábio Prado. Botucatu.

DONATO, Hernâni. [Carta] 22 nov. 1961 [s.l.] [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Com parecer crítico sobre o romance Clarão na Serra.

_____. [Carta] 11 dez. 1962. s.l. [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Com parecer crítico sobre o romance Clarão na Serra.

_____. [Carta] 02 ago. 1962, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Enviando dedicatória para o livrinho História dos Presentes de Natal.

_____. [Carta] 07 maio 1991, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Acusando envio de cópias de "notícias" sobre O Favo de Mel.

FRACCAROLI, Lenyra C. [Telegrama] 28 maio 1957, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Congratulações.

GIACOMO, Maria Thereza Cunha de. [Carta] out. 1961, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Contendo análise crítica dos romances de Francisco Marins.

GUIOMAR. [Telegrama] 21 jun. 1954, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando pelo Prêmio Carlos Laet.

_____. [Carta] 05 set. 1968, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Acusando a (re) leitura de O Grotão do Café Amarelo e parabenizando pela beleza do livro.

JAMART. [Carta] 20 jan. 1964, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Contendo o parecer crítico sobre o livro Grotão do Café Amarelo.

LOLA e NESIO. [Telegrama] 18 jun. 1954, Botucatu/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando pelo recebimento do Prêmio Carlos Laet.

LOURENÇO FILHO, M. B. [Carta] 28 fev. 1962, [s.l.] [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Apontando envio da cópia do artigo Um Romance Paulista: Clarão na Serra

_____. [Carta], 09 març. 1962, [s.l.] [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Anunciando o envio de artigo crítico sobre o romance Clarão na Serra.

MARÃO, Antonio Gabriel (Presidente). [Carta] 10 set. 1985, Botucatu/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Número de páginas. Convite da Academia Botucatuense de Letras para a Sessão Solene litero-musical, em 28 de setembro de 1985, na Câmara Municipal, na qual ocupará a tribuna a acadêmica Maria Amélia Blasi Toledo Piza, que pronunciará algumas palavras sobre seu patrono Francisco Marins.

MARINS, Agenor. [Telegrama] jun. 1954, São Manoel/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando pelo Prêmio Carlos Laet.

MILANI, Claudionor F. [Carta] [s.t.d] [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando pelo recebimento do Prêmio Carlos de Laet.

MINICUCCI, Oswaldo. [Carta] 18 ago. 1972, Botucatu/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Comunicando a constituição da Academia Botucatuense de Letras; a posse dos neo-acadêmicos e comunicação sobre a escolha de Francisco Marins como Patrono de Cadeira.

NASSES, Cassiano. [Telegrama]. maio 1957, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. De felicitações pelo Prêmio Fábio Prado.

NOGUEIRA, J. C. Ataliba. [Carta] jun. 1981, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Resposta à mensagem de cumprimentos natalícios enviada por Marins.

PEDRETTI NETO. [Carta] 15 jun. 1954, Botucatu/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Cumprimentando o recebimento do prêmio Carlos de Laet.

_____. (Presidente) Seixo Gushikem. [Telegrama] jun. 1954, Botucatu/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando pelo Prêmio Carlos Laet.

POTTER tem nome?. [Telegrama] jun. 1954, Porto Alegre/RS [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando pelo Prêmio Carlos Laet.

RIBEIRO NETO, Oliveira. [Carta] 12 set. 1963, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Contendo congratulações pelo recebimento do Prêmio Prefeitura de São Paulo, pela publicação do romance Clarão na Serra.

SALENE, Maria Carmela (Diretora). [Ofício nº 191/84 da EEPG Profª Maria Aparecida Justo Salvador] 20 nov. 1984, Pratânea/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Ofício agradecendo visita à Semana Nacional do Livro e da Biblioteca.

SILVEIRA, Iracema da. [Carta] 04 jun. 1957, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. De congratulações pelo recebimento do Prêmio Fábio Prado.

SOUSA, Abel Ferraz de (Presidente da Câmara Brasileira do Livro). [Carta] 10 jul. 1954, São Paulo/SP [para] Francisco Marins, Botucatu/SP. Parabenizando o recebimento do Prêmio Carlos de Laet.



2.9 Textos de homenagem

MORSE, Antônio de Pádua. Que o Marins é batuta...isso "lá é"... (poesia). São Paulo/SP, 05 de jul. de 1954 (original manuscrito).

MORSE, Antônio de Pádua. Que o Marins é batuta...isso "lá é"... (poesia). São Paulo/SP, 07 de jul. de 1954 (original datilografado).

MOSCOGLIATO, Elda. Crônica. *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP, 01 maio, 1987.

_____. No Convívium (crônica) *A Gazeta de Botucatu*, Botucatu/SP ano XXXVIII, nº 1784, de 02 de dezembro de 1994.

REIS, Walter dos. A Cadeira Vinte e Oito (Poema). *Jornal de Botucatu*, Botucatu/SP, 17 mar., 1989. s.d.

VIEIRA, José Celso Soares. A Francisco Marins (Poema Narrativo). EEPG "Angelino de Oliveira". Botucatu/SP, 23 de nov. de 1979.



3. Bibliografia de apoio teórico

- ABAMOVICH, F. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- _____. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus, 1983.
- AMARAL, M. L. *Criança é criança: literatura infantil e seus problemas*. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1983.
- ALMEIDA, M. J. de. Se, Literatura. In. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 13, 1989, p. 3-4.
- ALVAREZ, R. V. *Monteiro Lobato: escritor e pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1982.
- ASSUNPÇÃO, S. S. A leitura em Memórias de Emília, de Monteiro Lobato. In. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 21, 1993, p. 32-6.
- ÁVILA, A. d'. *Literatura Infanto-juvenil*. São Paulo: ed. do Brasil. 1967.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fada*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.
- BRANDÃO, H. M. B. Uma leitura de leituras produzidas por grupos sociais diferentes. In. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 20, p. 3-16.
- CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991 (coleção primeiros passos).
- CAGLIARI, L. C. A Leitura nas séries iniciais. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 12, 1988, p. 4-11.
- CALIL, E. Leitura: uma possível interação. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 16, 1990, p. 26-35.
- CAMARGO, L. O Livro Infantil Brasileiro: arte para criança. In. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 15, 1990, p. 3-7.
- CARDOSO, O. B. *Fantasia, violência e medo na literatura infantil*. Rio de Janeiro: Conquista, vol. 2, 1969.
- CARVALHO, B. V. de. *Compêndio de literatura infantil*. 2.ed. São Paulo: Edições Leia, 1961.
- _____. *Compêndio de literatura infantil*. 3.ed. São Paulo/SP: IBEP, 1961.
- CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 2. Ed. São Paulo: Nacional, 1956.
- COELHO, N. N. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e juvenil brasileira: séculos XIV e XX*. 4.ed. São Paulo/SP: EDUSP, 1995.
- COIMBRA, I. D. Repensar a leitura na escola: uma preocupação necessária. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 15, 1990, p. 25-8.

CUNHA, M. A. A. *Como ensinar literatura infantil*. Belo Horizonte/MG: Editora Bernardo Alves, S/A, 1968.

_____. *Literatura Infantil: teoria e prática*. 12 ed. São Paulo/SP, 1991.

DANTAS, C. S. Aspectos da Literatura Infantil na escola. In: OLIVEIRA, A. S. (Org). *Curso de Literatura*. São Paulo: Santos de Oliveira, 1958.

DONATO, H. *100 anos de Melhoramentos*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

FARIA, M. A. (Org) *Narrativas juvenis: modos de ler*. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 1997.

FILIPOUSKI, A. M. R. *O universo Narrativo de Monteiro Lobato: um mundo de mentiras e de verdades*. Porto Alegre, 1977. Dissertação (Mestrado) UFRGS.

FILIPOUSKI, A. M. R.; ZILBERMAN, R. *Érico Veríssimo e a Literatura Infantil*. 2.ed. Porto Alegre/RS: UFRGS, 1982.

FONTANA, M. G. Z. Os sentidos marginais. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 18, 1991, p. 48-58.

FURTADO, M. C. X. Literatura Infantil: instrumento de criação. *AMAE Educando*, Belo Horizonte: Associação Mineira de Ação Educacional, 18 (171), 34-5, maio de 1985.

GERALDI, J. W. Prática de Leitura de Textos na escola. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 3, 1984, p. 25-33.

_____. (Org) *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984

_____. *Portos de Passagem*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GÓES, L. P. *Introdução à Literatura Infantil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

GUÉRIOS, R. F. M. *Português Ginásial: antologia*. 6. Ed. São Paulo: Saraiva, 1956.

INDURSKY, F. Texto, Contexto e Significação nos Processos de Produção de Sentidos. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 14, 1989, p. 5-24.

JACOBY, S. A leitura em caminhando na chuva. In. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 19, 1992, p. 76-83.

JESUALDO. *A literatura Infantil*. São Paulo/SP: Cultrix, 1982.

JOSÉ, E. Literatura Infantil: opção ou imposição? In. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 10, 1987, p. 3-4.

KHÉDE, S.S. (Org) *Literatura Infanto-juvenil: um gênero Polêmico*. Rio de Janeiro/RJ: Vozes, 1983.

_____. *Personagens da Literatura Infanto-Juvenil*. São Paulo: Ática, 1986.

LAJOLO, M. (org) *Ana Maria Machado*. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. São Paulo: Abril Educação, 1983.



- _____. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- _____. Poesia: uma frágil vítima de manuais escolares. *Leitura: Teoria e prática*, nº 4, 1984, p. 19-25.
- _____. Tecendo a Leitura. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 3, 1984, p. 7-9.
- _____. Leitura, Literatura e Democracia: muitos problemas e algumas propostas. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 14, 1989, p. 54-61.
- LEAL, L. F. V. A (re) descoberta do mundo: uma leitura da escrita em Clarice Lispector. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 21, 1993, p. 25-31.
- LIMA, B. A. de. *Cartilha Caminho Suave*. São Paulo/SP: Editora Caminho Suave Limitada, 1948.
- LOURENÇO FILHO, M. B. *Aventuras de Pedrinho*. São Paulo/SP: Melhoramentos, 1955, livro 3.
- _____. Depoimento *Leitores e livros*. Rio de Janeiro/RJ, Liga Católica Universitária, 9 (35): 173-9, jan/mar, 1959.
- _____. Literatura infantil e juvenil. In CRUZ, J. M. *História da literatura*. 8.ed. São Paulo/SP: Melhoramentos, 1957.
- MAGALHÃES, M. H. A. Leitura recreativa na escola de 1º Grau. *Leitura: Teoria e Prática*, nº zero, nov. 1982, p. 33-4
- MAGNANI, M. R. M. A Leitura Escolarizada. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 11, 1988, p. 15-21.
- _____. *Em sobressaltos: formação de professora*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- _____. Sobre ensino da leitura. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 25, p. 29-41, 1995.
- _____. *Ensino da Língua Materna no Brasil: a questão dos métodos de alfabetização no estado de São Paulo/SP (1876-1994)*. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1995.
- _____. *Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida*. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996.
- MARTHA, A. A. P. O ensino da literatura no 1º Grau. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 10, 1987, p. 39-48.
- MARTINS, N. S. A. A língua na literatura infantil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo/SP: USP, nº 22, p. 111-22, 1980.
- _____. Literatura Infantil e Lourenço Filho. In MONARCHA, C. *Centenário de Lourenço Filho – 1897-1997*. Londrina: UEL; Marília: UNESP e Rio de Janeiro/RJ: ABE. 1997, p. 77-89.
- MATOS, F. G. Ler? Múltiplas delícias. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 15, 1990, p. 47-8.

MELLO NETO, G. A. R. *Discurso especializado em literatura infanto-juvenil no Brasil na década de 50: da criança modificada à atitude política*. São Paulo/SP, 1988. Dissertação (Mestrado)- Psicologia Social, PUC – SP.

MELO, J. M. Os meios de comunicação de massa e o hábito de Leitura. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 2, 1983.

MENDES, M. B. T. A recepção da literatura infantil na escola de 1º grau. In *Leitura: Teoria e Prática*, nº 13, 1989, p. 37-40.

MIRANDA, J. F. *Estória Infantil em sala de aula*. Porto Alegre/RS: Sulina, 1978.

MOBRICE, I. A. S. Encadeamento e delícias: a criança em contato com a literatura infantil. In *Leitura: Teoria e Prática*, nº 15, 1990, p. 44-6.

MOLINA, ° Leitura: será possível (e necessária) uma definição. In *Leitura: Teoria e Prática*, nº zero, 1982, p. 18-23.

MONARCHA, C. (Org) *Centenário de Lourenço Filho – 1897-1997*. Londrina: UEL; Marília: UNESP; Rio de Janeiro/RJ: ABE, 1997.

_____. (Org) *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. Campinas/SP: Mercado das Letras; Marília: UNESP, 1997.

MORAES, A. D. de. *A violência na literatura infantil e juvenil*. São Paulo/SP: Global, 1984.

MOTA, S. B. V. O lugar da linguagem segundo Vygotsky. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 16, 1990, p. 62-75.

NETO, G. A. R. M. O discurso especializado sobre literatura infanto-juvenil na década de 50. *Cadernos de Pesquisa*, nº 72, p. 17-26, 1990.

OLIVEIRA, A. L. de. Reflexões sobre literatura infanto-juvenil e ideologia. *AMAE Educando*. Belo Horizonte: Associação Mineira de Ação Educacional, 17 (164), p. 29-31, 1984.

OLIVEIRA, M. A. de Aventuras e tribulações na escola. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 18, 1991, p. 37-47.

OLIVEIRA, A. S. (Org) *Curso de literatura infantil*. São Paulo: Editora Santos de Oliveira, s.d.

ORLANDI, E. P. As histórias das leituras. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 3, 1984, p. 7-9.

PERROTTI, E. *Confinamento Cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

POSSENTI, S. A Leitura errada existe. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 15, 1990, p. 12-6.

REZENDE, V. M. Leitura e interdisciplinaridade na escola. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 2, 1983, p. 34-5.

SANTOS, N. M. O prazer de escrever textos infantis. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 10, 1987, p. 18-20.



_____. Viagem em torno da Literatura infanto-juvenil do nordeste. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 11, 1988, p. 22-6.

SERRA, E. D'Angelo. (Org). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVA, E. T. da. A criança e a leitura: da obrigação ao lazer. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 13, 1989, p. 11-4.

SILVA, L. L. M. O significado da leitura na escola. *Leitura: Teoria e Prática*, nº zero, 1982, p. 35-6.

SOUZA, C. C. *A formação do alfabetizado no CEFAM de Três Lagoas/MS: entre a tarefa de ensinar a aplicar o novo e a mudança nas relações de ensino*. Marília/SP, 1996. 273p. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual Paulista.

SOUZA, M. L. Z. de. *Stella Carr e a literatura juvenil, um enigma em suspenso*. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado) FFLCH – USP.

_____. A criança e a leitura: da obrigação ao lazer. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 13, 1989, p. 5-10.

STRÔNGOLI, M. P. Q. Quem conta um conto, aumenta um ponto...na motivação do aluno para a leitura. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 15, 1990, p. 8-11.

TARJINO, M.G. Acesso ao texto – Alternativa metodológicas: o caso da biblioteca. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 10, 1987, p. 11-14.

VARLOTTA, Y. M. C. Literatura infantil nas séries iniciais: desafio à reflexão, à possibilidade de trabalho. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 9, 1987, p. 33-42.

VASCONCELLOS, Z. M. C. de. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

WOLKOFF, D. B. O leitor e a leitura. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 15, 1990, p. 41-3.

YUNES, E. *Presença de Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e pesquisa, 1982.

ZILBERMAN, R. (org) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre/RS: Mercado Aberto, 1983.

_____. O livro didático e o ensino da literatura na escola. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 4, 1984, p. 3-15.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo/SP: Ática, 1989.

4. Obras de referência

COELHO, N.N. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil: séculos XIX e XX*. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 1995. p. 349-53.



GODOY, Olavo Pinheiro. *Dicionário dos escritores botucatuenses*. Botucatu/SP: Gráfica e Editora Tipomic, 1999, p. 126-7.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: [s.d.], 1954. p. 347.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro* De José Aderaldo Castello. 2. ed. rev. aum. e atualizada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 409. (Prefácio de Antônio Cândido Mello e Souza; apresentação da 2 ed.)

REIS, C. LOPES, A. C. M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.



ACERVOS, INSTITUIÇÕES E EDITORAS CONSULTADOS

BIBLIOTECA Dom Aquino Corrêa – UFMS/CEUL
Av. Capitão Olinto Mancini, 1440, Três Lagoas, MS
Fone: 521-3742
Responsável: Irene Maria Meneguetti Alves

BIBLIOTECA Municipal Emilio Peduti.
Rua Monsenhor Ferrari, s.n., Botucatu, SP
Fone: 68 221414
Responsável: Gilda Fumis

CENTRO de Referência para Pesquisa Histórica em Educação (CRPHE).
Av. Hygino Muzzi Filho, 737, Marília/SP.
Fone: 14 421- 1200 Fax 14 422 4797
<http://www.educacaobrasileira.pro.br/grupo/meio.htm>
Organização e Coordenação: Profº Drº Carlos Morarcha
E-mail: monarcha@sunline.com.br e mosario@marilia.unesp.br

CONVIVIUN: Espaço Cultural Francisco Marins
Rua Dr Cardoso de Almeida, 940 – Centro – Botucatu, SP
Fone: 68 225451
Responsável: Lúcia Helena Leite Stefanini.

Companhia Melhoramentos de São Paulo –SP
Rua Tito, 479, ex. Postal 8120, São Paulo
Fone 11 3874-0938 Fax 11 3874-0946

Editora Ática –SP
Rua Barão de Iguapé, 110 Cx. Postal 8656, São Paulo
Fone: (11) 3346-3001 Fax (11) 279-0764

Editora Saraiva – SP
Av. Marquês de São Vicente, 1697, São Paulo
Fone: (11) 861-3344 Fax (11) 861-3308

Livraria LTR
Rua Jaguaribe, 571 – Santa Cecília, São Paulo
Fone/Fax (11) 825-8733
E-mail : ltr@ltr.com.br



SOUZA, Claudete Cameschi de. **A literatura infantil e juvenil de Francisco**

Marins: uma representação de certa realidade brasileira. 2002. 369 f. Tese

(Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade

Estadual Paulista, Marília.

RESUMO

Apresentam-se, nesta Tese, os resultados de uma pesquisa de fundo histórico sobre a obra de literatura infantil e juvenil de Francisco Marins, buscando compreender o projeto literário desse escritor, enquanto representação de certa realidade brasileira e da produção desse gênero entre as décadas de 1940 a 1960, período quase esquecido pelos pesquisadores do campo. Os objetivos da tese são: contribuir para a compreensão da história, teoria e crítica da literatura infantil e juvenil brasileira; analisar a configuração textual dos livros *Aventuras em Taquara-Póca* (1963) e *O sótão da Múmia* (1998); e recuperar, reunir e organizar a bibliografia *de e sobre* Francisco Marins e sua obra, a fim de subsidiar pesquisas correlatas. Para alcançar tais objetivos, partiu-se de um levantamento bibliográfico e documental sobre o escritor e sua obra e realizou-se a análise dos elementos da configuração textual dos livros eleitos como *corpus*. Conclui-se que, embora os livros selecionados para análise apresentem, à primeira vista, apenas a intenção de instruir, ensinar e reafirmar valores morais e comportamentos a serem assimilados pelo público leitor, especialmente vinculados à situação de ensino escolar, a análise de sua configuração textual permite compreender o processo

específico de representação de certa realidade brasileira, o qual configura o projeto literário que permeia toda a obra de literatura infantil e juvenil do escritor Francisco Marins.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil: história e ensino.

Literatura brasileira: história e ensino.

Francisco Marins: vida e obra.



SOUZA, Claudete Cameschi de. **THE CHILDISH AND YOUTHFUL LITERATURE OF FRANCISCO MARINS:** a representation of a certain brazilian reality. 2002. 369 f. Thesis (Phd Dissertation in Education) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

ABSTRACT

This Thesis contains the results of a historical basis research about the work of childish and youthful literature of Francisco Marins, for try to understand the literary project of this writer, as brazilian reality's representation and of the production of this gender between 1940 and 1960, period almost forgotten by researchers of the same area. The objectives of this Thesis are: contributing to a comprehension of the history, theory and criticism of the brazilian childish and youthful Literature; analysing the text configuration of works *Aventuras em Taquara-Póca* (1963) and *O sótão da múmia* (1998); and recovering, joining and organizing the Francisco Marins' bibliography and works that speak about him, in order to subsidize similar researches. To attain those objectives, we have done a bibliographic and documentary survey concerning Francisco Marins and his works, besides we have also done an analysis of the components of the text configuration of the books like *corpus*. Although the chosen works for to be analyzed show, in the first moment, only the intention to instruct, teach and reassert moral values and behaviors to be assimilated by reader public, specially those readers linked to the school teaching, we conclude that the analysis of its

text configuration allows to understand the specific process of representation of a certain Brazilian reality; this process configures the literary project which permeates all the work of childish and youthful Literature of the Francisco Marins writer.

Keywords: Literature for Childish and Youthful: history and teaching.

Brazilian Literature: history and teaching.

Francisco Marins: life and work.



ANEXO

Cronologia da vida e obra de Francisco Marins



1922 Nasce, em 23 de Novembro, em Vila da Prata, hoje Pratânea, município de Botucatu, Francisco Marins. Primeiro filho de Joaquim Marins Peixoto e de Isabel Ferrari Marins.

1932 Francisco Marins inicia seus estudos na Escola Mista “D. Sophia Padovan, em Vila da Prata.

1934 Francisco Marins muda-se para Botucatu e matricula-se no “Instituto de Educação Cardoso de Almeida”, conhecido como “Escola Normal Cardoso de Almeida”, onde continuou o primário e concluiu o Ginásio. Escreveu, em parceria com Hernani Donato, a novela infantil *O tesouro*, publicada em 25 capítulos no suplemento “O guri”, dos *Diários Associados* de São Paulo.

1937 Escreve e publica a novela *Homens marcados*, em 25 capítulos, no Suplemento Infantil *Diários Associados* de São Paulo. Funda, em parceria com Hernani Donato, e dirige o jornal *O Estudante*. Escreve e publica n’*O Ginasiano*, jornal da Escola Normal “Cardoso de Almeida” dois contos: “Relembrando” (set. 1937) e “O Renegado” (nov. 1937), sob o pseudônimo de Franfemar.

1938 Publica, em junho, o conto “Capricho do Caboclo”, em *O Ginasiano*, com o pseudônimo de F. Pompêo; Paulo Setúbal — o romancista e o poeta, na *Folha de Botucatu* (16/12/38), sob o pseudônimo de Francisco Messejana, iniciando a série de artigos críticos, que, a partir da década seguinte, seriam denominados “Pitangas e Gariobas”; “Monteiro Lobato e o sucesso de seus livros”, sob o pseudônimo de Francisco Messejana, na *Folha de Botucatu* (25/12/38).

1939 Publica sob o pseudônimo de Francisco Messejana, na *Folha de Botucatu*, nove artigos de crítica literária (sobre Djalma Grohsmann; Érico Veríssimo, Paulo Eiró, Machado de Assis, entre outros) e quatro contos: “Morcego” (05/03/39); “Nhô

Simão” (15/03/39); “Nhô Máximo” (28/06/39) e “Tourada” (07/07/39). Assinando como Francisco Marins, no mesmo ano, o escritor figura de 01/10/39 a 24/12/39, dezenove vezes na *Folha de Botucatu*, com nove reportagens, sete contos e três artigos, com destaque para os contos: “Fazenda” (18/10/39); “Mulita” (s.d); “O Bexiguento” (25/10/39); “Ritinha” (01/11/39); “O Valentão” (29/11/39); e, “Moleque de Estrada” (29/11/39).

1940 Muda-se para São Paulo e frequenta o curso de preparatório para o ingresso no curso de Direito da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. Continua colaborando com a folha de Botucatu; neste período, é jornalista e colaborador de *O Malho* (RJ); *Dom Casmurro* (RJ); *Revista Planalto* (RJ); *O Cruzeiro* (SP); *Revista Ilustração* (SP); *Folha da Manhã* (SP) e dos *Diários Associados* (SP). Ainda neste ano escreve quinze textos, dos quais treze foram publicados na *Folha de Botucatu*, um no jornal *A Comarca* (s.l.) e outro na *Revista Nous* (s.l.).

1941 Publica seis artigos, sendo quatro na *Folha de Botucatu*, um na *Folha da Manhã* (SP) e um na *Revista Planalto* (RJ), Orígenes Lessa, destacando: “Brasil — um país do futuro”, publicado na *Folha de Botucatu*.

1942 Ingressa no Curso de Direito; funda e dirige o Curso Hermânitás, onde ministra aulas de Literatura, e publica cinco contos, sendo um na *Revista Planalto* (“Bentinho foi procurar emprego na capital” — 01/01/42) e quatro na *Folha de Botucatu* (“Moleque de Estrada”; “Quando a Tormenta Passar”; “Sob a paz dos simples — à memória de Máximo Dias e Trecho de novela inacabada”).

1943 Publica “A Literatura do Café” — artigo crítico —, no *Diário de Notícias* (28/03/43) de Ribeirão Preto/SP; um artigo crítico na *Revista Ilustração*; realiza entrevistas com personalidades da época, que foram publicadas na imprensa paulista. Na *Folha de Botucatu*, publica: “Dois nomes símbolos: Dostoievski e Tolstoi. Na *Revista Balança* (s.l.), publica “O romance de Dostoievski” e, na *Revista XI* de agosto (sd./sl.), publica a crônica: “Tônico não volta mais...”. Dirige a *Revista Arcádia* da Faculdade de Direito, é Presidente da Academia de Letras da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, e funda a Associação Acadêmica de Estudos Jurídicos.

1944 Começa a escrever “notas” e press reliase sobre as publicações da Companhia Melhoramentos de São Paulo, publicados na imprensa paulista. Ingressa na Companhia Melhoramentos de São Paulo, na função de assistente, na “seção de propaganda” e conhece Manuel B. Lourenço Filho, Editor da Melhoramentos, naquela época.

1945 Chefe do Departamento Editorial da Companhia Melhoramentos de São Paulo. Publica, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, seu primeiro livro; *Nas terras do Rei Café*, e inicia a série : “Taquara-Póca”.

1946 Forma-se em Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito Largo São Francisco.

1947 Em 06 de setembro, casa-se em São Paulo, com D. Elvira Bandeira de Mello Marins; lança, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, o segundo livro da série “Taquara-Póca” : *Os segredos de Taquara-Póca*.

1949 Publica, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, *O Coleira Preta*, terceiro livro da série “Taquara-Poca”.

1950 Publica, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo o quarto livro da série “Taquara-Póca”: *Gafanhotos em Taquara-Póca*.

1951 Publica, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo *Viagem ao mundo desconhecido*: a fabulosa aventura de Fernão de Magalhães, quinto livro da série “Taquara-Póca”.

1952 Publica, *Expedição aos martírios*, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, inaugurando a série “Roteiro dos Martírios”.

1953 Publica, pela Melhoramentos de São Paulo, *A aldeia sagrada*.

1954 Publica, pela companhia Melhoramentos de São Paulo, *Território de bravos*, na série “Taquara-Póca”. Recebe o Prêmio “Carlos Laet”, da Academia Brasileira de Letras, pelo livro *A aldeia sagrada*.



1956 Publica, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, *Volta à serra misteriosa*, na série “Roteiro dos Martírios”.

1957 Recebe o Prêmio “Fábio Prado”, da União Brasileira de Escritores pelo livro *Volta à serra misteriosa*.

1958 Publica, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, *O Bugre-do-Chapéu-de-anta*, na série “Roteiro dos Martírios”.

1959 É Presidente da Câmara Brasileira do Livro e Presidente da Comissão Estadual de Literatura.

1960 Assume o cargo de Editor da Companhia Melhoramentos de São Paulo, que exerceu até 1979.

1962 Recebe o Prêmio “Prefeitura do Município de São Paulo”, da Prefeitura Municipal de São Paulo por *Clarão na Serra*. Publica, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, *Clarão na serra*, na série “Panorama da Literatura Brasileira”. Recebe o Prêmio “Prefeitura de São Paulo”, para o melhor romance de 1962 — *Clarão na serra*.

1963 Recebe o Prêmio “Jabuti”, da Câmara Brasileira do Livro, por *Grotão do café amarelo*. A companhia Melhoramentos de São Paulo, publica uma “edição especial” dos quatros primeiros livros de Marins com o título: *Aventuras em Taquara-Póca*, e publica, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, *Grotão do café amarelo*, na série “Panorama da Literatura Brasileira”.

1965 Em 14 de outubro, é eleito para ocupar a cadeira 33 da Academia Paulista de Letras, em substituição a Altino Arantes.

1966 Toma posse da cadeira 33 da Academia Paulista de Letras e é Presidente do Conselho Estadual de Cultura.

1967 É nomeado Secretário Geral e Diretor da Comissão de Publicação da Academia Paulista de Letras.

1968 Publica, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, *...E a porteira bateu*, na série “Panorama de Literatura Brasileira”.

1969 Recebe o Prêmio “Literatura infantil”, do Pen Club de São Paulo, pela produção de livros do gênero.

1973 Publica, pela editora A Montanha Edição de São Paulo, 4ª edição de *Grotão do café amarelo* e a 2ª edição de *...E a porteira bateu*, na série “Saga do café”.

1976 Participa do 1º Congresso Ibero-Americano de Literatura Infantil, em Buenos Aires, Argentina.

1977 Teve publicado na revista alemã *Zeitschrift Für Kulturaustausch*, a palestra “Literatura Infantil na Formação do hábito de ler” proferida no 1º Congresso Ibero-Americano de Literatura Infantil em Buenos Aires, Argentina. Lidera escritores como Chefe da delegação de escritores brasileiros na feira de Frankfurt.

1978 Publica, pela editora A Montanhas Edições de São Paulo, a 9ª edição de *Clarão na serra*, na série “Saga do café”. É eleito para ocupar a cadeira número 26 da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. É eleito Presidente da Academia Paulista de Letras, para o biênio 1979/1980.

1979 Toma posse da Presidência da Academia Paulistas de Letras.

1980 Reeleito Presidente da Academia Paulista de Letras, para o biênio 1981/1982.

1981 Publica, pela Melhoramentos *Verde era o coração da montanha* na série “Francisco Marins”. Toma posse da Presidência da Academia Paulista de Letras. Eleito Presidente da Academia Botucatuense de Letras.

1985 Publica, pela Editora Ática, *O mistério dos morros dourados*, na série “Vagalume”. Publica, pela Editora Ática, a 10ª edição de *Clarão da Serra*, na série “O Homem e a Terra”. Cria o *Convivium*: espaço cultural Francisco Marins, em Botucatu São Paulo.

1986 Publica, pela Editora, Ática *Atalho sem fim*, a 6ª edição de *Grotão do café amarelo* e a 3ª edição de *...E a porteira bateu*, na série “O Homem e a Terra”. Recebe o Prêmio “Lourenço Filho”, da Companhia Melhoramentos de São Paulo, pelo conjunto da obra e pelas tiragens de seus livros.

1987 Publica, pela Editora Ática, *A guerra de Canudos*, na série “O Cotidiano da História”. Publica, pela editora A Montanha Edições de São a 2ª edição, de *Atalho sem fim*, na série “Saga do Café”. Recebe o Prêmio “Calipso” da Nestlé, por sua produção de literatura infantil e juvenil.

1988 Publica, pela Melhoramentos, *Gafanhotos*, na série “Francisco Marins” e, pela Editora Ática, *A montanha de duas cabeças*, na série “Vaga-Lume”. Representa o Brasil e é homenageado como escritor de texto para crianças, jovens e adulto na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e em Coimbra, Madri e Paris.

1989 Candidata-se à cadeira 28, da Academia Brasileira de Letras, vaga com a morte de Menotte Del Picchia.



1990 Publica, pela Melhoramentos, *O favo de Mel*, coletânea de contos escritos nas décadas de 1930 e 1940, na série “Elo”.

1995 Publica, pela Editora Ática, *Em busca do diamante perdido*, na série “Vagalume”.

1998 Publica, pela Editora Saraiva, *O sótão da múmia*, na série “Jabuti”.

1999 Elege-se Presidente da empresa Bras-hidro, em Botucatu.

2000 Cria o Clubinho Taquara-Póca, em Botucatu/SP

2001 Publica, pela Escrituras Editora de São Paulo, *O curandeiro dos olhos em gaze*: e outros recontos, coletânea de contos escritos e publicados nas décadas de 1930, 1940 e alguns, ainda inéditos, escritos na década de 1990.



